



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18- N. 11 - Décimo primeiro levantamento | **AGOSTO 2018**



Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretora - Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Letícia Banceira Araújo (estagiária)

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Costa da Silva (estagiária)

Fernanda Seratim Alves (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

João Luis Santana Nascimento (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA** **grãos**

V. 5 - SAFRA 2017/18 - N. 11 - Décimo primeiro levantamento
| **AGOSTO 2018**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 11 Safra 2017/18 - Décimo primeiro levantamento, Brasília, p. 1-148, agosto 2018.

Copyright © 2018 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar ^d Araújo Salvador (Arroz)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira (Gefab-algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)
Hilma Noberta de Paula Fonseca (Gecup)
Patrícia Maurício Campos (Suinfi)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jocktã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcelos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Jerônimo Contin, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça, Rosimeire Lauretto (PR); Hélcio Freitas, Thiago Miranda, Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luis Girardi (RS); Cezar Rubin, Ricardo Oliveira, Ricardo Paschoal, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (RuralTins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (FaeB); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agridesfesa); Secretária Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo 8



2. Introdução 10



3. Estimativa de área plantada 12



4. Estimativa de produtividade 20



5. Estimativa de produção 27



6. Crédito rural 35



7. Prognóstico climático - Inmet 43



8. Monitoramento agroclimático 48



9. Análise das culturas -----	52
9.1. Culturas de verão -----	52
9.1.1. Algodão -----	52
9.1.2. Amendoim-----	58
9.1.3. Arroz-----	63
9.1.4. Feijão -----	69
9.1.5. Girassol-----	89
9.1.6. Mamona -----	91
9.1.7. Milho-----	92
9.1.8. Soja -----	102
9.1.9. Sorgo -----	109
9.2. Culturas de inverno -----	113
9.2.1. Aveia Branca-----	113
9.2.2. Canola -----	115
9.2.3. Centeio -----	116
9.2.4. Cevada -----	117
9.2.5. Trigo -----	119
9.2.6. Triticale-----	124



10. Receita bruta -----	125
--------------------------------	------------



11. Balanço de oferta e demanda -----	132
11.1. Algodão -----	132
11.2. Arroz -----	133
11.3. Feijão -----	134
11.4. Milho -----	135
11.5. Soja -----	136
11.6. Trigo -----	137



12. Calendário agrícola de plantio e colheita -----	140
--	------------





1. RESUMO EXECUTIVO

Para a safra 2017/18, a estimativa da produção brasileira de grãos é de 228,6 milhões de toneladas. Isso equivale a uma redução de 3,8% em relação à safra anterior. As reduções nas precipitações impactaram o potencial produtivo do milho segunda safra e novamente é responsável pela queda de 1,2% em relação ao levantamento anterior, cerca de 664,3 mil toneladas. Essa é a segunda maior cultura do país em volume de produção.

A área plantada é estimada em 61,7 milhões de hectares, crescimento de 1,3% ou 819,7 mil hectares se comparada à safra 2016/17.

Algodão: a cultura se encontra em maturação/colheita. O expressivo aumento de área (25,2%), aliado ao ganho de produtividade de 3,2%, resulta numa produção de 1,98 milhão de toneladas de pluma. Em Mato Grosso, maior estado produtor, cerca de 15% da área já foi colhida e na Bahia, segundo maior produtor, já passa dos 50%.

Arroz: produção de 12,02 milhões de toneladas.

Feijão segunda safra: com a colheita próxima do fim, a produção está estimada em 1,27 milhão de toneladas.

Feijão terceira safra: com o plantio finalizado, a estimativa é de redução de área em 6,6%. A produtividade é estimada em 1.060 kg/ha. Se confirmada, serão 563,6 mil toneladas de feijão-comum cores, 11,6 mil toneladas de feijão-comum preto e 60,3 mil toneladas de feijão-caupi.

Milho primeira safra: com a colheita finalizada no Nordeste, a produção está estimada em 26,8 milhões de toneladas, 11,9% inferior à safra passada, influenciada, principalmente, pela redução na área semeada.

Milho segunda safra: com a colheita em andamento e parte da produção impactada por forte estresse hídrico, a produtividade sofreu grande impacto e resulta numa produção de 55,3 milhões de toneladas, 17,8% inferior à safra passada e 1,2% inferior ao levantamento anterior.

Soja: a produção de soja alcança recorde de 119 milhões de toneladas, 4,3% superior à safra passada.

Trigo: a semeadura está praticamente finalizada e a estimativa é de 2 milhões de hectares plantados, o que representa um aumento de 6,2% na área semeada em relação à safra anterior, resultando numa produção de 5,14 milhões de toneladas.





2. INTRODUÇÃO

Visando fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) tem dentre os primordiais objetivos, há de citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se informações da área plantada com as culturas de inverno e de terceira safra, que se encontram em desenvolvimento, e a de segunda safra, que se encontram em processo de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Dessa maneira, os resultados quando divulgados devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Conab, registra, pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem, nosso especial agradecimento a todos.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

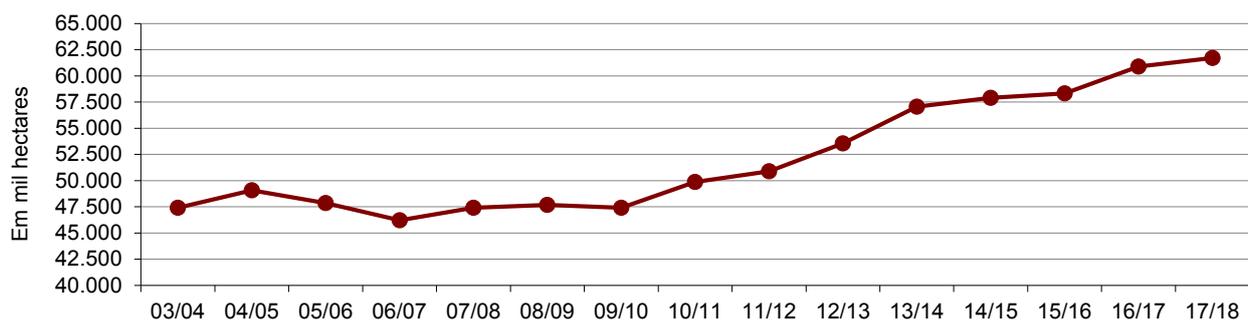
A área semeada está estimada em 61,7 milhões de hectares, na safra 2017/18, e confirma mais uma vez a maior área semeada no país. O incremento estimado é de 1,3% ou 819,7 mil hectares em relação à safra passada.

A área só não é maior porque houve redução na área de milho primeira e segunda safras. A área de milho primeira safra reduziu de 5,5 para 5,1 milhões de hectares e a área de segunda safra reduziu de 12,1 para 11,6 milhões de hectares em razão, principalmente, da expectativa futura de mercado.

Em contrapartida, a soja teve um expressivo aumento da área semeada, saindo de 33,9 para 35,2 milhões de hectares na safra atual, um ganho absoluto de 1,24 milhão de hectares, o maior entre todas as culturas avaliadas.

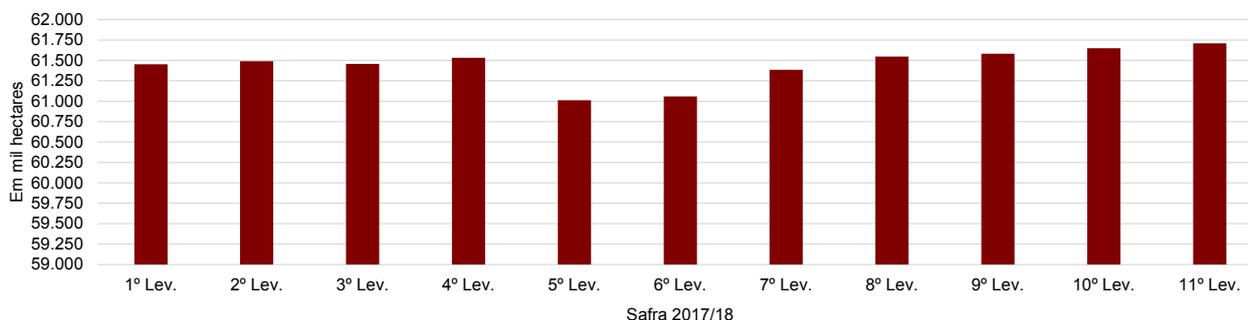
Outras culturas também tiveram ganho absoluto de área nessa safra, tais como o algodão, que alcançou 1,18 milhão de hectares (ganho de 237 mil hectares) e do feijão segunda-safra, que atingiu 1,53 milhão de hectares (aumento de 106,2 mil hectares), impulsionado pelo feijão-caupi, que deve ter 160,8 mil hectares a mais na atual safra, atingindo 1 milhão de hectares.

Gráfico 1 – Evolução da área de grãos



Fonte: Conab.

Gráfico 2 – Comportamento da área de grãos na safra 2017/18



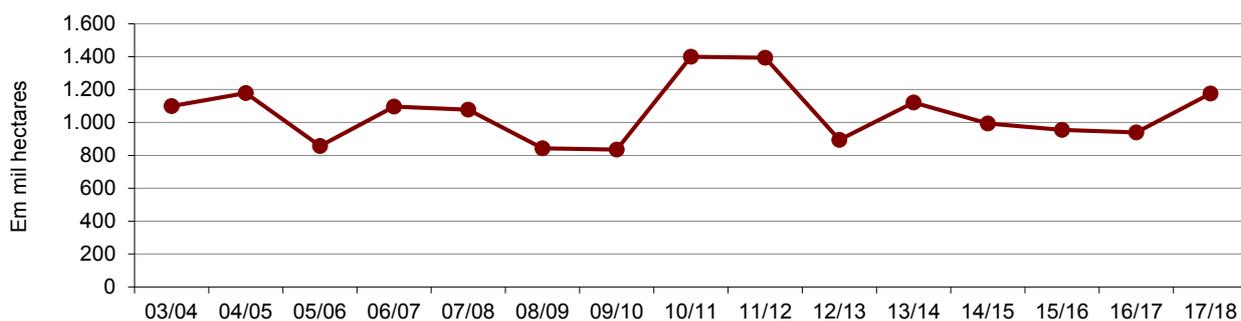
Fonte: Conab.

3.1. ALGODÃO

O algodão permanece com um incremento estimado de 25,2% na área depois de três safras consecutivas de queda. A melhora no preço pago ao produtor estimulou o plantio da cultura. O avanço é tão expressivo

nessa safra que ela se tornou a segunda maior em ganho absoluto de área semeada, atrás apenas da soja. São 237 mil hectares superior à safra 2016/17, sendo essa safra a maior das últimas seis.

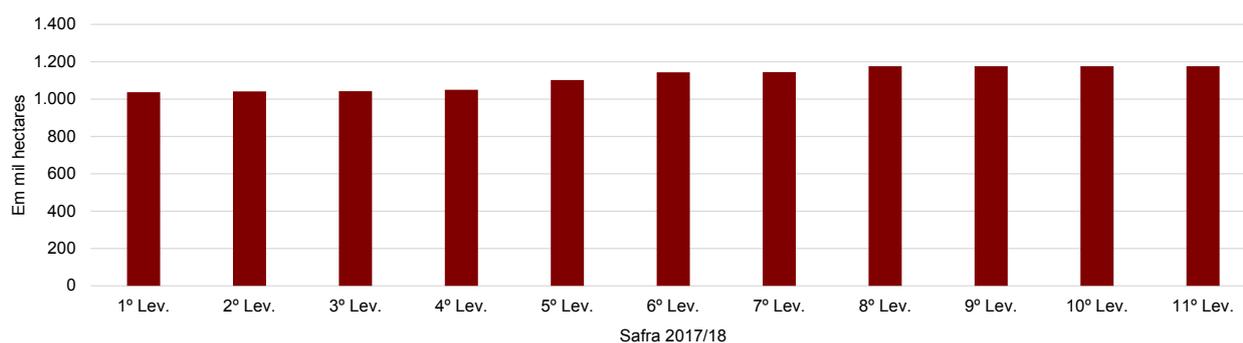
Gráfico 3 – Evolução da área de algodão



Fonte: Conab.



Gráfico 4 – Comportamento da área de algodão na safra 2017/18



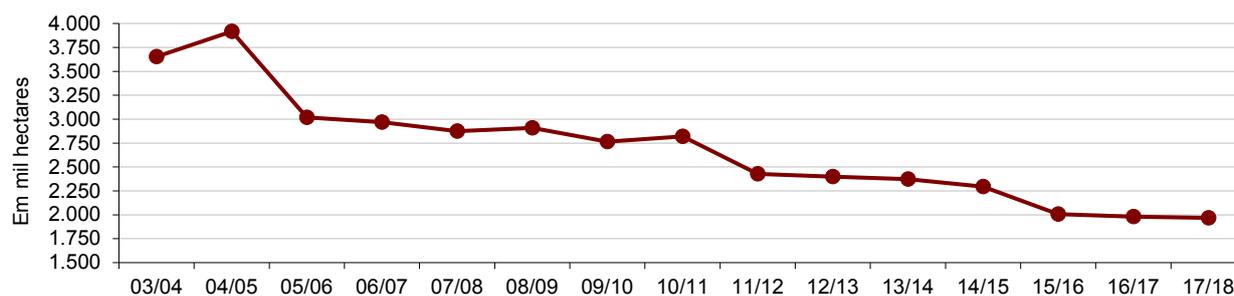
Fonte: Conab.

3.2. ARROZ

O arroz tem sido uma das culturas que mais tem perdido área semeada ao longo das safras. As áreas que mais perderam foram as semeadas em manejo de sequeiro, substituídas por culturas mais rentáveis, como soja e milho. As áreas irrigadas, fortemente concen-

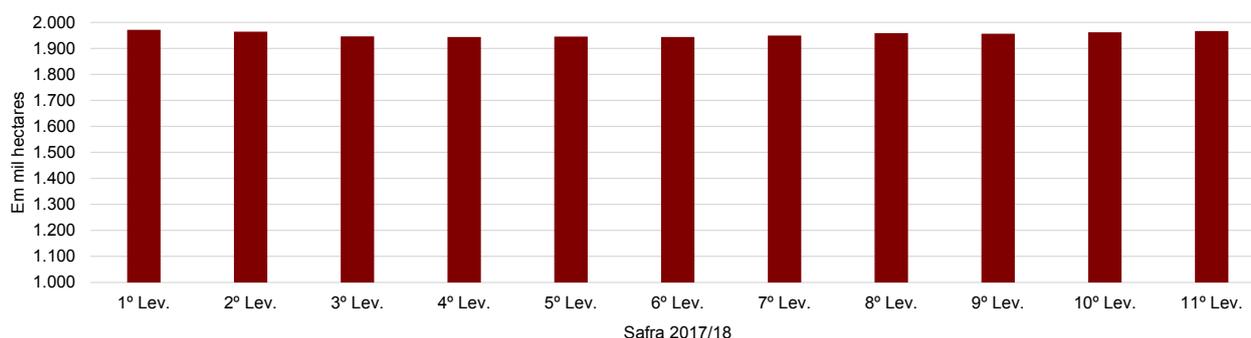
trada no sul do país, têm se mantido estável mas experimentou uma redução nessa safra, decorrente da rotação com outras lavouras. A estimativa é que a área brasileira de arroz seja 0,7% menor em relação à área da safra 2016/17, totalizando 1,97 milhão de hectares.

Gráfico 5 – Evolução da área de arroz



Fonte: Conab.

Gráfico 6 – Comportamento da área de arroz na safra 2017/18



Fonte: Conab.



3.3. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

O feijão segunda safra teve o terceiro maior incremento absoluto de área semeada, resultado dos baixos preços do milho no momento da tomada de decisão na segunda safra levaram alguns produtores a apostarem no plantio de feijão segunda safra, sobretudo no Centro-Oeste do país, e do tipo caupi, que tem como destino a Região Nordeste, principal consu-

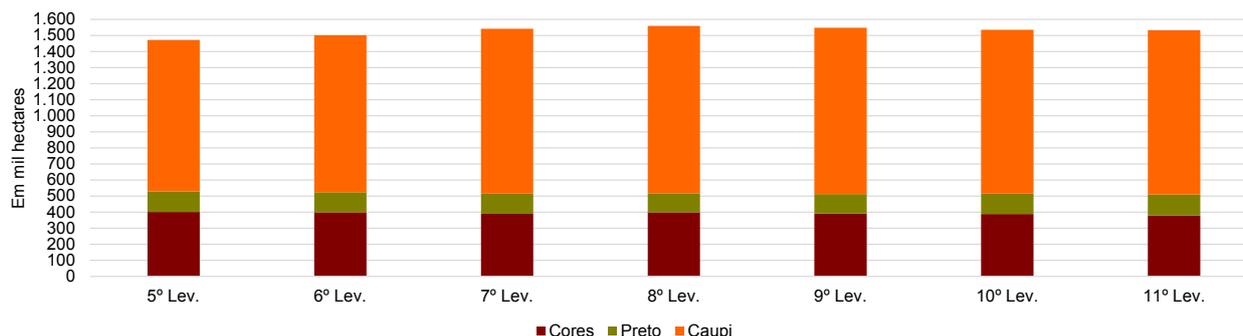
midora desse produto, e a exportação para a África e Ásia. A recuperação da área semeada na Região Nordeste devido às condições climáticas mais favoráveis nesta safra também tem contribuído para tal aumento. A área total cultivada, no país, deve ser de 1.533,1 mil hectares, sendo 379,1 de feijão-comum cores, 131,3 de feijão-comum preto e 1.022,7 de feijão-caupi.

Gráfico 7 – Evolução da área de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

Gráfico 8 – Comportamento da área de feijão segunda safra na safra 2017/18



Fonte: Conab.

3.4. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

O feijão terceira safra é regulador da safra brasileira. Sua produção é determinada pelo comportamento da primeira e segunda safras e serve para ofertar o grão na entressafra (inverno). A cultura é irrigada na Região Centro-Sul e cultivada em regime de sequeiro na Região Norte/Nordeste, uma vez que nesse momento é o período chuvoso nessas regiões, o que dispensa o uso de irrigação. A boa oferta nas safras de primeiro

e segundo ciclos refletiram na redução de área nessa safra, sendo estimada uma redução de 6,6% (42,6 mil hectares), saindo de 642,4 mil hectares na safra 2016/17 para 599,8 mil hectares na safra 2017/18, sendo quase sua totalidade de feijão-comum cores (496,3 mil hectares) e em menor proporção de feijão comum-preto e caupi, sendo 17,1 e 86,4 mil hectares, respectivamente.



Gráfico 9 – Evolução da área de feijão terceira safra

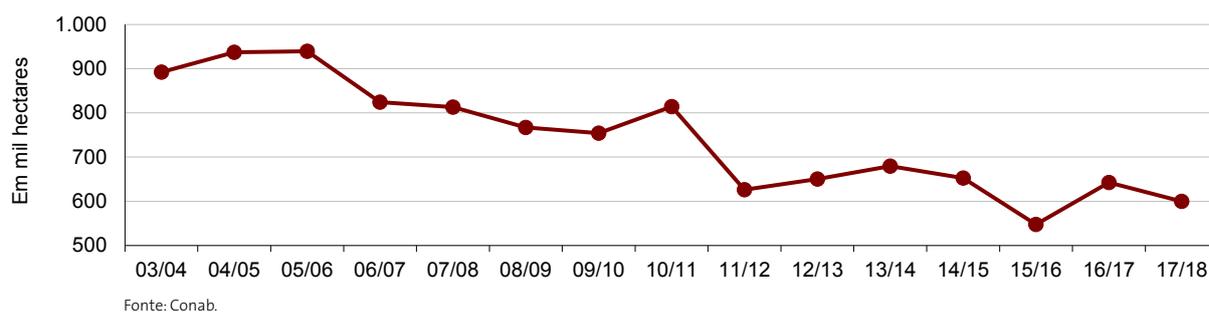
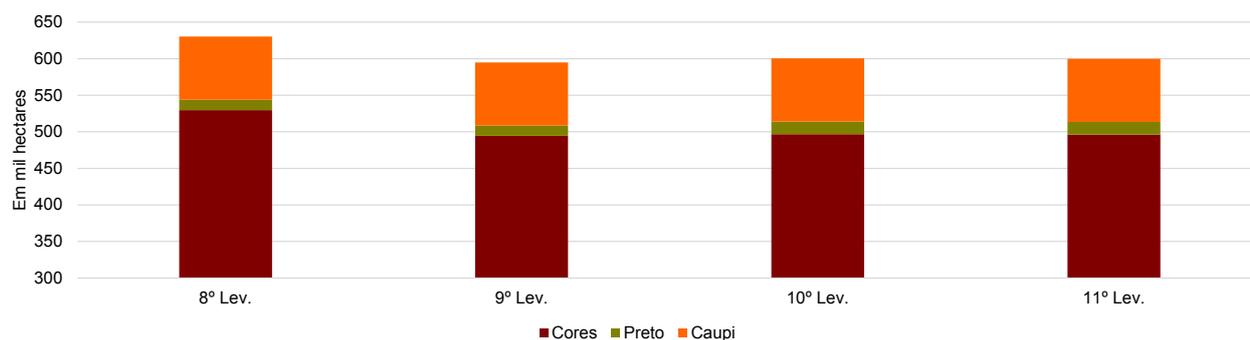


Gráfico 10 – Comportamento da área de feijão terceira safra na safra 2017/18



3.5. MILHO SEGUNDA SAFRA

Esse levantamento consolida a redução da área de milho segunda safra nessa safra. A previsão é de queda de 4,5%, comparada à safra anterior. A estimativa é de

plântio de 11.566,8 mil hectares. É a primeira queda nos últimos nove anos e tem relação com a expectativa futura de mercado no momento da semeadura.

Gráfico 11 – Evolução da área de milho segunda safra

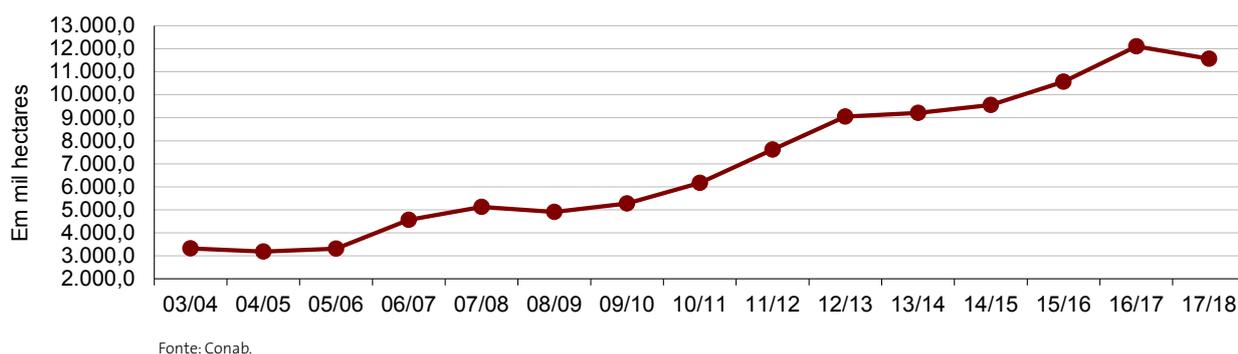
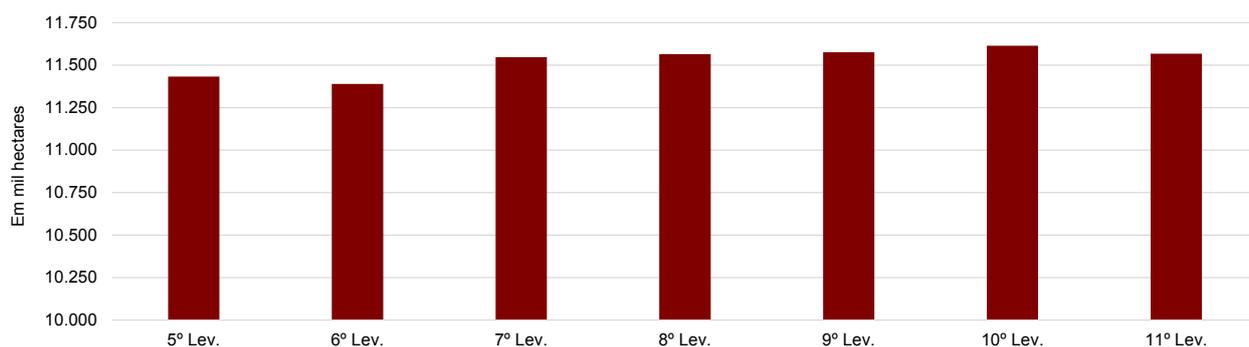


Gráfico 12 – Comportamento da área de milho segunda safra na safra 2017/18



Fonte: Conab.

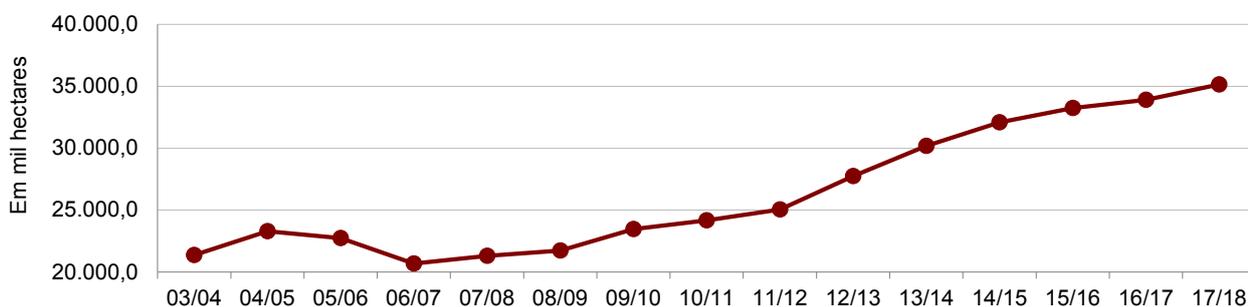
3.6. SOJA

A estimativa de 35,2 milhões de hectares semeados na atual safra é 3,7% superior ao cultivado na safra 2016/17 e 69,9% maior do que a safra 2006/07, reafirmando o décimo primeiro aumento consecutivo na área total cultivada com essa oleaginosa.

safra 1997/98 e, desde então, ocupa o primeiro lugar em área semeada no país. Nas últimas 12 safras o Brasil teve um incremento de 14,5 milhões hectares novos de soja, tornando a cultura a protagonista no aumento da área no país. Atualmente corresponde à cerca de 57% da área total semeada com grãos no país.

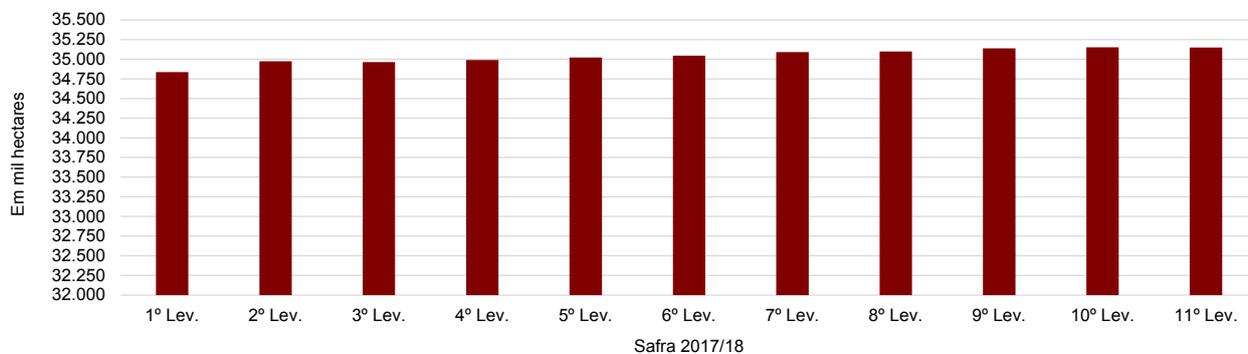
A área de soja ultrapassou a área de milho total na

Gráfico 13 – Evolução da área de soja



Fonte: Conab.

Gráfico 14 – Comportamento da área de soja na safra 2017/18



Fonte: Conab.

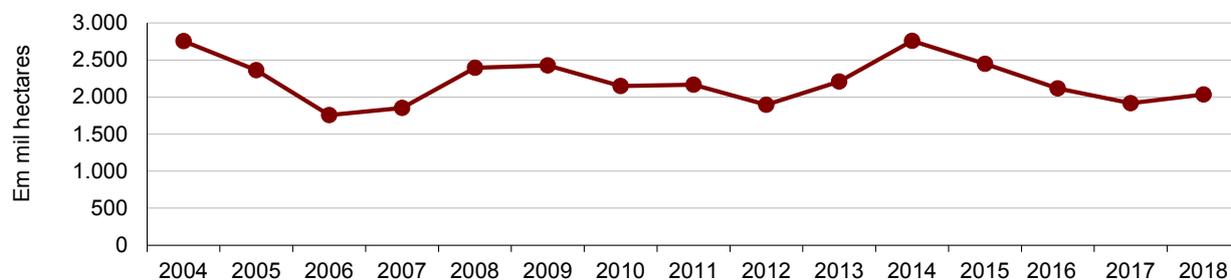


3.7. TRIGO

Apesar do atraso de plantio no Paraná e São Paulo, a semeadura ganhou velocidade e agora também avança em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A estima-

tiva é que a área supere a de 2017 em 6,2% (118,2 mil hectares), atingindo 2 milhões de hectares.

Gráfico 15 – Evolução da área de trigo



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		jul/2018 (b)	ago/2018 (c)		
ALGODÃO	939,1	1.176,0	1.176,1	25,2	237,0
AMENDOIM TOTAL	129,3	138,6	138,5	7,1	9,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	118,3	132,0	132,0	11,6	13,7
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,0	6,6	6,5	(40,9)	(4,5)
ARROZ	1.980,9	1.961,8	1.966,7	(0,7)	(14,2)
ARROZ SEQUEIRO	524,4	529,9	535,9	2,2	11,5
ARROZ IRRIGADO	1.456,5	1.431,9	1.430,8	(1,8)	(25,7)
FEIJÃO TOTAL	3.180,3	3.189,5	3.186,7	0,2	6,4
FEIJÃO TOTAL CORES	1.447,3	1.348,1	1.337,8	(7,6)	(109,5)
FEIJÃO TOTAL PRETO	323,7	323,3	328,6	1,5	4,9
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.409,3	1.518,1	1.520,3	7,9	111,0
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.111,0	1.053,8	1.053,8	(5,1)	(57,2)
CORES	478,2	462,4	462,4	(3,3)	(15,8)
PRETO	174,7	180,2	180,2	3,1	5,5
CAUPI	458,1	411,2	411,2	(10,2)	(46,9)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.426,9	1.535,2	1.533,1	7,4	106,2
CORES	430,3	388,8	379,1	(11,9)	(51,2)
PRETO	134,7	126,0	131,3	(2,5)	(3,4)
CAUPI	861,9	1.020,4	1.022,7	18,7	160,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	642,4	600,5	599,8	(6,6)	(42,6)
CORES	538,8	496,9	496,3	(7,9)	(42,5)
PRETO	14,3	17,1	17,1	19,6	2,8
CAUPI	89,3	86,5	86,4	(3,2)	(2,9)
GIRASSOL	62,7	97,0	95,5	52,3	32,8
MAMONA	28,0	31,6	30,7	9,6	2,7
MILHO TOTAL	17.591,7	16.696,0	16.639,8	(5,4)	(951,9)
MILHO 1ª SAFRA	5.482,5	5.082,2	5.073,0	(7,5)	(409,5)
MILHO 2ª SAFRA	12.109,2	11.613,8	11.566,8	(4,5)	(542,4)
SOJA	33.909,4	35.151,4	35.150,2	3,7	1.240,8
SORGO	628,5	656,7	761,5	21,2	133,0
SUBTOTAL	58.449,9	59.098,6	59.145,7	1,2	695,8
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		jul/2018 (b)	ago/2018 (c)		
AVEIA	340,3	352,6	353,7	3,9	13,4
CANOLA	48,1	43,9	41,6	(13,5)	(6,5)
CENTEIO	3,6	3,7	3,6	-	-
CEVADA	108,4	119,7	109,9	1,4	1,5
TRIGO	1.916,0	2.009,6	2.034,2	6,2	118,2
TRITICALE	23,0	21,8	20,3	(11,7)	(2,7)
SUBTOTAL	2.439,4	2.551,3	2.563,3	5,1	123,9
BRASIL	60.889,3	61.649,9	61.709,0	1,3	819,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

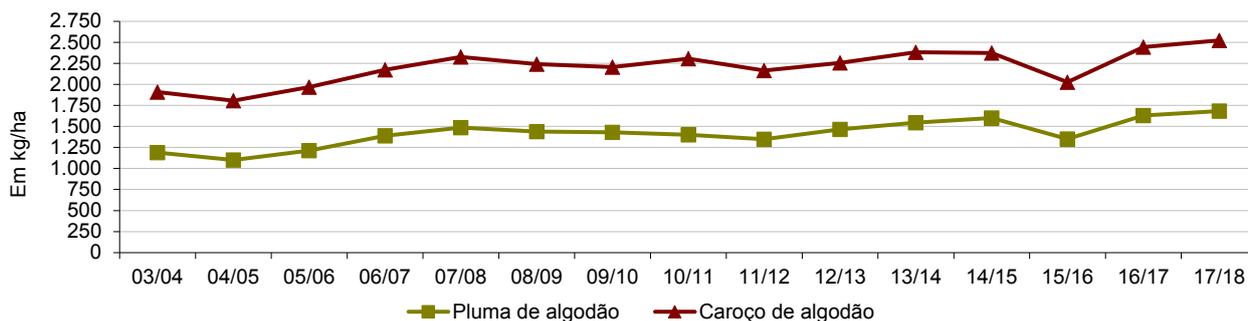


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

4.1. ALGODÃO

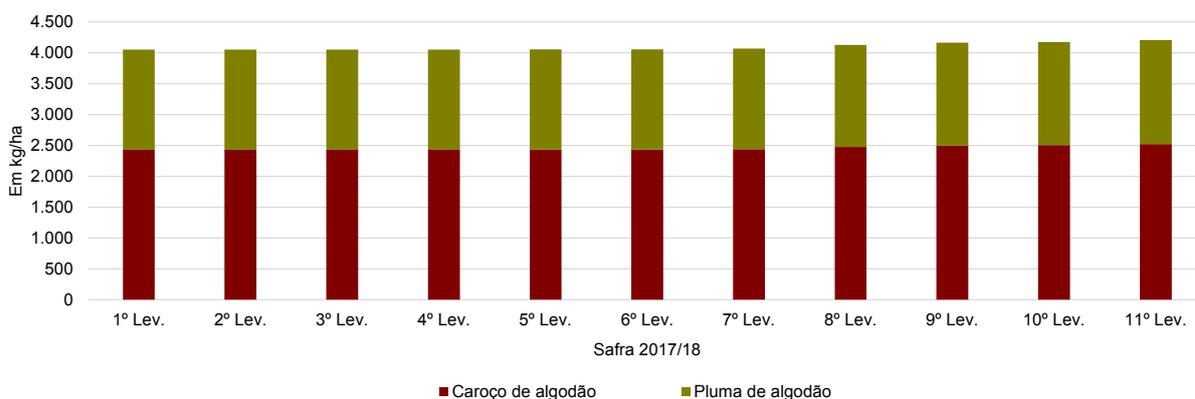
Volumes consideráveis de precipitações e temperaturas favoráveis ao longo do desenvolvimento, contribuíram para as estimativas recordes de produtividade para essa cultura. A estimativa é que essa seja a melhor produtividade alcançada para a cultura, avaliada em 4.206 kg/ha de algodão em caroço, sendo 1.683 kg/ha de pluma, o que equivale 112,2 @/ha.

Gráfico 1 – Evolução da produtividade de algodão no Brasil



Fonte: Conab.

Gráfico 2 – Comportamento da produtividade de algodão na safra 2017/18



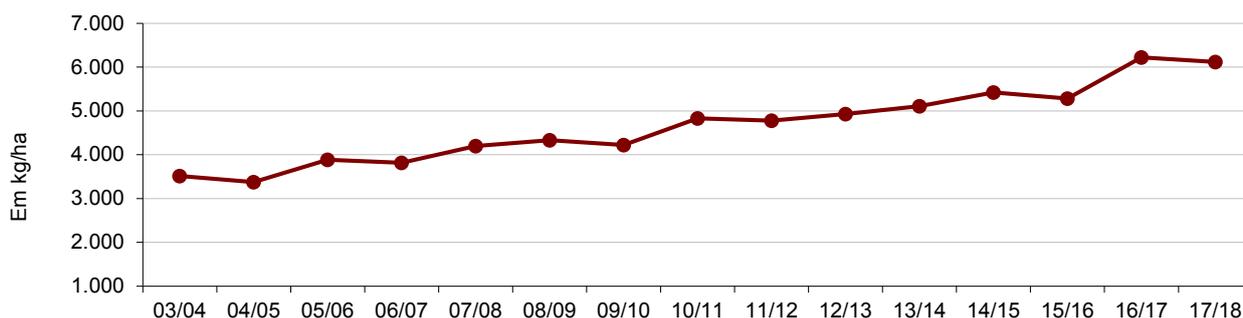
Fonte: Conab.

4.2. ARROZ

A produtividade está estimada atualmente em 6.114 kg/ha, a segunda melhor da série histórica, inferior apenas à safra 2016/17, tendo em vista que apesar das

condições climáticas próximas do normal, elas não foram totalmente favoráveis no país todo, como foi na safra passada.

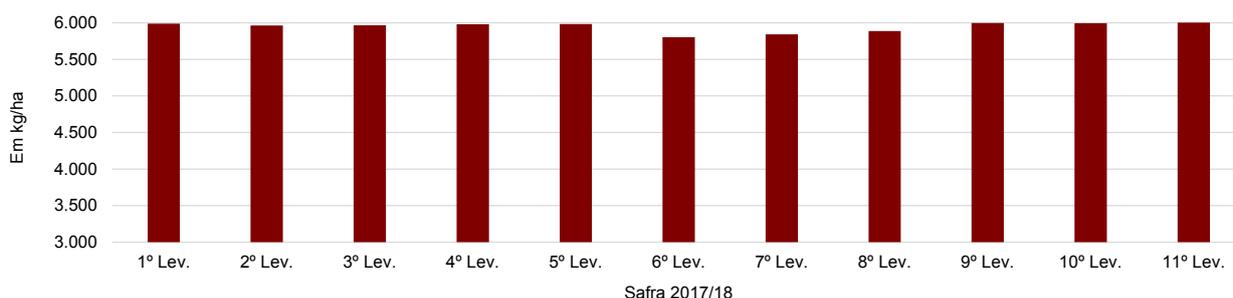
Gráfico 3 – Evolução da produtividade de arroz



Fonte: Conab.



Gráfico 4 – Comportamento da produtividade de arroz na safra 2017/18



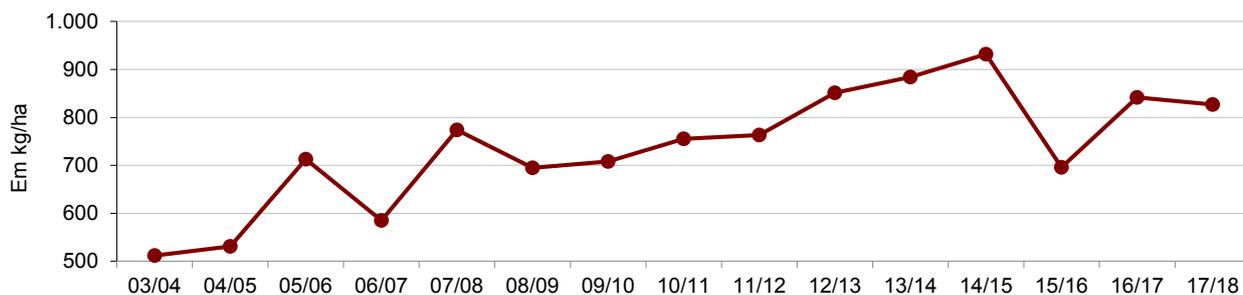
Fonte: Conab.

4.3. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Com a colheita encerrada nas principais regiões produtoras, a estimativa é que o país colha, em média, 827 kg/ha, 1,8% a menos que na última safra. O feijão-comum cores deve ter um redução de 4,5%, influenciado pelo clima entre abril e maio na região Centro-Sul, saindo de 1.338 kg/ha na safra 2016/17 para 1.277 kg/ha

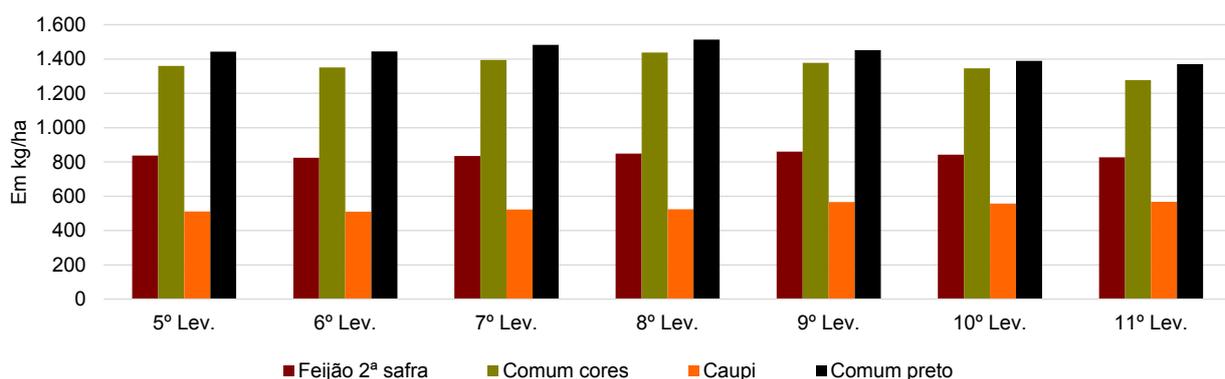
na safra 2017/18. Em relação ao feijão-comum preto, o ganho é de 2,4%, saindo de 1.338 para 1.371 kg/ha. Para o feijão-caupi, a estimativa de 568 kg/ha é 10,1% superior à safra 2016/17, que alcançou 516 kg/ha, sobretudo porque é cultivado a maior parte na região Norte/Nordeste, onde o clima foi bem favorável nessa safra.

Gráfico 5 – Evolução da produtividade de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

Gráfico 6 – Comportamento da produtividade de feijão segunda safra na safra 2017/18



Fonte: Conab.



4.4. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

O feijão terceira safra é cultivado sob regime de irrigação na Região Centro-Sul e cultivada em regime de sequeiro na Região Norte/Nordeste, uma vez que nesse momento é o período chuvoso nessas regiões, o que dispensa o uso de irrigação. Apesar das barragens estarem abastecidas nas regiões de cultivo irrigado e do

bom regime pluviométrico nas regiões de cultivo de sequeiro no plantio, as condições não se mantiveram, com isso a estimativa de produtividade é de 1.060 kg/ha, inferior à safra passada em 18,7%, que foi recorde para a cultura.

Gráfico 7 – Evolução da produtividade de feijão terceira safra

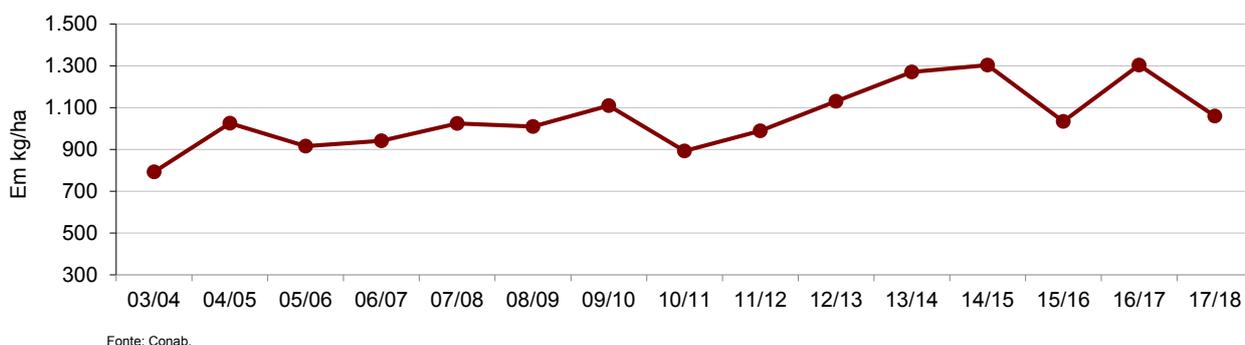
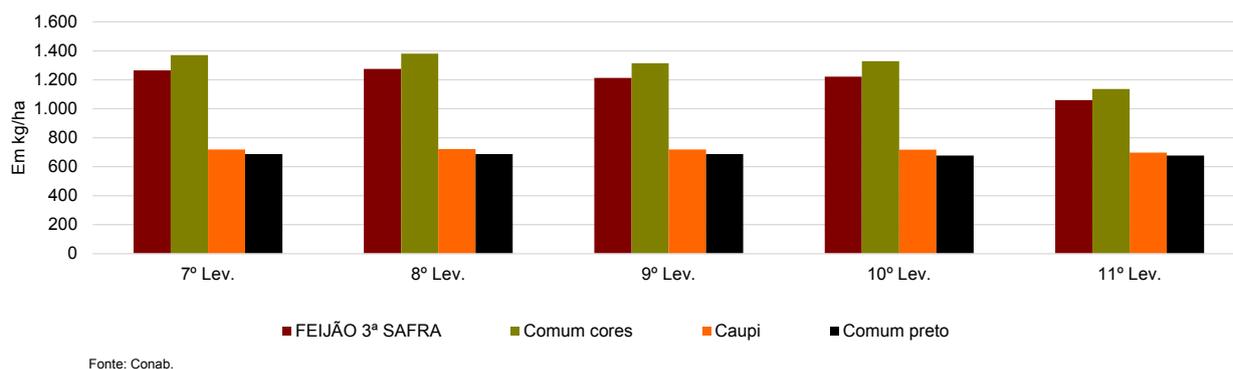


Gráfico 8 – Comportamento da produtividade de feijão terceira safra na safra 2017/18



4.5. MILHO SEGUNDA SAFRA

A redução do pacote tecnológico utilizado nessa safra, uma opção para reduzir os custos da cultura, reduziu o potencial produtivo da cultura. Além disso, apesar do desenvolvimento vegetativo da cultura ter ocorri-

do dentro da normalidade, grande parte da produção foi impactada com a redução das precipitações no final de abril e maio. O resultado foi uma redução da produtividade estimada, chegando a 4.786 kg/ha.

Gráfico 9 – Evolução da produtividade de milho segunda safra

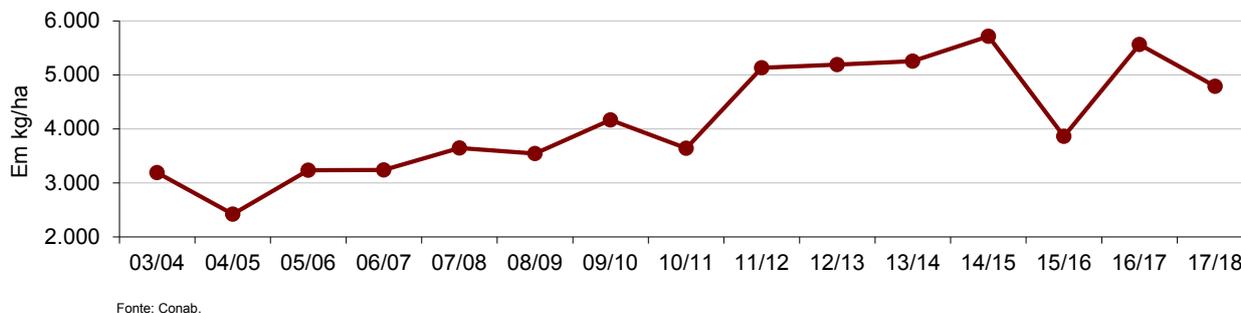
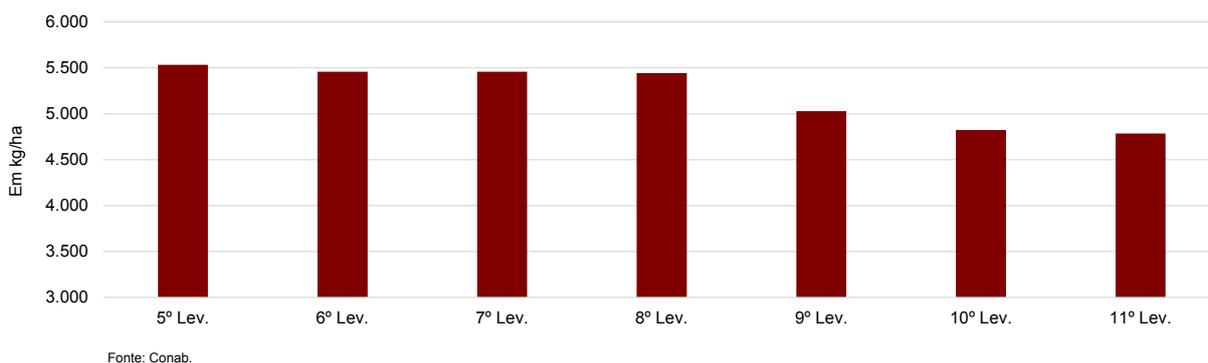


Gráfico 10 – Comportamento da produtividade de milho segunda safra na safra 2017/18



4.6. SOJA

Com a colheita encerrada nos principais estados produtores, os bons resultados para a cultura levaram a produtividade a atingir 3.385 kg/ha, contabilizando um novo recorde na produtividade média. A produ-

tividade dessa safra é resultado da aplicação de um bom pacote tecnológico, aliado a precipitações e temperaturas favoráveis, apesar de alguns problemas no Sul do país.

Gráfico 11 – Evolução da produtividade de soja

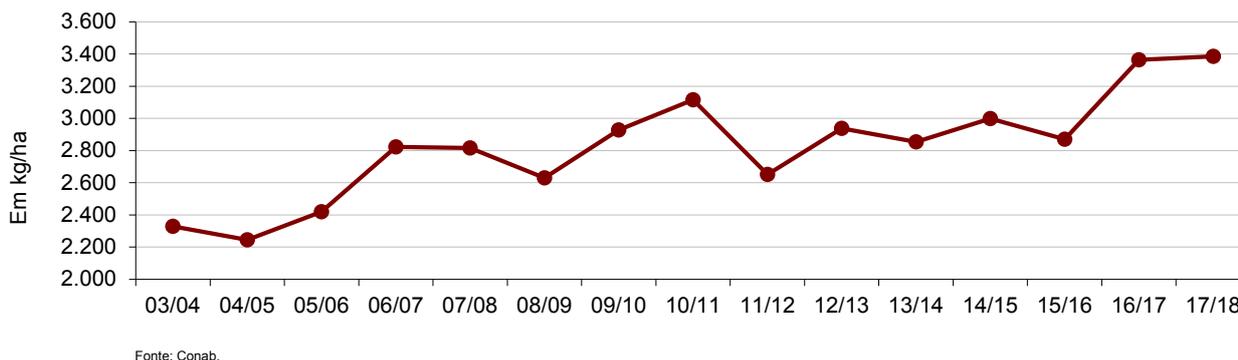
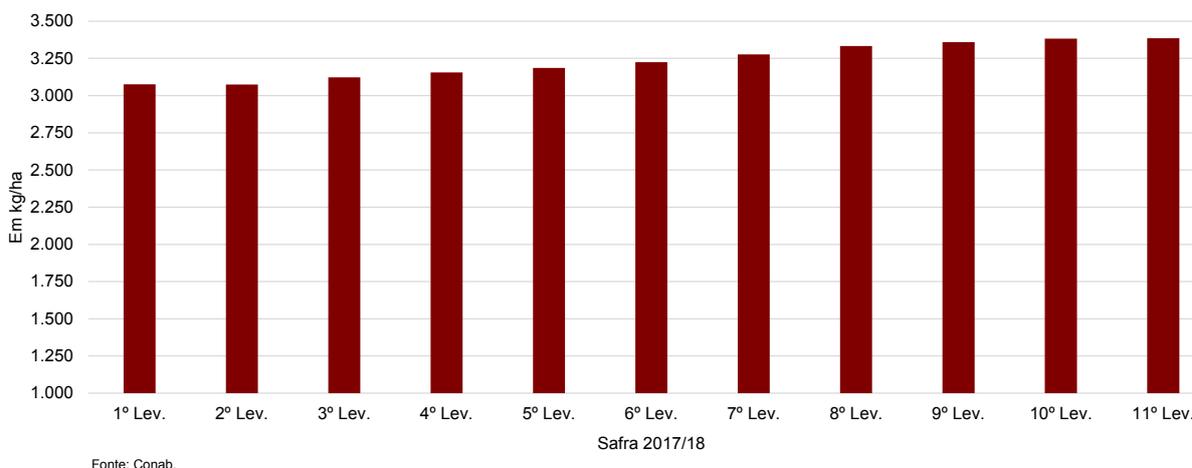


Gráfico 12 – Comportamento da produtividade de soja na safra 2017/18

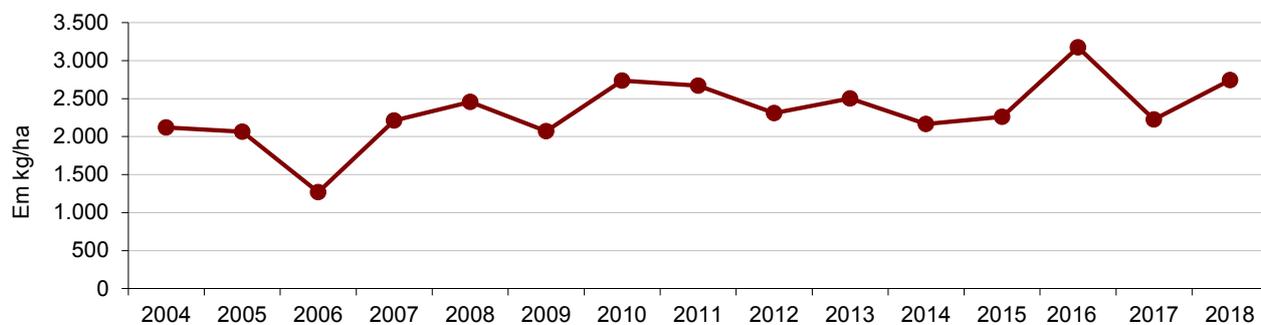


4.7. TRIGO

Com o plantio praticamente finalizado, as estimativas iniciais baseadas no pacote tecnológico utilizado pelo produtor e nas condições climáticas atuais, apontam para uma produtividade superior à safra passada em

13,7%. O aumento tem relação com melhores condições climáticas nessa safra, em relação ao ano passado.

Gráfico 13 – Evolução da produtividade de trigo



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		jul/2018 (b)	ago/2018 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.445	2.505	2.523	3,2	78,1
ALGODÃO EM PLUMA	1.629	1.671	1.683	3,3	54,0
AMENDOIM TOTAL	3.606	3.707	3.708	2,9	102,8
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.709	3.802	3.802	2,5	93,1
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.494	1.812	1.808	(27,5)	(686,2)
ARROZ	6.223	5.994	6.114	(1,7)	(108,9)
ARROZ SEQUEIRO	2.347	2.362	2.378	1,3	31,1
ARROZ IRRIGADO	7.619	7.339	7.514	(1,4)	(105,1)
FEIJÃO TOTAL	1.069	1.037	999	(6,5)	(69,8)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.505	1.470	1.380	(8,3)	(125,3)
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.568	1.499	1.490	(5,0)	(78,0)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	506	554	558	10,2	51,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.225	1.215	1.215	(0,8)	(9,4)
CORES	1.779	1.726	1.726	(3,0)	(52,5)
PRETO	1.829	1.655	1.655	(9,5)	(173,9)
CAUPI	416	449	449	7,7	32,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	842	842	827	(1,8)	(14,9)
CORES	1.338	1.347	1.277	(4,5)	(60,8)
PRETO	1.338	1.389	1.371	2,4	32,2
CAUPI	516	557	568	10,1	52,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.304	1.222	1.060	(18,7)	(244,5)
CORES	1.516	1.329	1.136	(25,1)	(379,9)
PRETO	554	677	677	22,1	122,7
CAUPI	869	718	697	(19,7)	(171,4)
GIRASSOL	1.653	1.531	1.578	(4,6)	(75,5)
MAMONA	470	612	622	32,4	152,3
MILHO TOTAL	5.562	4.967	4.939	(11,2)	(623,0)
MILHO 1ª SAFRA	5.556	5.295	5.288	(4,8)	(268,1)
MILHO 2ª SAFRA	5.564	4.823	4.786	(14,0)	(778,8)
SOJA	3.364	3.382	3.385	0,6	20,9
SORGO	2.967	2.837	2.756	(7,1)	(211,3)
SUBTOTAL	3.976	3.763	3.756	(5,5)	(220,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		jul/2018 (b)	ago/2018 (c)		
AVEIA	1.862,0	2.213	2.368	27,2	506,0
CANOLA	848,0	1.257	1.351	59,3	503,0
CENTEIO	1.722,0	1.919	2.083	21,0	361,0
CEVADA	2.602,0	2.882	3.145	20,9	543,0
TRIGO	2.225,0	2.439	2.529	13,7	304,0
TRITICALE	2.326,0	2.610	2.557	9,9	231,0
SUBTOTAL	2.164	2.409	2.513	16,1	349,0
BRASIL (2)	3.903	3.707	3.704	(5,1)	-199,0

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em agosto/2018.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

Com a colheita da segunda safra avançada e da terceira safra iniciando, além da finalização do plantio das culturas de inverno, a estimativa para a safra 2017/18 permanece como a segunda maior da série histórica, alcançando 228,6 milhões de toneladas, 50,7 mil toneladas a mais que no levantamento passado, resultado da maior área e rendimento da soja e culturas de inverno. O resultado é 3,8% menor que o da última safra ou 9,1 milhões de toneladas.

A soja e o milho, que possuem os maiores volumes de produção do país, devem ter produção de 119 e 82,2 milhões de toneladas, respectivamente. Do total da produção de milho, 26,8 milhões de toneladas deverão ser colhidas na primeira safra e 55,4 milhões de toneladas na segunda safra.

Para a atual safra, destaca-se também a estimativa de aumento da produção de algodão em pluma, estimada em 1,98 milhão de toneladas de pluma, representando aumento de 29,4% em relação à safra passada e do feijão segunda safra, estimada em 1,27 milhão de toneladas, aumento de 5,6%.

5.1. GRÃOS

Gráfico 1 - Evolução da produção de grãos

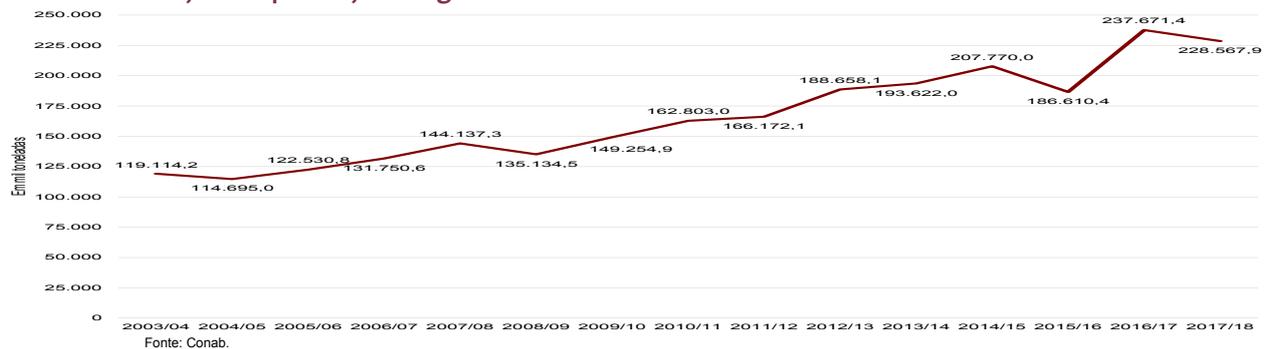
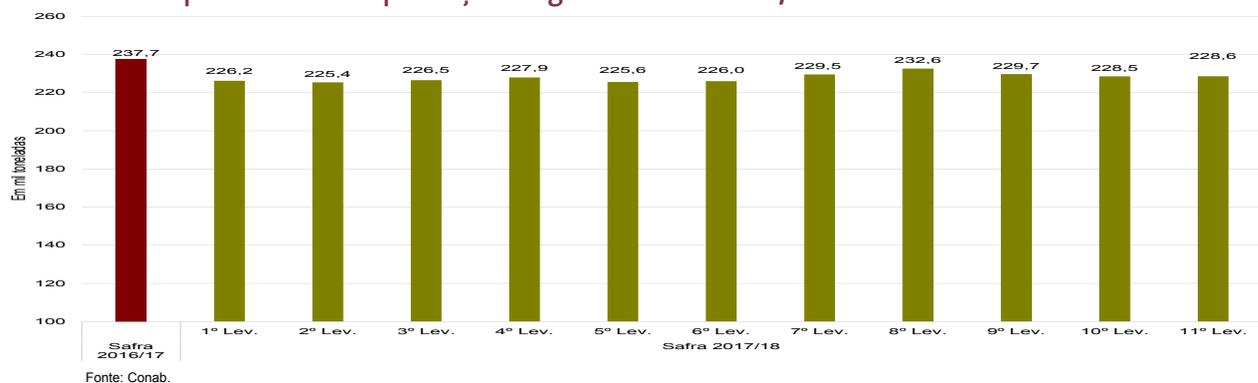


Gráfico 2 - Comportamento da produção de grãos na safra 2017/18



5.2. ALGODÃO

Gráfico 3 - Evolução da produção de algodão

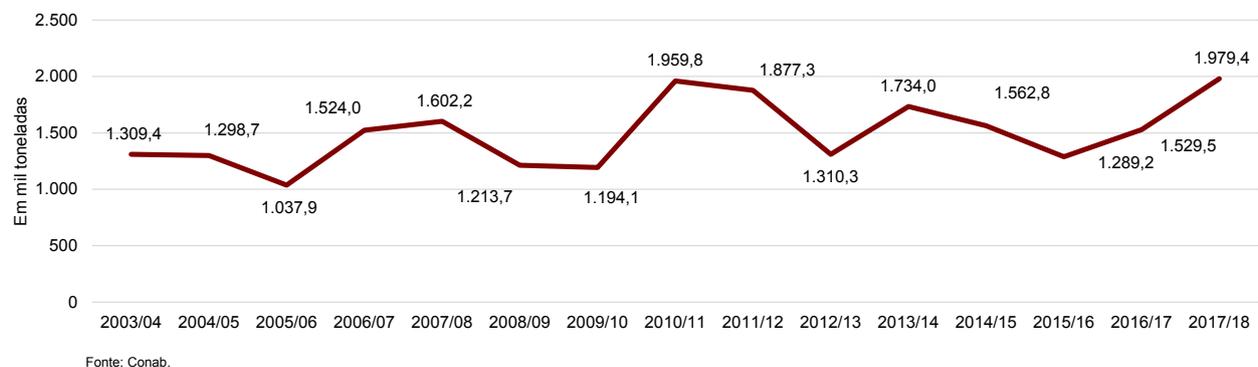
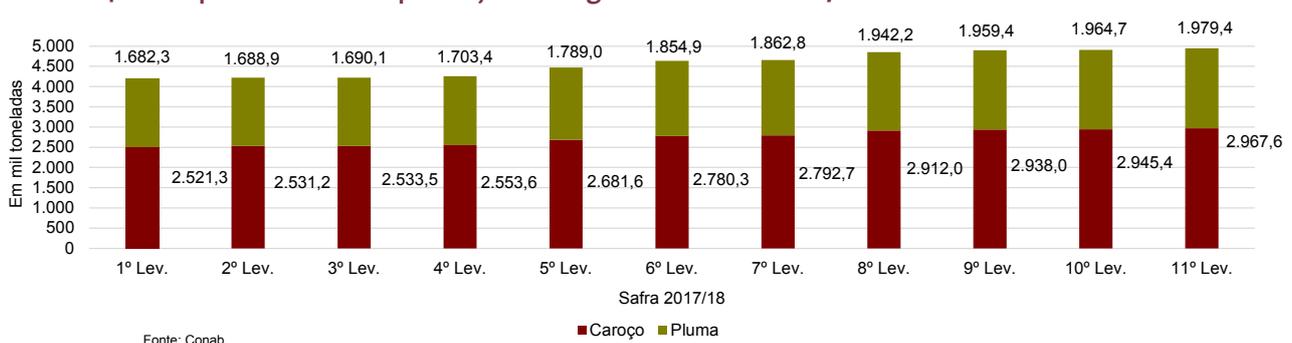
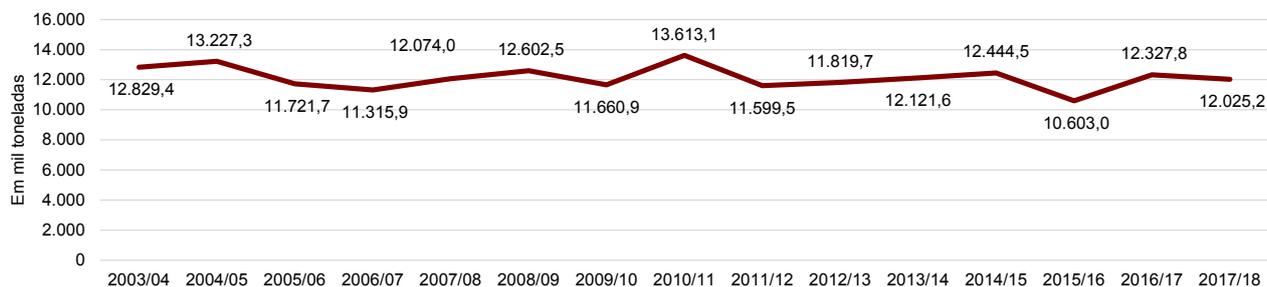


Gráfico 4 - Comportamento da produção de algodão na safra 2017/18



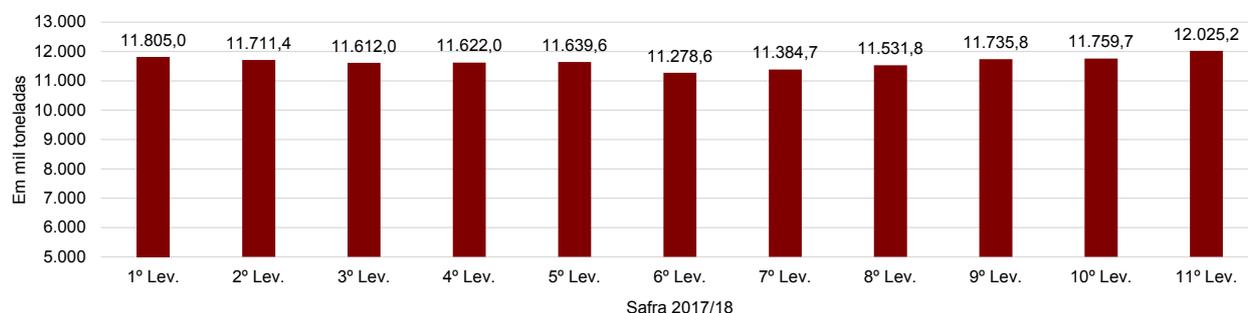
5.3. ARROZ

Gráfico 5 - Evolução da produção de arroz



Fonte: Conab.

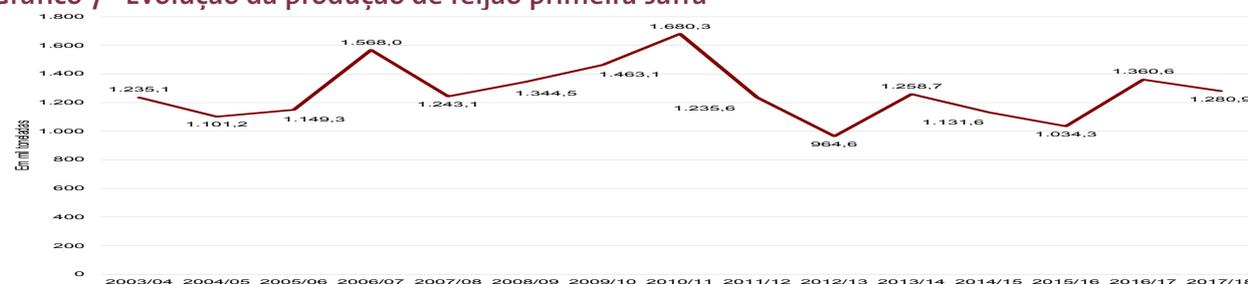
Gráfico 6 - Comportamento da produção de arroz na safra 2017/18



Fonte: Conab.

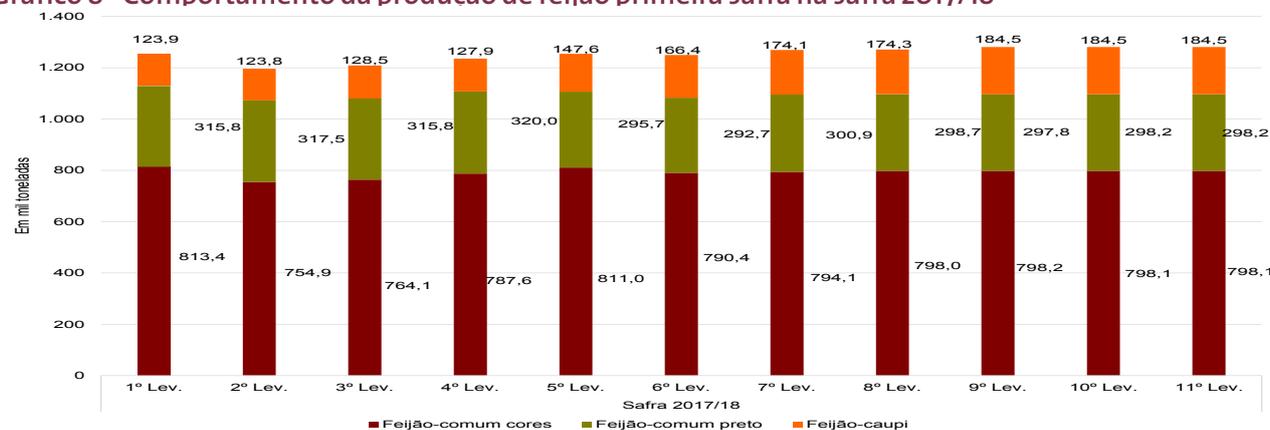
5.4. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Gráfico 7 - Evolução da produção de feijão primeira safra



Fonte: Conab.

Gráfico 8 - Comportamento da produção de feijão primeira safra na safra 2017/18



Fonte: Conab.



5.5. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Gráfico 9 - Evolução da produção de feijão segunda safra

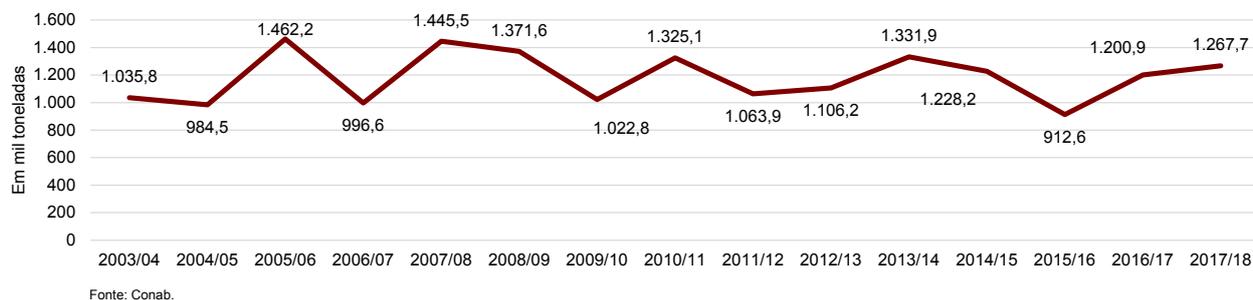
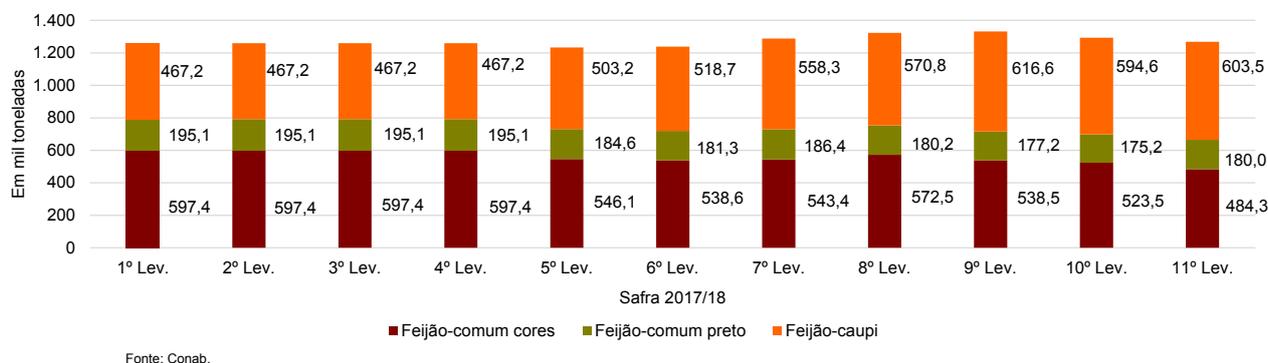
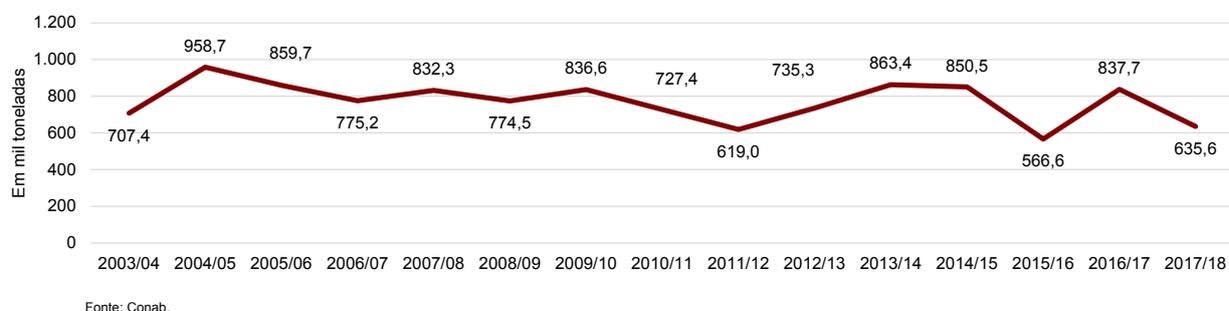


Gráfico 10 - Comportamento da produção de feijão segunda safra na safra 2017/18



5.6. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Gráfico 11 - Evolução da produção de feijão terceira safra



5.7. MILHO

Gráfico 12 - Evolução da produção de milho primeira safra

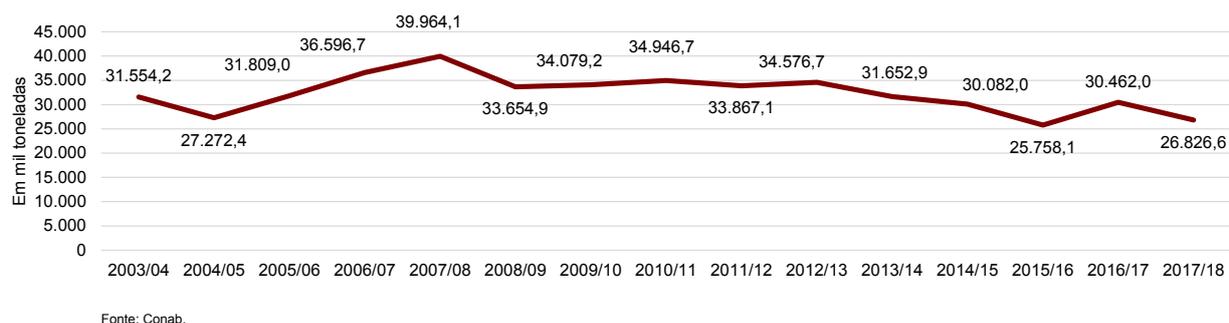
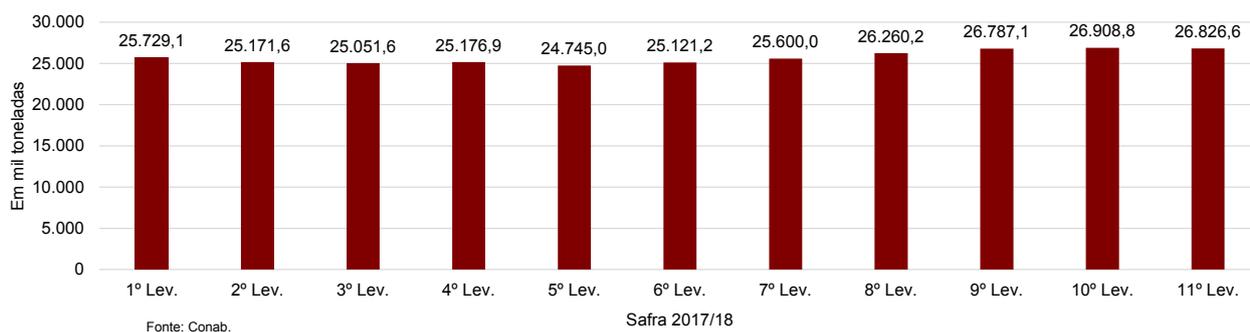


Gráfico 13 - Comportamento da produção de milho primeira safra na safra 2017/18



5.8. MILHO SEGUNDA SAFRA

Gráfico 14 - Evolução da produção de milho segunda safra

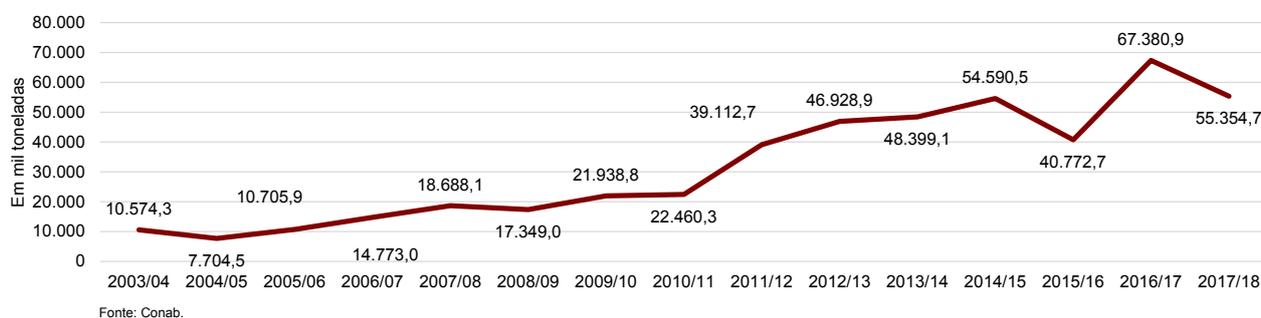
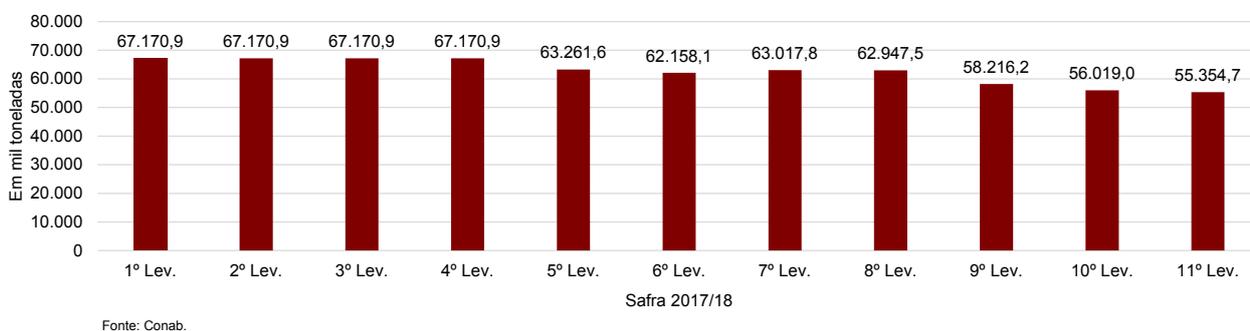


Gráfico 15 - Comportamento da produção de milho segunda safra na safra 2017/18



5.9. SOJA

Gráfico 16 - Evolução da produção de soja

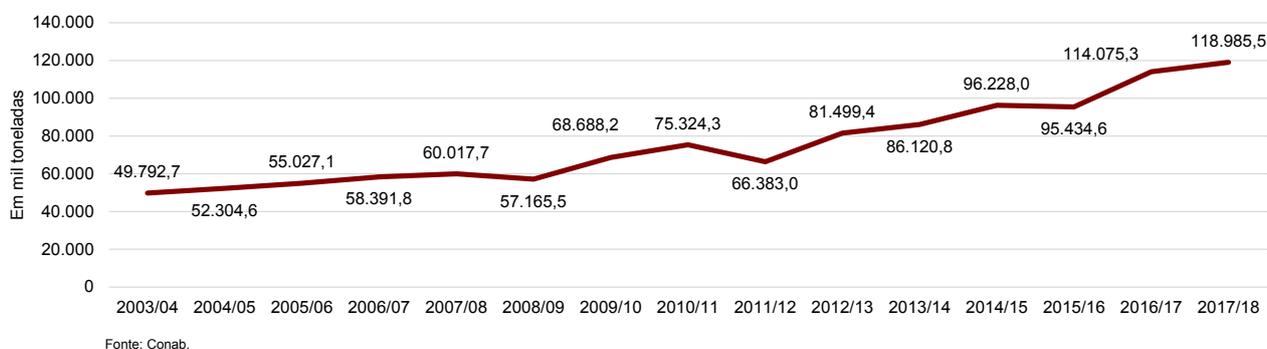
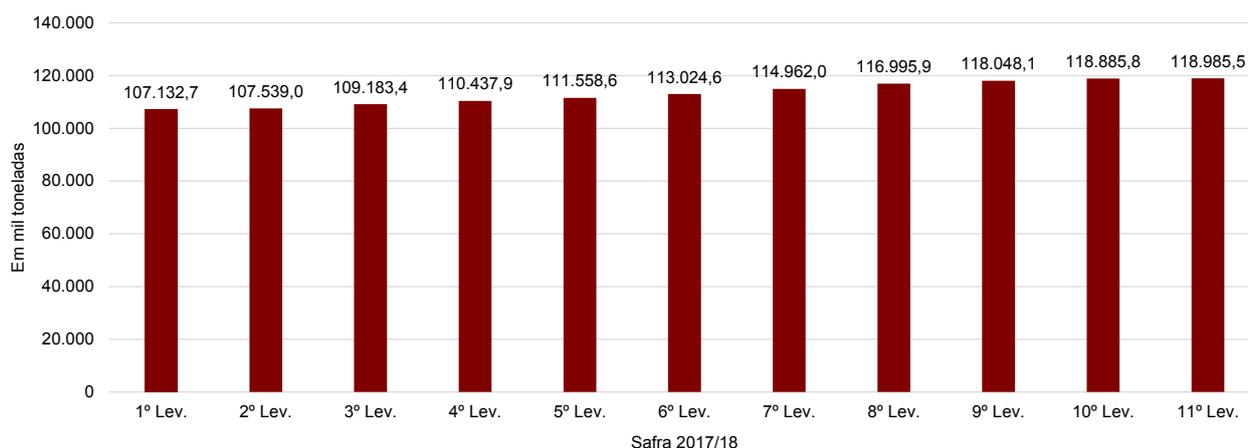


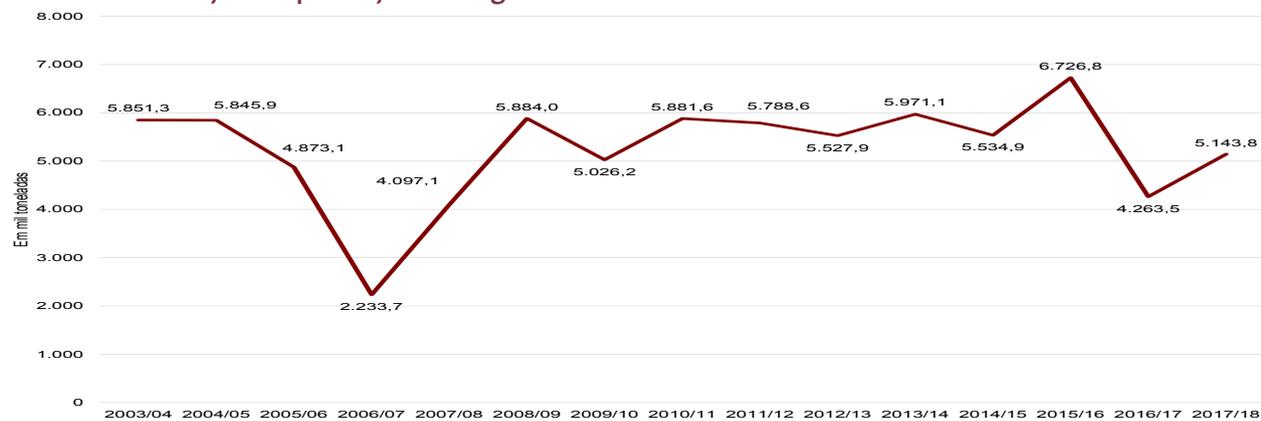
Gráfico 17 - Comportamento da produção de soja na safra 2017/18



Fonte: Conab.

5.10. TRIGO

Gráfico 18 - Evolução da produção de trigo



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		jul/2018 (b)	ago/2018 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.298,3	2.945,4	2.967,6	29,1	669,3
ALGODÃO - PLUMA	1.529,5	1.964,7	1.979,4	29,4	449,9
AMENDOIM TOTAL	466,2	513,7	513,5	10,1	47,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	438,8	501,8	501,8	14,4	63,0
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,4	11,9	11,7	(57,3)	(15,7)
ARROZ	12.327,8	11.759,7	12.025,2	(2,5)	(302,6)
ARROZ SEQUEIRO	1.230,7	1.251,3	1.274,3	3,5	43,6
ARROZ IRRIGADO	11.097,1	10.508,4	10.750,9	(3,1)	(346,2)
FEIJÃO TOTAL	3.399,5	3.308,0	3.184,2	(6,3)	(215,3)
FEIJÃO TOTAL CORES	2.178	1.982	1.846	(15,3)	(332,3)
FEIJÃO TOTAL PRETO	508	485	490	(3,5)	(17,8)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	713	841	848	18,9	135,0
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.360,6	1.280,9	1.280,9	(5,9)	(79,7)
CORES	850,4	798,1	798,1	(6,2)	(52,3)
PRETO	319,5	298,2	298,2	(6,7)	(21,3)
CAUPI	190,7	184,5	184,5	(3,3)	(6,2)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.200,9	1.293,2	1.267,7	5,6	66,8
CORES	575,8	523,5	484,3	(15,9)	(91,5)
PRETO	180,2	175,2	180,0	(0,1)	(0,2)
CAUPI	445,0	594,6	603,5	35,6	158,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	837,7	734,1	635,6	(24,1)	(202,1)
CORES	752,1	660,3	563,6	(25,1)	(188,5)
PRETO	7,9	11,6	11,6	46,8	3,7
CAUPI	77,6	62,2	60,3	(22,3)	(17,3)
GIRASSOL	103,7	148,6	150,7	45,3	47,0
MAMONA	13,1	19,3	19,0	45,0	5,9
MILHO TOTAL	97.842,8	82.927,9	82.181,3	(16,0)	(15.661,5)
MILHO 1ª SAFRA	30.462,0	26.908,8	26.826,6	(11,9)	(3.635,4)
MILHO 2ª SAFRA	67.380,9	56.019,0	55.354,7	(17,8)	(12.026,2)
SOJA	114.075,3	118.885,8	118.985,5	4,3	4.910,2
SORGO	1.864,8	1.862,7	2.098,4	12,5	233,6
SUBTOTAL	232.391,5	222.371,1	222.125,4	(4,4)	(10.266,1)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		jul/2018 (b)	ago/2018 (c)		
AVEIA	633,8	780,4	837,5	32,1	203,7
CANOLA	40,8	55,2	56,2	37,7	15,4
CENTEIO	6,2	7,1	7,5	21,0	1,3
CEVADA	282,1	344,9	345,6	22,5	63,5
TRIGO	4.263,5	4.901,6	5.143,8	20,6	880,3
TRITICALE	53,5	56,9	51,9	(3,0)	(1,6)
SUBTOTAL	5.279,9	6.146,1	6.442,5	22,0	1.162,6
BRASIL (2)	237.671,4	228.517,2	228.567,9	(3,8)	(9.103,5)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.934,9	3.007,7	2,5	3.246	3.156	(2,8)	9.527,5	9.492,7	(0,4)
RR	54,8	67,3	22,8	4.210	3.941	(6,4)	230,7	265,2	15,0
RO	553,0	568,6	2,8	3.371	3.492	3,6	1.864,0	1.985,8	6,5
AC	46,8	44,2	(5,6)	1.976	1.925	(2,6)	92,5	85,1	(8,0)
AM	19,2	17,3	(9,9)	2.214	2.197	(0,8)	42,5	38,0	(10,6)
AP	23,5	24,7	5,1	2.498	2.538	1,6	58,7	62,7	6,8
PA	861,5	887,9	3,1	3.129	2.852	(8,8)	2.696,0	2.532,7	(6,1)
TO	1.376,1	1.397,7	1,6	3.301	3.236	(2,0)	4.543,1	4.523,2	(0,4)
NORDESTE	7.852,4	8.365,0	6,5	2.319	2.539	9,5	18.206,1	21.240,1	16,7
MA	1.565,3	1.831,8	17,0	3.061	3.069	0,3	4.790,7	5.622,4	17,4
PI	1.476,8	1.534,2	3,9	2.469	2.817	14,1	3.645,5	4.321,5	18,5
CE	932,0	938,4	0,7	591	623	5,5	550,4	585,0	6,3
RN	67,6	88,7	31,2	426	488	14,6	28,8	43,3	50,3
PB	179,5	208,6	16,2	393	646	64,4	70,5	134,8	91,2
PE	344,3	461,8	34,1	329	476	44,8	113,4	220,0	94,0
AL	80,1	80,1	-	790	754	(4,5)	63,3	60,4	(4,6)
SE	193,0	173,1	(10,3)	4.468	3.018	(32,4)	862,4	522,5	(39,4)
BA	3.013,8	3.048,3	1,1	2.681	3.192	19,1	8.081,1	9.730,2	20,4
CENTRO-OESTE	24.963,6	25.328,1	1,5	4.144	3.974	(4,1)	103.449,8	100.664,3	(2,7)
MT	15.119,1	15.316,5	1,3	4.100	4.024	(1,8)	61.986,5	61.640,0	(0,6)
MS	4.441,3	4.544,7	2,3	4.229	3.710	(12,3)	18.784,2	16.862,0	(10,2)
GO	5.241,5	5.306,6	1,2	4.173	4.033	(3,4)	21.873,1	21.400,4	(2,2)
DF	161,7	160,3	(0,9)	4.985	4.753	(4,7)	806,0	761,9	(5,5)
SUDESTE	5.486,0	5.562,0	1,4	4.221	4.118	(2,4)	23.157,8	22.903,2	(1,1)
MG	3.372,7	3.347,2	(0,8)	4.175	4.235	1,4	14.080,0	14.174,9	0,7
ES	24,0	28,2	17,5	2.058	1.926	(6,4)	49,4	54,3	9,9
RJ	4,8	2,5	(47,9)	1.938	1.840	(5,1)	9,3	4,6	(50,5)
SP	2.084,5	2.184,1	4,8	4.327	3.969	(8,3)	9.019,1	8.669,4	(3,9)
SUL	19.652,4	19.446,2	(1,0)	4.240	3.819	(9,9)	83.330,2	74.267,6	(10,9)
PR	9.732,7	9.549,0	(1,9)	4.197	3.675	(12,4)	40.851,4	35.089,7	(14,1)
SC	1.312,8	1.271,7	(3,1)	5.303	4.960	(6,5)	6.962,1	6.307,0	(9,4)
RS	8.606,9	8.625,5	0,2	4.127	3.811	(7,7)	35.516,6	32.870,9	(7,4)
NORTE/NORDESTE	10.787,3	11.372,7	5,4	2.571	2.702	5,1	27.733,6	30.732,8	10,8
CENTRO-SUL	50.102,0	50.336,3	0,5	4.190	3.930	(6,2)	209.937,8	197.835,1	(5,8)
BRASIL	60.889,3	61.709,0	1,3	3.903	3.704	(5,1)	237.671,4	228.567,9	(3,8)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em agosto/2018.



6. CRÉDITO RURAL

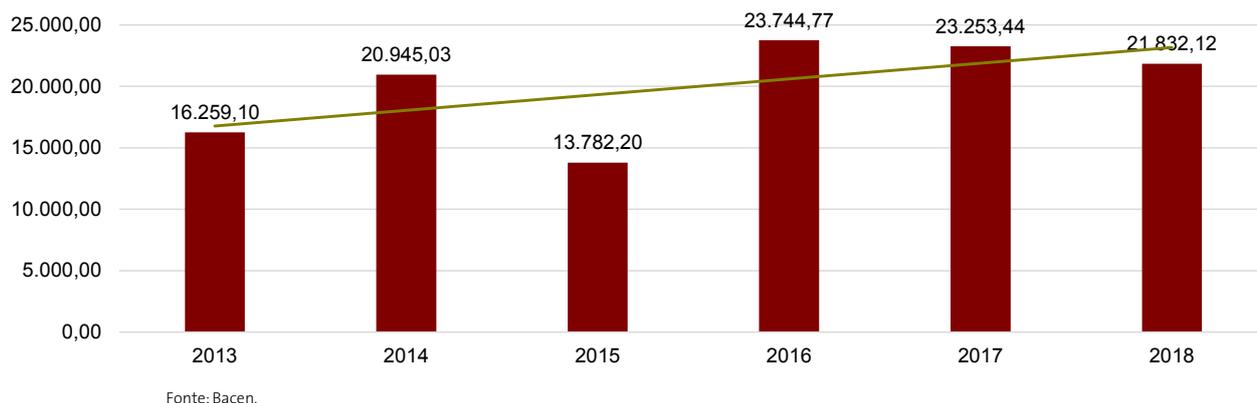
As informações do crédito rural são utilizadas para compreensão e acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia. As análises realizadas tomam como base o crédito liberado pelas instituições financeiras oficiais, mas tem-se a consciência que outras fontes de crédito são utilizadas pelos produtores rurais. A análise apresentada terá como foco o valor agregado de janeiro a junho de 2013 a 2018.

O foco são os dados de custeio que foram obtidos do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 1º de agosto de 2018, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pro-namp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico.

6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSTANTES DO SICOR E DO BACEN

A utilização do crédito de custeio no acumulado janeiro a junho de 2018 apresenta queda em relação ao mesmo período do ano imediatamente anterior, cerca de 6%. No período analisado (2013 a 2018), o montante do crédito de 2018 é superior aos anos de 2013, 2014 e 2015, por outro lado, é inferior aos anos de 2016 e 2017. Para o Financiamento sem Vínculo a Programa Específico o volume foi de R\$ 16,3 bilhões, para o Pronamp o volume observado foi de R\$ 3,97 bilhões e para o Pronaf o total de aporte foi cerca de R\$ 1,56 bilhões.

Gráfico 1 – Financiamento total – Janeiro a junho de 2013 a 2018



Uma outra maneira de visualizar e compreender o aporte do crédito rural no âmbito do custeio está no valor observado em cada região geográfica brasileira. Isso posto, o valor aportado para a Região Centro-Oeste, entre Janeiro e junho de 2018 foi de 8,1 bilhões, para o Nordeste, observa-se 2,12 bilhões, para o Norte 813 milhões, para o Sudeste o valor foi de 4,76 bilhões e para a Região Sul, tem-se o total aportado de 6,38 bilhões. Para as Regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste

foram observados decréscimos percentuais no aporte quando comparado com o mesmo período do ano anterior – 2017 – a menor queda percentual foi de 13% no Sudeste, já para as Regiões Norte e Nordeste foram verificados incrementos percentuais no aporte, esses aumentos foram de 23,45% e 1,57%, respectivamente. Os Gráficos 2 e 3 apresentam os valores totais para as regiões de maior queda e maior incremento percentuais.

Gráfico 2 – Sudeste – Valores absolutos - Janeiro a junho de 2013 a 2018

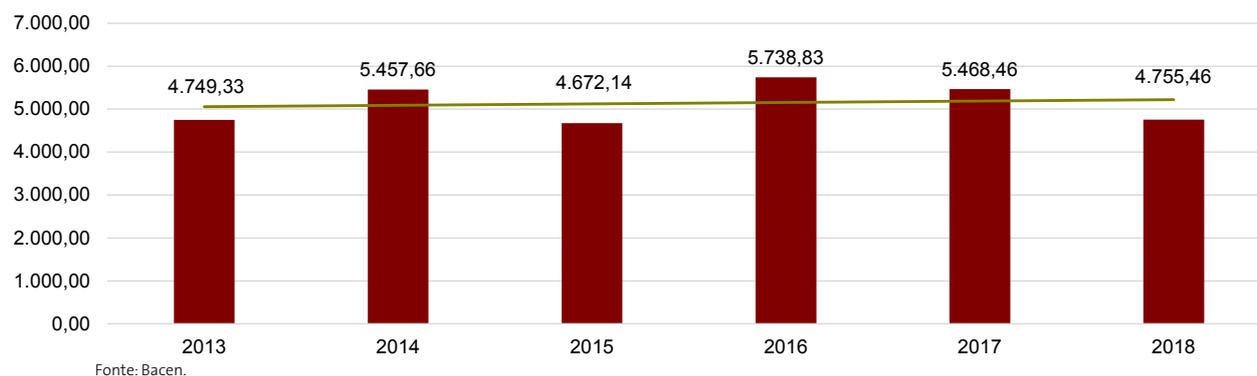
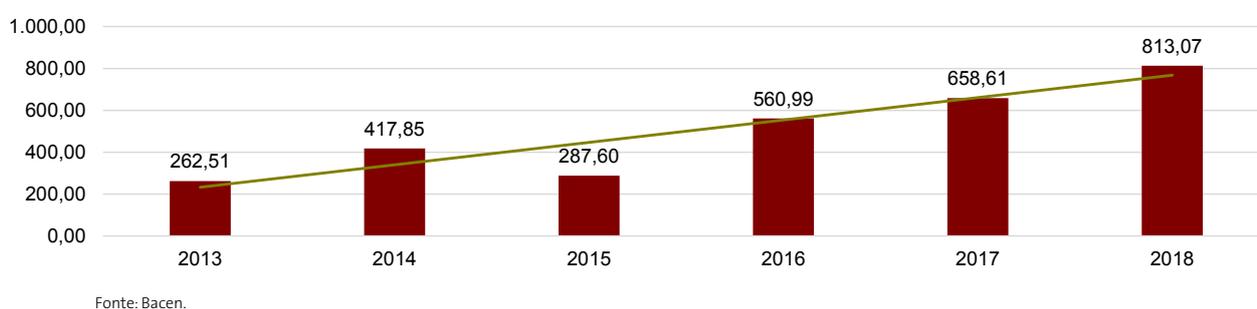


Gráfico 3 – Norte – Valores absolutos - Janeiro a junho de 2013 a 2018



As análises seguintes serão particularizadas para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja, tendo como

fonte as informações do crédito rural obtidas do Sicor/ Bacen, nos anos de 2013 a 2018.

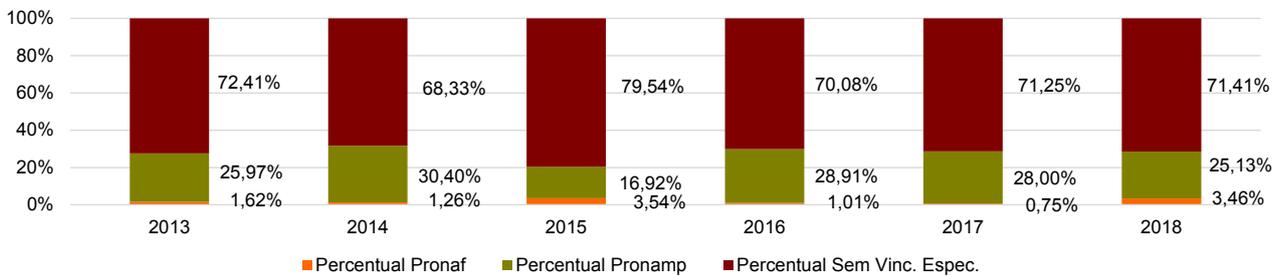


6.2. A CULTURA DO ARROZ

As informações constantes do Gráfico 4 apresentam a baixa utilização de crédito pelo Pronaf e do Pronamp,

quando comparado ao aporte observado Sem Vínculo à Programa Específico.

Gráfico 4 – Arroz - Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a junho de 2013 a 2018

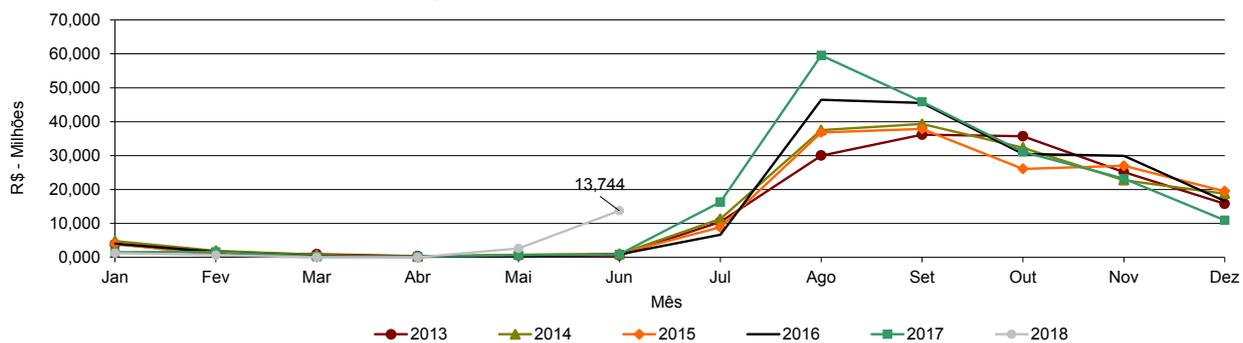


Fonte: Bacen.

É salutar apresentar uma explosão na busca de crédito para o arroz advindo do Pronaf. Entre 2013 e 2017, o valor médio para junho, nessa cultura, foi de R\$ 866 milhões. Todavia, para junho de 2018, observa-se o

montante de R\$ 13 bilhões para o custeio do arroz. Isso posto, o Gráfico 5 apresenta esse forte crescimento mês a mês, para os valores aportados via Pronaf, entre 2013 e 2018.

Gráfico 5 – Arroz - Pronaf - Janeiro a junho de 2013 a 2018

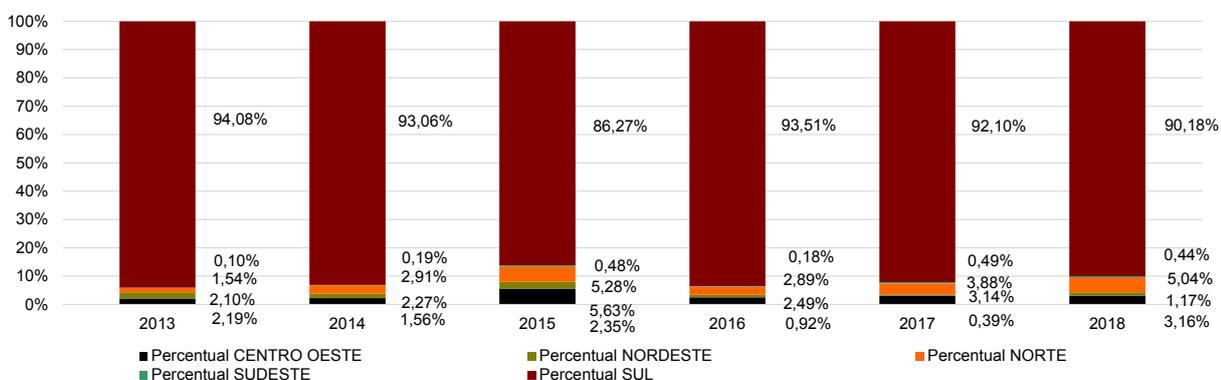


Fonte: Bacen.

Pode-se comentar que a concentração do plantio na Região Sul explica as informações da participação por região (Gráfico 6). É importante destacar a retomada

da utilização do crédito para a Região Nordeste, com crescimento em relação ao período do ano anterior de R\$ 3,58 milhões R\$ 2,64 milhões em 2017.

Gráfico 6 – Arroz - Participação por região - Janeiro a junho de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

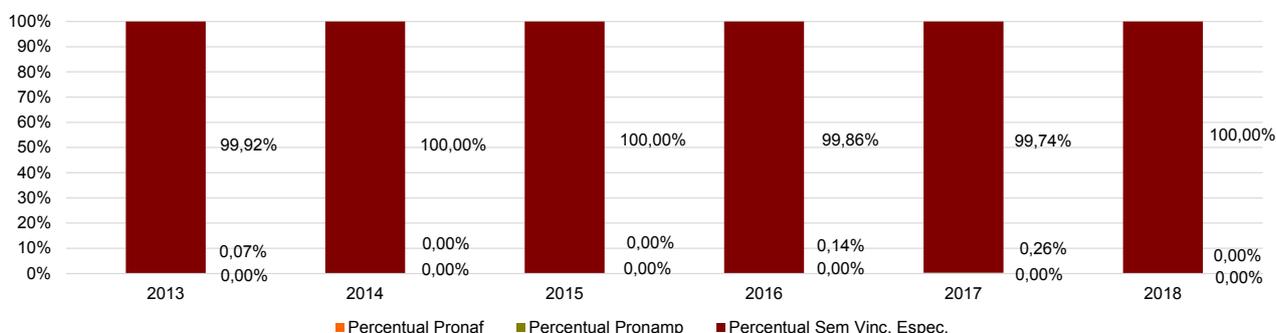


6.3. A CULTURA DO ALGODÃO

O plantio do algodão exige alta tecnologia, o que explica a concentração do Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico (Gráfico 7). Para o acumulado,

entre Janeiro e junho de 2018, observa-se retração na obtenção de crédito para custeio do algodão (-27,13%).

Gráfico 7 - Participação por programa - Janeiro a junho de 2013 a 2018

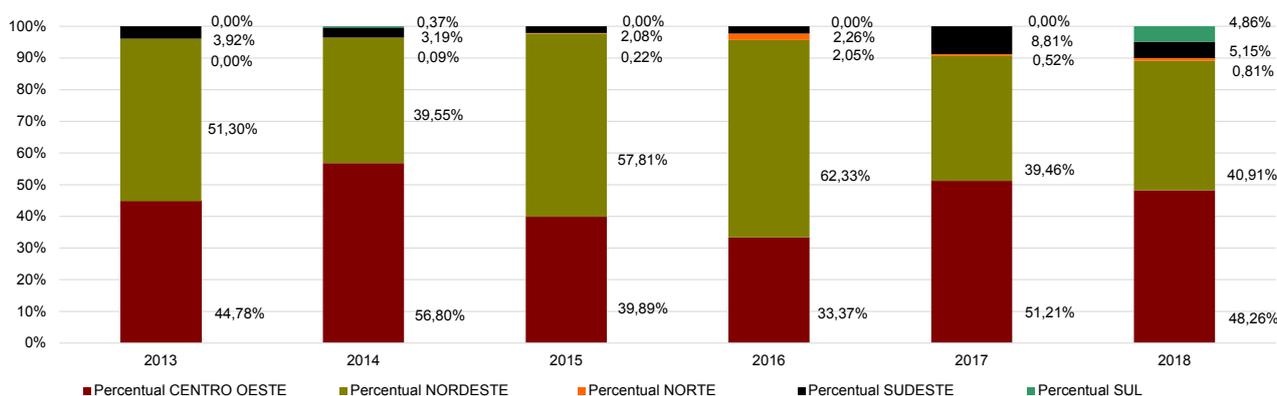


Fonte: Bacen.

As Regiões Centro-Oeste e Nordeste compreendem as Unidades da Federação com maior produção de algodão, o que explica as informações do Gráfico 8. É possível visualizar a menor participação da Região

Centro-Oeste em relação ao total nacional buscado para o custeio do algodão. Diferentemente, a Região Nordeste apresenta retomada na participação do total nacional aportado.

Gráfico 8 – Algodão – Participação por região - Janeiro a junho de 2013 a 2018

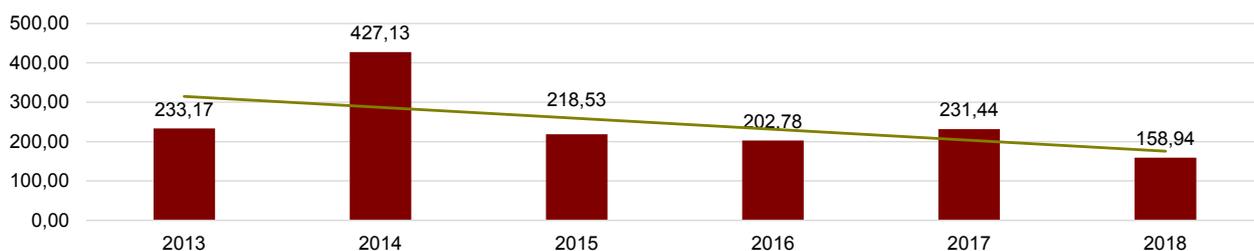


Fonte: Bacen.

Por outro lado, quando utilizamos o escopo de aporte em cada região, em separado, observa-se diminuição no volume aportado, tanto para a Região Centro-Oeste como para a Região Nordeste. O decréscimo para a

região Centro-Oeste é de 31,33% e para a Região Nordeste é de 24,44%. Os Gráficos 9 e 10 apresentam os totais aportados para cada região em específico, respectivamente.

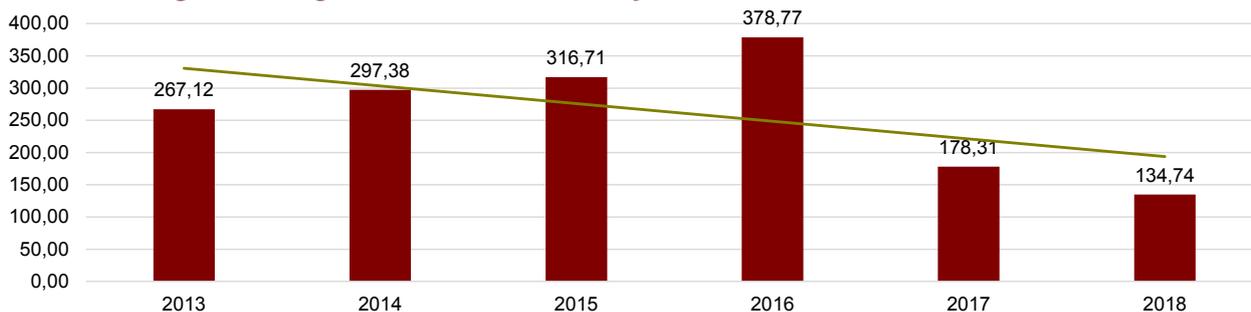
Gráfico 9 - Algodão – Região Centro-Oeste - Janeiro a junho de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.



Gráfico 10 - Algodão – Região Nordeste - Janeiro a junho de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

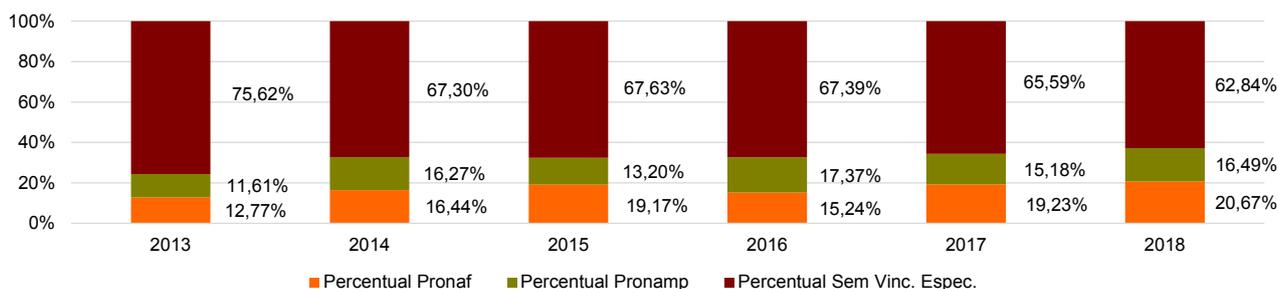
6.4. A CULTURA DO FEIJÃO

Para a cultura do feijão, observam-se os seguintes valores para o aporte, em cada tipo de programa: para o aporte Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico o valor foi de R\$ 153 milhões, para o Pronamp o valor encontrado foi de 40,15 milhões e, por fim, para o Pronaf o montante foi de R\$ 50,32 milhões. Esses valo-

res correspondem, respectivamente, quando comparados ao mesmo período de 2017 as seguintes variações percentuais: -15,98%; -4,74% e -5,77%.

O Gráfico 11 apresenta a participação de cada programa no total do aporte para os anos de 2013 a 2018.

Gráfico 11 - Feijão – Participação de programa - Janeiro a junho de 2013 a 2018

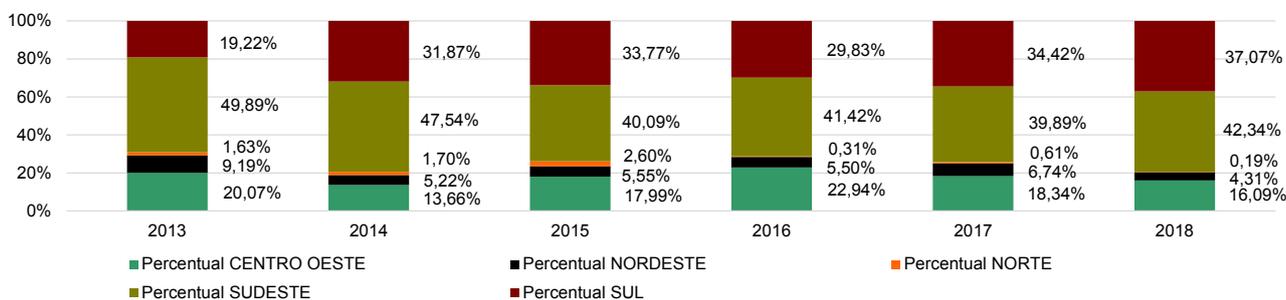


Fonte: Bacen.

Para a Região Sul, o valor do aporte foi de R\$ 90,26 milhões em 2018, esse valor corresponde a um decréscimo do valor buscado na mesma região, para o ano de 2017 (R\$ 95,56 milhões). As maiores regiões produ-

ras são as Regiões Sul, Sudeste e o Centro-Oeste, isso posto, as informações constantes do Gráfico 12 são compatíveis com as principais regiões produtoras.

Gráfico 12 – Feijão - Participação por região - Janeiro a junho de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

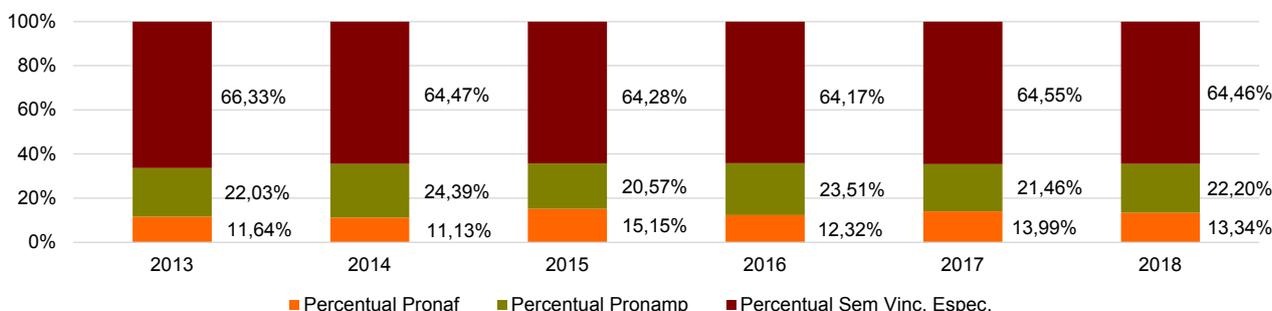


6.5. A CULTURA DO MILHO

No acumulado, entre janeiro e junho de 2018, o total nacional aportado para a cultura de milho foi de R\$ 2,69 bilhões, esse valor é cerca de 5,7% menor ao observado no mesmo período de 2017. Todavia, a dis-

tribuição da participação de cada um dos programas de custeio federal se manteve estável no período em análise.

Gráfico 13 – Milho - Participação de programa - Janeiro a junho de 2013 a 2018

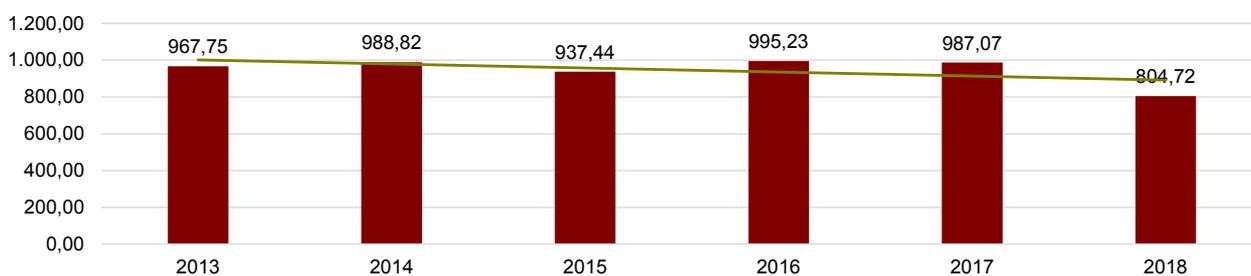


Fonte: Bacen.

Dada a queda apresentada no valor total para o país, no parágrafo anterior, ressalta-se a diminuição relativa no aporte em todas as regiões brasileiras, tirante a Região Nordeste. Observa-se um decréscimo médio de 11,97% entre as regiões com diminuição do aporte.

A maior região produtora de milho é a Região Centro-Oeste, para essa, a diminuição no valor aportado foi de R\$ 182,35 milhões (-18,47%). O Gráfico 14 representa os valores totais para essa região de 2013 a 2018 (janeiro a junho).

Gráfico 14 – Milho – Aporte total – Centro-Oeste - Janeiro a junho de 2013 a 2018

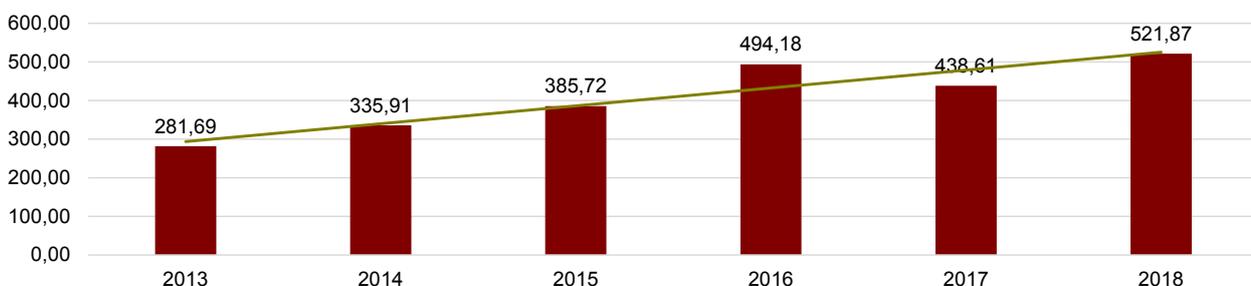


Fonte: Bacen.

Como destacado, a Região Nordeste vai de encontro ao observado nas demais regiões brasileiras. Isso posto, o aumento percentual no aporte para a região foi de 18,98% quando comparado o total aportado na

região entre janeiro e junho de 2017 e janeiro e junho de 2018. O Gráfico 15 apresenta os valores totais aportados na região, de 2013 a 2018 (janeiro a junho).

Gráfico 15 – Milho – Aporte total – Nordeste - Janeiro a junho de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

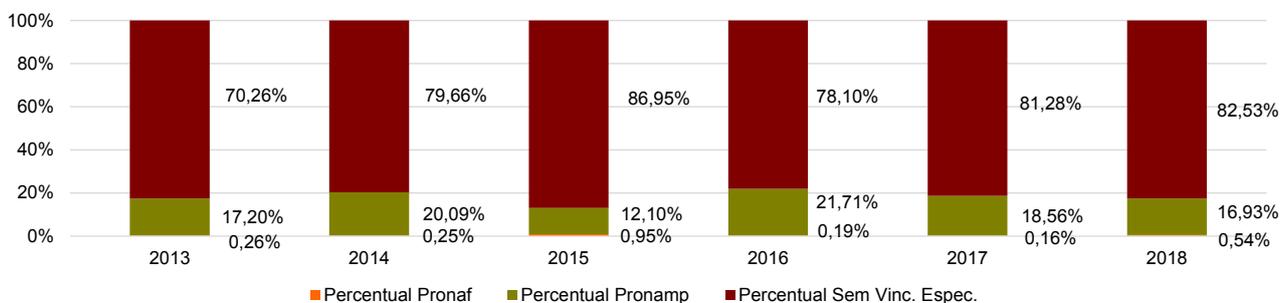


6.6. A CULTURA DA SOJA

O valor aportado, entre janeiro e junho de 2018, foi de R\$ 9,86 bilhões. A distribuição das participações de cada programa de crédito manteve a tendência de

aumento para o aporte Sem Vínculo a Programa Específico.

Gráfico 16 – Soja - Participação de programa - Janeiro a junho de 2013 a 2018

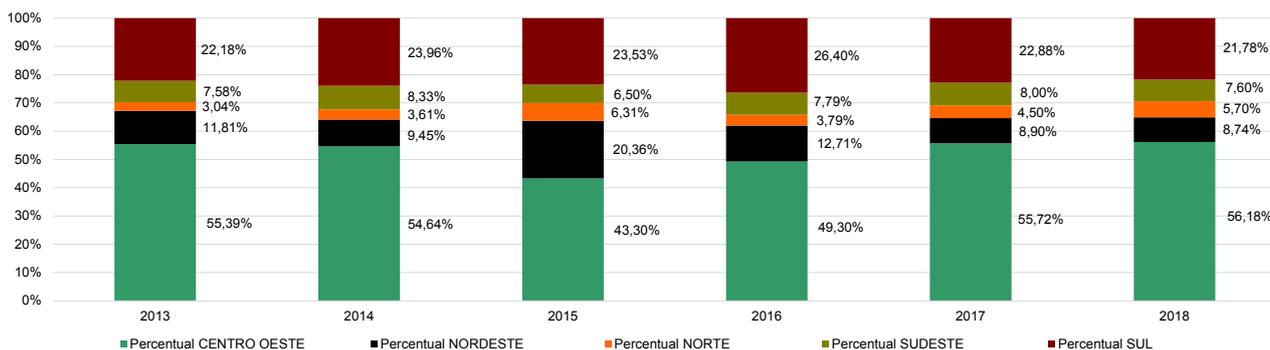


Fonte: Bacen.

No escopo das regiões brasileiras, observa-se a manutenção da Região Centro-Oeste como maior detentora do crédito disponibilizado para o cultivo da

oleaginosa. A região supracitada corresponde à maior parcela do valor total disponibilizado, quando comparada às regiões brasileiras.

Gráfico 17 – Soja – Participação por região – Janeiro a junho de 2013 a 2018

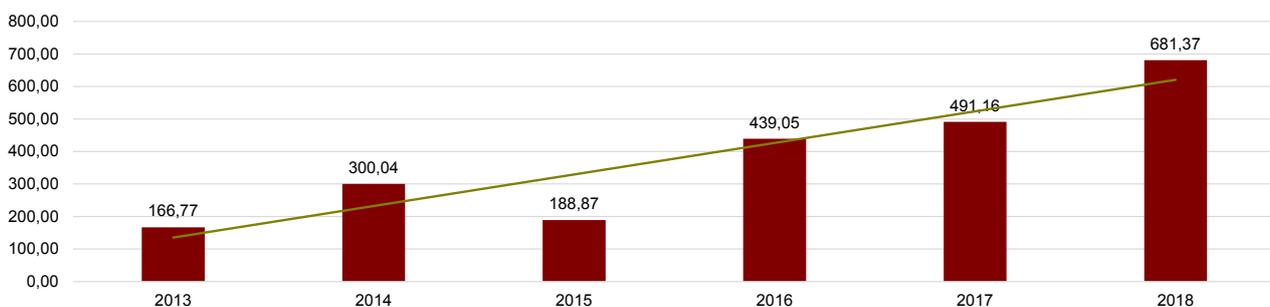


Fonte: Bacen.

Ainda no contexto regional, fenômeno merecedor de atenção é a constante tendência de aumento do valor aportado para a Região Norte. Essa região apresenta um crescimento de 38,73% quando comparada ao valor agregado aportado entre janeiro e junho de 2018

e Janeiro e Junho de 2018. Esse comportamento pode relevar fortes indícios de expansão na fronteira agrícola da soja na região, abrangendo uma correlação positiva entre desenvolvimento de infraestrutura/logística e a produção de grãos.

Gráfico 18 – Soja – Aporte total – Norte - Janeiro a junho de 2013 a 2018



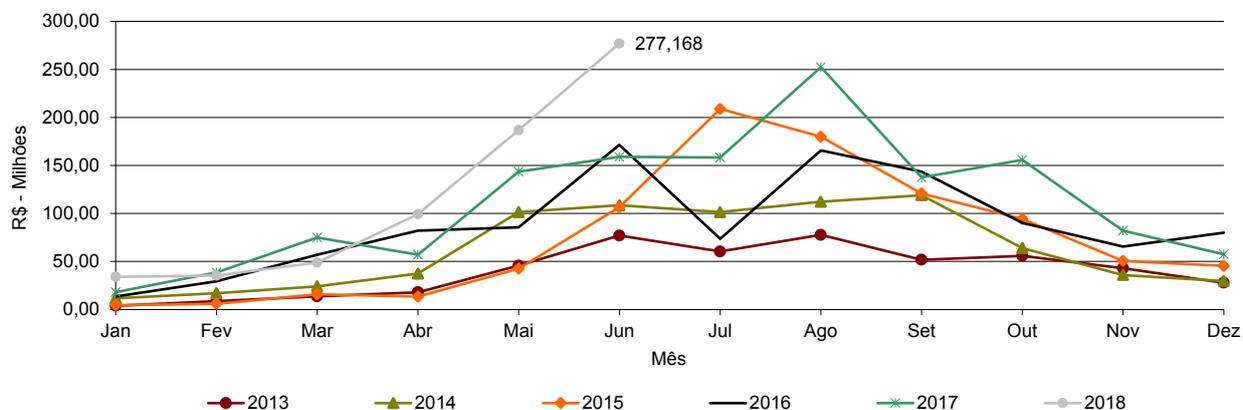
Fonte: Bacen.



Outra representação gráfica que corrobora o consistente aumento do aporte nessa região é aquela na qual são apresentados os valores aportados mês a mês. Isso posto, para junho de 2018, o valor aportado

na Região Norte foi de 277 milhões, esse valor é 152 milhões maior do que o valor médio aportado nessa região, nos anos de 2013 a 2017.

Gráfico 19 – Soja – Norte – Mês a mês - Janeiro a junho de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.





7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹ - INMET

7.1. ANÁLISE CLIMÁTICA EM JUNHO DE 2018

Semelhantemente ao mês anterior, julho apresentou padrão de chuvas dentro da sua característica de baixa ou nenhuma pluviosidade na maior parte do território nacional durante o inverno. Contudo, mesmo nas regiões que se encontram no período chuvoso, como o leste do Nordeste e áreas no norte da Região Norte, as chuvas registradas foram abaixo da média na grande maioria das localidades dessas regiões.

Na mesorregião nordeste da Bahia e em parte de Sergipe, onde a segunda safra de milho está em andamento, a ocorrência de chuvas na maioria dos dias de julho não resultou em acumulados elevados, ficando entre 30 e 100 mm (Figura 1), abaixo da faixa normal do período. Em Alagoinhas, na Bahia, o acumulado foi de aproximadamente 30 mm (média histórica de 110 mm), e em Propriá, em Sergipe, o acumulado foi de pouco mais de 60 mm (média histórica de 143 mm).

Na faixa leste do Nordeste, entre o norte de Sergipe e a Paraíba, mesmo com a ocorrência de mais de 15 dias com registro de precipitação, o acumulado entre 50 e 120 mm foi muito abaixo da média dessa região, que varia entre 100 e 250 mm.

Na Região Sul, a distribuição espacial das chuvas foi bastante irregular em julho (Figura 1). Os maiores vo-

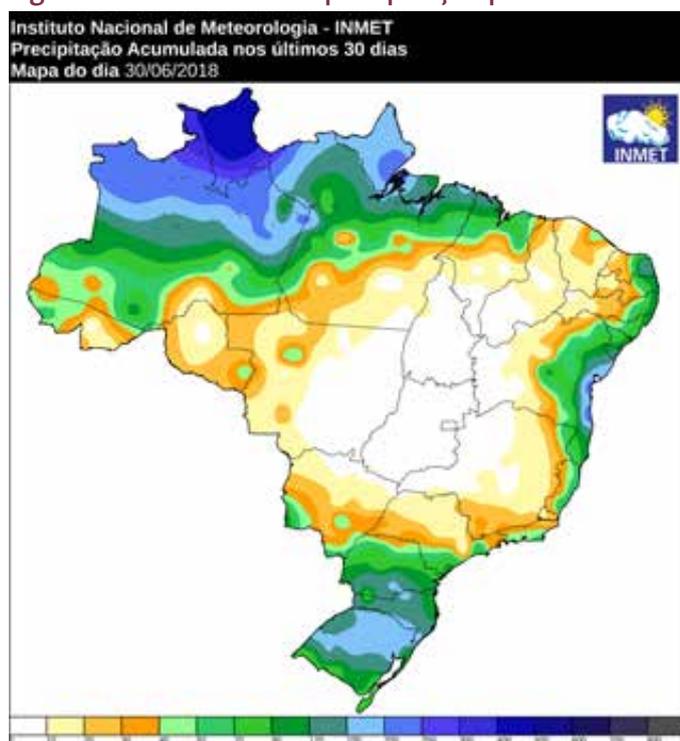
¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília.

lumes ficaram concentrados entre o sul do Rio Grande do Sul e o centro-sul de Santa Catarina, com volumes acumulados variando entre 70 e 250 mm, o que foi suficiente para atingir ou ultrapassar a média climatológica na maior parte das localidades dessa área da região. Nas outras áreas de Santa Catarina e no Paraná, o déficit de chuvas foi o mais crítico, pois os volumes ficaram entre 10 e 40 mm (Figura 1), o que corresponde a menos que 20% da média em alguns casos. Nos municípios de Londrina e Maringá, por exemplo, os totais de acumulados registrados pelas estações meteorológicas do Inmet foram inferiores a 10 mm, enquanto a média climatológica nessas localidades é de

86 e 90 mm, respectivamente. Também no extremo noroeste do Rio Grande do Sul ocorreram áreas com déficit pluviométrico, porém de menor intensidade que nos outros dois estados.

A ação de um sistema de alta pressão sobre grande parte do Brasil manteve uma intensa massa de ar seco e inibiu o avanço de sistemas frontais em direção ao Sudeste, resultando em volumes abaixo da média em grande parte da região, como também no sul do Mato Grosso do Sul e sul de São Paulo.

Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em junho de 2018



7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

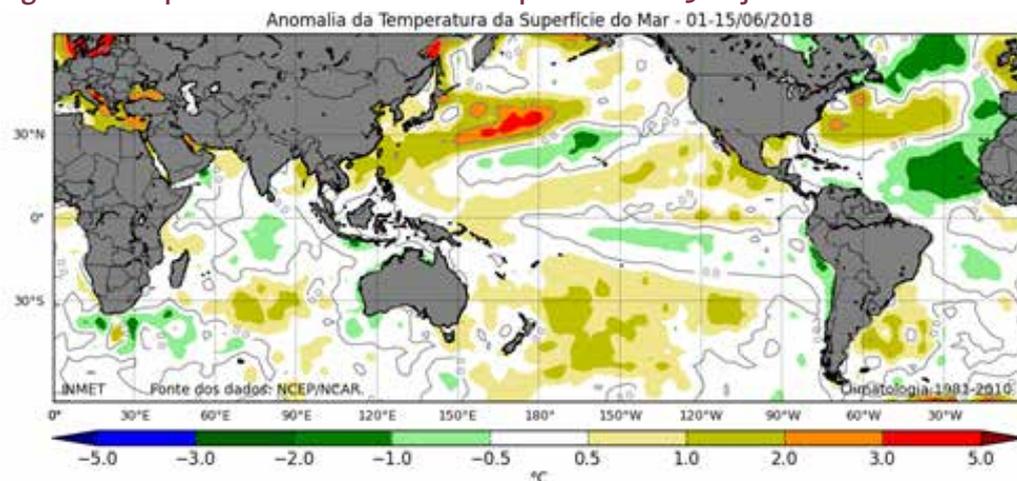
O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da primeira metade de junho (Figura 2) mostra que a área com anomalias negativas no Pacífico Equatorial continua diminuindo em extensão e intensidade, mantendo uma condição de neutralidade. Tal condição é também percebida no gráfico diário de índice de El Niño/La Niña até o dia 3 de agosto (Figura

3), onde se observa que nesse período o Pacífico Equatorial na área 3.4 (entre 170°W-120°W) manteve-se com um padrão médio dentro da faixa de neutralidade, porém com desvios positivos nos últimos meses.

A faixa de neutralidade está entre -0,5°C e +0,5°C de desvio de TSM nas áreas de El Niño.



Figura 2 - Mapa de anomalias da TSM no período 1º a 15 de junho de 2018



Fonte: Inmet.

No sudoeste do Atlântico Sul, entre o litoral norte da Argentina e o rio Grande do Sul, as anomalias positivas na TSM permaneceram na segunda metade do mês (Figura 2), porém com baixa intensidade. As

anomalias positivas nessa área do Atlântico são favoráveis ao aumento da precipitação no Rio Grande do Sul em virtude de um fluxo potencialmente maior de umidade do oceano em direção ao continente.

Gráfico 1 - Monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4



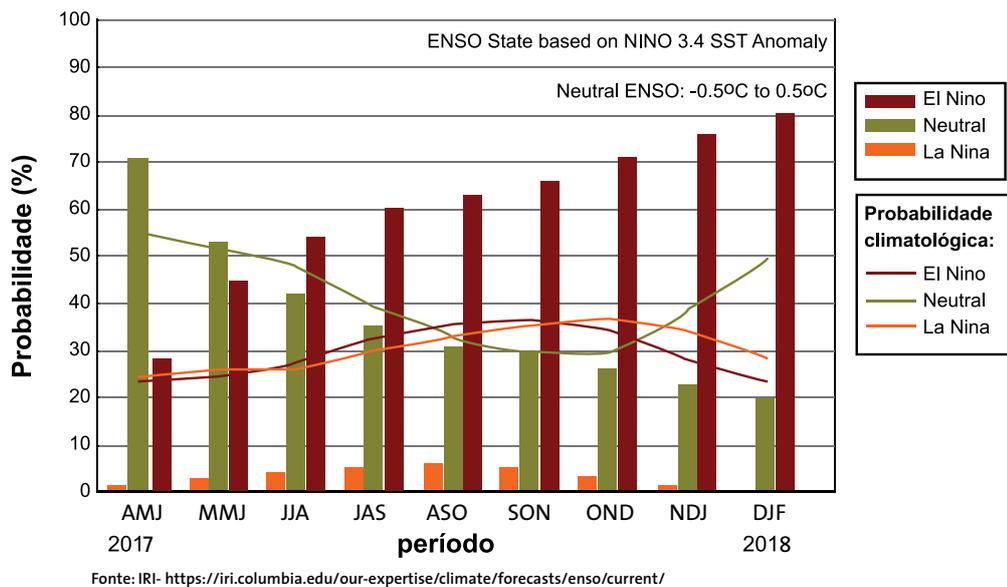
Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma alta probabilidade de continuidade do processo de enfraquecimento e manutenção da fase neutra e com gradativa substituição por uma fase de

positiva (Figura 4). Com base nas saídas dos modelos e nas condições térmicas observadas no Oceano Pacífico, a alta probabilidade de formação de um novo episódio de El Niño em meados do segundo semestre de 2018 está mantida.



Gráfico 2 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO AGOSTO, SETEMBRO E OUTUBRO DE 2018

O modelo de previsão climática do Inmet indica para a Região Sul maior probabilidade de que as chuvas fiquem dentro da faixa normal ou acima na maioria das localidades (Figura 5). Em agosto, com a incursão de sistemas frontais, o volume total deve ficar próximo à média da região, com maiores volumes de chuva no Paraná e Santa Catarina em comparação ao mês anterior.

As Regiões Centro-Oeste e Sudeste estão no período seco climatológico, e o modelo do Inmet reforça que a condição de baixa precipitação, indicando maior probabilidade dentro da faixa normal ou abaixo em quase a totalidade das duas regiões, com volumes mais significativos, em relação aos outros estados, em parte, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, em agosto.

Na Região do Matopiba, o prognóstico climático indica maior probabilidade de chuvas dentro ou abaixo

da faixa normal do trimestre na maior parte da região. Contudo, do mesmo modo que no Centro-Oeste, o trimestre no Matopiba é caracterizado por ser tipicamente seco e a previsão apenas reforça a condição de baixa precipitação.

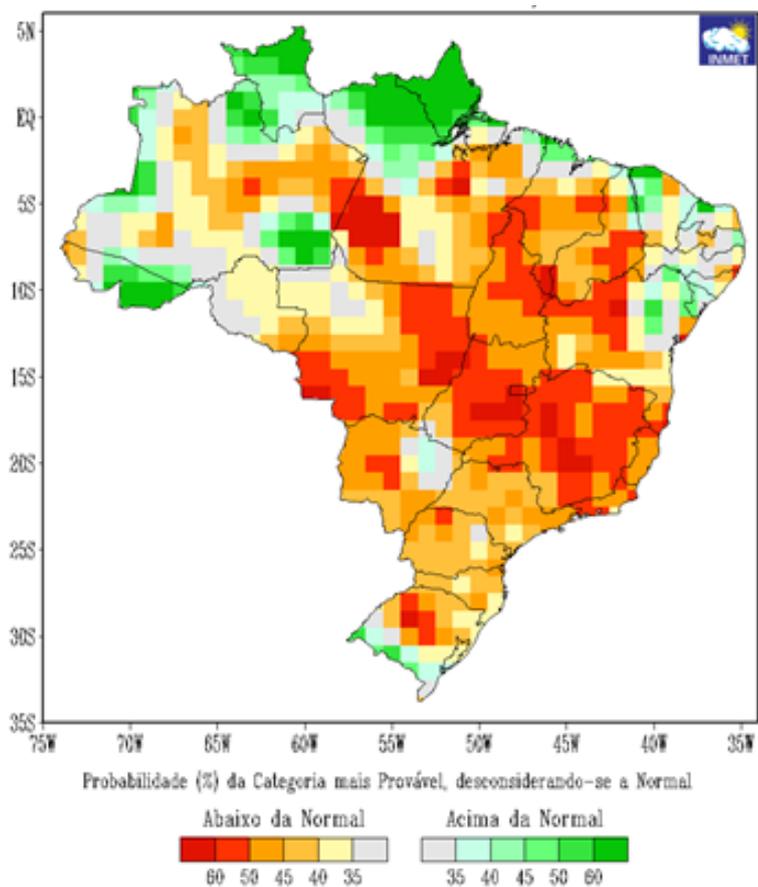
Na faixa leste do Nordeste, entre o norte da Bahia e a Paraíba, a probabilidade maior é de que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal ou abaixo em praticamente toda a região, segundo o modelo estatístico do Inmet (Figura 5).

Em média, as temperaturas devem ficar acima da faixa normal na maior parte do Brasil nesse trimestre. Nas Regiões Sul e Nordeste, as temperaturas devem ficar dentro da faixa normal.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre janeiro, agosto e setembro de 2018



Fonte: Inmet.





8. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

8.1. REGIÃO NORTE

8.1.1. AMAZONAS

De acordo com o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – CPTEC/Inpe, para a Região Norte, há maior probabilidade das chuvas ocorrerem na categoria acima da faixa normal. Essa mesma previsão foi observada no trimestre anterior, entretanto, tivemos chuvas dentro da normalidade.

8.1.2. PARÁ

As precipitações se mantiveram em bom nível no Pará.

8.1.3. RORAIMA

Em julho, até o dia 30, foram registrados 24 dias de chuvas, totalizando 342,58 mm. Cerca de 17% superior ao ocorrido no ano passado.

8.2. REGIÃO NORDESTE

8.2.1. CEARÁ

A situação se encontra crítica. O maior açude do estado (Castanhão) possui apenas 7,83% de sua capacidade total.

8.2.2. MARANHÃO

Mantém o período seco e de altas temperaturas médias.

8.2.3. PIAUÍ

Na região sul, as últimas chuvas na região ocorreram em abril. Com isso, o acumulado de chuva até a última semana de julho se manteve em torno de 1.000 mm.

Na região do semiárido, o volume de precipitação re-

duziu bastante, segundo o prognóstico do Instituto Nacional de Meteorologia – Inmet.

Já na região norte, o período chuvoso se encontra com chuvas regulares.

8.2.4. RIO GRANDE DO NORTE

As precipitações acumuladas foram menores que as médias históricas, mas, em geral, a situação climática tem sido favorável. Segundo a Unidade de Meteorologia da Empresa de Pesquisa Agropecuária do

Rio Grande do Norte (EMPARN), 49,1% dos municípios apresentaram classificação Normal, Chuvoso e Muito Chuvoso.

8.2.5. PERNAMBUCO

As chuvas permanecem abaixo da média, principalmente, na mesorregião do agreste.

8.2.6. BAHIA

No extremo-oeste, centro-sul, centro-norte e Vale do São Francisco a estação das águas está finalizada e o período seco, sem precipitações significativas.

No nordeste baiano, nos últimos trinta dias, as precipitações reduziram, constatando-se um veranico.

8.2.7. SERGIPE

As precipitações ocorridas nos últimos 30 dias foram desfavoráveis nas regiões do Sertão e Agreste, com índices pluviométricos abaixo do esperado. Por outro

lado, as chuvas foram melhores distribuídas na região sul de Sergipe.

8.2.8. PARAÍBA

As precipitações, em alguns municípios do estado, foram satisfatórias. As reservas totais de água do estado tiveram um ganho significativo e estão hoje no patamar de 25%. Ainda se observa um grande número dos açudes públicos com baixa reserva hídrica. As únicas

localidades que possuem fornecimento regular de água são aquelas na mesorregião da Mata Paraibana. As instituições de meteorologia estão prevendo chuvas dentro da média histórica no Cariri, Curimataú e Sertão (Baixo, Médio e Alto).

8.3. REGIÃO CENTRO-OESTE

8.3.1. MATO GROSSO

Ao longo de julho, pode-se afirmar que não houve precipitação em Mato Grosso. A estiagem ocorre em

maior grau na parte leste do estado, como no Vale do Araguaia.

8.3.2. MATO GROSSO DO SUL

Não houve precipitações significativas em julho, apesar de sempre ocorrer precipitações nesse mês, de acordo com a normal climatológica.

Devido às noites mais frias, a umidade do ar está precipitando na forma de orvalho. Além desse fator, observou-se temperatura mínima baixa, a menor insolação e dias mais curtos, típicos dessa estação.



Com o avanço da estação climática do inverno, ocorre a passagem de frentes frias com a queda da temperatura e normalmente ocorre episódios de geada, prin-

cipalmente no sul do estado, porém os eventos foram de pequena magnitude e isolados. Nesta estação, as temperaturas são mais amenas.

8.3.3. DISTRITO FEDERAL

O Distrito Federal passa por um período de estiagem desde o início do inverno. As chuvas não ocorrem há mais de 70 dias, segundo o Inmet.

A ausência de chuvas na região é ocasionada pela pre-

sença de uma massa de ar seco, persistente no interior do país, que impede a formação de nuvens carregadas. Com isso, as temperaturas aumentam bastante no período da tarde, enquanto os valores de umidade relativa do ar reduzem.

8.4. REGIÃO SUDESTE

8.4.1. MINAS GERAIS

As regiões do Rio Doce, Vale do Jequitinhonha e Murici registraram precipitações acima da média e bem distribuídas.

Nas demais regiões permanece o prolongado período sem chuvas.

8.4.2. SÃO PAULO

A situação de estiagem nas diversas regiões produtoras do estado se mantém.

8.4.3. RIO DE JANEIRO

Chuvas normais.

8.5.1. REGIÃO SUL

8.5.1. RIO GRANDE DO SUL

A última semana de junho foi caracterizada pela umidade no estado. Houve uma ligeira elevação das temperaturas e da nebulosidade, provocando pancadas de chuva na maior parte do estado, alternando-se com o tempo seco, sol, nebulosidade variável e temperaturas elevadas em todas as regiões.

No início de julho, manteve-se a nebulosidade e a chuva em todo o estado. O ingresso de uma massa de ar seco e frio afastou a nebulosidade e provocou o declínio das temperaturas, mas ainda ocorreram pancadas de chuva no Litoral, Região Metropolitana e na Serra do Nordeste. O ar seco e frio garantiu o tempo firme, com temperaturas baixas e formação de geadas em algumas regiões.

No meio do mês, a propagação de uma área de baixa pressão provocou chuva em todo estado, com registros de temporais isolados. O ingresso de ar quente determinou a elevação das temperaturas, com máximas em torno de 30 °C, em algumas regiões.

A chuva e o frio no estado também foram observados no final de julho. A propagação de uma frente fria provocou chuva, com registro de temporais isolados. O ingresso de ar seco e frio afastou a nebulosidade e estabeleceu o declínio das temperaturas, com formação de geadas isoladas. O deslocamento de uma nova frente fria provocou chuva e novo declínio das temperaturas. A instabilidade avançou com chuvas em todas as regiões.

8.5.2. PARANÁ

Uma forte massa de ar seco predominou sobre o estado e contribuiu com o tempo firme. A temperatura

ficou elevada para esta época do ano e os níveis da umidade relativa do ar ficaram baixos, principalmente, nas horas mais quentes.



Em algumas regiões ocorreram precipitações, porém com dias de sol e temperaturas elevadas. foram irregulares e de pouco volume, intercalando

8.5.3. SANTA CATARINA

Exceto pela baixa precipitação, o clima está dentro da normalidade em relação às temperaturas.





9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1. CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

No décimo primeiro levantamento da safra 2017/18 de algodão, a expectativa é de aumento de 29,2% na produção, influenciado pelo forte aumento de área plantada em relação à safra passada, saindo de 939,1 mil hectares, para 1.176,1 mil hectares na safra atual, e pelas melhores condições climáticas, que devem propiciar um aumento de produtividade de 3,2% em relação à safra passada. Em Mato Grosso, 15% da área já foi colhida. Na Bahia, a colheita das áreas em sequeiro já atingem 50% do total.

A Região Norte deverá produzir 30,7 mil toneladas de algodão em caroço em uma área de 7,6 mil hectares. Em Roraima, a estimativa de área de algodão está confirmada em 4,8 mil hectares, cultivados totalmente na região norte do estado. No momento, 70% da área já foi semeada, apresentando boas condições no plantio. Não há expectativa para produção de algodão irrigado nessa safra. Com isso, a estimativa de produtividade é de 4.200 kg/ha.

A pluma deverá ser totalmente exportada, enquanto o caroço de algodão será processado para ração no próprio estado.

Em Tocantins, a colheita atinge aproximadamente 20% da área cultivada, já que o restante das lavouras se encontram em fase de maturação.

Na Região Nordeste, estima-se aumento na produção devido à maior área plantada nessa safra, influenciado pelos bons resultados obtidos na safra 2016/17.

No Maranhão, a área plantada é estimada em 22,3 mil hectares, com produtividade média de 3,913 kg/ha.

Cerca de 35% da área plantada já foi colhida, com especial atenção para a queda de produtividade média que possivelmente deve ser observada nessa estação.

O volume colhido deve apresentar perdas no rendimento médio, estimados em aproximadamente 20% para essa estação em virtude da cultura ficar submetida a um relativo estresse hídrico – veranico em abril.

O cultivo de algodão de segunda safra tem se destacado e chamado a atenção das propriedades por ser realizado em sucessão à lavoura de soja, o que aumenta o rendimento por área das unidades produtivas e quebra o ciclo de algumas das pragas e doenças do algodoeiro. No Piauí, a área de algodão deverá ser 28,8% maior que na safra anterior. O cultivo, iniciado na segunda quinzena de dezembro, já se encontra totalmente em fase de maturação e colheita. Até o momento, aproximadamente 66% da área plantada já foi colhida.

A produtividade estimada para o algodão em caroço é de 3.910 kg/ha, aumento de 11,3% em relação à safra anterior em razão das boas condições climáticas da safra atual.

No Ceará, o aumento expressivo da área de algodão, em relação à safra passada, se deve ao incentivo do governo estadual, Embrapa e diversas entidades ligadas ao setor produtivo, que, juntos, integram o Programa de Modernização da Cultura do Algodão no Ceará.

A estimativa de área para essa safra é de 1,2 mil hectares, com uma produtividade estimada em 845 kg/ha. No Rio Grande do Norte, o algodão é pouco cultivado. Nessa safra, é estimado o plantio de uma área de 0,3 mil hectares, totalmente irrigada, apresentando um excelente rendimento médio.

As intempéries climáticas e os preços pouco remuneradores no mercado local fizeram com que a grande maioria dos produtores abandonassem essa atividade, optando por culturas de subsistência como o milho e o feijão.

Na Paraíba, essa cultura já ocupou um lugar de destaque, como atividade rural de grande expressão econômica. As condições climáticas adversas, baixa produtividade, a forma tradicional de manejo e os baixos preços recebidos, desmotivaram os produtores a continuar.

A estimativa para essa safra é de uma área de 0,5 mil hectares, 25% a mais que o registrado na última safra. A ampliação das áreas de algodão se deve ao apoio técnico e institucional do governo estadual, com vistas a atender a demanda de empresas beneficiadoras de algodão colorido e algodão branco orgânico, que estão realizando contrato de compra junto aos produtores, ofertando sementes, garantindo um preço mínimo e o frete do produto colhido até à unidade de beneficiamento.

Na região do sertão, a cultura está em grande parte colhida e se contabiliza redução de produtividade em razão do baixo volume de chuvas enquanto nas demais regiões, o ciclo da cultura se estende até setembro. Com isso, a produtividade média foi ajustada para 893 kg/ha para o algodão em caroço.

Na Bahia, a estimativa para a safra atual apresenta um aumento de 31,5% na área cultivada e de 4,8% na produtividade em relação à safra passada.

A produção deve atingir 1.193 mil toneladas de algodão em caroço, 477,2 mil toneladas de algodão em pluma e 715,8 mil toneladas de caroço de algodão.

Até final de julho, a colheita das lavouras de sequeiro atingiram aproximadamente 50% da área cultivada. O atraso da colheita se deve, em parte, à restrição de combustíveis durante a paralisação dos caminhoneiros e à elevada umidade nas fibras de algodão, que inviabilizava a colheita à noite e nas primeiras horas da manhã durante junho.

As lavouras irrigadas têm colheita prevista para agosto e início de setembro, visto que em meados de setembro tem início o vazão sanitário, não podendo haver em campo soqueiras vivas de plantas de algodão.

Figura 1 - Lavoura de algodão irrigado em fase de frutificação, em Barreiras – BA



Fonte: Conab.



A Região Centro-Oeste é a principal produtora de algodão. A área plantada é estimada em 841,2 mil hectares, um crescimento de 23,2% quando comparada com a safra anterior.

Em Mato Grosso, as lavouras de algodão se encontram com ciclo vegetativo completo e já acumulam colheita de 15% da área estadual. Os trabalhos estão defasados em relação à safra passada devido tanto ao atraso do plantio quanto às baixas temperaturas registradas no período noturno nas regiões produtoras, nas últimas semanas.

A expectativa é de intensificação dos trabalhos em agosto. A produtividade média apresenta excelente resultado neste ciclo, de 4.132 kg/ha, elevação de 2,6% em relação aos 4.027 kg/ha obtidos na temporada passada. A qualidade da pluma tem sido considerada excelente. Os preços no mercado disponível continuam valorizados, apesar da oferta decorrente da colheita. O mercado do algodão continua com boa liquidez devido ao elevado valor agregado da carga, que minimiza o efeito do aumento do transporte e também à necessidade de abastecimento por parte das indústrias. Estima-se que cerca de 80% da produção estadual já esteja comercializada, ao passo que a negociação futura já atinge 33% da produção em 2018/19.

Figura 2 - Colheita de algodão em Nova Ubiratã – MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, a área plantada é de aproximadamente 30,4 mil hectares, com expectativa de produtividade média de 4.440 kg/ha de algodão em caroço. Aproximadamente 85% da cultura foi plantada na modalidade primeira safra e 15% na segunda. O algodão segunda safra foi o que mais sofreu com estresse hídrico ocorrido entre abril e maio. Apesar do agravo climático, as lavouras, de forma geral, estão com crescimento e desenvolvimento satisfatórios.

Nos municípios de Sidrolândia e Aral Moreira, a cultura já foi colhida e está em fase de beneficiamento nas al-

godoeiras do sudoeste do estado.

Na região norte e nordeste do estado, o algodão está principalmente nas fases de maturação e colheita. O algodão primeira safra está com o desenvolvimento mais adiantado e boa parte já foi colhido, enquanto o algodão segunda safra está principalmente nas fases de maturação. A colheita se intensificou em julho, uma vez que aproximadamente 35% das lavouras do estado já foram colhidas, principalmente do algodão primeira safra. Até o final de agosto todas as lavouras devem estar colhidas.

O complexo de lagartas nas cultivares sem eventos transgênicos são as pragas que demandam maior número de aplicações, em torno de 15, enquanto para o bicudo, em torno de 11. As aplicações com o uso da tecnologia de micro gotas oleosas estão contribuindo para o controle do bicudo no estado. Além disso, pragas como a mosca-branca, ácaro, percevejo, broca da raiz e tripses, necessitaram de aplicações durante as diferentes fases do cultivo, contribuindo para o aumento do custo de produção. Com relação ao dano econômico, o ácaro tem papel de destaque nas lavouras do estado.

Até o momento mais da metade do algodão pluma já foi comercializado e houve uma recuperação dos preços em relação ao mês anterior. A disputa comercial entre os Estados Unidos e a China, além dos problemas climáticos americanos, favoreceram a sustentação dos preços.

Em Goiás, a colheita ultrapassa a casa dos 70%. Nos municípios de Luziânia e Cristalina, a produtividade está superando as expectativas iniciais. O rendimento médio está em torno de 5.000 kg/ha. O manejo, a qualidade do pacote tecnológico e os fatores climáticos foram decisivos para o bom resultado alcançado.

Em Chapadão do Céu, com aproximadamente 10 mil hectares plantados, a colheita caminha para a fase final em agosto.

Não há registros de ataques severos ou com danos econômicos consideráveis nas áreas. São aplicados em torno de 30 pulverizações: 22 aéreas e 8 terrestres, em média. Sementes de alta tecnologia foram utilizadas, além de um monitoramento rígido de pragas e doenças. As principais pragas que demandaram aplicações foram o ácaro e o bicudo. O monitoramento de pragas, o calendário de aplicações e demais ações de manejo foram importantes para o aumento na produtividade nessa safra.



Figura 3 - Colheita em Chapadão do Céu – GO



Fonte: Conab.

Na Região Sudeste, a área é estimada em 30,7 mil hectares, crescimento de 66,8% quando comparada com a safra passada.

Em Minas Gerais, a área de algodão teve um aumento expressivo, passando de 15,6 mil hectares, na safra 2016/17, para 25 mil hectares na safra atual, o que resulta em um crescimento de 60%. Esse aumento ocorreu devido aos preços atrativos e ao mercado futuro promissor, na época em que a safra 2017/18 estava em fase de planejamento.

Registou-se também incremento de 6,1% na produtividade, motivado pelo aumento do uso de irrigação na cotonicultura empresarial, assim como pelo maior in-

vestimento na cultura e melhoria da tecnologia na agricultura familiar.

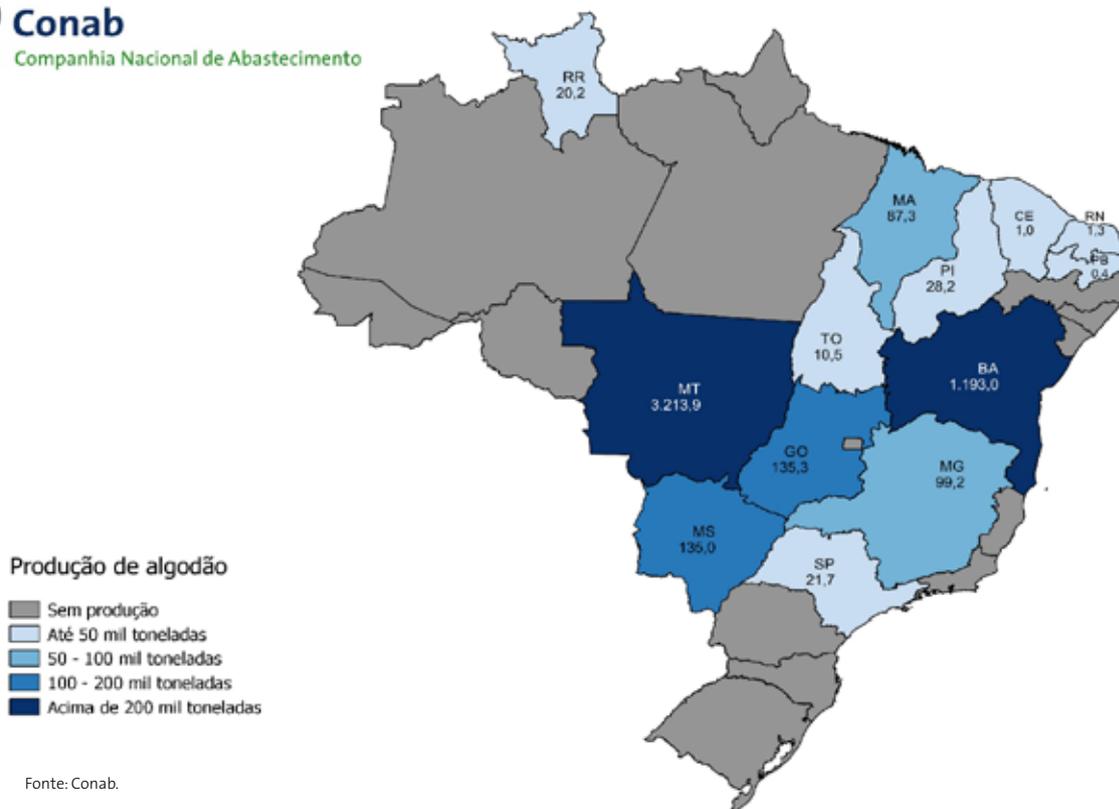
A colheita da primeira safra foi intensificada e já se encontra em fase final. O algodão segunda safra, plantado mais tarde, em fevereiro, encontra-se em fase de maturação, devendo ser colhido entre agosto e setembro. De modo geral, os cotonicultores mineiros estão bastante satisfeitos com o produto colhido. A produtividade superou as expectativas iniciais, a qualidade da fibra é boa e os preços remuneradores é maior em relação ao mesmo período da última safra.

Em São Paulo, a cultura está totalmente colhida.

A área plantada é estimada em 5,7 mil hectares e a produção em 21,7 mil toneladas. Desse total, aproximadamente 85% já foi beneficiado e totalmente negociado. Os melhores preços dessa safra foram determinantes para a retomada do plantio na região de Avaré, polo de maior concentração do algodão no estado, aumentando a área cultivada nessa safra.

Quanto à produtividade, a estimativa é que seja de 3.801 kg/ha. Apesar do algodão ser produzido totalmente sob irrigação, do tipo pivô central, a estiagem afetou o nível dos reservatórios, comprometendo a produtividade.

Figura 4 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab.



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
MS	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	3.540	4.034	14,0	25,8	30,7	19,0
RR	2,5	4,8	92,0	4.200	4.200	-	10,5	20,2	92,4
TO	4,8	2,8	(41,1)	3.196	3.750	17,3	15,3	10,5	(31,4)
NORDESTE	230,8	296,6	28,5	4.226	4.421	4,6	975,3	1.311,2	34,4
MA	22,5	22,3	(0,9)	3.915	3.913	(0,1)	88,1	87,3	(0,9)
PI	5,6	7,2	28,8	3.514	3.910	11,3	19,7	28,2	43,1
CE	0,4	1,2	200,0	1.083	845	(22,0)	0,4	1,0	150,0
RN	0,3	0,3	-	4.461	4.461	-	1,3	1,3	-
PB	0,4	0,5	25,0	819	893	9,0	0,3	0,4	33,3
BA	201,6	265,1	31,5	4.293	4.500	4,8	865,5	1.193,0	37,8
CENTRO-OESTE	682,6	841,2	23,2	4.042	4.142	2,5	2.758,9	3.484,2	26,3
MT	627,8	777,8	23,9	4.027	4.132	2,6	2.528,2	3.213,9	27,1
MS	28,6	30,4	6,2	4.350	4.440	2,1	124,4	135,0	8,5
GO	26,2	33,0	25,8	4.056	4.100	1,1	106,3	135,3	27,3
SUDESTE	18,4	30,7	66,8	3.684	3.935	6,8	67,8	120,9	78,3
MG	15,6	25,0	60,0	3.739	3.966	6,1	58,3	99,2	70,2
SP	2,8	5,7	103,6	3.377	3.801	12,6	9,5	21,7	128,4
NORTE/NORDESTE	238,1	304,2	27,8	4.205	4.411	4,9	1.001,1	1.341,9	34,0
CENTRO-SUL	701,0	871,9	24,4	4.032	4.135	2,5	2.826,7	3.605,1	27,5
BRASIL	939,1	1.176,1	25,2	4.076	4.206	3,2	3.827,8	4.947,0	29,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	1.387	1.561	12,5	10,1	11,9	17,8
RR	2,5	4,8	92,0	1.596	1.596	-	4,0	7,7	92,5
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.278	1.500	17,4	6,1	4,2	(31,1)
NORDESTE	230,8	296,6	28,5	1.693	1.771	4,6	390,7	525,3	34,5
MA	22,5	22,3	(0,9)	1.566	1.565	(0,1)	35,2	34,9	(0,9)
PI	5,6	7,2	28,8	1.511	1.681	11,3	8,5	12,1	42,4
CE	0,4	1,2	200,0	379	296	(22,0)	0,2	0,4	100,0
RN	0,3	0,3	-	1.695	1.695	-	0,5	0,5	-
PB	0,4	0,5	25,0	295	321	9,0	0,1	0,2	100,0
BA	201,6	265,1	31,5	1.717	1.800	4,8	346,2	477,2	37,8
CENTRO-OESTE	682,6	841,2	23,2	1.615	1.657	2,6	1.102,3	1.394,1	26,5
MT	627,8	777,8	23,9	1.611	1.653	2,6	1.011,3	1.285,5	27,1
MS	28,6	30,4	6,2	1.784	1.820	2,0	49,1	55,3	12,6
GO	26,2	33,0	25,8	1.598	1.615	1,1	41,9	53,3	27,2
SUDESTE	18,4	30,7	66,8	1.435	1.567	9,2	26,4	48,1	82,2
MG	15,6	25,0	60,0	1.496	1.586	6,0	22,7	39,7	74,9
SP	2,8	5,7	103,6	1.317	1.482	12,6	3,7	8,4	127,0
NORTE/NORDESTE	238,1	304,2	27,8	1.683	1.766	4,9	400,8	537,2	34,0
CENTRO-SUL	701,0	871,9	24,4	1.610	1.654	2,7	1.128,7	1.442,2	27,8
BRASIL	939,1	1.176,1	25,2	1.629	1.683	3,3	1.529,5	1.979,4	29,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

Tabela 3 – Comparativo de área, produtividade e produção - Carozo de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	2.153	2.474	14,9	15,7	18,8	19,7
RR	2,5	4,8	92,0	2.604	2.604	-	6,5	12,5	92,3
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.918	2.250	17,3	9,2	6,3	(31,5)
NORDESTE	230,8	296,6	28,5	2.533	2.650	4,6	584,6	785,9	34,4
MA	22,5	22,3	(0,9)	2.349	2.348	(0,1)	52,9	52,4	(0,9)
PI	5,6	7,2	28,8	2.003	2.229	11,3	11,2	16,1	43,8
CE	0,4	1,2	200,0	704	549	(22,0)	0,2	0,6	200,0
RN	0,3	0,3	-	2.766	2.766	-	0,8	0,8	-
PB	0,4	0,5	25,0	524	572	9,1	0,2	0,2	-
BA	201,6	265,1	31,5	2.576	2.700	4,8	519,3	715,8	37,8
CENTRO-OESTE	682,6	841,2	23,2	2.424	2.484	2,5	1.656,6	2.090,1	26,2
MT	627,8	777,8	23,9	2.416	2.479	2,6	1.516,9	1.928,4	27,1
MS	28,6	30,4	6,2	2.567	2.620	2,0	75,3	79,7	5,8
GO	26,2	33,0	25,8	2.458	2.485	1,1	64,4	82,0	27,3
SUDESTE	18,4	30,7	66,8	2.215	2.368	6,9	41,4	72,8	75,8
MG	15,6	25,0	60,0	2.243	2.380	6,1	35,6	59,5	67,1
SP	2,8	5,7	103,6	2.060	2.319	12,6	5,8	13,3	129,3
NORTE/NORDESTE	238,1	304,2	27,8	2.522	2.645	4,9	600,3	804,7	34,0
CENTRO-SUL	701,0	871,9	24,4	2.419	2.480	2,5	1.698,0	2.162,9	27,4
BRASIL	939,1	1.176,1	25,2	2.445	2.523	3,2	2.298,3	2.967,6	29,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)						RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CAROÇO			ALGODÃO EM PLUMA			Safr. 16/17	Safr. 17/18	VAR. %
	Safr. 16/17	Safr. 17/18	VAR. %	Safr. 16/17	Safr. 17/18	VAR. %			
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,8	30,7	19,0	10,1	11,9	17,8	39,2	38,7	1,3
RR	10,5	20,2	92,4	4,0	7,7	92,5	38,0	38,0	-
TO	15,3	10,5	(31,4)	6,1	4,2	(31,1)	40,0	40,0	-
NORDESTE	975,3	1.311,2	34,4	390,7	525,3	34,5	40,1	40,1	-
MA	88,1	87,3	(0,9)	35,2	34,9	(0,9)	40,0	40,0	-
PI	19,7	28,2	43,1	8,5	12,1	42,4	43,0	43,0	-
CE	0,4	1,0	150,0	0,2	0,4	100,0	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,3	-	0,5	0,5	-	38,0	38,0	-
PB	0,3	0,4	33,3	0,1	0,2	100,0	36,0	36,0	-
BA	865,5	1.193,0	37,8	346,2	477,2	37,8	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	2.758,9	3.484,2	26,3	1.102,3	1.394,1	26,5	40,0	40,0	-
MT	2.528,2	3.213,9	27,1	1.011,3	1.285,5	27,1	40,0	40,0	-
MS	124,4	135,0	8,5	49,1	55,3	12,6	41,0	41,0	-
GO	106,3	135,3	27,3	41,9	53,3	27,2	39,4	39,4	-
SUDESTE	67,8	120,9	78,3	26,4	48,1	82,2	39,9	39,8	0,3
MG	58,3	99,2	70,2	22,7	39,7	74,9	40,0	40,0	-
SP	9,5	21,7	128,4	3,7	8,4	127,0	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.001,1	1.341,9	34,0	400,8	537,2	34,0	40,0	40,0	-
CENTRO-SUL	2.826,7	3.605,1	27,5	1.128,7	1.442,2	27,8	40,0	40,0	-
BRASIL	3.827,8	4.947,0	29,2	1.529,5	1.979,4	29,4	40,0	40,0	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

9.2.2. AMENDOIM

9.2.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Em São Paulo, a plantação de amendoim se faz presente durante a entressafra da cana-de-açúcar, e é uma opção bastante utilizada. A leguminosa permite a recuperação do solo por meio da fixação de nitrogênio. Encerrou a safra 2017/18 com excelente ganho de área de 13% e crescimento de 3% na produtividade. O produto está praticamente todo comercializado, principalmente pela Cooperativa Cooplana, responsável por boa parte do amendoim no estado, na região de Jaboticabal. O amendoim produzido no estado paulista tem como destinos principais os países do continente Europeu (60% / 70% do amendoim Ranner).

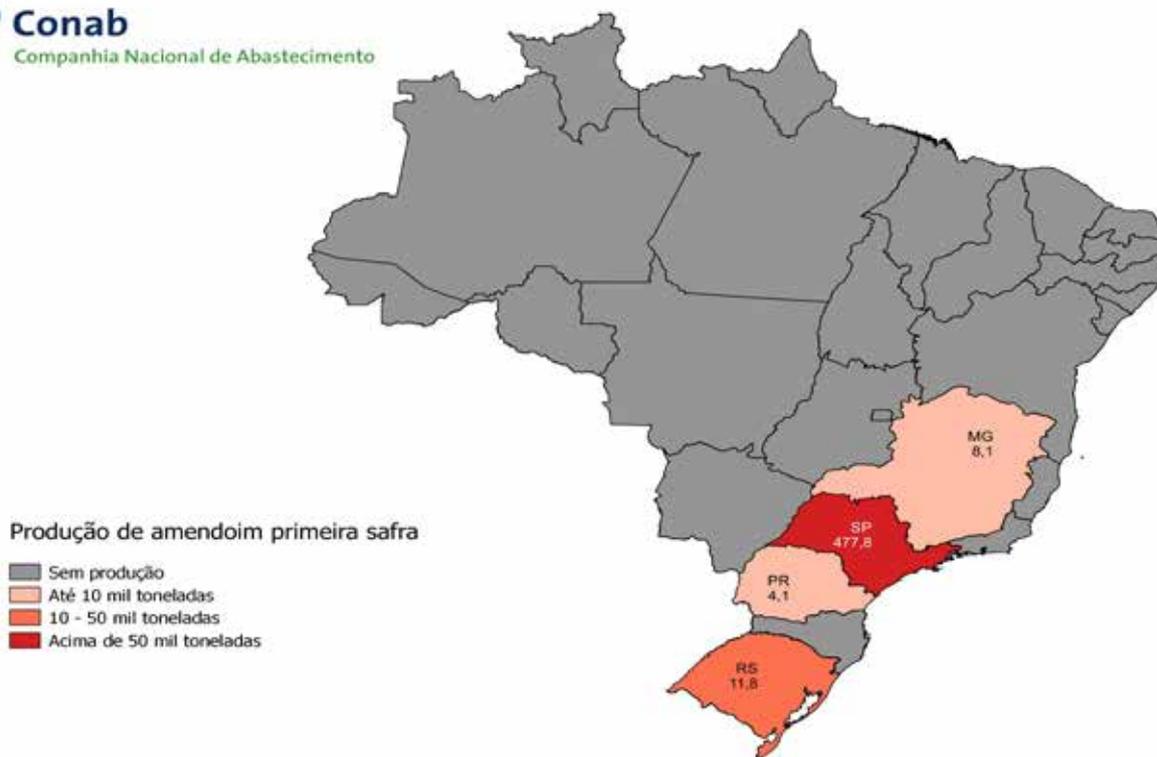
Em Minas Gerais, a estimativa de área de cultivo de amendoim se encontra estimada em 2,3 mil hectares,

11,5% menor em relação a safra anterior devido ao atraso do período chuvoso. As áreas de plantio comercial, concentradas na região do Triângulo Mineiro, representam 90% da área de cultivo e 96,8% do volume de produção do estado, caracterizadas por lavouras conduzidas com alta tecnologia, com uso de sementes de boa qualidade e produtividade média variando de 3.000 a 4.250 kg/ha.

Nas demais regiões do estado predomina o cultivo em áreas de agricultura familiar, conduzidas com baixo nível tecnológico. Com uma produtividade média de 3.527 kg/ha e produção estadual estimada em 8,1 mil toneladas. Colheita concluída.



Figura 5 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



Fonte: Conab.

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 5 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	112,9	126,9	12,4	3.721	3.829	2,9	420,2	485,9	15,6
MG	2,6	2,3	(11,5)	3.615	3.527	(2,4)	9,4	8,1	(13,8)
SP	110,3	124,6	13,0	3.724	3.835	3,0	410,8	477,8	16,3
SUL	5,4	5,1	(5,6)	3.447	3.120	(9,5)	18,6	15,9	(14,5)
PR	2,0	1,5	(25,0)	3.406	2.747	(19,3)	6,8	4,1	(39,7)
RS	3,4	3,6	5,6	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
CENTRO-SUL	118,3	132,0	11,6	3.709	3.802	2,5	438,8	501,8	14,4
BRASIL	118,3	132,0	11,6	3.709	3.802	2,5	438,8	501,8	14,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Em Tocantins, a área cultivada sofreu uma leve redução em relação à da safra passada. Uma das limitações à expansão da cultura no estado é a distância do mercado, uma vez que a comercialização é toda feita para São Paulo.

A cultura foi favorecida pelas chuvas regulares desta temporada e alcançou uma produtividade considerada bastante satisfatória pelos produtores. A cultura já teve seu ciclo encerrado.

A produtividade foi de 3.787 kg/ha, retração de 21,1% em relação à safra 2016/17. A cultura já teve seu ciclo encerrado.

Na Paraíba, na safra passada, foram plantados 468 hectares de amendoim, cuja cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas e apresentou produtividade de 985 kg/ha. Na presente safra confirmou-se a área de 0,4 mil hectares, com produtividade de 992 kg/ha.

Em São Paulo, o amendoim segunda safra está todo colhido. Apresenta retração de 18,4% na área e redução de 10,8% na produtividade.

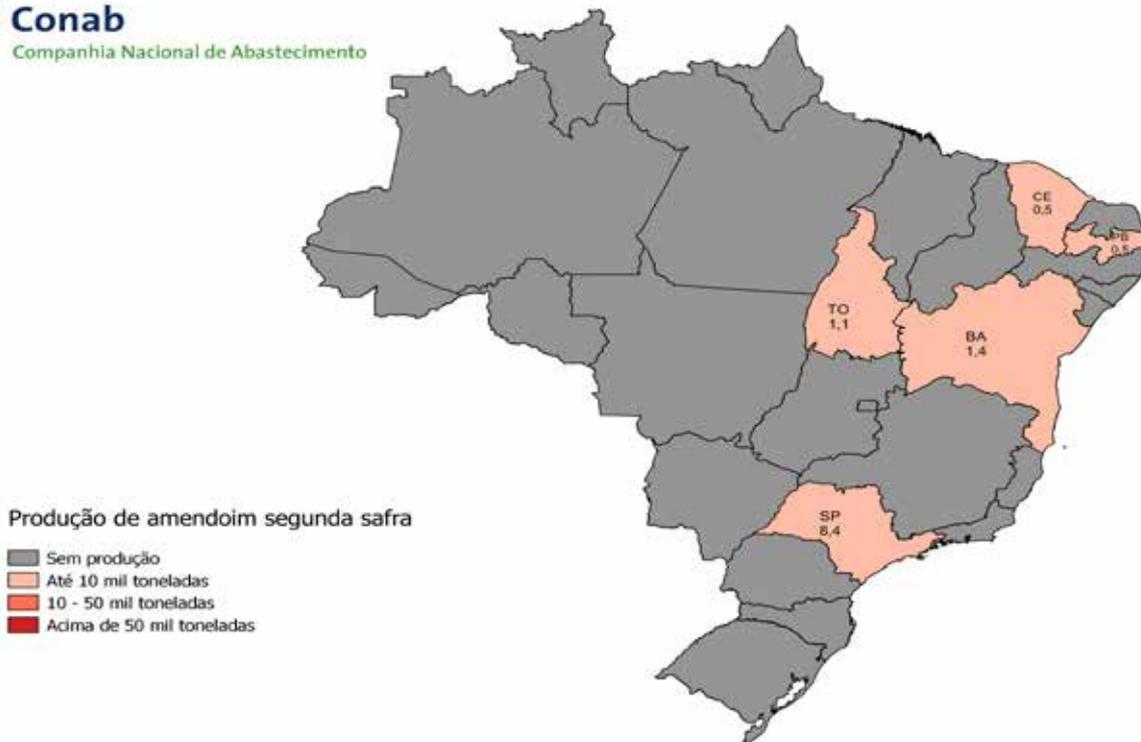
O amendoim em muitas regiões do estado entra na rotação com a cana-de-açúcar. A safra da seca normalmente produz menos do que a das águas devido basicamente pela falta de melhores condições climáticas, nesse período de plantio.

Entretanto, boa parte dos plantadores de amendoim realizam o cultivo nessa época do ano, visando garantir sementes para o próximo plantio. O período mais adequado para o plantio da safra da seca vai do início de janeiro, após a colheita do amendoim primeira safra (águas), até meados de fevereiro.

É importantíssimo que esse amendoim seja plantado dentro da janela acima, pois fora dela, dificilmente dará bons resultados.



Figura 6 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab.

Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
SE	Agreste Sergipano	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Nordeste Baiano	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Metropolitana de Salvador	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Ribeirão Preto						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Presidente Prudente						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Marília						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Assis						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

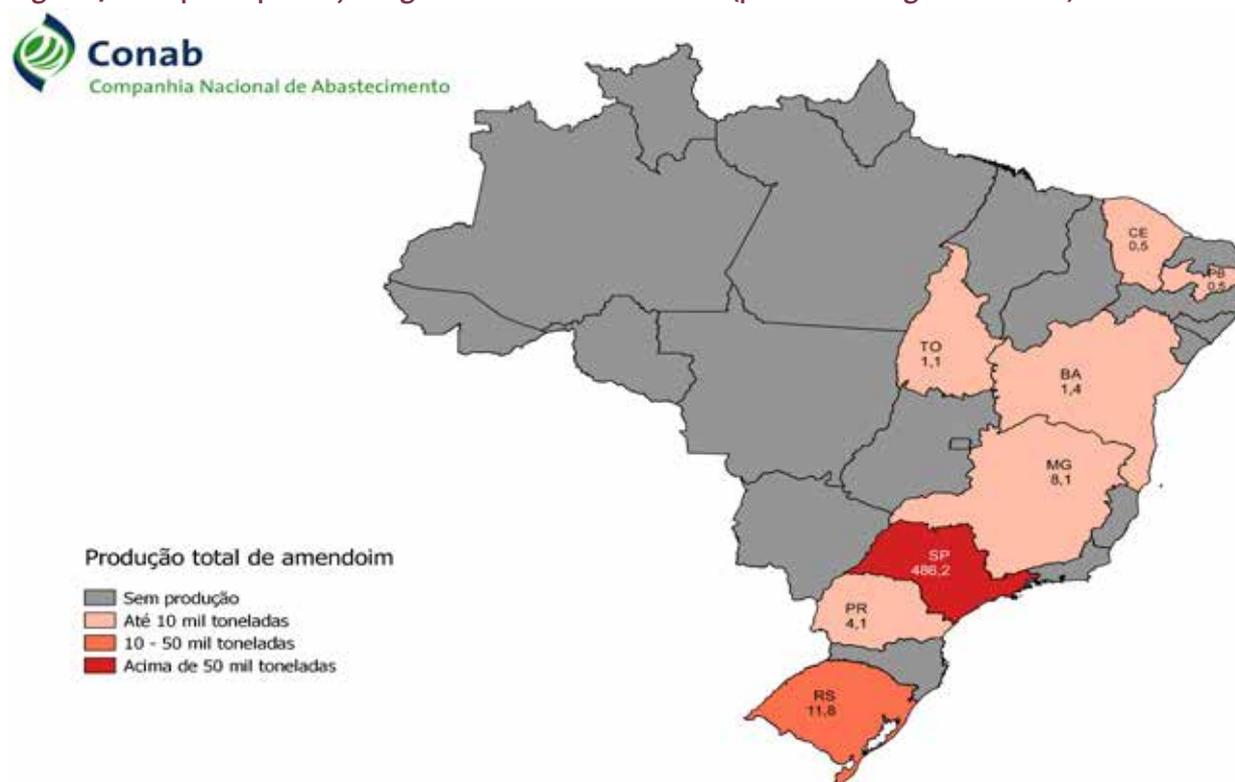
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	2,2	(33,3)	1.201	1.009	(15,9)	4,0	2,2	(45,0)
CE	0,3	0,3	-	1.269	1.293	1,9	0,4	0,4	-
PB	0,4	0,4	-	985	992	0,7	0,4	0,4	-
SE	1,1	-	(100,0)	1.613	-	(100,0)	1,8	-	(100,0)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
MS	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
SUDESTE	4,9	4,0	(18,4)	2.354	2.099	(10,8)	11,5	8,4	(27,0)
SP	4,9	4,0	(18,4)	2.354	2.099	(10,8)	11,5	8,4	(27,0)
NORTE/NORDESTE	3,6	2,5	(30,6)	1.501	1.343	(10,5)	5,4	3,3	(38,9)
CENTRO-SUL	7,4	4,0	(45,9)	2.978	2.099	(29,5)	22,0	8,4	(61,8)
BRASIL	11,0	6,5	(40,9)	2.494	1.808	(27,5)	27,4	11,7	(57,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 7 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab.



Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	2,2	(33,3)	1.201	1.009	(15,9)	4,0	2,2	(45,0)
CE	0,3	0,3	-	1.269	1.293	1,9	0,4	0,4	-
PB	0,4	0,4	-	985	992	0,7	0,4	0,4	-
SE	1,1	-	(100,0)	1.613	-	(100,0)	1,8	-	(100,0)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
MS	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
SUDESTE	117,8	130,9	11,1	3.665	3.777	3,1	431,7	494,3	14,5
MG	2,6	2,3	(11,5)	3.615	3.527	(2,4)	9,4	8,1	(13,8)
SP	115,2	128,6	11,6	3.666	3.781	3,1	422,3	486,2	15,1
SUL	5,4	5,1	(5,6)	3.447	3.120	(9,5)	18,6	15,9	(14,5)
PR	2,0	1,5	(25,0)	3.406	2.747	(19,3)	6,8	4,1	(39,7)
RS	3,4	3,6	5,9	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
NORTE/NORDESTE	3,6	2,5	(30,6)	1.501	1.343	(10,5)	5,4	3,3	(38,9)
CENTRO-SUL	125,7	136,0	8,2	3.666	3.752	2,3	460,8	510,2	10,7
BRASIL	129,3	138,5	7,1	3.606	3.708	2,9	466,2	513,5	10,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

9.1.3. ARROZ

Em Rondônia, considerando os níveis percentuais, as lavouras de arroz no estado, safra e safrinha, são financiadas nas seguintes proporções: 5% por bancos oficiais, 7% com recursos do próprio produtor e 88% por agentes econômicos financiadores, entre outras empresas privadas que fomentam a rizicultura em todo o estado de Rondônia. O cultivo é exclusivamente de sequeiro, safra e safrinha, não havendo cultivos irrigados.

A justificativa para o reduzido volume de recursos financeiros captados em bancos oficiais está relacionada à documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente, fato que inviabiliza o acesso dos produtores ao crédito disponível junto aos bancos, embora o recurso financeiro exista, no entanto, o produtor não consegue captá-lo em sua integralidade. Nesse contexto, as tradings e empresas privadas, entram como segunda e principal opção ao produtor que necessita de aporte financeiro para investir/custear suas lavouras.

A área cultivada estimada para a implantação da cultura do arroz safra e safrinha 2017/18 é de 42,4 mil hectares, destes, 38,4 mil hectares são arroz safra e 4 mil hectares são arroz safrinha. Ao longo das safras o produtor de arroz não enxerga benefícios concretos e rentáveis para aumentar a área e alguns abandonam a cultura migrando para milho e principalmente à soja.

A produtividade do arroz safra é de 3.243 kg/ha, já a produtividade do arroz safrinha é menor, em torno de 2.994 kg/ha. A produção do arroz safra é de 124,6 mil toneladas, já a produção do arroz safrinha é de 11,9 mil toneladas. Tanto o arroz sequeiro primeira safra quanto a safrinha já foram colhidos.

Muitos produtores implantam o arroz em área de pastagem degradada ou em área de pousio, já no segundo ano cultivam a soja. O arroz configura-se como um grande desbravador para culturas anuais sucessoras, principalmente soja. A possibilidade de o arroz retornar à área tende a ser como opção para a rotação/sucessão de culturas, quebrando ciclos bióticos e abióticos nocivos.

O calendário agrícola seguiu um pouco atípico em virtude do atraso das chuvas iniciais, retardando o estabelecimento de muitas lavouras no campo. De forma geral, a safra foi implantada em novembro e dezembro, a safrinha entre janeiro e fevereiro, essa última sendo inserida em áreas cultivadas com soja.

O regime atual das chuvas é escasso, praticamente inexistente, radiação solar incidente muito forte, nebulosidade inexistente e umidade relativa do ar próxima de 30%.

Boa parte da produção é consumida no próprio es-



tado, o excedente enviado ao Acre e Amazonas, principalmente. A Bolívia tem estreitado relações comerciais com Rondônia, absorvendo quantidades significativas todo mês e uma pequena quantidade é exportada para o Peru.

Em Tocantins, as lavouras de sequeiro se desenvolveram bem dado aos bons volumes precipitados ocorridos durante todo o ciclo da cultura. Nas lavouras dos agricultores familiares, principalmente os assentados da reforma agrária, a colheita já está encerrada. O rendimento médio das lavouras ficou acima da média e a qualidade do produto também está melhor do que nas safras anteriores em virtude das excelentes condições pluviométricas nesta safra.

No caso do arroz irrigado, nessa safra houve atraso do plantio devido aos baixíssimos níveis dos reservatórios e rios da região. Todos os produtores tiveram que esperar o retorno das chuvas para poderem realizar o plantio com segurança de abastecimento de água para a inundação dos tabuleiros.

O excesso de chuvas em fevereiro provocou inundação dos tabuleiros, deixando parte das lavouras submersas, inclusive em áreas onde as lavouras já estavam em ponto de colheita. Devido ao excesso de água nos tabuleiros, aliado à menor disponibilidade de luminosidade, as lavouras apresentaram uma produtividade abaixo da esperada. As lavouras em estágio de enchimento de grãos foram as mais prejudicadas com essa inundação, apresentando um percentual de grãos chochos acima do normal. A colheita já está finalizada e a redução de produtividade foi confirmada.

No Pará, a área total do arroz é de 57,2 mil hectares, 10,2% menor que a safra 2016/17, aumento de 5,9% na produtividade e retração de 4,8% na produção em relação à safra anterior.

No município de Salvaterra, o arroz deixou de ser classificado como irrigado, passando a ser classificado como sequeiro, por isso, a diminuição na área e na produção. Somente o município de Cachoeira do Arari planta arroz irrigado.

Em Roraima, a área plantada, referente à safra 2017/18 do arroz irrigado de verão, foi confirmada em 12,3 mil hectares. A colheita do arroz finalizou em abril, apresentando um rendimento médio de 7.075 kg/ha.

Para a safra de inverno há manutenção dos dados do último levantamento, que é de 2.800 hectares. No plantio de inverno predomina a produção de sementes.

Na Bahia, o cultivo de arroz ocupa a área de 7,8 mil

hectares. Espera-se a produtividade de 1.200 kg/ha (20 scs/ha). A colheita está finalizada e estima-se a produção de 9,4 mil toneladas.

No Maranhão, a colheita das lavouras de arroz de sequeiro estão finalizadas em todas regiões pesquisadas, com ênfase para um ligeiro acréscimo da produtividade média observada na ordem de 5,1% em relação à safra anterior, passando de 1.775 kg/ha para 1.865 kg/ha, favorecido especificamente pelas condições climáticas favoráveis, sem, contudo, haver mudanças significativas no padrão tecnológico empregado nas unidades produtivas.

Para o arroz irrigado, foi finalizada a colheita nos municípios produtores de Arari, Vitória do Mearim e São Mateus do Maranhão, pertencentes à região dos Campos Naturais do Maranhão ou "Baixada Maranhense". O Município de Vitória do Mearim, responsável por 21% da área cultivada com arroz irrigado, encontra-se com as lavouras já estabelecidas, com 100% de sua área no estágio de desenvolvimento vegetativo.

Relativamente à área plantada realizamos neste levantamento uma adequação da área, que passou de 1,4 mil hectares para 3,8 mil hectares, tratando-se tão somente de ajuste nas informações anteriormente transmitidas. No tocante à produtividade média obtida, ficou evidenciado que o rendimento médio deve permanecer em torno de 4.500 kg/ha, devido ao excesso de chuvas que prejudicou a colheita.

Na Paraíba, nas regiões pesquisadas, tem-se o histórico do plantio de 12.000 hectares de arroz. A impossibilidade de competitividade com os preços do produto vindo de outras regiões do país fez com que parte dos produtores deixasse a exploração da cultura do arroz. O baixo regime de chuvas nos últimos cinco anos tornou escassas as reservas d'água para irrigação de salvamento, dificultando a atividade da rizicultura. Dado o histórico dos prejuízos sofridos na exploração dessa cultura, na safra passada foram plantadas apenas 921 hectares de arroz, que, por insuficiência de chuvas, apresentou produtividade de apenas 875 kg/ha. Apesar das frustrações ocorridas na safra pretérita, para esta safra, tem-se a possibilidade de área em torno de 1,1 mil hectares da cultura, com produtividade de 1.609 kg/ha.

Em Pernambuco, o arroz cultivado no estado fica restrito a áreas situadas entre os municípios de Cabrobó e Orocó, onde são cultivadas às margens e sobre ilhas do Rio São Francisco. Atualmente, toda a área cultivada é conduzida por agricultores integrados à empresa de beneficiamento de arroz da região, a qual deve cultivar uma área de 0,4 mil hectares ao longo do ano por meio desse sistema de parceria.



No Rio Grande do Norte, a situação do arroz é a mesma que relatamos no último levantamento, ou seja, o plantio é predominantemente de arroz vermelho. É cultivado no Vale do Apodi-RN e se trata de uma cultura que oferece um excelente suporte econômico e social para a região.

A área total de arroz a ser plantada nesta safra deverá atingir 1,1 mil hectares e se concentra, principalmente, nos municípios situados à margem do Rio Apodi/Mossoró, inseridos na Região do Vale do Apodi. A maior parte do cultivo é feita por meio de irrigação via inundação e em menor escala também é plantada em áreas de várzeas úmidas sem irrigação.

A atividade é basicamente desenvolvida em pequenas propriedades rurais, utilizando-se de mão de obra do grupo familiar. A atividade é de subsistência e em torno de 80% do arroz são consumidos na própria região e o excedente comercializado em outros mercados consumidores. Estima-se para esta safra um aumento de área de 10%.

Em Sergipe, a safra de arroz se encontra apenas com 10% de área prevista plantada. Dentre os motivos que atrasaram o plantio, destacam-se a distribuição tardia das sementes do governo do estado, sendo iniciadas na primeira quinzena de julho pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), em decorrência da manutenção dos canais de irrigação e instalações de moto-bombas. Contudo, é notório que o atraso na distribuição de sementes poderá comprometer o período ideal de semeadura, o que segundo alguns técnicos, reduziria em até 10% a área a ser plantada. Vale ressaltar que muitas dessas áreas ainda não tiveram seus solos preparados para a semeadura, o que dificulta ainda mais a perspectiva de alcançar 30% da semeadura na próxima quinzena. Foi relatado intenso ataque e proliferação de ratos nas proximidades dos tabuleiros irrigados, que estão sendo favorecidos pelas estiagens e menores volumes de precipitação em relação à última safra. A ocorrência descontrolada desses roedores pode comprometer entre 20 e 40% da produtividade, caso não haja controle.

Os três perímetros irrigados, Propriá, Betume e Cotinguiba, onde concentram mais de 95% do cultivo de arroz no estado, deverão semear esta gramínea em 4,7 mil hectares, com estimativa de produtividade de 7.500 kg/ha. Entretanto, em decorrência do início da safra, não há relatos de produção armazenada que esteja sendo ofertada, já que este indicador apenas proporciona maior ânimo ao produtor que espera encontrar preços superiores aos praticados na última safra. Com relação ao financiamento da safra, observou-se que a principal forma de obtenção de crédito para

a realização da orizicultura é feita a partir do financiamento dos insumos utilizados na atividade pelos compradores e atravessadores. Estima-se que cerca de 50% dos recursos sejam oriundos dessa maneira. Outros 40% são recursos próprios e apenas 10% da atividade é financiada por bancos públicos, principalmente o Banco do Brasil e Banco do Nordeste.

No Piauí, para o arroz irrigado primeira e segunda safras, a expectativa é de um pequeno aumento de área na ordem de 2,6% em relação à área da safra passada, com esse aumento, a área deve atingir 5,3 mil hectares. Para o arroz de sequeiro houve um incremento de 9,2% da área em relação à safra passada, com área de 65,5 hectares. Esse aumento de área ocorreu na região de cerrado, referente à agricultura empresarial, e na região norte do estado, referente à agricultura familiar.

O arroz irrigado primeira safra e o arroz de sequeiro se encontra com a área total plantada, o plantio na região sudoeste (cerrado) ocorreu entre a segunda quinzena de dezembro e a primeira de janeiro, já na região norte e centro-norte, onde se concentram as maiores áreas de arroz no estado, o plantio ocorreu entre a segunda quinzena de janeiro e a primeira de fevereiro. Dessa forma, as lavouras de sequeiro se encontram totalmente colhidas, já as lavouras irrigadas iniciaram a colheita.

A produtividade normal esperada para o arroz irrigado primeira e segunda safras é de 4.478 kg/ha, já para o arroz de sequeiro a produtividade gira em torno de 1.443 kg/ha, representando um aumento de 4,3% em relação à safra anterior.

Em Mato Grosso, a colheita dos 137,8 mil hectares semeados com arroz primeira safra foi encerrada em maio, com produtividade média de 3.252 kg/ha, leve queda de 0,8% em relação aos 3.226 kg/ha contabilizados em 2016/17.

Com o encerramento da safra, a cotação obtém certo suporte, após meses de baixa, a tendência é se firmar no segundo semestre. A comercialização estadual é estimada em 77%.

A colheita dos 5,8 mil hectares de arroz irrigado e sequeiro de segunda safra foi finalizada em junho, com safra considerada como satisfatória e com a maior parte do produto em boa qualidade, ainda que uma parcela referente às lavouras de sequeiro tenha apresentado pequena parte dos grãos com baixa qualidade, por conta do atraso do plantio, fato que prejudicou a granação da lavoura. A produtividade média é estimada em 3.659 kg/ha, com redução de 4,1% em relação aos 3.815 kg/ha registrados na última temporada.



Em São Paulo, como já informado anteriormente, demonstra uma estabilidade de área. O produto é pouco cultivado no estado. O cereal se concentra basicamente em dois municípios, Guaratinguetá e Pindamonhangaba, ambos pertencentes ao vale do Paraíba (sentido Rio Janeiro). O arroz consumido em São Paulo é todo oriundo do Rio Grande do Sul.

Os poucos produtores que se dedicam ao plantio do arroz no estado comercializam sua produção em nível de propriedade ou com finalidade de consumo doméstico.

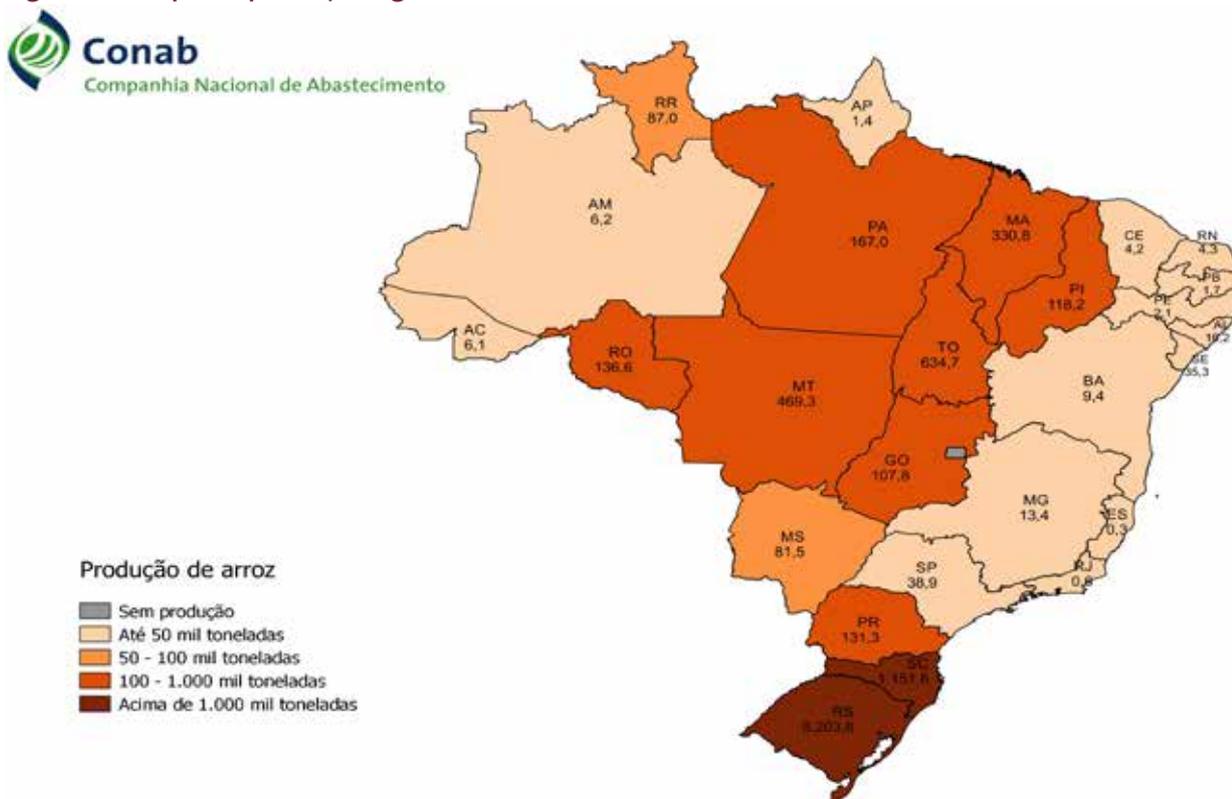
Quanto à área prevista dentro do estado fica em torno de 9,5 mil hectares e a produtividade média, em torno de 4.094 kg/ha.

No Rio Grande do Sul, a colheita já foi concluída. Com a confirmação dos resultados da safra 2017/18, a produtividade média nesse levantamento foi ajustada para 7.851 kg/ha (3,2% superior ao levantamento an-

terior), seguindo tendência já verificada desde março, quando a expectativa que era de produtividade ligeiramente inferior à média histórica foi substituída por produtividade superior. Assim, esse resultado é um dos melhores já verificados no estado.

No início do ciclo da cultura, o atraso na semeadura, com boa parte das lavouras tendo sido implantadas fora do período preferencial, e as dificuldades na fase inicial de desenvolvimento do arroz, fizeram com que as estimativas, naquele momento, fossem gradativamente reduzidas. Porém, uma condição climática anormal durante o verão no estado, com anomalias positivas de temperatura e maior incidência de radiação, justamente no período crítico da cultura, floração e enchimento de grãos, fez com que as perdas que poderiam ocorrer pelo atraso na semeadura e estabelecimento irregular fossem totalmente revertidas, passando-se, então, a reajustar-se para cima a produtividade estadual.

Figura 8 - Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab.



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	263,0	259,2	(1,4)	4.129	4.045	(2,0)	1.085,8	1.048,3	(3,5)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.075	-	87,0	87,0	-
RO	40,6	42,4	4,4	2.956	3.219	8,9	120,0	136,5	13,8
AC	4,3	5,0	16,3	1.399	1.223	(12,6)	6,0	6,1	1,7
AM	3,2	2,7	(15,6)	2.183	2.296	5,2	7,0	6,2	(11,4)
AP	1,5	1,5	-	945	952	0,7	1,4	1,4	-
PA	68,8	62,8	(8,7)	2.728	2.808	2,9	187,7	176,4	(6,0)
TO	132,3	132,5	0,2	5.115	4.790	(6,3)	676,7	634,7	(6,2)
NORDESTE	229,2	265,9	16,0	1.908	1.975	3,5	437,3	525,2	20,1
MA	141,6	173,9	22,8	1.807	1.923	6,4	255,9	334,3	30,6
PI	65,2	70,8	8,6	1.629	1.670	2,5	106,2	118,2	11,3
CE	4,7	3,3	(29,8)	2.076	1.068	(48,6)	9,7	3,6	(62,9)
RN	1,0	1,1	10,0	3.766	3.945	4,8	3,8	4,3	13,2
PB	0,9	1,1	22,2	875	1.609	83,9	0,8	1,8	125,0
PE	0,2	0,4	100,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.500	(0,5)	35,4	35,3	(0,3)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	199,4	179,5	(10,0)	3.672	3.653	(0,5)	732,3	655,6	(10,5)
MT	162,3	143,6	(11,5)	3.266	3.268	0,1	530,0	469,3	(11,5)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.700	(5,0)	93,0	81,5	(12,4)
GO	21,6	21,6	-	5.059	4.852	(4,1)	109,3	104,8	(4,1)
SUDESTE	16,1	14,7	(8,7)	3.399	3.611	6,2	54,7	53,0	(3,1)
MG	6,0	4,8	(20,0)	2.534	2.791	10,2	15,2	13,4	(11,8)
ES	0,1	0,1	-	2.471	3.468	40,3	0,2	0,3	50,0
RJ	0,3	0,3	-	3.667	1.483	(59,6)	1,1	0,4	(63,6)
SP	9,7	9,5	(2,1)	3.935	4.094	4,0	38,2	38,9	1,8
SUL	1.273,2	1.247,4	(2,0)	7.868	7.811	(0,7)	10.017,7	9.743,1	(2,7)
PR	25,1	23,1	(8,0)	6.506	5.684	(12,6)	163,3	131,3	(19,6)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.850	2,8	1.125,8	1.151,6	2,3
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.851	(1,0)	8.728,6	8.460,2	(3,1)
NORTE/NORDESTE	492,2	525,1	6,7	3.095	2.997	(3,2)	1.523,1	1.573,5	3,3
CENTRO-SUL	1.488,7	1.441,6	(3,2)	7.258	7.250	(0,1)	10.804,7	10.451,7	(3,3)
BRASIL	1.980,9	1.966,7	(0,7)	6.223	6.114	(1,7)	12.327,8	12.025,2	(2,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	140,6	134,5	(4,3)	2.526	2.716	7,5	355,1	365,3	2,9
RO	40,6	42,4	4,4	2.956	3.219	8,9	120,0	136,5	13,8
AC	4,3	5,0	16,0	1.399	1.223	(12,6)	6,0	6,1	1,7
AM	3,2	2,7	(15,6)	2.183	2.296	5,2	7,0	6,2	(11,4)
AP	1,5	1,5	-	945	952	0,7	1,4	1,4	-
PA	63,7	57,2	(10,2)	2.592	2.746	5,9	165,1	157,1	(4,8)
TO	27,3	25,7	(5,9)	2.036	2.257	10,9	55,6	58,0	4,3
NORDESTE	213,3	247,7	16,1	1.623	1.719	5,9	346,2	425,9	23,0
MA	140,2	170,1	21,3	1.775	1.865	5,1	248,9	317,2	27,4
PI	60,0	65,5	9,2	1.384	1.443	4,3	83,0	94,5	13,9
CE	4,1	3,2	(22,0)	1.516	929	(38,7)	6,2	3,0	(51,6)
PB	0,9	1,1	22,0	875	1.609	83,9	0,8	1,8	125,0
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	158,1	144,5	(8,6)	3.187	3.208	0,7	503,8	463,5	(8,0)
MT	151,4	137,8	(9,0)	3.226	3.252	0,8	488,4	448,1	(8,3)
GO	6,7	6,7	-	2.300	2.300	-	15,4	15,4	-
SUDESTE	7,1	5,8	(18,3)	2.093	2.244	7,3	14,8	12,9	(12,8)
MG	4,7	3,5	(25,5)	1.563	1.756	12,3	7,3	6,1	(16,4)
ES	0,1	0,1	-	2.471	3.468	40,3	0,2	0,3	50,0
RJ	0,3	0,3	-	3.667	1.483	(59,6)	1,1	0,4	(63,6)
SP	2,0	1,9	(5,0)	3.082	3.200	3,8	6,2	6,1	(1,6)
SUL	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.973	(2,9)	10,8	6,7	(38,0)
PR	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.973	(2,9)	10,8	6,7	(38,0)
NORTE/NORDESTE	353,9	382,2	8,0	1.982	2.070	4,5	701,3	791,2	12,8
CENTRO-SUL	170,5	153,7	(9,9)	3.105	3.144	1,3	529,4	483,1	(8,7)
BRASIL	524,4	535,9	2,2	2.347	2.378	1,3	1.230,7	1.274,3	3,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	122,4	124,7	1,9	5.970	5.477	(8,3)	730,7	683,0	(6,5)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.075	-	87,0	87,0	-
PA	5,1	5,6	9,8	4.433	3.446	(22,3)	22,6	19,3	(14,6)
TO	105,0	106,8	1,7	5.915	5.400	(8,7)	621,1	576,7	(7,1)
NORDESTE	15,9	18,2	14,5	5.732	5.456	(4,8)	91,1	99,3	9,0
MA	1,4	3,8	171,4	5.020	4.500	(10,4)	7,0	17,1	144,3
PI	5,2	5,3	2,6	4.453	4.478	0,6	23,2	23,7	2,2
CE	0,6	0,1	(83,3)	5.900	5.500	(6,8)	3,5	0,6	(82,9)
RN	1,0	1,1	10,0	3.766	3.945	4,8	3,8	4,3	13,2
PE	0,2	0,4	75,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.500	(0,5)	35,4	35,3	(0,3)
CENTRO-OESTE	41,3	35,0	(15,3)	5.532	5.489	(0,8)	228,5	192,1	(15,9)
MT	10,9	5,8	(46,8)	3.815	3.659	(4,1)	41,6	21,2	(49,0)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.700	(5,0)	93,0	81,5	(12,4)
GO	14,9	14,9	-	6.300	6.000	(4,8)	93,9	89,4	(4,8)
SUDESTE	9,0	8,9	(1,1)	4.429	4.501	1,6	39,9	40,1	0,5
MG	1,3	1,3	-	6.043	5.577	(7,7)	7,9	7,3	(7,6)
SP	7,7	7,6	(1,3)	4.157	4.317	3,8	32,0	32,8	2,5
SUL	1.267,9	1.244,0	(1,9)	7.893	7.827	(0,8)	10.006,9	9.736,4	(2,7)
PR	19,8	19,7	(0,5)	7.704	6.324	(17,9)	152,5	124,6	(18,3)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.850	2,8	1.125,8	1.151,6	2,3
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.851	(1,0)	8.728,6	8.460,2	(3,1)
NORTE/NORDESTE	138,3	142,9	3,3	5.943	5.475	(7,9)	821,8	782,3	(4,8)
CENTRO-SUL	1.318,2	1.287,9	(2,3)	7.795	7.740	(0,7)	10.275,3	9.968,6	(3,0)
BRASIL	1.456,5	1.430,8	(1,8)	7.619	7.514	(1,4)	11.097,1	10.750,9	(3,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A área semeada com o feijão primeira safra foi de 1.053,8 mil hectares, 5,1% menor se comparada à safra passada, que foi de 1.111 mil hectares.

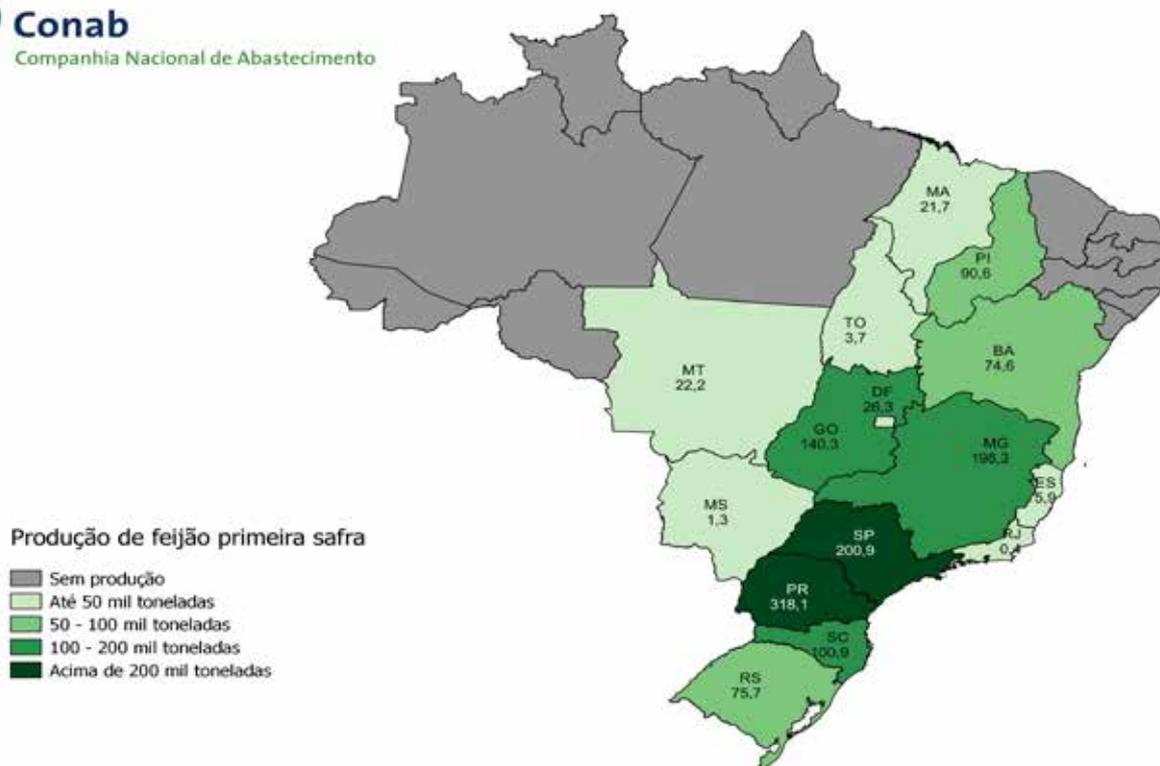
A produtividade média estimada para essa cultura foi de 1.215 kg/ha, na média nacional, 0,8% abaixo do ob-

tido na última safra.

A partir desses resultados de área e produtividade, a produção nacional para o feijão primeira safra está estimada em 1.280,9 mil toneladas, representando decréscimo de 5,9% em relação à safra anterior.



Figura 9 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	M/C		
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	DV	F	F/FR/M	M/C					
	Norte Mato-grossense			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal				PP	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Norte de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C				
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	5,9	22,9	649	624	(3,8)	3,1	3,7	19,4
TO	4,8	5,9	22,9	649	624	(3,8)	3,1	3,7	19,4
NORDESTE	490,2	429,8	(12,3)	453	435	(4,1)	222,1	186,9	(15,8)
MA	36,4	37,8	3,8	570	575	0,9	20,7	21,7	4,8
PI	226,9	235,3	3,7	294	385	31,0	66,7	90,6	35,8
BA	226,9	156,7	(30,9)	594	476	(19,9)	134,7	74,6	(44,6)
CENTRO-OESTE	81,5	81,7	0,2	2.203	2.326	5,6	179,5	190,1	5,9
MT	10,8	12,6	16,7	1.525	1.762	15,5	16,5	22,2	34,5
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.650	(8,3)	1,4	1,3	(7,1)
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	12,1	12,1	-	1.895	2.170	14,5	22,9	26,3	14,8
SUDESTE	247,3	243,7	(1,5)	1.651	1.664	0,8	408,3	405,5	(0,7)
MG	161,0	157,2	(2,4)	1.213	1.261	4,0	195,2	198,3	1,6
ES	4,6	6,1	32,6	1.174	970	(17,4)	5,4	5,9	9,3
RJ	0,6	0,4	(33,3)	1.127	938	(16,8)	0,7	0,4	(42,9)
SP	81,1	80,0	(1,4)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
SUL	287,2	292,7	1,9	1.907	1.690	(11,3)	547,6	494,7	(9,7)
PR	194,1	199,6	2,8	1.880	1.594	(15,2)	364,8	318,1	(12,8)
SC	51,3	53,6	4,5	2.160	1.883	(12,8)	110,8	100,9	(8,9)
RS	41,8	39,5	(5,5)	1.721	1.916	11,3	72,0	75,7	5,1
NORTE/NORDESTE	495,0	435,7	(12,0)	455	437	(3,9)	225,2	190,6	(15,4)
CENTRO-SUL	616,0	618,1	0,3	1.843	1.764	(4,3)	1.135,4	1.090,3	(4,0)
BRASIL	1.111,0	1.053,8	(5,1)	1.225	1.215	(0,8)	1.360,6	1.280,9	(5,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
DF	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
SUDESTE	9,8	9,2	(6,1)	965	900	(6,8)	9,5	8,3	(12,6)
MG	6,9	6,8	(1,6)	838	868	3,6	5,8	5,9	1,7
ES	2,3	2,0	(13,0)	1.304	1.000	(23,3)	3,0	2,0	(33,3)
RJ	0,6	0,4	(33,0)	1.127	938	(16,8)	0,7	0,4	(42,9)
SUL	163,7	169,8	3,7	1.880	1.694	(9,9)	307,8	287,6	(6,6)
PR	112,0	118,7	6,0	1.929	1.670	(13,4)	216,0	198,2	(8,2)
SC	19,9	21,6	8,4	2.200	1.885	(14,3)	43,8	40,7	(7,1)
RS	31,8	29,5	(7,2)	1.508	1.650	9,4	48,0	48,7	1,5
CENTRO-SUL	174,7	180,2	3,1	1.829	1.655	(9,5)	319,5	298,2	(6,7)
BRASIL	174,7	180,2	3,1	1.829	1.655	(9,5)	319,5	298,2	(6,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,4	0,8	100,0	1.080	881	(18,4)	0,4	0,7	75,0
TO	0,4	0,8	100,0	1.080	881	(18,4)	0,4	0,7	75,0
NORDESTE	57,0	43,9	(23,0)	862	470	(45,5)	49,1	20,6	(58,0)
BA	57,0	43,9	(23,0)	862	470	(45,5)	49,1	20,6	(58,0)
CENTRO-OESTE	73,9	74,1	0,3	2.296	2.430	5,9	169,6	180,1	6,2
MT	4,4	6,2	40,9	1.998	2.342	17,2	8,8	14,5	64,8
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.650	(8,3)	1,4	1,3	(7,1)
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	10,9	10,9	-	1.900	2.200	15,8	20,7	24,0	15,9
SUDESTE	223,4	220,7	(1,2)	1.752	1.765	0,7	391,5	389,6	(0,5)
MG	140,0	136,6	(2,4)	1.301	1.353	4,0	182,1	184,8	1,5
ES	2,3	4,1	78,0	1.043	955	(8,4)	2,4	3,9	62,5
SP	81,1	80,0	(1,3)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
SUL	123,5	122,9	(0,5)	1.941	1.685	(13,2)	239,8	207,1	(13,6)
PR	82,1	80,9	(1,5)	1.812	1.482	(18,2)	148,8	119,9	(19,4)
SC	31,4	32,0	1,9	2.134	1.881	(11,9)	67,0	60,2	(10,1)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
NORTE/NORDESTE	57,4	44,7	(22,1)	864	477	(44,7)	49,5	21,3	(57,0)
CENTRO-SUL	420,8	417,7	(0,7)	1.903	1.860	(2,3)	800,9	776,8	(3,0)
BRASIL	478,2	462,4	(3,3)	1.779	1.726	(3,0)	850,4	798,1	(6,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,4	5,1	15,9	610	584	(4,3)	2,7	3,0	11,1
TO	4,4	5,1	15,9	610	584	(4,3)	2,7	3,0	11,1
NORDESTE	433,2	385,9	(10,9)	400	431	7,8	173,0	166,2	(3,9)
MA	36,4	37,8	(36,9)	570	575	0,9	20,7	21,7	4,8
PI	226,9	235,3	3,7	294	385	31,0	66,7	90,6	35,8
BA	169,9	112,8	(33,6)	504	478	(5,2)	85,6	53,9	(37,0)
CENTRO-OESTE	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
MT	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
SUDESTE	14,1	13,8	(2,1)	519	548	5,6	7,3	7,6	4,1
MG	14,1	13,8	(2,1)	519	548	5,6	7,3	7,6	4,1
NORTE/NORDESTE	437,6	391,0	(10,6)	402	433	7,7	175,7	169,2	(3,7)
CENTRO-SUL	20,5	20,2	(1,5)	732	755	3,1	15,0	15,3	2,0
BRASIL	458,1	411,2	(10,2)	416	449	7,7	190,7	184,5	(3,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



9.2.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Para o feijão segunda safra, a área semeada é estimada em 1.533,1 mil hectares, um incremento de 7,4% quando comparada à safra passada. Nas Regiões Norte/Nordeste, a estimativa é de uma área de 851 mil

hectares semeadas, nessa safra, aumento de 17,4% em relação à safra passada, enquanto na Região Centro-Sul é esperada uma redução de 2,8%, se comparada à safra passada.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é o segundo tipo de feijão mais produzido na segunda safra. A estimativa é de 379,1 mil toneladas para a safra 2017/18, ou seja, 11,9% inferior à safra passada.

Na Bahia, o extremo-oeste é a mesorregião onde se cultiva a segunda safra de feijão-comum cores. Os plantios ocorreram em meados de fevereiro, em uma área de 10 mil hectares, com manejo irrigado em sistema de pivô central, em sucessão às lavouras de soja. A colheita se encontra finalizada. A produção está estimada em 24 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul aproximadamente 26 mil hectares foram semeados e estima-se uma produtividade média de 1.300 kg/ha. Atualmente há um novo veranico, visto que em julho não houve precipitações no estado, comprometendo as lavouras que ainda estavam em desenvolvimento. Atualmente a cultura se encontra com aproximadamente 40% na fase de maturação e 60% das lavouras colhidas.

Em Minas Gerais, a segunda safra de feijão-comum cores apresentou uma irrisória redução de área em relação à safra anterior, e a produtividade ficou aquém do esperado nessa safra. Isso se deve, em parte pela escassez de chuvas entre abril e maio, além do clima desfavorável que desmotivou os produtores, levando-os a reduzir os investimentos na cultura. Em alguns municípios houve relatos de lavouras que foram

abandonadas devido a baixa produtividade ter inviabilizado a colheita. Fatos que ocorreu, especialmente, em áreas de plantios tardios. As lavouras que foram plantadas mais cedo sofreram menor influências do clima. A redução na produtividade foi de 9,4% em relação à safra anterior.

A maioria das lavouras já foram colhidas, restando apenas algumas áreas em fase de maturação, onde a colheita deve ser finalizada até meados de agosto. Apesar de em alguns municípios ter ocorrido má formação dos grãos, no geral, a qualidade do produto está sendo considerada boa. Apesar dos preços considerados ruins, as negociações seguem normalmente visto a falta de condições adequadas de armazenamento, sobretudo, por parte dos produtores de pequeno porte.

Em São Paulo, a produção de feijão-comum cores segunda safra se apresenta de forma reduzida devido à presença da mosca-branca, principalmente nas regiões onde existe o cultivo de feijão ou soja na primeira safra, o que desestimula os produtores a cultivarem. Com esse diferencial, o preço do feijão oscila bastante, pois a produção é praticamente inexistente nessa época do ano. A estimativa de produtividade é de 1.775 kg/ha, 2,2% menor que na última safra, devido também ao clima não favorável à cultura. A cultura se encontra toda colhida.

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. A estimativa é de uma produção de 180 mil toneladas em uma área de 131,3 mil hectares, obtendo em média a produtividade de 1.371 kg/ha.

Na Paraíba esse feijão é explorado em poucos municípios. A atual safra supera as perspectivas de crescimento de área, registrando 1,7 mil hectares já implantadas e a produtividade estimada está em 550 kg/ha.

Em Minas Gerais, tradicionalmente o feijão-comum preto é cultivado, em quase sua totalidade, na região

da Zona da Mata, Central e Rio Doce. Nesta segunda safra estima-se uma área de 6,4 mil hectares, onde se deve colher 5,4 mil toneladas, com produtividade estimada em 838 kg/ha, 10% inferior em relação à safra passada.

De modo geral, a produtividade do feijão-comum preto é inferior à do feijão-comum cores, mesmo em cultivos tecnificados. Por outro lado, os preços são notoriamente mais altos que aqueles pagos pelo cores, fato que tem acarretado uma certa redução de consumo na região. A colheita está praticamente encerrada.



Feijão-caupi

O feijão-caupi ocupa a maior área semeada com feijão na segunda safra, com 1.022,7 mil hectares. A produção é estimada em 603,5 mil toneladas, 35,6% superior à safra passada.

Em Tocantins, as condições pluviométricas favoreceram o bom desenvolvimento das lavouras no início do ciclo, porém, devido à redução significativa após a segunda quinzena de abril, a produtividade apresenta uma queda considerável quando comparada à safra anterior, que obteve um ótimo rendimento. O fato das chuvas terem cessado cedo, gerando falta de umidade no final do ciclo, foi fator preponderante para a queda no rendimento das lavouras já colhidas. Outro fator que contribuiu para a menor produtividade foi a diminuição do investimento nas lavouras.

A cultura vem ganhando espaço no estado. Na região sudeste do estado, por exemplo, um grupo de produtores iniciou cultivo do grão na safra passada, para exportação, e consideraram a cultura uma ótima alternativa em substituição ao milho.

No Maranhão, avança a colheita em aproximadamente 87,4% da área, favorecida principalmente por fatores climáticos favoráveis, devendo avançar ainda mais nos próximos dias. A cultura, conduzida normalmente no final do período chuvoso, deve ter um leve aumento da sua área plantada nesta estação, passando de 51,4 mil hectares plantados na safra 2016/17, para 52,7 mil hectares na safra atual, o que representa um incremento na ordem de 2,5%, favorecido principalmente pelas previsões climáticas favoráveis que acabaram por estimular principalmente pequenos e médios produtores a expandir e diversificar seus cultivos.

É importante destacar que a cadeia produtiva do feijão no estado apresenta uma série de limitações, quer em nível de comercialização, restrito normalmente a pequenos negócios informais normalmente ofertados na forma de feijão-verde em grão ou ainda na vagem, quer no produto final frequentemente desprovido de padronização/classificação, o que reflete, praticamente, na ausência total do produto no mercado local.

Na Paraíba, em anos anteriores, o feijão-caupi foi prejudicado pela falta de chuvas. Na presente safra ocorreu um importante incremento de área, com o plantio de 76,7 mil hectares, com produtividade de 452 kg/ha.

No Ceará, o rendimento do feijão-caupi apresentou aumento significativo de 38,3%. Isso ocorreu porque as chuvas foram muito favoráveis para essa cultura. Houve chuvas na época de desenvolvimento da cultura (inclusive no replantio, que ocorre entre março e abril).

No Rio Grande do Norte, a área plantada estimada para a presente safra é de 45,1 mil hectares, ou seja, um incremento de 26,1% em relação à área plantada, na safra passada. Além disso, a produtividade média será maior em 10,1% se comparada à safra anterior.

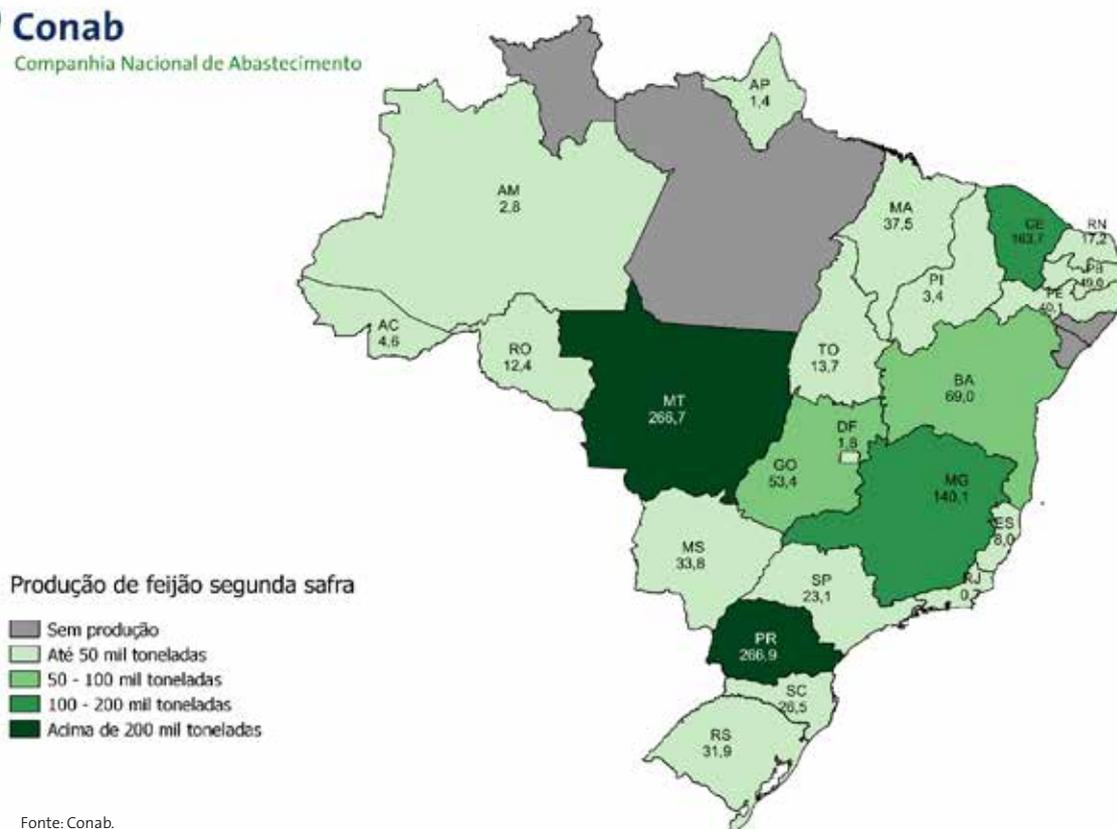
Na Bahia, estima-se o cultivo de 50 mil hectares, com a produção de 45 mil toneladas em regime de sequeiro, oportunizando o final da estação chuvosa e, irrigado, em sucessão à soja precoce. Os plantios ocorreram em meados de fevereiro e a colheita está finalizada. O feijão-caupi segunda safra é cultivado na mesorregião Extremo Oeste.

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi foi finalizada em julho e houve queda de rendimento. A cultura, que já havia sofrido com o excesso de umidade no início da safra, enfrentou, ao longo de seu desenvolvimento, períodos de estiagem, decorrentes do atraso no plantio, que foram determinantes para o recuo de sua produtividade média. Em sua fase final de cultivo, o feijão-caupi ainda registrou incidência de insetos, colaborando para redução do rendimento, o qual está estimado em 1.043 kg/ha, 3,3% inferior ao obtido na última safra.

A comercialização segue em ritmo lento, com estimativa de aproximadamente metade da produção negociada. O aumento da produção do feijão-caupi em outros estados, mais próximos à Região Nordeste do Brasil, principal consumidora do produto, em âmbito interno, bem como a menor demanda por parte dos principais destinos de exportação, no Oriente Médio e na Ásia, explicam as baixas cotações.



Figura 10 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Central Mineira						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Oeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Zona da Mata						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV	DV/F	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Metropolitana de Curitiba					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
SC	Oeste Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Norte Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Sul Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	55,9	47,1	(15,7)	1.171	740	(36,8)	65,4	34,9	(46,6)
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	858	(11,6)	18,7	12,4	(33,7)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	3,1	(18,4)	1.239	900	(27,4)	4,7	2,8	(40,4)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
TO	23,8	20,6	(13,4)	1.520	666	(56,2)	36,2	13,7	(62,2)
NORDESTE	669,0	803,9	20,2	307	472	53,7	205,6	379,9	84,8
MA	51,4	52,7	2,5	699	711	1,7	35,9	37,5	4,5
PI	6,3	5,4	(14,3)	572	621	8,6	3,6	3,4	(5,6)
CE	407,0	406,8	-	292	402	37,8	118,8	163,7	37,8
RN	35,8	45,1	26,0	347	382	10,1	12,4	17,2	38,7
PB	90,0	102,1	13,4	316	480	51,9	28,4	49,0	72,5
PE	78,5	131,8	67,9	83	304	266,4	6,5	40,1	516,9
BA	-	60,0	-	-	1.150	-	-	69,0	-
CENTRO-OESTE	276,6	309,6	11,9	1.264	1.149	(9,0)	349,6	355,7	1,7
MT	230,7	242,4	5,1	1.172	1.100	(6,1)	270,3	266,7	(1,3)
MS	26,0	26,0	-	1.692	1.300	(23,2)	44,0	33,8	(23,2)
GO	19,0	40,1	111,1	1.750	1.333	(23,8)	33,3	53,4	60,4
DF	0,9	1,1	22,2	2.189	1.668	(23,8)	2,0	1,8	(10,0)
SUDESTE	138,8	138,6	(0,1)	1.367	1.239	(9,3)	189,7	171,9	(9,4)
MG	116,8	116,2	(0,5)	1.331	1.205	(9,4)	155,4	140,1	(9,8)
ES	6,1	8,6	41,0	1.049	924	(11,9)	6,4	8,0	25,0
RJ	1,2	0,8	(33,3)	1.008	855	(15,2)	1,2	0,7	(41,7)
SP	14,7	13,0	(11,6)	1.815	1.775	(2,2)	26,7	23,1	(13,5)
SUL	286,6	233,9	(18,4)	1.363	1.391	2,0	390,6	325,3	(16,7)
PR	249,0	197,3	(20,8)	1.370	1.353	(1,3)	341,2	266,9	(21,8)
SC	18,3	17,3	(5,5)	1.417	1.533	8,2	25,9	26,5	2,3
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.654	35,6	23,5	31,9	35,7
NORTE/NORDESTE	724,9	851,0	17,4	374	487	30,3	271,0	414,8	53,1
CENTRO-SUL	702,0	682,1	(2,8)	1.325	1.250	(5,6)	929,9	852,9	(8,3)
BRASIL	1.426,9	1.533,1	7,4	842	827	(1,8)	1.200,9	1.267,7	5,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,1	1,7	54,5	405	550	35,8	0,4	0,9	125,0
PB	1,1	1,7	54,5	405	550	35,8	0,4	0,9	125,0
CENTRO-OESTE	1,1	0,1	(90,9)	1.555	1.850	19,0	1,7	0,2	(88,2)
MS	1,0	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	1,5	-	(100,0)
DF	0,1	0,1	-	2.100	1.850	(11,9)	0,2	0,2	-
SUDESTE	10,1	9,7	(4,0)	937	814	(13,2)	9,5	8,0	(15,8)
MG	6,4	6,4	-	931	838	(10,0)	6,0	5,4	(10,0)
ES	2,5	2,5	-	920	740	(19,6)	2,3	1,9	(17,4)
RJ	1,2	0,8	(33,0)	1.008	855	(15,2)	1,2	0,7	(41,7)
SUL	122,4	119,8	(2,1)	1.378	1.427	3,6	168,6	170,9	1,4
PR	88,6	87,1	(1,7)	1.418	1.369	(3,5)	125,6	119,2	(5,1)
SC	14,5	13,4	(7,6)	1.343	1.476	9,9	19,5	19,8	1,5
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.654	35,6	23,5	31,9	35,7
NORTE/NORDESTE	1,1	1,7	54,5	405	550	35,8	0,4	0,9	125,0
CENTRO-SUL	133,6	129,6	(3,0)	1.346	1.381	2,6	179,8	179,1	(0,4)
BRASIL	134,7	131,3	(2,5)	1.338	1.371	2,4	180,2	180,0	(0,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	32,2	25,1	(22,0)	956	806	(15,6)	30,7	20,3	(33,9)
RO	19,3	14,4	(25,2)	971	858	(11,6)	18,7	12,4	(33,7)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	3,1	(18,4)	1.239	900	(27,4)	4,7	2,8	(40,4)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
TO	2,1	0,6	(71,4)	1.312	642	(51,1)	2,8	0,4	(85,7)
NORDESTE	32,1	43,3	34,9	414	965	133,0	13,3	41,8	214,3
CE	2,8	4,2	50,0	565	530	(6,2)	1,6	2,2	37,5
PB	25,7	23,7	(7,8)	447	565	26,4	11,5	13,4	16,5
PE	3,6	5,4	50,0	62	400	545,2	0,2	2,2	1.000,0
BA	-	10,0	-	-	2.400	-	-	24,0	-
CENTRO-OESTE	73,2	67,8	(7,4)	1.769	1.534	(13,3)	129,6	104,0	(19,8)
MT	28,4	22,3	(21,5)	1.831	1.667	(9,0)	52,0	37,2	(28,5)
MS	25,0	26,0	4,0	1.700	1.300	(23,5)	42,5	33,8	(20,5)
GO	19,0	19,0	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	(4,2)
DF	0,8	0,5	(37,5)	2.200	2.200	-	1,8	1,1	(38,9)
SUDESTE	128,6	128,8	0,2	1.401	1.272	(9,2)	180,1	163,8	(9,1)
MG	110,3	109,7	(0,5)	1.354	1.227	(9,4)	149,3	134,6	(9,8)
ES	3,6	6,1	69,0	1.139	1.000	(12,2)	4,1	6,1	48,8
SP	14,7	13,0	(11,6)	1.815	1.775	(2,2)	26,7	23,1	(13,5)
SUL	164,2	114,1	(30,5)	1.352	1.353	0,1	222,1	154,4	(30,5)
PR	160,4	110,2	(31,3)	1.344	1.340	(0,3)	215,6	147,7	(31,5)
SC	3,8	3,9	2,6	1.700	1.728	1,6	6,5	6,7	3,1
NORTE/NORDESTE	64,3	68,4	6,4	685	907	32,3	44,0	62,1	41,1
CENTRO-SUL	366,0	310,7	(15,1)	1.453	1.359	(6,5)	531,8	422,2	(20,6)
BRASIL	430,3	379,1	(11,9)	1.338	1.277	(4,5)	575,8	484,3	(15,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	23,7	22,0	(7,2)	1.463	665	(54,6)	34,7	14,6	(57,9)
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
TO	21,7	20,0	(8,0)	1.540	667	(56,7)	33,4	13,3	(60,2)
NORDESTE	635,8	758,9	19,4	302	444	47,1	191,9	337,1	75,7
MA	51,4	52,7	2,5	699	711	1,7	35,9	37,5	4,5
PI	6,3	5,4	(14,9)	572	621	8,6	3,6	3,4	(5,6)
CE	404,2	402,6	(0,4)	290	401	38,3	117,2	161,4	37,7
RN	35,8	45,1	26,1	347	382	10,1	12,4	17,2	38,7
PB	63,2	76,7	21,4	261	452	73,2	16,5	34,7	110,3
PE	74,9	126,4	68,8	84	300	257,1	6,3	37,9	501,6
BA	-	50,0	-	-	900	-	-	45,0	-
CENTRO-OESTE	202,3	241,7	19,5	1.079	950	(12,0)	218,3	251,7	15,3
MT	202,3	220,1	8,8	1.079	1.043	(3,3)	218,3	229,6	5,2
GO	-	21,1	-	-	1.020	-	-	21,5	-
DF	-	0,5	-	-	1.100	-	-	0,6	-
SUDESTE	0,1	0,1	-	1.013	995	(1,8)	0,1	0,1	-
MG	0,1	0,1	-	1.013	995	(1,8)	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	659,5	780,9	18,4	344	450	31,1	226,6	351,7	55,2
CENTRO-SUL	202,4	241,8	19,5	1.079	950	(12,0)	218,4	251,8	15,3
BRASIL	861,9	1.022,7	18,7	516	568	10,1	445,0	603,5	35,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

9.2.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, a estimativa é que sejam cultivados 599,8 mil hectares e uma produtividade de

1.060 kg/ha, 18,7% inferior à registrada na safra passada.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é o mais produzido na terceira safra. A estimativa é de 563,6 mil toneladas para a safra 2017/18, ou seja, 25,1% inferior à safra passada.

pio, concentra-se cerca de 70% da área de feijão com propósito comercial.

Em Pernambuco, inicialmente, em razão do bom volume de chuvas ocorrido em abril, houve a expectativa de aumento na sua produção em relação à safra passada, prejudicada pela escassez de chuvas. Porém, entre maio e julho, as precipitações pluviométricas ficaram abaixo da média histórica e se deram de forma bastante irregular, o que impossibilitou o plantio da área tradicionalmente cultivada. Este cenário afetou as lavouras nos seus estádios de desenvolvimento e, conseqüentemente, deve resultar numa produção semelhante à da obtida na safra anterior.

Mesmo em áreas com produção destinada à subsistência, especialmente àquelas localizadas na região do Sertão e Agreste, a redução nas chuvas promoveu quebra de safra entre 80% e 40%, respectivamente, em razão do mal desenvolvimento das plantas, florescimento em período de estiagem e má formação dos grãos. A estimativa de área cultivada é de 10 mil hectares, com produtividade média de 230 kg/ha.

Em Sergipe, a produção de feijão do tipo comum-cores na terceira safra está severamente impactada, com redução considerável na área deste cultivo no município de Poço Verde em virtude dos longos períodos de veranicos ocorridos entre maio e julho, que não proporcionaram condições para a realização da semeadura. É importante destacar que, neste municí-

De modo geral, cerca de 74,5% das áreas sofreram impactos importantes com relação à redução de chuvas e longos períodos de veranicos. Observou-se que cerca de 41,8% das áreas se encontram em estágio de enchimento de grão, enquanto que outros 47,1% estão em florescimento e apenas 11,1% em desenvolvimento vegetativo. Apenas as lavouras da região do sul do estado, as quais tiveram maiores volumes e regularidade de precipitação, apresentam melhores condições de desenvolvimento, mesmo que a finalidade seja para subsistência.



Figura 11 – Área em estágio de granação e maturação em Poço Verde



Fonte: Conab.

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 201,5 mil hectares, com a produção esperada de 42,3 mil toneladas, atingindo a produtividade média de 210 kg/ha. Por ter um ciclo mais curto.

O plantio do feijão-comum cores terceira safra costuma ser consorciado ao milho nas microrregiões de Serrinha e Feira de Santana, cultivados em pequenas áreas pela agricultura familiar e de forma extensiva na microrregião de Ribeira do Pombal. A falta de chuvas em junho e julho impactou na redução da produtividade nos campos cultivados, estimando-se perdas de cerca de 70% da produção esperada. A colheita foi iniciada, observando a produtividade de 420 kg/ha nas áreas menos afetadas e produção perdida nas áreas mais castigadas pela restrição hídrica, resultando em um rendimento médio de 210 kg/ha. Estima-se que foram cultivados 201,5 mil hectares, com a produção esperada de 42,3 mil toneladas.

Figura 12 – Lavoura de feijão-comum cores terceira safra sendo arrancada manualmente para posterior processamento mecânico de debulha, em Euclides da Cunha - BA



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso, a expectativa de redução do espaço destinado ao cultivo do feijão-comum cores terceira safra se confirmou e a área semeada, nessa safra, foi de 29 mil hectares, queda de 46% em relação aos 53,7 mil hectares plantados na safra 2016/17.

A baixa cotação do grão, que se mantém ao longo dos últimos meses, tem desestimulado a produção sob pivôs de irrigação. O plantio está encerrado e a safra predominantemente em desenvolvimento vegetativo ou início da floração.

Figura 13 – Feijão irrigado em Feliz Natal - MT



Fonte: Conab.

Em Goiás, o plantio de feijão-comum cores terceira safra se concentra na região leste do estado. Cristalina é o maior produtor.

Os plantios ocorreram em maio e junho e a colheita deverá iniciar em julho, com o término previsto até o final de agosto. Em Cristalina, aproximadamente 30% da área já foi colhida. No cômputo geral do estado, a estimativa de rendimento é de 2.889 kg/ha.

No Distrito Federal, as lavouras apresentam bom estágio de desenvolvimento vegetativo e a colheita está prevista para acontecer entre agosto e setembro. A área plantada foi semelhante à cultivada na safra passada, 2,6 mil hectares. As atuais condições das lavouras indicam uma produtividade média de 2.997 kg/ha, 5% menor que a projeção estatística. A produção, por sua vez, poderá ser de 7,8 mil toneladas, semelhante à produção da safra anterior.

A normalidade das chuvas ocasionou o enchimento das barragens, tranquilizando de certa forma o produtor, levando em conta que o cultivo do feijão terceira safra no Distrito Federal é conduzido inteiramente sob irrigação.

Em Minas Gerais, a área de feijão-comum cores terceira deve sofrer redução de 6,5% em relação à safra



anterior, devido à desmotivação por causa do preço no estado. Diante desse cenário, alguns produtores optaram por pousio ou plantio de outras culturas.

A área prevista para o estado está praticamente toda plantada, com cultura em diversas fases de desenvolvimento. Como se trata de cultivo irrigado, não sofre muita influência do clima, de modo que as condições das lavouras são boas, demonstrando, inclusive, um pequeno aumento de produtividade em relação à safra anterior.

Visto que o plantio iniciou em maio e tende a se estender até o início de agosto, a colheita deverá se prolongar até o outubro. Do total de feijão cultivado na terceira safra, no estado, 99,7% trata-se de feijão-comum cores e 0,3% de feijão-comum preto.

Em São Paulo, a terceira safra do feijão-comum cores é plantada entre junho e julho, sempre sob sistema de irrigação, do tipo pivô-central, atingindo boa produtividade e suprindo parte do mercado, entre o final da comercialização do feijão da segunda safra e o início da primeira.

Essa cultura ocupa um lugar relevante na agricultura brasileira, tanto em área plantada quanto em quanti-

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é pouco cultivado durante a terceira safra, sua estimativa de produção é de 11,6 mil toneladas em uma área de 17,1 mil hectares, obtendo um rendimento médio de 677 kg/ha.

Em Pernambuco, o feijão sinaliza um crescimento de

Feijão-caupi

O feijão-caupi deverá ocupar uma área de 86,4 mil hectares na terceira safra de feijão. A produção é estimada em 60,3 mil toneladas.

No Pará, estima-se que foram cultivados 26,9 mil hectares e a colheita já iniciou. A monocultura do feijão é produzida, principalmente, pelos médios e grandes produtores, que usam bom pacote tecnológico.

Em Tocantins, as lavouras se encontram nas fases de florescimento e enchimento de grãos, tanto nas regiões de várzea quanto nas áreas irrigadas por pivô

central. A produtividade é estimada em 1.565 kg/ha, menor em relação à safra passada que foi considerada ótima.

Figura 14 - Feijão irrigado em Guaíra - SP



Fonte: Conab.

No Paraná, o plantio já está finalizado, com uma área total de 2,2 mil hectares, ou seja, 49% abaixo da safra anterior.

Essa redução aconteceu devido à estiagem ocorrida na época do plantio. Ainda em razão da estiagem, espera-se uma redução de 8% na produtividade da cultura, passando de 1.009 kg/ha na safra 2016/17, para 928 kg/ha na safra atual.

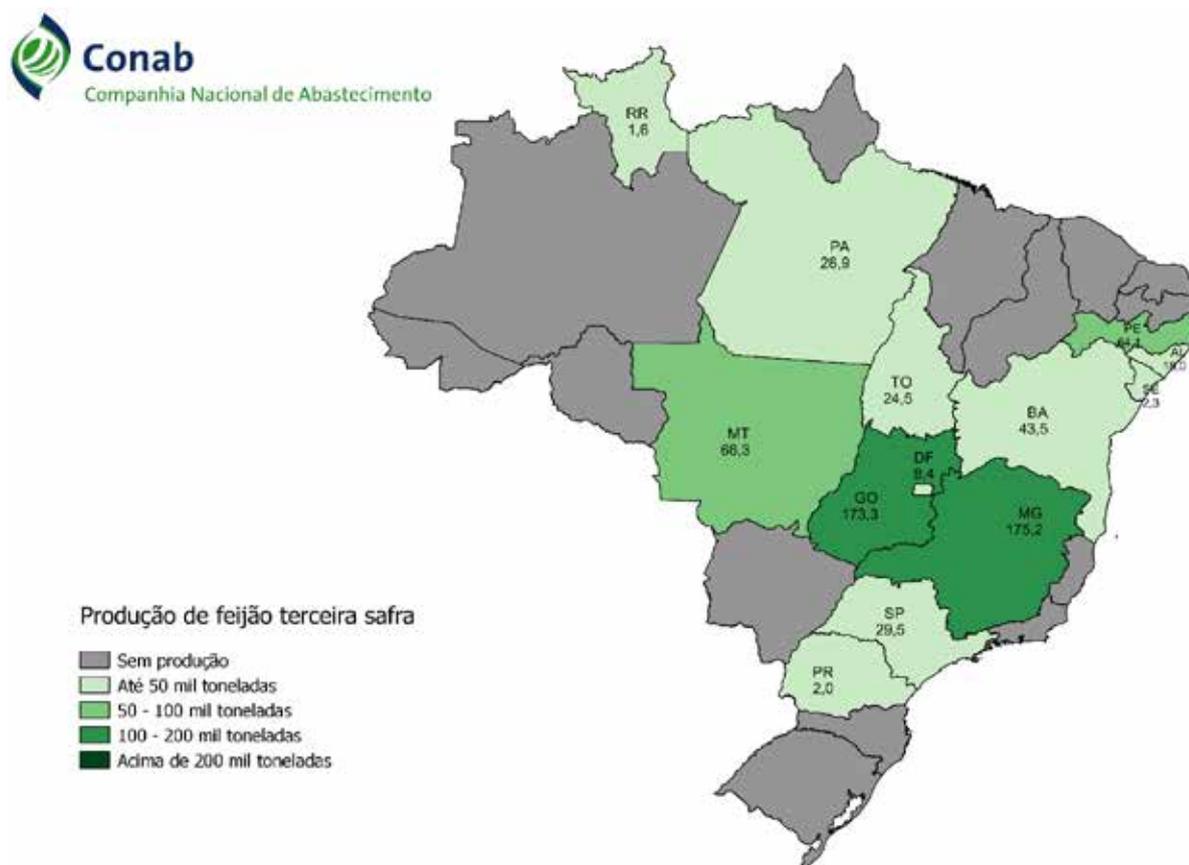
área de 20,3% em relação à safra passada e a estimativa de produtividade é de 645 kg/ha.

No Distrito Federal, a produtividade é estimada em 2.925 kg/ha em uma área de 0,2 mil hectares.

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 10 mil hectares, com a produção de 1,2 mil toneladas. Devido às restrições climáticas, as perdas estão estimadas em cerca de 75%, com a colheita prevista para meados de agosto. O feijão-caupi é cultivado em pequenas áreas da agricultura familiar e destinado ao mercado local e à subsistência. Se destaca, quando comparado ao feijão-comum cores, pela sua maior resistência ao déficit hídrico.



Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab.

Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
MT	Norte Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Sul Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
			C									P/DV	DV/F	FR/M/C
MG	Noroeste de Minas	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
SP	Ribeirão Preto	C									P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Araçatuba	C									P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C									P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C									P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média Restrição -Excesso de Chuvas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,2	52,3	0,2	1.190	1.011	(15,0)	62,2	53,0	(14,8)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	34,3	34,5	0,6	825	778	(5,7)	28,3	26,9	(4,9)
TO	15,5	15,4	(0,6)	2.081	1.589	(23,6)	32,3	24,5	(24,1)
NORDESTE	386,8	375,5	(2,9)	649	340	(47,6)	251,1	127,9	(49,1)
PE	107,6	113,9	5,9	478	562	17,7	51,4	64,1	24,7
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	10,0	(34,2)	871	230	(73,6)	13,2	2,3	(82,6)
BA	223,9	211,5	(5,5)	740	206	(72,2)	165,7	43,5	(73,7)
CENTRO-OESTE	116,8	91,8	(21,4)	2.632	2.702	2,7	307,4	248,0	(19,3)
MT	53,7	29,0	(46,0)	2.369	2.287	(3,5)	127,2	66,3	(47,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	3,1	2,8	(9,7)	2.962	2.992	1,0	9,2	8,4	(8,7)
SUDESTE	82,2	78,0	(5,1)	2.586	2.625	1,5	212,6	204,7	(3,7)
MG	70,4	65,8	(6,5)	2.619	2.663	1,7	184,4	175,2	(5,0)
SP	11,8	12,2	3,4	2.392	2.416	1,0	28,2	29,5	4,6
SUL	4,4	2,2	(50,0)	1.009	928	(8,0)	4,4	2,0	(54,5)
PR	4,4	2,2	(50,0)	1.009	928	(8,0)	4,4	2,0	(54,5)
NORTE/NORDESTE	439,0	427,8	(2,6)	714	422	(40,8)	313,3	180,9	(42,3)
CENTRO-SUL	203,4	172,0	(15,4)	2.578	2.644	2,6	524,4	454,7	(13,3)
Fonte: Conab BRASIL	642,4	599,8	(6,6)	1.304	1.060	(18,7)	837,7	635,6	(24,1)

Nota: Estimativa em agosto/2018.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,6	8,0	21,2	655	720	9,9	5,3	5,8	9,4
PA	6,1	7,6	24,1	638	627	(1,7)	3,9	4,8	23,1
TO	0,5	0,4	(21,5)	2.701	2.484	(8,0)	1,4	1,0	(28,6)
NORDESTE	329,5	316,7	(3,9)	707	328	(53,6)	223,8	103,9	(53,6)
PE	72,2	75,4	4,4	510	620	21,6	36,8	46,7	26,9
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	10,0	(34,2)	871	230	(73,6)	13,2	2,3	(82,6)
BA	212,3	201,5	(5,1)	750	210	(72,0)	159,2	42,3	(73,4)
CENTRO-OESTE	116,3	91,6	(21,2)	3.344	2.701	(19,2)	306,3	247,4	(19,2)
MT	53,7	29,0	(46,0)	2.369	2.287	(3,5)	127,2	66,3	(47,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	2,6	2,6	-	3.120	2.997	(3,9)	8,1	7,8	(3,7)
SUDESTE	82,0	77,8	(5,1)	2.730	2.628	(3,7)	212,3	204,5	(3,7)
MG	70,2	65,6	(6,5)	2.623	2.668	1,7	184,1	175,0	(4,9)
SP	11,8	12,2	3,4	2.392	2.416	1,0	28,2	29,5	4,6
SUL	4,4	2,2	(50,0)	2.018	928	(54,0)	4,4	2,0	(54,5)
PR	4,4	2,2	(49,0)	1.009	928	(8,0)	4,4	2,0	(54,5)
NORTE/NORDESTE	336,1	324,7	(3,4)	706	338	(52,1)	229,1	109,7	(52,1)
CENTRO-SUL	202,7	171,6	(15,3)	3.049	2.646	(13,2)	523,0	453,9	(13,2)
BRASIL	538,8	496,3	(7,9)	1.516	1.136	(25,1)	752,1	563,6	(25,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	45,6	44,3	(2,9)	1.247	1.064	(14,7)	56,9	47,2	(17,0)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	28,2	26,9	(4,5)	866	821	(5,2)	24,4	22,1	(9,4)
TO	15,0	15,0	-	2.060	1.565	(24,0)	30,9	23,5	(23,9)
NORDESTE	43,4	42,1	(3,0)	466	312	(33,2)	20,2	13,1	(35,1)
PE	21,5	21,8	1,4	350	300	(14,3)	7,5	6,5	(13,3)
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	11,6	10,0	(13,8)	558	120	(78,5)	6,5	1,2	(81,5)
CENTRO-OESTE	0,3	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,5	-	(100,0)
DF	0,3	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,5	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	89,0	86,4	(2,9)	866	697	(19,5)	77,1	60,3	(21,8)
CENTRO-SUL	0,3	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,5	-	(100,0)
BRASIL	89,3	86,4	(3,2)	869	697	(19,7)	77,6	60,3	(22,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	13,9	16,7	20,1	510	645	26,5	7,1	10,8	52,1
PE	13,9	16,7	20,3	510	645	26,5	7,1	10,8	52,1
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	3.100	2.925	(5,6)	0,6	0,6	-
DF	0,2	0,2	-	3.100	2.925	(5,6)	0,6	0,6	-
SUDESTE	0,2	0,2	-	1.100	1.117	1,5	0,2	0,2	-
MG	0,2	0,2	-	1.100	1.117	1,5	0,2	0,2	-
NORTE/NORDESTE	13,9	16,7	20,1	510	645	26,5	7,1	10,8	52,1
CENTRO-SUL	0,4	0,4	-	2.100	2.021	(3,8)	0,8	0,8	-
BRASIL	14,3	17,1	19,6	554	677	22,1	7,9	11,6	46,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

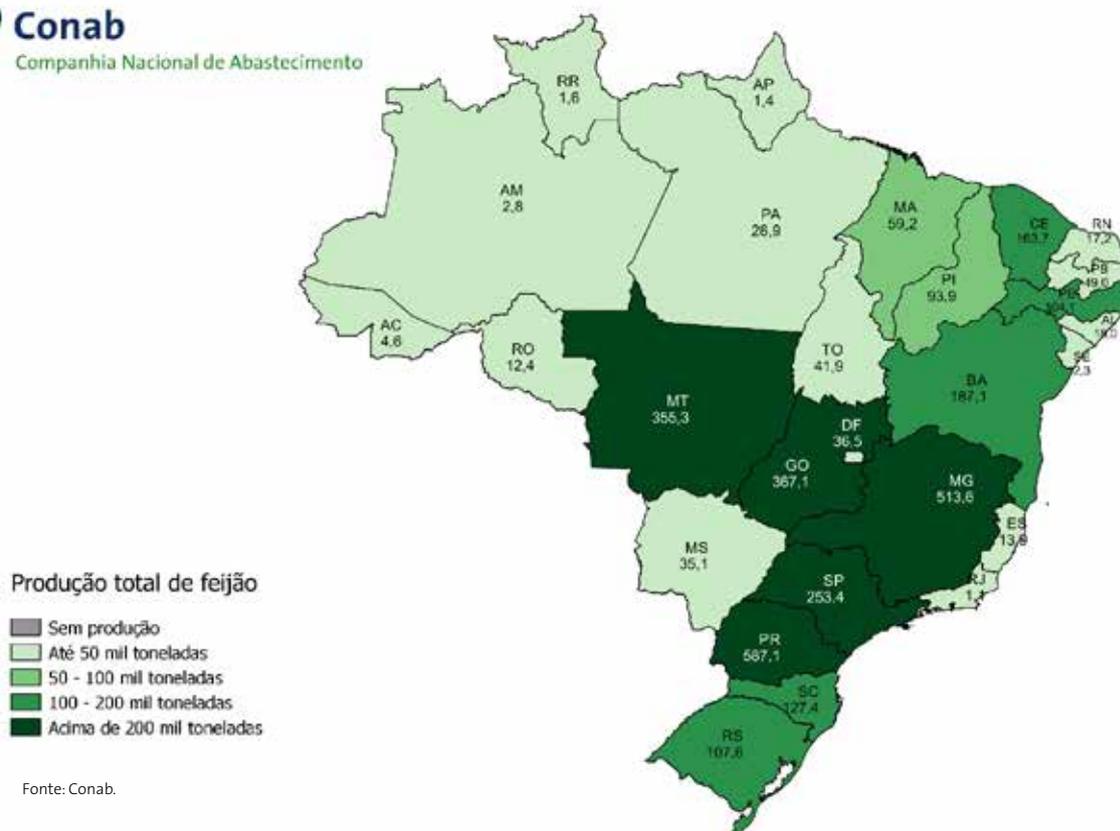
9.2.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se para o décimo primeiro acompanhamento da safra 2017/18 que a área total de feijão será de 3.186,7 mil hectares, 0,2% maior em relação à safra passada. A produção nacional de feijão está estimada em 3.184,2 mil toneladas e é 6,3% menor que a última temporada.

É importante destacar que a colheita do feijão primeira safra já foi concluída. As lavouras de segunda safra se encontra, a maioria, colhidas e o plantio das lavouras de terceira safra se encontram praticamente finalizado e, em alguns estados, já se iniciou a colheita.



Figura 16 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab.



Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	112,9	105,3	(6,7)	1.158	868	(25,0)	130,6	91,6	(29,9)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	858	(11,6)	18,7	12,4	(33,7)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	3,1	(18,4)	1.239	900	(27,4)	4,7	2,8	(40,4)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
PA	34,3	34,5	0,6	825	778	(5,7)	28,3	26,9	(4,9)
TO	44,1	41,9	(5,0)	1.622	999	(38,4)	71,5	41,9	(41,4)
NORDESTE	1.546,0	1.609,2	4,1	439	432	(1,7)	679,1	694,5	2,3
MA	87,8	90,5	3,1	646	654	1,3	56,7	59,2	4,4
PI	233,2	240,7	3,2	302	390	29,4	70,3	93,9	33,6
CE	407,0	406,8	-	292	402	37,8	118,8	163,7	37,8
RN	35,8	45,1	26,0	347	382	10,1	12,4	17,2	38,7
PB	90,0	102,1	13,4	316	480	51,9	28,4	49,0	72,5
PE	186,1	245,7	32,0	311	424	36,1	58,0	104,1	79,5
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	10,0	(34,2)	871	230	(73,6)	13,2	2,3	(82,6)
BA	450,8	428,2	(5,0)	667	437	(34,5)	300,5	187,1	(37,7)
CENTRO-OESTE	474,9	483,1	1,7	1.761	1.643	(6,7)	836,5	794,0	(5,1)
MT	295,2	284,0	(3,8)	1.402	1.251	(10,8)	414,0	355,3	(14,2)
MS	26,8	26,8	-	1.696	1.310	(22,7)	45,4	35,1	(22,7)
GO	136,8	156,3	14,3	2.507	2.348	(6,3)	343,0	367,1	7,0
DF	16,1	16,0	(0,6)	2.117	2.280	7,7	34,1	36,5	7,0
SUDESTE	468,3	460,3	(1,7)	1.731	1.699	(1,9)	810,6	782,0	(3,5)
MG	348,2	339,2	(2,6)	1.536	1.514	(1,5)	535,0	513,6	(4,0)
ES	10,7	14,7	37,4	1.103	943	(14,5)	11,8	13,9	17,8
RJ	1,8	1,2	(33,3)	1.048	883	(15,7)	1,9	1,1	(42,1)
SP	107,6	105,2	(2,2)	2.434	2.409	(1,0)	261,9	253,4	(3,2)
SUL	578,2	528,8	(8,5)	1.630	1.555	(4,6)	942,7	822,1	(12,8)
PR	447,5	399,1	(10,8)	1.588	1.471	(7,3)	710,5	587,1	(17,4)
SC	69,6	70,9	1,9	1.964	1.797	(8,5)	136,7	127,4	(6,8)
RS	61,1	58,8	(3,8)	1.563	1.830	17,1	95,5	107,6	12,7
NORTE/NORDESTE	1.658,9	1.714,5	3,4	488	458	(6,1)	809,7	786,1	(2,9)
CENTRO-SUL	1.521,4	1.472,2	(3,2)	1.702	1.629	(4,3)	2.589,8	2.398,1	(7,4)
BRASIL	3.180,3	3.186,7	0,2	1.069	999	(6,5)	3.399,5	3.184,2	(6,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	15,0	18,4	22,7	502	636	26,7	7,5	11,7	56,0
PB	1,1	1,7	54,5	405	550	35,8	0,4	0,9	125,0
PE	13,9	16,7	20,1	510	645	26,5	7,1	10,8	52,1
CENTRO-OESTE	2,5	1,5	(40,0)	1.820	2.033	11,7	4,5	3,1	(31,1)
MS	1,0	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	1,5	-	(100,0)
DF	1,5	1,5	-	2.033	2.033	-	3,0	3,1	3,3
SUDESTE	20,1	19,1	(5,0)	953	859	(9,9)	19,2	16,5	(14,1)
MG	13,5	13,4	(0,7)	886	857	(3,2)	12,0	11,5	(4,2)
ES	4,8	4,5	(6,3)	1.104	856	(22,5)	5,3	3,9	(26,4)
RJ	1,8	1,2	(33,3)	1.048	883	(15,7)	1,9	1,1	(42,1)
SUL	286,1	289,6	1,2	1.665	1.583	(4,9)	476,4	458,5	(3,8)
PR	200,6	205,8	2,6	1.703	1.543	(9,4)	341,6	317,4	(7,1)
SC	34,4	35,0	1,7	1.839	1.728	(6,0)	63,3	60,5	(4,4)
RS	51,1	48,8	(4,5)	1.399	1.652	18,0	71,5	80,6	12,7
NORTE/NORDESTE	15,0	18,4	22,7	502	636	26,7	7,5	11,7	56,0
CENTRO-SUL	308,7	310,2	0,5	1.620	1.541	(4,9)	500,1	478,1	(4,4)
BRASIL	323,7	328,6	1,5	1.568	1.490	(5,0)	507,6	489,8	(3,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	39,2	33,9	(13,5)	930	788	(15,3)	36,4	26,8	(26,4)
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	858	(11,6)	18,7	12,4	(33,7)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	3,1	(18,4)	1.239	900	(27,4)	4,7	2,8	(40,4)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
PA	6,1	7,6	24,6	638	627	(1,7)	3,9	4,8	23,1
TO	3,0	1,8	(40,0)	1.513	1.158	(23,5)	4,6	2,1	(54,3)
NORDESTE	418,6	403,9	(3,5)	684	412	(39,8)	286,2	166,3	(41,9)
CE	2,8	4,2	50,0	565	530	(6,2)	1,6	2,2	37,5
PB	25,7	23,7	(7,8)	447	565	26,4	11,5	13,4	16,5
PE	75,8	80,8	6,6	489	605	23,9	37,0	48,9	32,2
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	10,0	(34,2)	871	230	(73,6)	13,2	2,3	(82,6)
BA	269,3	255,4	(5,2)	774	340	(56,0)	208,3	86,9	(58,3)
CENTRO-OESTE	263,4	233,5	(11,4)	2.299	2.276	(1,0)	605,5	531,5	(12,2)
MT	86,5	57,5	(33,5)	2.173	2.052	(5,6)	188,0	118,0	(37,2)
MS	25,8	26,8	3,9	1.703	1.310	(23,1)	43,9	35,1	(20,0)
GO	136,8	135,2	(1,2)	2.507	2.556	1,9	343,0	345,5	0,7
DF	14,3	14,0	(2,1)	2.139	2.348	9,8	30,6	32,9	7,5
SUDESTE	434,0	427,3	(1,5)	1.806	1.774	(1,8)	783,9	757,9	(3,3)
MG	320,5	311,9	(2,7)	1.609	1.585	(1,5)	515,5	494,4	(4,1)
ES	5,9	10,2	72,9	1.102	982	(10,9)	6,5	10,0	53,8
SP	107,6	105,2	(2,2)	2.434	2.409	(1,0)	261,9	253,5	(3,2)
SUL	292,1	239,2	(18,1)	1.596	1.520	(4,8)	466,3	363,5	(22,0)
PR	246,9	193,3	(21,7)	1.494	1.395	(6,6)	368,8	269,6	(26,9)
SC	35,2	35,9	2,0	2.087	1.864	(10,7)	73,5	66,9	(9,0)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
NORTE/NORDESTE	457,8	437,8	(4,4)	705	441	(37,4)	322,6	193,1	(40,1)
CENTRO-SUL	989,5	900,0	(9,0)	1.875	1.837	(2,1)	1.855,7	1.652,9	(10,9)
BRASIL	1.447,3	1.337,8	(7,6)	1.505	1.380	(8,3)	2.178,3	1.846,0	(15,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	73,7	71,4	(3,1)	1.279	907	(29,1)	94,3	64,8	(31,3)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
PA	28,2	26,9	(4,6)	866	821	(5,2)	24,4	22,1	(9,4)
TO	41,1	40,1	(2,4)	1.630	992	(39,1)	67,0	39,8	(40,6)
NORDESTE	1.112,4	1.186,9	6,7	346	435	25,6	385,1	516,4	34,1
MA	87,8	90,5	3,1	646	654	1,3	56,6	59,2	4,6
PI	233,2	240,7	3,2	302	390	29,4	70,3	94,0	33,7
CE	404,2	402,6	(0,4)	290	401	38,3	117,2	161,4	37,7
RN	35,8	45,1	26,0	347	382	10,1	12,4	17,2	38,7
PB	63,2	76,7	21,4	261	452	73,2	16,5	34,7	110,3
PE	96,4	148,2	53,7	143	300	109,3	13,8	44,4	221,7
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	181,5	172,8	(4,8)	507	579	14,2	92,1	100,1	8,7
CENTRO-OESTE	209,0	248,1	18,7	1.083	1.045	(3,5)	226,5	259,4	14,5
MT	208,7	226,5	8,5	1.083	1.047	(3,3)	226,0	237,3	5,0
DF	0,3	0,5	66,7	1.500	1.100	(26,7)	0,5	0,6	20,0
SUDESTE	14,2	13,9	(2,1)	522	551	5,5	7,4	7,7	4,1
MG	14,2	13,9	(2,1)	522	551	5,5	7,4	7,7	4,1
NORTE/NORDESTE	1.186,1	1.258,3	6,1	404	462	14,2	479,4	581,2	21,2
CENTRO-SUL	223,2	262,0	17,4	1.048	1.019	(2,7)	233,9	267,1	14,2
BRASIL	1.409,3	1.520,3	7,9	506	558	10,2	713,3	848,3	18,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



9.1.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, a cultura do girassol teve seu ciclo vegetativo encerrado e sua colheita se encontra finalizada, com a totalidade dos trabalhos concentrada ao longo de julho. Ainda que, em determinados períodos, durante o desenvolvimento da safra, a incidência de chuvas foi acima do ideal para a cultura, que é relativamente mais sensível à umidade, e também houve ocorrência pontual de danos advindos do ataque de lesmas, o girassol se desenvolveu de forma positiva e a produtividade média foi de 1.671 kg/ha. O cultivo é majoritariamente localizado na Chapada do Parecis devido à maior proximidade em relação às indústrias que processam o girassol. No entanto, algumas áreas foram registradas na região da BR-163, tendência que deverá se manter também para o próximo ano. A área estadual soma 60,5 mil hectares em 2017/18, praticamente o dobro da registrada no ciclo passado, que foi de 31,8 mil hectares. O aspecto comercial explica o incremento, com os bons preços atribuídos à oleaginosa em relação às demais culturas de segunda safra, em especial ao milho, no momento da opção pela cultura. Com o preço atrativo, estima-se que 98% da produção já esteja negociado.

Figura 17 - Lavoura de girassol segunda safra em Brasnorte-MT



Fonte: Conab.

Em Goiás, a colheita foi finalizada em julho. Devido à falta de chuvas, a estimativa de produtividade não foi alcançada, inicialmente em torno de 1.680 a 1700 kg/ha. A média no estado, o rendimento ficou na casa de 1.500 kg/ha.

A cultura foi semeada em março. Apenas uma indústria em Goiás incentiva a produção no estado. Está situada no sul de Goiás e realiza contratos com os produtores.

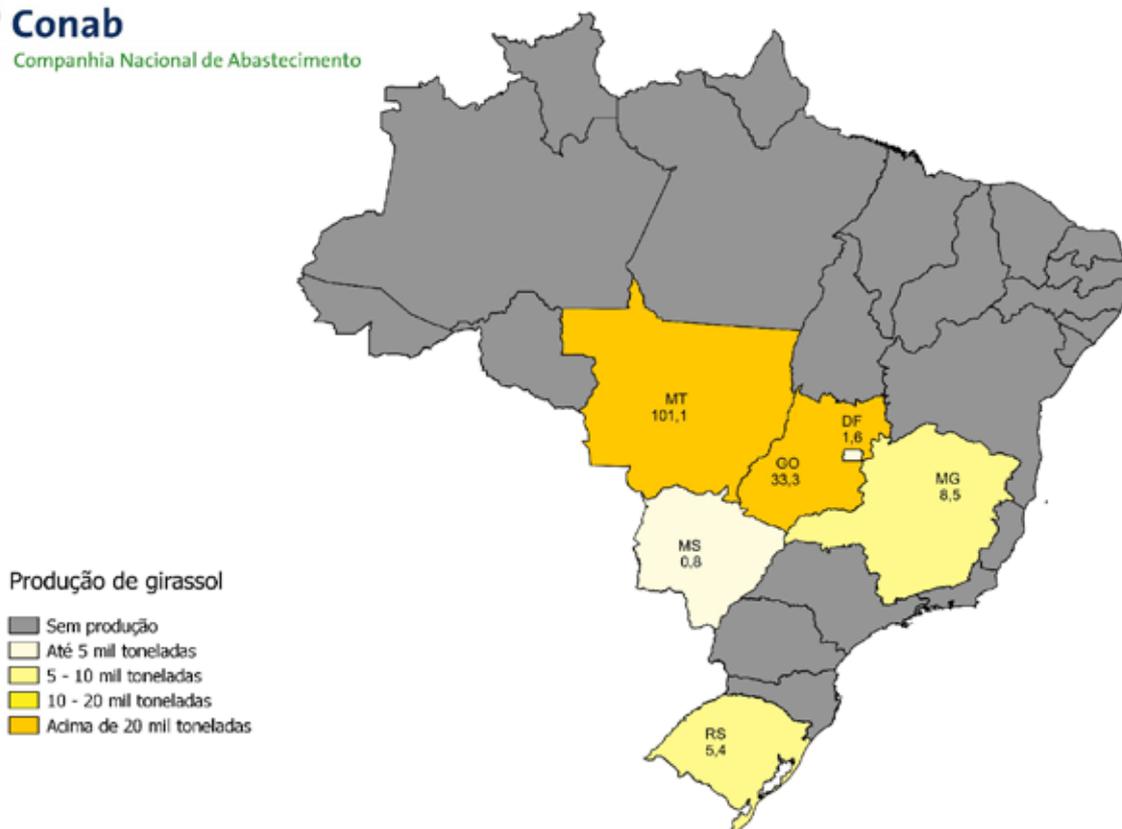
Nesta safra ocorreu uma inversão do tamanho de área plantada em Goiás e no Triângulo Mineiro. Goiás com 22,2 mil hectares e triângulo Mineiro com 2,1 mil hectares, totalizando 24,3 mil hectares.

Em torno de 15% das áreas foram cultivadas com recursos próprios e 85% incentivados pelas revendas.

Em Minas Gerais, a cultura apresentou expansão considerável da safra 2015/16 para 2016/17, principalmente, nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, motivada pelos bons preços e pela formalização de contratos de comercialização entre a indústria e os produtores. Entretanto, a redução de demanda na safra atual acarretou redução de 13% na área de plantio em relação à safra anterior. Novos contratos foram realizados, porém, em menor quantidade.

O plantio foi iniciado em março e concluído no início de maio, de forma que neste levantamento parte das lavouras já foram colhidas e o restante deve ser finalizado até meados de agosto. A produtividade média deve ficar 24,9% menor em relação à safra anterior devido à falta de chuva no momento de desenvolvimento da lavoura, o que acarretou menor desenvolvimento da cultura.

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	50,1	84,1	67,9	1.702	1.626	(4,4)	85,3	136,8	60,4
MT	31,8	60,5	90,4	1.670	1.671	0,1	53,1	101,1	90,4
MS	1,0	0,7	(30,0)	1.500	1.100	(26,7)	1,5	0,8	(46,7)
GO	16,6	22,2	33,7	1.750	1.500	(14,3)	29,1	33,3	14,4
DF	0,7	0,7	-	2.300	2.300	-	1,6	1,6	-
SUDESTE	9,3	8,1	(12,9)	1.400	1.052	(24,9)	13,0	8,5	(34,6)
MG	9,3	8,1	(13,0)	1.400	1.052	(24,9)	13,0	8,5	(34,6)
SUL	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
RS	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
CENTRO-SUL	62,7	95,5	52,3	1.653	1.578	(4,6)	103,7	150,7	45,3
BRASIL	62,7	95,5	52,3	1.653	1.578	(4,6)	103,7	150,7	45,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2017/18 é de aumento de área, alcançando 30,7 mil hectares, que representa acréscimo de 9,6% em relação à safra passada, que foi de 28 mil hectares.

Para a Bahia, estima-se que a área cultivada seja de 27 mil hectares, com a produção esperada de 17 mil toneladas. As estimativas da safra atual apontam para o crescimento de 28% da área cultivada e 63,5% da produção em relação à safra 2016/17. Os plantios ocorreram de novembro a janeiro e a colheita evolui em 60% da área cultivada.

O aumento de cerca de 28% da área cultivada é atribuído ao clima favorável e às crescentes cotações do valor pago ao produtor. A mamona é cultivada no centro-norte do estado, tendo como polos produtores a microrregião de Irecê, Ouriolândia, Lapão, São Gabriel, Cafarnaum e Canarana. As plantas estão em estágio de maturação das bagas, apresentando bom vigor.

Na Bahia, um estudo da safra atual, iniciado em setembro de 2017, primeiro levantamento, as estimativas estatísticas apontaram uma perspectiva inicial de 563 kg/ha (8,3 scs/ha).

Com o plantio ocorrendo no fim de outubro, novembro, dezembro e janeiro e com a regularidade das chuvas, estima-se uma produtividade de 562 kg/ha (9,4 scs/ha), que se mantém estável, sem grandes alterações.

Com as chuvas ocorridas em março e, com a melhoria do vigor das plantas, estima-se uma produtividade de 631 kg/ha (10,5 scs/ha).

No estado do Ceará, a mamona tem mantido a tendência de queda nos últimos anos. Por efeito da interrupção do projeto de biodiesel da Petrobras, muitos produtores desistiram de realizar o cultivo dessa cultura. Isso já aconteceu na safra 2016/17 e explica o fato de a área de mamona em 2018 ter diminuído em 58,9% em relação à safra passada e em comparação com a média das últimas cinco safras.

A mamona também apresenta elevação na produtividade. O motivo é a diminuição na área plantada. Isso porque, com áreas menos produtivas deixando de plantar essa cultura, o rendimento tende a se elevar por conta de as áreas mais produtivas continuarem com o plantio.

Em Mato Grosso, destaca-se na região da Chapada do Parecis o plantio de 1.600 hectares de mamona, como opção de segunda safra, com ótima remuneração oferecida pelo mercado e 100% da produção já negociada com indústrias. As lavouras plantadas, ainda com baixa tecnologia empregada, encontram-se em fase final de maturação fisiológica e a colheita está prevista para ser iniciada na primeira quinzena de agosto. Estima-se produtividade média de 900 kg/ha.

Figura 19 – Mapa da produção agrícola - Mamona

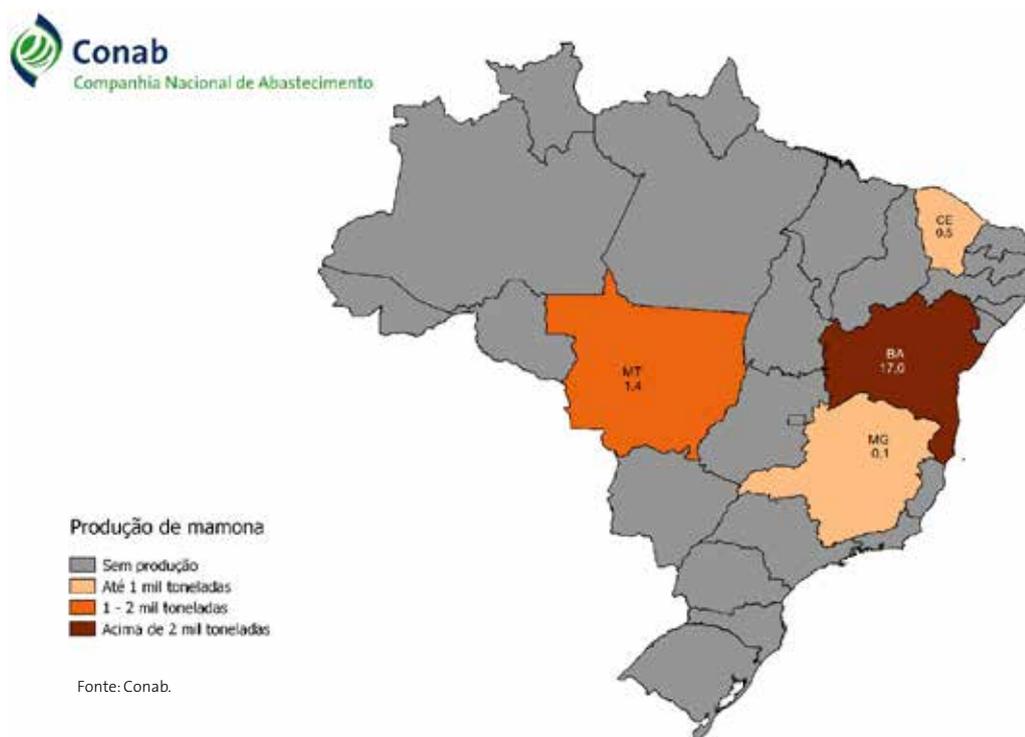


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	26,2	29,0	10,7	444	606	36,5	11,6	17,5	50,9
PI	0,2	-	(100,0)	494	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
CE	4,9	2,0	(58,9)	224	262	17,0	1,1	0,5	(54,5)
BA	21,1	27,0	28,0	494	631	27,7	10,4	17,0	63,5
CENTRO-OESTE	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
MT	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
SUDESTE	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
MG	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	26,2	29,0	10,7	444	606	36,5	11,6	17,5	50,9
CENTRO-SUL	1,8	1,7	(5,6)	849	900	6,0	1,5	1,5	-
BRASIL	28,0	30,7	9,6	470	622	32,4	13,1	19,0	45,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Na Região Norte, estima-se redução de 6,1% na área plantada quando comparada ao ano passado. Com a produtividade superior à safra passada em 2,5%, o resultado estimado até o momento é uma produção de 959 mil toneladas.

Em Rondônia, a área cultivada reduziu para 29,1 mil hectares em razão dos ajustes de área em municípios como Porto Velho, Itapuã do Oeste e Candeias do Jamari. A produtividade obtida atingiu 2.471 kg/ha, e o baixo rendimento foi justificado pelo fato da cultura, de uma maneira geral, não receber investimentos em tecnologia, tais como sementes, calcário, fertilizantes e poucos produtores fazem o controle de pragas. A produção no estado será de 71,9 mil toneladas e a safra já foi totalmente colhida.

Em Tocantins, a área semeada atingiu 53,2 mil hectares, representando forte aumento em relação ao exercício passado. A cultura se encontra em fase final de colheita, com estimativa de produtividade de 4.417 kg/ha e produção de 235 mil toneladas.

A Região Nordeste apresentou, neste exercício, a maior área cultivada com milho primeira safra do país – 1.926,2 mil hectares. O acréscimo atingiu 6,6% em relação à safra passada, e o bom comportamento do clima trouxe uma melhoria nos níveis de produtividades, que deverão repercutir no aumento da produção, com uma expectativa de atingir 5,6 milhões de toneladas.

No Piauí ocorreu aumento na área de milho primeira safra na ordem de 1,7% em relação à safra passada, totalizando 425,3 mil hectares. A cultura se encontra em

fase final de colheita, restando somente parte da área de agricultura familiar. A maior parte da área plantada se concentra na região sudoeste piauiense, com predominância da agricultura empresarial, e tem confirmada boa expectativa de produtividade. A produtividade deve atingir 3.309 kg/ha, apresentando uma variação positiva de 9% em relação à safra passada. De forma geral, principalmente no cerrado, o clima foi benéfico, as chuvas bem distribuídas, a incidência de pragas e doenças foram baixas e não apresentaram dificuldades de controle.

No Rio Grande do Norte, as estimativas apontam produção de 19,3 mil toneladas de milho, representando incremento de 89,2% em relação à safra anterior devido às boas condições climáticas. O levantamento indica ainda que serão cultivados 40% mil hectares, representando incremento de 40,2% em relação à safra anterior. Na Paraíba, na presente safra, a melhora no regime de chuvas, com registros dentro da média histórica, influenciou o aumento da expectativa de plantio para 103,3 mil hectares nessa safra e expectativa de produtividade de 788 kg/ha.

Em Pernambuco, em razão do forte incremento de área (61,7%), e do rendimento ter sido completamente diferente ao da safra passada, a produção do milho de primeira safra deste ano findou com um forte incremento em relação ao registrado na safra anterior, onde o respectivo cultivo foi drasticamente afetado pela escassez de chuva no decorrer de todos os estádios de desenvolvimento da cultura. A primeira safra se encontra em fase final de colheita.

Na Bahia, a produção esperada cresceu 41,9% (2.092,8



mil toneladas) em relação à última safra (1.475,3 mil toneladas), impulsionada principalmente pelas boas chuvas em todo o estado. Na maior mesorregião produtora de milho na Bahia, oeste baiano, estima-se que foram cultivados 222 mil hectares, com rendimento médio de 150 scs/ha, colhendo 1,1 milhão de toneladas, destinado à subsistência, manutenção das criações e participação no abastecimento da cadeia granjeira (suínos e aves) do Nordeste.

Figura 20 - Lavoura de milho em sequeiro no município de Riachão das Naves/BA.



Fonte: Conab.

Na Região Centro-oeste houve redução de aproximadamente 18,7% na área plantada, em comparação à safra anterior, assim como diminuição em produtividade (0,6%) e, conseqüentemente, na produção total (19,1%) do grão na região.

Em Mato Grosso, a colheita do milho primeira safra está encerrada. O espaço destinado à cultura foi de 27,2 mil hectares, 18,6% inferior em relação aos 33,4 mil hectares registrados no último ciclo. A redução de área plantada foi atribuída, principalmente, aos baixos preços do milho no momento da semeadura. A produtividade média consolidou-se em 7,331 kg/ha, menor que na temporada passada, mas ainda considerada satisfatória.

Na Região Sudeste ocorreu redução na área plantada de 8,4% inferior à safra anterior. Com produtividades melhores do que a safra passada, a produção da região deve atingir 7,7 milhões de toneladas.

Na Região Sul, maior produtora do milho primeira safra do país, a cultura apresentou a maior redução percentual na área plantada 19,6%, estimada agora em 1.377,4 mil hectares, contra os 1.712,9 mil hectares da safra passada. Com produtividades impactadas pela redução das precipitações, a produção deve atingir 10,26 milhões de toneladas, com uma queda de 26,6% em relação à safra anterior.

Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

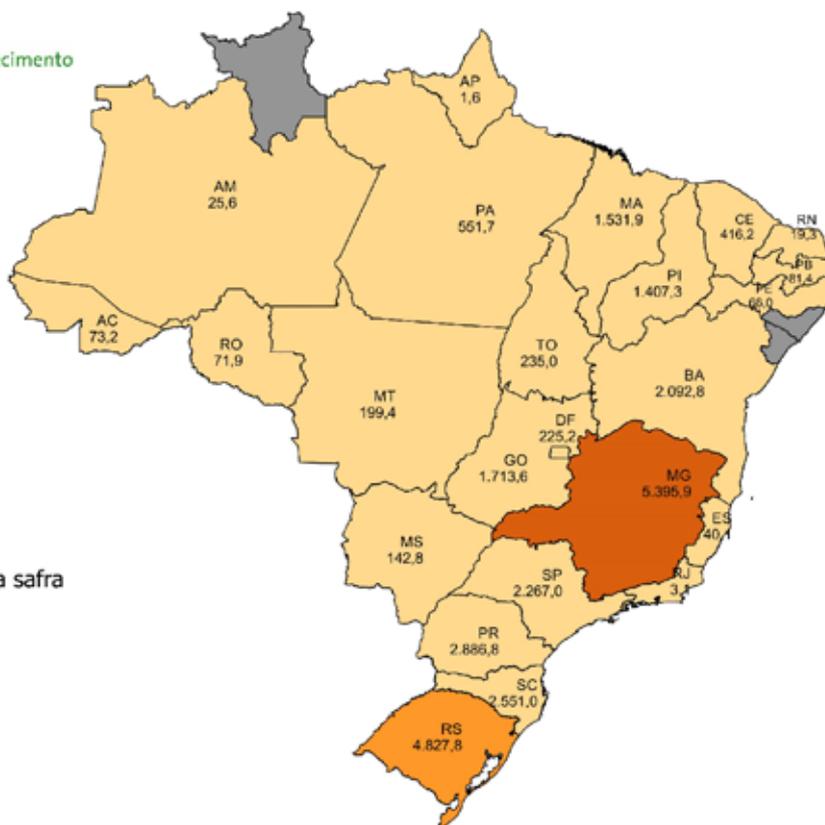


Conab

Companhia Nacional de Abastecimento

Produção de milho primeira safra

- Sem produção
- Até 3.000 mil toneladas
- 3.000 - 5.000 mil toneladas
- 5.000 - 15.000 mil toneladas
- Acima de 15.000 mil toneladas



Fonte: Conab.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Oeste Potiguar						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Potiguar							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PB	Sertão Paraibano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Paraibano							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PE	Sertão Pernambucano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale São-Franciscano da Bahia			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Norte Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Sul Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
GO	Centro Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C					
	Leste Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C					
	Sul Goiano			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
DF	Distrito Federal		PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Belo Horizonte		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
SP	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	311,8	292,8	(6,1)	3.194	3.275	2,5	996,0	959,0	(3,7)
RO	40,2	29,1	(27,6)	2.661	2.471	(7,1)	107,0	71,9	(32,8)
AC	34,9	31,0	(11,2)	2.350	2.360	0,4	82,0	73,2	(10,7)
AM	12,2	10,0	(18,0)	2.526	2.560	1,3	30,8	25,6	(16,9)
AP	1,7	1,6	(5,3)	962	988	2,7	1,6	1,6	-
PA	176,9	167,9	(5,1)	3.142	3.286	4,6	555,8	551,7	(0,7)
TO	45,9	53,2	16,0	4.766	4.417	(7,3)	218,8	235,0	7,4
NORDESTE	1.806,6	1.926,2	6,6	2.469	2.915	18,1	4.460,8	5.614,9	25,9
MA	292,8	315,6	7,8	4.240	4.854	14,5	1.241,5	1.531,9	23,4
PI	418,2	425,3	1,7	3.037	3.309	9,0	1.270,1	1.407,3	10,8
CE	514,0	524,8	2,1	815	793	(2,7)	418,9	416,2	(0,6)
RN	29,2	40,9	40,0	348	473	35,9	10,2	19,3	89,2
PB	86,5	103,3	19,4	446	788	76,7	38,6	81,4	110,9
PE	84,1	136,0	61,7	74	485	555,4	6,2	66,0	964,5
BA	381,8	380,3	(0,4)	3.864	5.503	42,4	1.475,3	2.092,8	41,9
CENTRO-OESTE	350,0	284,7	(18,7)	8.060	8.012	(0,6)	2.821,0	2.281,0	(19,1)
MT	33,4	27,2	(18,6)	7.676	7.331	(4,5)	256,4	199,4	(22,2)
MS	28,0	15,5	(44,6)	9.340	9.212	(1,4)	261,5	142,8	(45,4)
GO	260,0	214,2	(17,6)	8.000	8.000	-	2.080,0	1.713,6	(17,6)
DF	28,6	27,8	(2,8)	7.800	8.100	3,8	223,1	225,2	0,9
SUDESTE	1.301,2	1.191,9	(8,4)	6.295	6.465	2,7	8.191,5	7.706,1	(5,9)
MG	909,4	825,7	(9,2)	6.374	6.535	2,5	5.796,5	5.395,9	(6,9)
ES	13,2	13,4	1,5	2.832	2.995	5,8	37,4	40,1	7,2
RJ	2,7	1,0	(63,0)	2.332	3.069	31,6	6,3	3,1	(50,8)
SP	375,9	351,8	(6,4)	6.255	6.444	3,0	2.351,3	2.267,0	(3,6)
SUL	1.712,9	1.377,4	(19,6)	8.169	7.453	(8,8)	13.992,7	10.265,6	(26,6)
PR	507,7	330,0	(35,0)	9.243	8.748	(5,4)	4.692,7	2.886,8	(38,5)
SC	400,3	319,0	(20,3)	8.152	7.997	(1,9)	3.263,2	2.551,0	(21,8)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.628	(11,6)	6.036,8	4.827,8	(20,0)
NORTE/NORDESTE	2.118,4	2.219,0	4,7	2.576	2.963	15,0	5.456,8	6.573,9	20,5
CENTRO-SUL	3.364,1	2.854,0	(15,2)	7.433	7.096	(4,5)	25.005,2	20.252,7	(19,0)
BRASIL	5.482,5	5.073,0	(7,5)	5.556	5.288	(4,8)	30.462,0	26.826,6	(11,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

A semeadura do milho segunda safra é altamente dependente da velocidade da colheita da soja, tendo em vista que, na grande maioria dos estados, o cultivo é feito em sucessão. O atraso no início do plantio da soja postergou a época de colheita da oleaginosa e encurtou a janela ideal de semeadura do milho, fazendo com que parte da safra fosse semeada fora da janela ideal de plantio.

Na Região Norte permanece a estimativa de diminuição na área plantada, agora em 5,5%, comparada com o ocorrido na safra passada. A produtividade média deve sofrer recuo de 10,8% nessa safra, estimada em 3.792 kg/ha, resultando numa produção de 1,43 milhão de toneladas.

Em Roraima, a área foi confirmada em 9.600 hectares, estando a lavoura em fase de maturação, em que pese as chuvas intensas no período. A área superou em 26,4% a de 2016/17, que foi de 7,6 mil hectares. O aumento na área ocorreu devido à elevação dos preços do cereal em 2016 e também pelo fato do plantio ter sido realizado em terras adubadas, com cerca de três anos produzindo soja, reduzindo o custo de produção do milho. Este ano, além dos motivos acima expostos, houve um forte aumento na demanda de milho, com a inauguração de um frigorífico próximo a Boa Vista, com capacidade para abater 900 bois/dia. Esse fato contribuiu para que muitos criadores investissem no confinamento de bovinos, demandando mais milho, principalmen-



te no verão. Ressalte-se que o milho empresarial não é plantado após a soja, em vista do período de chuvas muito curto, devendo o produtor escolher entre a soja e o milho, portanto, os produtores de milho empresarial também plantam soja em áreas distintas e na mesma janela de plantio. A área de milho da agricultura familiar permanece em 1.771 hectares, com a predominância da comercialização no milho verde. Dessa forma, a área plantada do milho segunda safra referente a 2017/18, atingiu 9,6 mil hectares.

Em Rondônia, o perfil do produtor que opera com essa cultura é de médio a grande produtor, que utiliza elevado nível tecnológico, ampla utilização de corretivos, fertilizantes e defensivos, uso de mecanização agrícola, garantindo elevadas produtividades. A área cultivada está estimada em 149,1 mil hectares, com produtividade aproximada de 4.497 Kg/ha, resultando na produção de 670,5 mil toneladas. Os produtores tendem a deixar a cultura ainda no campo e colher mais adiante, pois a probabilidade de ocorrência de chuva é reduzida à medida que o tempo passa. Outro fator a justificar tal procedimento está relacionado ao custo de secagem dos grãos, não arcado pelo produtor, liberando espaço nos armazéns, para melhor definir o destino final do produto na comercialização. Boa parte dos produtores de milho estão comercializando em nível municipal e até regional, em virtude dos melhores preços recebidos, se comparado às tradings. Além disso, o número de confinamento de bovinos no estado tem aumentado de forma significativa, aumentando com isso o consumo de milho em grãos. Nas fazendas que criam bovinos confinados, os produtores também cultivam milho, dando prioridade para a produção de silagem e cultivando em menor escala milho em grãos. Em alguns casos é necessário a aquisição de mais grãos para a formulação da ração, para atender à demanda integral.

Figura 22 - Bazuca descarregando grãos na camba durante colheita de milho segunda safra em Seringueiras/RO.



Fonte: Conab.

Em Tocantins, a expectativa inicial era de uma redução expressiva na área cultivada com milho na segunda safra devido ao atraso do plantio da soja. Porém, com as boas condições pluviométricas no final de fevereiro e março, os produtores passaram a acreditar que essa condição perdurasse até a fase de enchimento de grãos. Assim, o plantio foi realizado até um pouco mais tarde da janela ideal, sendo este fato registrado em praticamente todo o estado. As lavouras se desenvolveram bem durante março e na primeira quinzena de abril, com os bons volumes de precipitação ocorridos em todo o estado. Porém, o decréscimo dos volumes de chuva a partir da segunda quinzena de abril e a quase completa ausência em maio, comprometeu significativamente os índices de produtividade da cultura de milho em todo o estado, estando previsto uma redução de 27,1% em comparação com o ano passado. A colheita se encontra na sua fase final.

A Região Nordeste registrou redução na área semeada de 6,8%, quando comparada à safra anterior. Com produtividade média de 2.131 kg/ha, a produção deve ser encerrada com 1.581,2 milhão de toneladas, representando redução de 28,8% em relação ao ano passado. No Maranhão cerca de 64,5% da área já foi colhida, confirmando as previsões realizadas nos diversos levantamentos anteriores, sobretudo quanto à queda do rendimento médio. A produtividade média obtida se encontra no patamar de 2.172 kg/ha, ou seja, 39,2% inferior ao observado na safra anterior, que foi de 3.572 kg/ha. Aguarda-se o avanço e finalização da colheita para avaliar numericamente a real dimensão das perdas de rendimento dessa cultura.

No Piauí ocorreu um aumento de área na ordem de 28,4% em relação à safra passada, totalizando 63,2 mil hectares. Conforme previsto, o plantio se iniciou a partir de fevereiro nos municípios de Uruçuí e Baixa Grande do Ribeiro e no final de fevereiro e início de março nos demais municípios, com exceção de algumas regiões no município de Baixa Grande do Ribeiro, onde o plantio avançou até o início de abril. As últimas chuvas que ocorreram na região, com boa intensidade e de abrangência geral, foram ainda na primeira quinzena de abril, após isso, apenas chuvas isoladas e de baixíssimo volume, o que prejudicou o desenvolvimento da cultura, diminuindo, conseqüentemente, a produtividade devido ao estresse hídrico. Atualmente a cultura se encontra com a colheita finalizada. A produtividade do milho segunda safra atingiu 2.000 kg/ha, correspondendo a uma redução de 15,4% em relação à safra passada, mas plenamente compensada pelo incremento observado no plantio desse ano, que redundou num aumento da produção de 8,7% em relação ao período anterior.

A Região Centro-oeste apresentou constrição na área



cultivada de 2,7% em relação à safra anterior. Tal comparativo de redução também se verificou nos parâmetros de produtividade (11,3%) e produção (13,7%) do grão na região.

Em Mato Grosso, o milho segunda safra se encontra em fase final de colheita, com aproximadamente 80% da área colhida até o fechamento de julho. O clima favoreceu o desenvolvimento da cultura e a produtividade média é estimada em 5,860 kg/ha, rendimento bastante satisfatório, ainda que 5,7% inferior à marca obtida em 2016/2017, de 6.212 kg/ha, que representa o recorde estadual. Fatores como, a semeadura de parcela da safra fora da janela ideal e o emprego de menor tecnologia em alguns casos, que teriam potencial de reduzir a produtividade média, não impactaram tanto nos números, pelo fato de a distribuição das chuvas ter ocorrido de forma satisfatória nos momentos de maior demanda hídrica da cultura, mitigando assim os efeitos do atraso do plantio. Desta forma, a produção total de Mato Grosso é estimada em 26.201,2 mil toneladas, valor esse 8,4% inferior às 28.610,6 mil toneladas, obtidas no último ciclo.

Em termos de comercialização, os negócios pouco evoluíram em julho devido ao impasse envolvendo o tabelamento dos fretes rodoviários. Estima-se que cerca de 71,5% da safra estadual de milho esteja comercializada. Quanto à safra 2018/2019, calcula-se que 14,0% da produção já tenha sido objeto de contratos.

Figura 23 - Colheita de milho segunda safra em Feliz Natal/MT.



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, o milho é a principal cultura plantada na segunda safra e as condições climáticas desfavoráveis no período trarão muitos desdobramentos econômicos e sociais para o estado. As perdas foram diferentes em cada região produtora, sendo que para a mesorregião sudoeste e leste, as perdas foram acima de 30%, enquanto na mesorregião centro norte, de aproximadamente 20%, em relação à safra anterior. Na mesorregião dos pantanais sul-mato-grossense o plantio foi pouco significativo.

A área plantada no estado é de aproximadamente 1,72 milhão de hectares, um valor 2,3% inferior à safra anterior. Já a produtividade média gira em torno de 3.950 kg/ha, uma redução de 28% em comparação com a última temporada.

Mesmo com precipitações registradas em maio e junho, os índices pluviométricos para esses meses ficaram abaixo da média histórica do estado, sendo bastante relevante por se tratar de um período que corresponde à alta demanda hídrica das lavouras de milho de segunda safra para o embonecamento e enchimento de grãos. As lavouras estão regulares e ruins, com espigas pequenas e grãos fora do padrão. Porém nas áreas que foram plantadas mais cedo, as lavouras produziram de forma satisfatória, por que não foram afetadas pela estiagem no estágio de crescimento e desenvolvimento, além daquelas plantadas em áreas de solos mais argilosos e altitudes mais elevadas, que por sua vez têm temperaturas mais amenas e as precipitações são mais constantes.

Atualmente as lavouras ainda não colhidas se encontram em fase de maturação. Muitas área plantadas ainda estavam em desenvolvimento durante o início de julho, porém não houveram precipitações significativas nas regiões produtoras do estado, agravando os problemas de estresse hídrico.

As plantas estão secas, porém os grãos ainda estão com bastante umidade (acima de 22%), atrasando as operações de colheita. A dificuldade de secagem dos grãos decorre de vários fatores, entre eles a palhada espessa de muitas cultivares, dias curtos, noites frias e orvalho. Em condições de muita umidade dos grãos há grandes descontos nos armazéns, além de avarias nos grãos, comprometendo a qualidade do produto para a comercialização.

A Região Sudeste apresentou incremento de 4,8% na área plantada, com os produtores animados com os preços em franca recuperação por ocasião do plantio. Uma combinação de elevadas temperaturas com ausência de chuvas, em períodos críticos da lavoura, comprometeu os níveis de produtividades, afetando a produção.

Em Minas Gerais, a cultura apresentou redução de 5,1% em relação à safra anterior, parte devido ao atraso da colheita da soja, que foi plantada mais tarde devido ao atraso das chuvas, fatos que reduziram a janela de plantio do milho, especialmente, na região do Cerrado Mineiro. Ainda assim, em nível estadual, o milho de segunda safra foi plantado em diversas épocas, de modo que existe a cultura em vários estágios de desenvolvimento, sendo que grande parte já foi colhida. Quanto



à produtividade, foi superior em 3,3% em relação à safra anterior. A redução em relação às perspectivas iniciais foi acarretada pela falta de chuva entre o primeiro e segundo trimestre do ano. Além disso, ataques de cigarrinha e a dificuldade de controle, devido ao clima mais seco, contribuíram para a redução da produtividade na região sul do estado, havendo relatos de que nestas regiões foram necessárias até três aplicações de inseticidas para controle de pragas. A colheita deve se encerrar na primeira semana de agosto, podendo se estender até início de setembro em áreas pontuais onde houve plantios mais tardios.

Em São Paulo, o milho segunda safra foi bastante afetado com a seca que o estado atravessa atualmente. Nas regiões sul/sudoeste (maiores áreas produtoras) são estimadas perdas, variando de 30% a 35%, com reduções de produtividade inclusive, nas regiões irrigadas. Neste ano a colheita iniciou em meados de julho e deverá se encerrar no final de agosto e início de setembro. Um ponto que merece destaque e que se tornou relevante na região sudoeste do estado é o fato dos produtores estarem realizando parcerias com multinacionais de grãos para a produção de milho semente.

Na Região Sul, o baixo desempenho da lavoura foi afetado pela combinação da redução na área plantada com os efeitos climáticos no Paraná, que é o segundo maior produtor brasileiro do milho plantado na segunda safra.

No Paraná, a área plantada, de 2.110,5 mil hectares, representa redução de 12,4% em relação à safra anterior devido, principalmente, ao atraso na colheita da soja. Cerca de 14% da área já se encontra colhida e a produtividade média obtida, até o momento, foi de 4.250 kg/ha, redução de 22,1% em relação à safra passada, reflexo do período de mais de 45 dias sem chuva. Diante das revisões para baixo da produtividade da segunda safra, os produtores têm mostrado pouca disposição para a venda, aguardando preços melhores.

A combinação das informações, reunindo a conjuntura da primeira e segunda safras de milho no país, faz com que a produção estimada para o exercício 2017/18 atinja o montante de 82.181,3 mil toneladas, representando uma redução de 16% em relação ao ocorrido na safra passada.

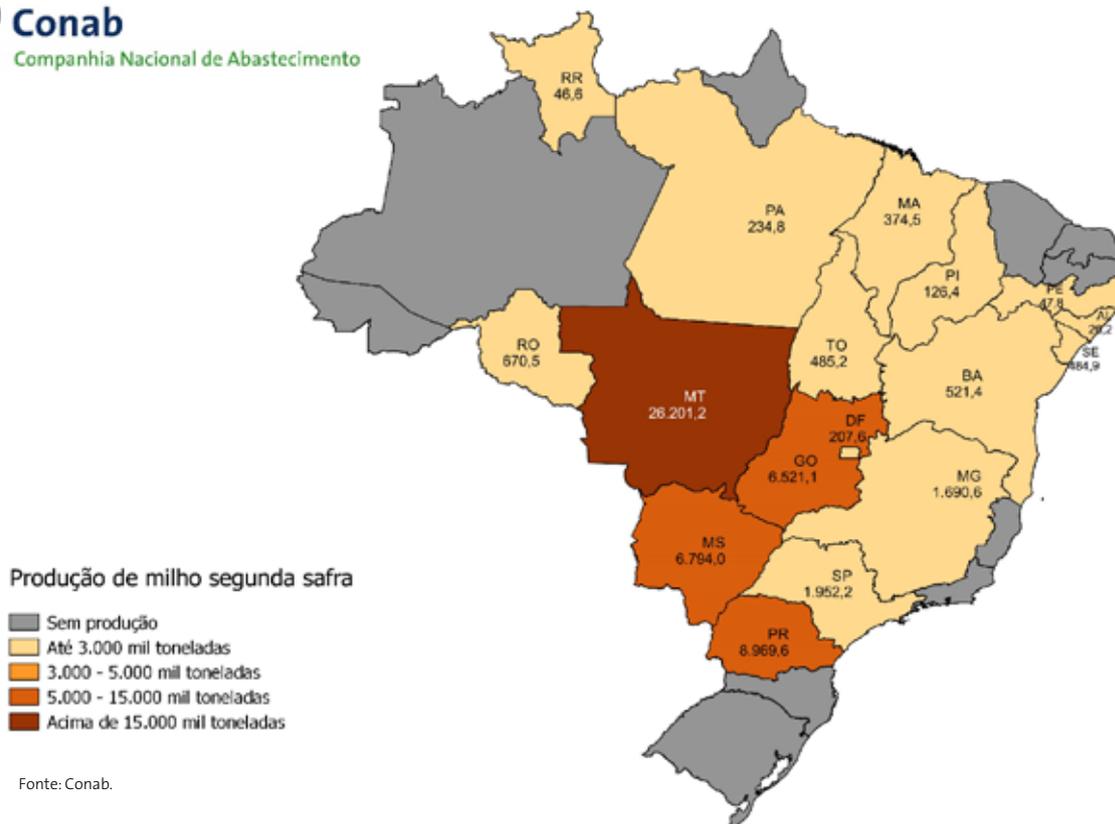
Figura 24 - Cultivo de milho segunda safra em Barretos/SP



Fonte: Conab.



Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab.

Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Agreste Pernambucano	M/C	C							P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	
SP	Assis - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
	Itapetininga - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/M/C	C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	401,2	379,0	(5,5)	4.253	3.792	(10,8)	1.706,1	1.437,1	(15,8)
RR	7,6	9,6	26,4	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	156,9	149,1	(5,0)	4.385	4.497	2,6	688,0	670,5	(2,5)
PA	81,4	69,0	(15,2)	3.549	3.403	(4,1)	288,9	234,8	(18,7)
TO	155,3	151,3	(2,6)	4.402	3.207	(27,1)	683,6	485,2	(29,0)
NORDESTE	796,3	741,8	(6,8)	2.789	2.131	(23,6)	2.220,7	1.581,2	(28,8)
MA	198,9	172,4	(13,3)	3.572	2.172	(39,2)	710,5	374,5	(47,3)
PI	49,2	63,2	28,4	2.363	2.000	(15,4)	116,3	126,4	8,7
PE	73,9	79,7	7,9	654	600	(8,3)	48,3	47,8	(1,0)
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	158,4	(7,9)	4.721	3.061	(35,2)	812,0	484,9	(40,3)
BA	265,1	230,9	(12,9)	1.918	2.258	17,7	508,5	521,4	2,5
CENTRO-OESTE	7.664,7	7.457,4	(2,7)	6.008	5.327	(11,3)	46.052,7	39.724,0	(13,7)
MT	4.605,7	4.471,2	(2,9)	6.212	5.860	(5,7)	28.610,6	26.201,2	(8,4)
MS	1.759,9	1.720,0	(2,3)	5.460	3.950	(27,7)	9.609,1	6.794,0	(29,3)
GO	1.260,7	1.230,4	(2,4)	6.000	5.300	(11,7)	7.564,2	6.521,1	(13,8)
DF	38,4	35,8	(6,8)	7.000	5.800	(17,1)	268,8	207,6	(22,8)
SUDESTE	837,7	878,1	4,8	5.081	4.149	(18,4)	4.256,3	3.642,8	(14,4)
MG	357,6	339,4	(5,1)	4.822	4.981	3,3	1.724,3	1.690,6	(2,0)
SP	480,1	538,7	12,2	5.274	3.624	(31,3)	2.532,0	1.952,2	(22,9)
SUL	2.409,3	2.110,5	(12,4)	5.456	4.250	(22,1)	13.145,1	8.969,6	(31,8)
PR	2.409,3	2.110,5	(12,4)	5.456	4.250	(22,1)	13.145,1	8.969,6	(31,8)
NORTE/NORDESTE	1.197,5	1.120,8	(6,4)	3.279	2.693	(17,9)	3.926,8	3.018,3	(23,1)
CENTRO-SUL	10.911,7	10.446,0	(4,3)	5.815	5.010	(13,8)	63.454,1	52.336,4	(17,5)
BRASIL	12.109,2	11.566,8	(4,5)	5.564	4.786	(14,0)	67.380,9	55.354,7	(17,8)

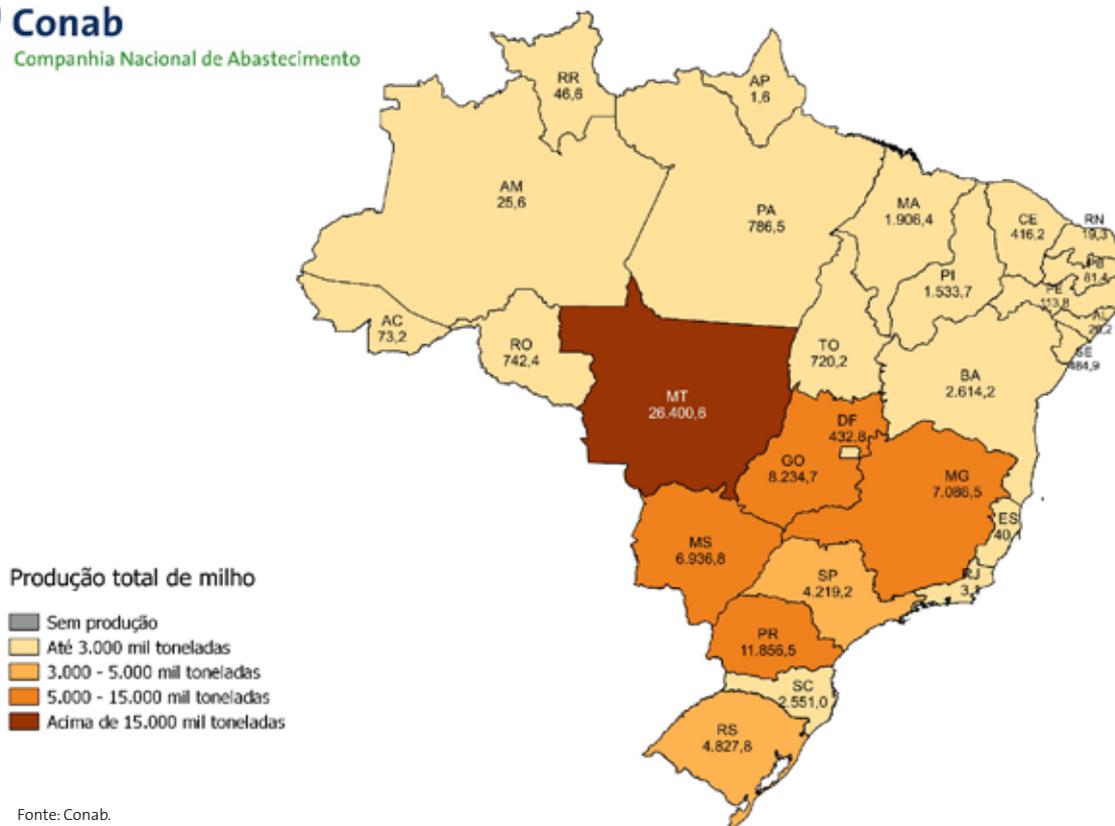
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



9.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab.



Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	713,0	671,8	(5,8)	3.790	3.567	(5,9)	2.702,1	2.396,1	(11,3)
RR	7,6	9,6	26,3	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	197,1	178,2	(9,6)	4.033	4.166	3,3	795,0	742,4	(6,6)
AC	34,9	31,0	(11,2)	2.350	2.360	0,4	82,0	73,2	(10,7)
AM	12,2	10,0	(18,0)	2.526	2.560	1,3	30,8	25,6	(16,9)
AP	1,7	1,6	(5,9)	962	988	2,7	1,6	1,6	-
PA	258,3	236,9	(8,3)	3.270	3.320	1,5	844,7	786,5	(6,9)
TO	201,2	204,5	1,6	4.485	3.522	(21,5)	902,4	720,2	(20,2)
NORDESTE	2.602,9	2.668,0	2,5	2.567	2.697	5,1	6.681,3	7.196,1	7,7
MA	491,7	488,0	(0,8)	3.970	3.907	(1,6)	1.951,9	1.906,4	(2,3)
PI	467,4	488,5	4,5	2.966	3.140	5,9	1.386,3	1.533,7	10,6
CE	514,0	524,8	2,1	815	793	(2,7)	418,9	416,2	(0,6)
RN	29,2	40,9	40,1	348	473	35,9	10,2	19,3	89,2
PB	86,5	103,3	19,4	446	788	76,7	38,6	81,4	110,9
PE	158,0	215,7	36,5	345	527	52,8	54,6	113,8	108,4
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	158,4	(7,9)	4.721	3.061	(35,2)	812,0	484,9	(40,3)
BA	646,9	611,2	(5,5)	3.067	4.277	39,5	1.983,7	2.614,2	31,8
CENTRO-OESTE	8.014,7	7.742,1	(3,4)	6.098	5.426	(11,0)	48.873,7	42.004,9	(14,1)
MT	4.639,1	4.498,4	(3,0)	6.223	5.869	(5,7)	28.867,0	26.400,6	(8,5)
MS	1.787,9	1.735,5	(2,9)	5.521	3.997	(27,6)	9.870,6	6.936,8	(29,7)
GO	1.520,7	1.444,6	(5,0)	6.342	5.700	(10,1)	9.644,2	8.234,7	(14,6)
DF	67,0	63,6	(5,1)	7.341	6.805	(7,3)	491,9	432,8	(12,0)
SUDESTE	2.138,9	2.070,0	(3,2)	5.820	5.483	(5,8)	12.447,9	11.348,9	(8,8)
MG	1.267,0	1.165,1	(8,0)	5.936	6.082	2,5	7.520,9	7.086,5	(5,8)
ES	13,2	13,4	1,5	2.832	2.995	5,8	37,4	40,1	7,2
RJ	2,7	1,0	(63,0)	2.332	3.069	31,6	6,3	3,1	(50,8)
SP	856,0	890,5	4,0	5.705	4.738	(16,9)	4.883,3	4.219,2	(13,6)
SUL	4.122,2	3.487,9	(15,4)	6.583	5.515	(16,2)	27.137,8	19.235,3	(29,1)
PR	2.917,0	2.440,5	(16,3)	6.115	4.858	(20,6)	17.837,8	11.856,5	(33,5)
SC	400,3	319,0	(20,3)	8.152	7.997	(1,9)	3.263,2	2.551,0	(21,8)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.628	(11,6)	6.036,8	4.827,8	(20,0)
NORTE/NORDESTE	3.315,9	3.339,8	0,7	2.830	2.872	1,5	9.383,4	9.592,2	2,2
CENTRO-SUL	14.275,8	13.300,0	(6,8)	6.196	5.458	(11,9)	88.459,4	72.589,1	(17,9)
BRASIL	17.591,7	16.639,8	(5,4)	5.562	4.939	(11,2)	97.842,8	82.181,3	(16,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

9.1.8. SOJA

A área plantada de soja, nesta temporada, apresentou incremento de 3,7%, saindo de 33.909,4 mil hectares na safra 2016/17 para 35.150,2 mil hectares, na atual. A produção atingiu 118.985,5 mil toneladas, contra 114.075,3 mil observadas na safra passada, representando um aumento de 4,3%.

Na Região Norte houve incremento de 6,8% na área plantada e a despeito de algumas adversidades do clima em algumas regiões produtoras, particularmente no Pará, ocorreu incremento da produção em relação ao exercício passado.

Em Roraima, a área plantada atingiu 38,2 mil hectares, sendo inferior aos 30 mil hectares estimados no último levantamento. Isso se deve ao atraso na entrega de alguns insumos, tal como o calcário, o que acarretou problemas no preparo do solo. Entretanto, representa um incremento de 27,3% em relação à safra anterior, em virtude de uma expansão da fronteira agrícola, com novas áreas sendo incorporadas à produção de soja.

A estimativa de produtividade é de 3.077 kg/ha, 2,6% maior em comparação à temporada anterior. As condições da lavoura são consideradas 80% excelentes e 20% regular, isso por conta de alguns talhões que alagaram com as chuvas intensas no período.



Figura 27 - Cultivo de soja em Roraima



Fonte: Conab.

Em Rondônia, a área cultivada de soja primeira safra atingiu 333,6 mil hectares, com o plantio concentrado de outubro a dezembro, com uma produção atingindo 1.094,5 mil toneladas. Com o advento da soja safrinha, a semeadura se estendeu entre a segunda quinzena de janeiro e fevereiro, com a colheita ocorrendo em junho. A área de soja da segunda safra foi de 20,2 mil hectares, com a produtividade atingindo 2.621 kg/ha, totalizando a produção de 53.116 toneladas. A produtividade de soja da primeira safra foi de 3.324 kg/ha, e o aumento na produtividade ocorreu devido a alguns fatores, tais como: quantitativo e distribuição de chuvas melhor do que na safra passada; o tamanho dos talhões nas propriedades de Rondônia são menores, isso faz com que o monitoramento de pragas e doenças seja mais preciso, com as aplicações ocorrendo no momento exato, sem atrasos e com reduzida interferência das chuvas.

Em Tocantins, a colheita já foi encerrada, registrando uma produtividade 6,5% superior à constatada na safra passada. As lavouras se desenvolveram bem e na maior parte das regiões a produtividade se manteve dentro da média esperada. Para esta safra, a estimativa para a soja subirrigada foi de incremento de 6,1% na área cultivada, para um produto destinado à semente. As lavouras se encontram, na maior parte, cerca de dois terços em frutificação e o restante já em maturação. Em relação ao levantamento anterior foi registrado um incremento de área de 2,4 mil hectares no município de Formoso do Araguaia.

No Maranhão foi finalizada a colheita da oleaginosa em toda as regiões produtoras acompanhadas durante o levantamento, com destaque para algumas áreas que evidenciaram de forma pontual produtividades médias de 3.125 kg/ha. Esse cenário positivo nas lavouras de soja foi favorecido principalmente pelas condições climáticas extremamente favoráveis.

No Piauí ocorreu aumento da área na ordem de 2,4% devido ao retorno das áreas ocupadas por milho na safra passada, atingindo 710,5 mil hectares. A co-

lheita de soja já está finalizada em todo o estado. A utilização da tecnologia em sua plenitude, além do excelente regime climático, contribui para os ótimos resultados alcançados na safra atual. A produtividade obtida na soja foi de 3.570 kg/ha, que representa um incremento de 20,9% em relação à produtividade alcançada na safra anterior. Esse número representa um recorde na produtividade e consequentemente na produção de soja, reflexo de uma safra sem grandes problemas climáticos ou fitossanitários.

Na Bahia, a área de cultivo atingiu 1.602,4 mil hectares, representando aumento de 1,4% em relação à área cultivada na safra anterior e produtividade de 3.780 kg/ha (63 scs/ha), que gerou uma produção de 6.057,1 mil toneladas. Essa estimativa de crescimento se deve aos bons resultados da safra e às excelentes condições climáticas.

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora do país, a área plantada apresentou incremento de 3% em relação ao exercício anterior e a produção foi 7,6% maior que o da safra passada.

Em Mato Grosso, o rendimento médio das lavouras foi recorde, atingindo 3.394 kg/ha, 3,7% maior do que os registrados em 2016/17, resultando também, na produção recorde de 32.306,1 mil toneladas. O resultado foi impulsionado pela semeadura num ótimo momento do calendário agrícola, pelo clima bastante favorável e também as melhorias no pacote tecnológico utilizado. Em Mato Grosso do Sul, o ciclo da cultura já está encerrado, faltando apenas concluir a comercialização que se encontra em torno de 85% do total produzido, mesmo considerando as poucas operações de venda em junho. A produtividade média desta safra foi recorde, atingindo 3.593 kg/ha.

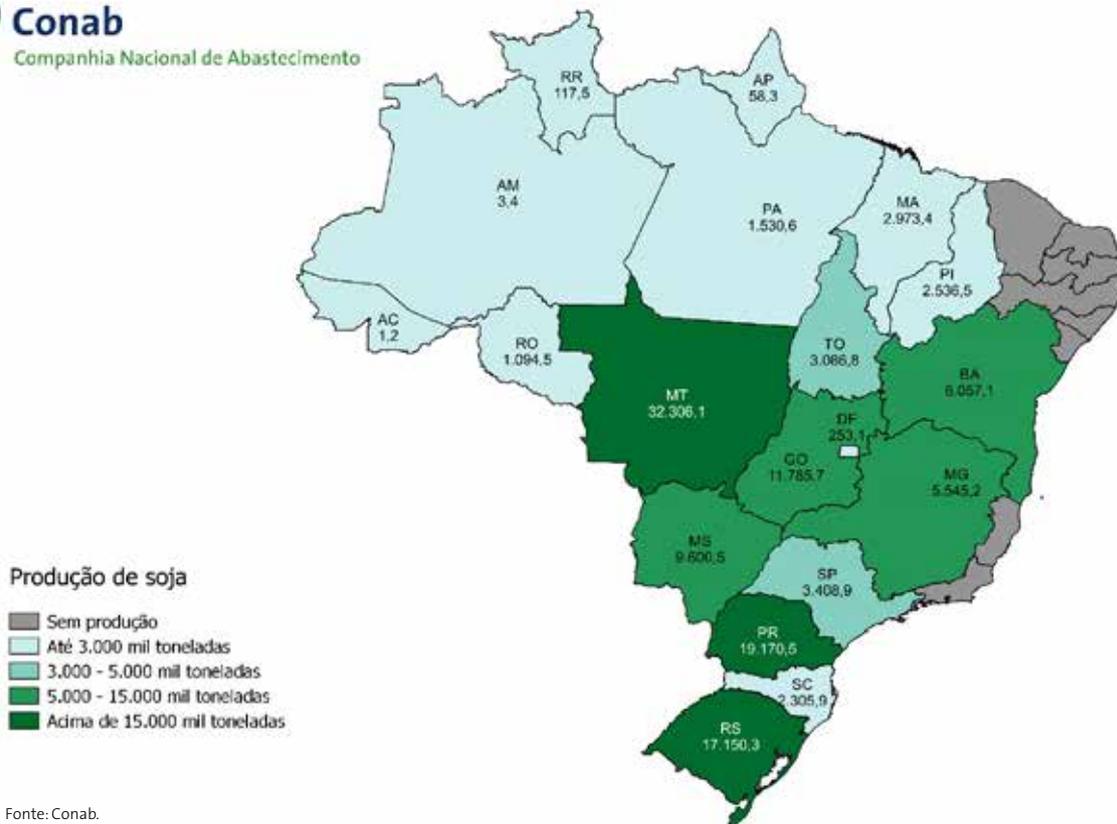
Na Região Sudeste, a área plantada apresentou incremento de 5%, comparada com o exercício anterior, e a produção deverá ser 9,8% superior à registrada na última safra.

Em São Paulo, as maiores áreas de grãos estão concentradas nas regiões oeste e sudoeste, onde a cultura da cana-de-açúcar não tem encontrando condições propícias para o seu desenvolvimento, ao contrário do que ocorre nas regiões norte/noroeste do estado, onde a produção de grãos diminuiu sensivelmente nos últimos anos. A lavoura já foi totalmente colhida.

Na Região Sul, o destaque ficou por conta da forte redução nos níveis de produtividade, onde a lavoura foi bastante afetada pelas adversidades do clima em todos os estados produtores, fazendo com que a produção atingisse 38,6 milhões de toneladas, redução de 4,8% em relação ao exercício anterior.



Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Soja



Fonte: Conab.



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.809,0	1.931,8	6,8	3.061	3.050	(0,3)	5.536,4	5.892,3	6,4
RR	30,0	38,2	27,3	3.000	3.077	2,6	90,0	117,5	30,6
RO	296,0	333,6	12,7	3.143	3.281	4,4	930,3	1.094,5	17,7
AC	-	0,6	-	-	2.055	-	-	1,2	-
AM	-	1,5	-	-	2.250	-	-	3,4	-
AP	18,9	20,2	6,9	2.878	2.884	0,2	54,4	58,3	7,2
PA	500,1	549,6	9,9	3.270	2.785	(14,8)	1.635,3	1.530,6	(6,4)
TO	964,0	988,1	2,5	2.932	3.124	6,5	2.826,4	3.086,8	9,2
NORDESTE	3.095,8	3.264,4	5,4	3.115	3.543	13,7	9.644,7	11.567,0	19,9
MA	821,7	951,5	15,8	3.010	3.125	3,8	2.473,3	2.973,4	20,2
PI	693,8	710,5	2,4	2.952	3.570	20,9	2.048,1	2.536,5	23,8
BA	1.580,3	1.602,4	1,4	3.242	3.780	16,6	5.123,3	6.057,1	18,2
CENTRO-OESTE	15.193,6	15.648,8	3,0	3.301	3.447	4,4	50.149,9	53.945,4	7,6
MT	9.322,8	9.518,6	2,1	3.273	3.394	3,7	30.513,5	32.306,1	5,9
MS	2.522,3	2.672,0	5,9	3.400	3.593	5,7	8.575,8	9.600,5	11,9
GO	3.278,5	3.386,7	3,3	3.300	3.480	5,5	10.819,1	11.785,7	8,9
DF	70,0	71,5	2,1	3.450	3.540	2,6	241,5	253,1	4,8
SUDESTE	2.351,4	2.470,1	5,0	3.467	3.625	4,6	8.151,5	8.954,1	9,8
MG	1.456,1	1.508,5	3,6	3.480	3.676	5,6	5.067,2	5.545,2	9,4
SP	895,3	961,6	7,4	3.445	3.545	2,9	3.084,3	3.408,9	10,5
SUL	11.459,6	11.835,1	3,3	3.542	3.264	(7,9)	40.592,8	38.626,7	(4,8)
PR	5.249,6	5.464,8	4,1	3.731	3.508	(6,0)	19.586,3	19.170,5	(2,1)
SC	640,4	678,2	5,9	3.580	3.400	(5,0)	2.292,6	2.305,9	0,6
RS	5.569,6	5.692,1	2,2	3.360	3.013	(10,3)	18.713,9	17.150,3	(8,4)
NORTE/NORDESTE	4.904,8	5.196,2	5,9	3.095	3.360	8,6	15.181,1	17.459,3	15,0
CENTRO-SUL	29.004,6	29.954,0	3,3	3.410	3.389	(0,6)	98.894,2	101.526,2	2,7
BRASIL	33.909,4	35.150,2	3,7	3.364	3.385	0,6	114.075,3	118.985,5	4,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



Tabela 33 – Evolução de área entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Área (em mil hectares)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(e/d)
NORTE	1.178,9	1.441,2	1.576,3	1.809,0	1.931,8	6,8
RR	18,0	23,8	24,0	30,0	38,2	27,3
RO	191,1	231,5	252,6	296,0	333,6	12,7
AC	-	-	-	-	0,6	-
AM	-	-	-	-	1,5	-
AP	-	-	-	18,9	20,2	6,9
PA	221,4	336,3	428,9	500,1	549,6	9,9
TO	748,4	849,6	870,8	964,0	988,1	2,5
NORDESTE	2.602,2	2.845,3	2.878,2	3.095,8	3.264,4	5,4
MA	662,2	749,6	786,3	821,7	951,5	15,8
PI	627,3	673,7	565,0	693,8	710,5	2,4
BA	1.312,7	1.422,0	1.526,9	1.580,3	1.602,4	1,4
CENTRO-OESTE	13.909,4	14.616,1	14.925,1	15.193,6	15.648,8	3,0
MT	8.615,7	8.934,5	9.140,0	9.322,8	9.518,6	2,1
MS	2.120,0	2.300,5	2.430,0	2.522,3	2.672,0	5,9
GO	3.101,7	3.325,0	3.285,1	3.278,5	3.386,7	3,3
DF	72,0	56,1	70,0	70,0	71,5	2,1
SUDESTE	1.989,9	2.116,2	2.326,9	2.351,4	2.470,1	5,0
MG	1.238,2	1.319,4	1.469,3	1.456,1	1.508,5	3,6
SP	751,7	796,8	857,6	895,3	961,6	7,4
SUL	10.492,7	11.074,1	11.545,4	11.459,6	11.835,1	3,3
PR	5.010,4	5.224,8	5.451,3	5.249,6	5.464,8	4,1
SC	542,7	600,1	639,1	640,4	678,2	5,9
RS	4.939,6	5.249,2	5.455,0	5.569,6	5.692,1	2,2
NORTE/NORDESTE	3.781,1	4.286,5	4.454,5	4.904,8	5.196,2	5,9
CENTRO-SUL	26.392,0	27.806,4	28.797,4	29.004,6	29.954,0	3,3
BRASIL	30.173,1	32.092,9	33.251,9	33.909,4	35.150,2	3,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



Tabela 34 – Evolução de produtividade entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Produtividade (em kg/ha)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(e/d)
NORTE	2.877	2.976	2.423	3.061	3.050	(0,3)
RR	3.120	2.685	3.300	3.000	3.077	2,6
RO	3.180	3.166	3.028	3.143	3.281	4,4
AC	-	-	-	-	2.055	-
AM	-	-	-	-	2.250	-
AP	-	-	-	2.878	2.884	0,2
PA	3.020	3.024	3.003	3.270	2.785	(14,8)
TO	2.751	2.914	1.937	2.932	3.124	6,5
NORDESTE	2.544	2.841	1.774	3.115	3.543	13,7
MA	2.754	2.761	1.590	3.010	3.125	3,8
PI	2.374	2.722	1.143	2.952	3.570	20,9
BA	2.520	2.940	2.103	3.242	3.780	16,6
CENTRO-OESTE	3.005	3.008	2.931	3.301	3.447	4,4
MT	3.069	3.136	2.848	3.273	3.394	3,7
MS	2.900	3.120	2.980	3.400	3.593	5,7
GO	2.900	2.594	3.120	3.300	3.480	5,5
DF	3.000	2.626	3.300	3.450	3.540	2,6
SUDESTE	2.520	2.775	3.255	3.467	3.625	4,6
MG	2.687	2.658	3.220	3.480	3.676	5,6
SP	2.246	2.970	3.316	3.445	3.545	2,9
SUL	2.792	3.071	3.047	3.542	3.264	(7,9)
PR	2.950	3.294	3.090	3.731	3.508	(6,0)
SC	3.030	3.200	3.341	3.580	3.400	(5,0)
RS	2.605	2.835	2.970	3.360	3.013	(10,3)
NORTE/NORDESTE	2.648	2.887	2.004	3.095	3.360	8,6
CENTRO-SUL	2.884	3.016	3.004	3.410	3.389	(0,6)
BRASIL	2.854	2.998	2.870	3.364	3.385	0,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



Tabela 35– Evolução de produção entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Produção (em mil toneladas)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(e/d)
NORTE	3.391,3	4.289,5	3.818,9	5.536,4	5.892,3	6,4
RR	56,2	63,9	79,2	90,0	117,5	30,6
RO	607,7	732,9	765,0	930,3	1.094,5	17,7
AC	-	-	-	-	1,2	-
AM	-	-	-	-	3,4	-
AP	-	-	-	54,4	58,3	7,2
PA	668,6	1.017,0	1.288,0	1.635,3	1.530,6	(6,4)
TO	2.058,8	2.475,7	1.686,7	2.826,4	3.086,8	9,2
NORDESTE	6.620,9	8.084,1	5.107,1	9.644,7	11.567,0	19,9
MA	1.823,7	2.069,6	1.250,2	2.473,3	2.973,4	20,2
PI	1.489,2	1.833,8	645,8	2.048,1	2.536,5	23,8
BA	3.308,0	4.180,7	3.211,1	5.123,3	6.057,1	18,2
CENTRO-OESTE	41.800,5	43.968,6	43.752,6	50.149,9	53.945,4	7,6
MT	26.441,6	28.018,6	26.030,7	30.513,5	32.306,1	5,9
MS	6.148,0	7.177,6	7.241,4	8.575,8	9.600,5	11,9
GO	8.994,9	8.625,1	10.249,5	10.819,1	11.785,7	8,9
DF	216,0	147,3	231,0	241,5	253,1	4,8
SUDESTE	5.015,3	5.873,5	7.574,9	8.151,5	8.954,1	9,8
MG	3.327,0	3.507,0	4.731,1	5.067,2	5.545,2	9,4
SP	1.688,3	2.366,5	2.843,8	3.084,3	3.408,9	10,5
SUL	29.292,8	34.012,3	35.181,1	40.592,8	38.626,7	(4,8)
PR	14.780,7	17.210,5	16.844,5	19.586,3	19.170,5	(2,1)
SC	1.644,4	1.920,3	2.135,2	2.292,6	2.305,9	0,6
RS	12.867,7	14.881,5	16.201,4	18.713,9	17.150,3	(8,4)
NORTE/NORDESTE	10.012,2	12.373,6	8.926,0	15.181,1	17.459,3	15,0
CENTRO-SUL	76.108,6	83.854,4	86.508,6	98.894,2	101.526,2	2,7
BRASIL	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	118.985,5	4,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

9.1.9. SORGO

A cultura do sorgo deverá ter uma área plantada de 761,5 mil hectares e uma produtividade de 2.756 kg/ha. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes e, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito em virtude do mercado, e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

Em Tocantins, para esta safra, houve decréscimo de área cultivada em 6,1%. O motivo para a desaceleração do crescimento da cultura no estado é o resultado econômico, já que a cultura tem apresentado um resultado inferior ao do milho, por exemplo, e devido às produtividades alcançadas nas safras anteriores que têm frustrado a expectativa dos agricultores.

Outro fator que vem desestimulando o plantio da cul-

tura na safrinha é o fato de ter sido registrado na última safra uma queda no rendimento da soja nas áreas onde foi cultivado o sorgo.

As lavouras se encontram em fase de maturação e início de colheita. A apreensão dos produtores se deve à redução drástica dos volumes precipitados, especialmente na segunda quinzena de abril e maio, que comprometerá a produtividade da cultura em todo o estado.

No Pará, o sorgo é cultivado no sudeste do estado, estimando-se uma produção de 12,3 mil toneladas em uma área de 4,1 mil hectares e rendimento de 3.012 kg/ha.

Na Bahia, as lavouras de sorgo foram cultivadas em 100,1 mil hectares com a expectativa de produzir 98,2 mil toneladas e previsão de rendimento médio de 981 kg/ha (16,35 scs/ha). Os grãos de sorgo são destinados



às criações nos cultivos conduzidos pela agricultura familiar e para as granjas (suínos e porcos) em substituição ao milho nos cultivos da agricultura empresarial. Os produtores estão distribuídos por toda a Bahia, havendo cultivo no extremo-oeste, no centro-norte, no centro-sul e no Vale do São Francisco.

Na Paraíba, em virtude de fatores econômicos, o produtor paraibano tradicionalmente explora o sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Essa cultura registrou na safra 2016/17 área de 1,3 mil hectares e produtividade média de 1.700 kg/ha. Do total da área plantada, têm-se 900 hectares realizados por empresa especializada na produção de sementes, com a utilização de pacote tecnológico avançado. Diante da frustração na qualidade das sementes ocorrida na safra passada, resultante do estresse hídrico na lavoura, a empresa, na presente safra, decidiu reduzir as áreas de cultivo, portanto, nesta safra, o total de área está em 1,2 mil hectares e, em razão da melhora no regime de chuvas, espera-se incremento na produtividade de 1.700 kg/ha.

No Piauí, a expectativa da área plantada de sorgo é de 16,5 mil hectares, representando um aumento na área de 44,3% em relação à safra 2016/17. Esse aumento se justifica, principalmente, pela substituição de área inicialmente planejada para o milho safrinha, já a produtividade prevista é de 1.400 kg/ha, inferior em 31,5% em relação à alcançada na safra anterior. Essa redução se justifica devido à suspensão das chuvas durante o ciclo de desenvolvimento das culturas de segunda safra. A área de sorgo se encontra predominantemente na fase de maturação, com grande parte da área já colhida.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo, com dupla aptidão, vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). A área do sorgo forrageiro cresceu nesta safra, porém, como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra manutenção de área em 1,3 mil hectares em comparação com a safra passada, retração de 0,5%. A produção estimada do grão será maior em 6,3% do que a safra 2017.

Em Mato Grosso, o sorgo teve seu ciclo vegetativo encerrado em julho de 2018, com algumas áreas já colhidas. A previsão é que a colheita da maior parte das áreas ocorra em agosto. A cultura tem principalmente papel de cobertura vegetal, com baixo investimento financeiro e baixa tecnologia. O sorgo apresenta limitação de área devido à concorrência com outras culturas de segunda safra, mais viáveis, tais como o milho e o feijão.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área a ser cul-

tivada no estado é de aproximadamente 7 mil hectares, uma redução de aproximadamente 9,1% em relação à safra anterior, com perspectiva de produtividade em torno de 2.600 kg/ha. A redução de área decorre de o fato de os produtores relatarem problemas fitotécnicos que reduzem a produtividade da soja em áreas onde foram cultivadas o sorgo na safra anterior. Atualmente, toda a área destinada à cultura já foi plantada, a qual se encontra principalmente em maturação. Algumas lavouras já foram colhidas, porém a maioria das áreas serão colhidas após as lavouras de milho segunda safra. O grão colhido é destinado para cerealistas e empresas de ração da região norte e nordeste do estado.

O sorgo é plantado por poucos produtores nas regiões norte e nordeste do estado e muitos deles plantam o cereal após a colheita da soja e operações de plantio do milho segunda safra. Tal como para a cultura do milho, a falta de chuva causou danos expressivos para o crescimento e desenvolvimento da cultura, contribuindo para uma quebra expressiva de produtividade.

Em Goiás, o sorgo é uma opção para a segunda safra, principalmente pelo encurtamento da janela de plantio de milho. Na região leste do estado muitos municípios terminaram a colheita do sorgo primeiro que a do milho segunda safra. Foram registradas áreas com capim falso maçarambá e sudão, dificultando a colheita e depreciando o produto no mercado.

Foram cultivadas variedades de ciclo médio e precoce em todo o estado. Os rendimentos médios estão entre 60 e 65 scs/ha.

O produto colhido está sendo comercializado primeiramente para contratos e destinação para ração animal, estado. A produção, na sua quase totalidade, quando não comercializada, está sendo armazenada em silos-bolsa ou em “bags” de 1.000 quilos de capacidade aproximadamente.

Os custos na cultura do sorgo estão concentrados na aquisição de sementes de boa qualidade, e também na colheita. Grande parte dos produtores cultivam sorgo com recursos próprios.

No Distrito Federal, na safra 2016/17 foram cultivados 7,2 mil hectares, com produtividade média de 4.500 kg/ha, alcançando uma produção de 31 mil toneladas. Na safra atual estão sendo cultivados 7.200 hectares. No momento, estima-se queda na produtividade em decorrência da estiagem prolongada que ocorre na região, saindo dos 4.500 kg/ha para os atuais 4.300 kg/ha. As lavouras estão em fase inicial de colheita, levemente atrasada em comparação à safra anterior. Cabe esclarecer que, a baixa procura pelo cereal



e a falta de local para armazenamento, faz com que o agricultor deixe o produto nas lavouras aguardando uma melhor definição do mercado. Com relação à comercialização, o indicativo de valor para venda do produto está se mantendo em torno de 20% inferior aos praticados para o milho.

Em Minas Gerais, a área de plantio do sorgo teve incremento de 14,9% em relação à safra anterior. Ocorreu, principalmente, em razão do fechamento da janela de plantio do milho safrinha. Apesar da cultura do sorgo ter avançado sobre a área de milho de segunda safra, em rotação com a cultura da soja, fato que sugere melhor acondicionamento do solo, a produtividade sofreu redução de 2,9% em relação à safra anterior. O que se deve ao clima desfavorável nas principais regiões produtoras.

A colheita se encontra avançada na região norte e Cerrado Mineiro, onde a maior parte das lavouras já foram colhidas, a tendência é que a colheita seja finalizada na primeira quinzena de agosto, já que é notório que o ataque de pássaros pode ocasionar perdas mais significativas. Na região sul a cultura se encontra praticamente toda em fase de maturação, com uma pequena parte ainda estar em fase de gra-

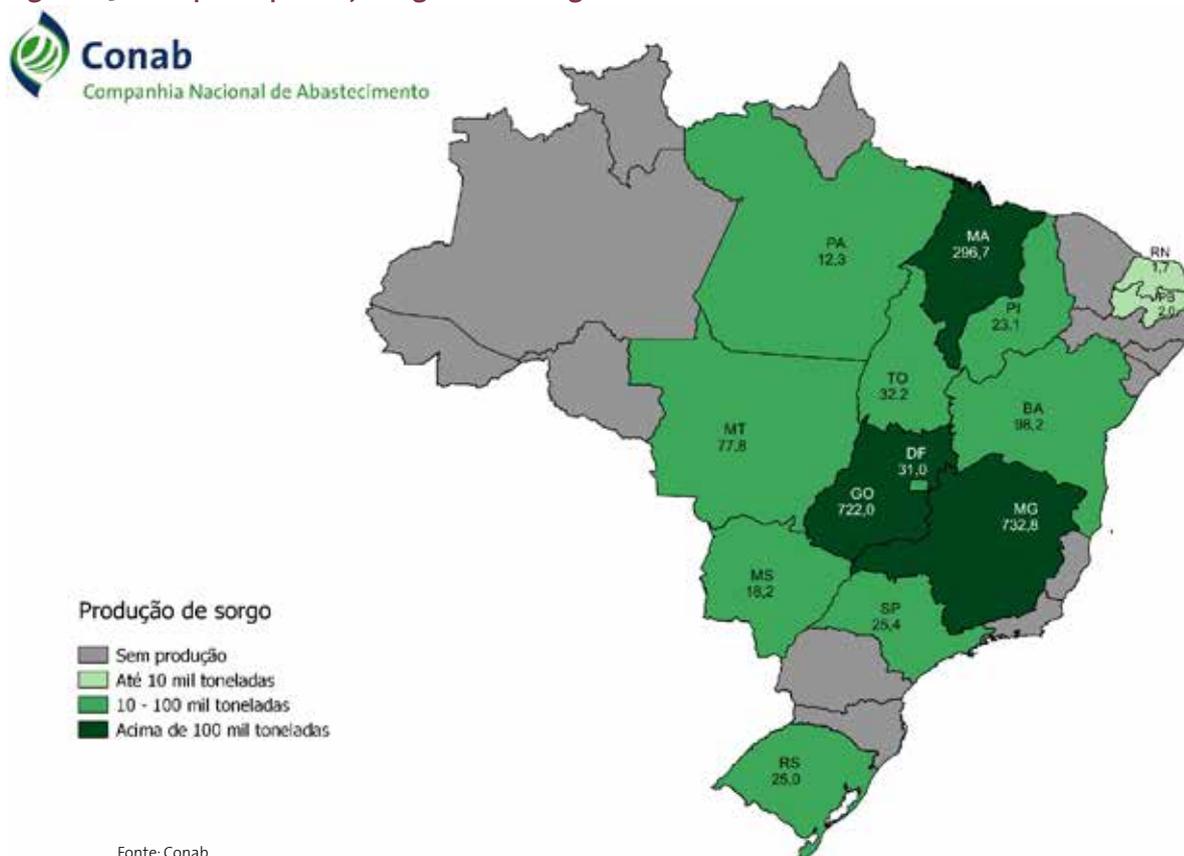
nação. Nessa região a colheita deve iniciar a partir de agosto. Ressalta-se que no sul houve relatos de falta de sementes para atender a demanda dos produtores, o que poderá ser sanada pela potencialização do plantio de sorgo semente no Triângulo Mineiro.

Em São Paulo, o sorgo é bastante tolerante à seca em comparação com outros cereais. Ele também apresenta menor custo de produção e, além disso, o cultivo do sorgo fornece matéria residual rica em carbono e nitrogênio, para as culturas sucessivas. A estimativa aponta recuo na área de 1,9% nesse décimo primeiro levantamento. A produtividade deverá ter retração de 28,4% em relação à safra anterior devido à grande estiagem.

Essa é uma cultura que suporta condições de estresse hídrico, o que permite período maior de cultivo. Esse cereal é bastante utilizado na alimentação animal e também humana, tendo sua demanda por investimentos significativamente menores que o de outras culturas. Isso representa uma opção de renda para os agricultores, tendo em vista um menor custo praticado.

O sorgo é o principal substituto do milho na fabricação de rações, o qual entra na cadeia produtiva de aves e suínos.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab.



Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MT	Nordeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
GO	Centro Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
	Leste Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
	Sul Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
DF	Distrito Federal						P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
SP	Ribeirão Preto					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	29,4	31,7	7,8	1.889	1.405	(25,6)	55,5	44,5	(19,8)
PA	-	4,1	-		3.012	-	-	12,3	-
TO	29,4	27,6	(6,1)	1.889	1.166	(38,3)	55,5	32,2	(42,0)
NORDESTE	113,2	224,7	98,5	1.180	1.877	59,1	133,5	421,7	215,9
MA	-	105,6	-		2.810	-	-	296,7	-
PI	11,4	16,5	44,3	2.044	1.400	(31,5)	23,3	23,1	(0,9)
CE	0,7	-	(100,0)	1.915	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
RN	1,3	1,3	(0,5)	1.244	1.346	8,2	1,6	1,7	6,3
PB	1,3	1,2	(7,7)	1.600	1.700	6,3	2,1	2,0	(4,8)
BA	98,5	100,1	1,6	1.068	981	(8,1)	105,2	98,2	(6,7)
CENTRO-OESTE	283,3	275,4	(2,8)	3.373	3.083	(8,6)	955,6	849,0	(11,2)
MT	38,5	32,0	(16,9)	2.353	2.431	3,3	90,6	77,8	(14,1)
MS	7,7	7,0	(9,1)	3.650	2.600	(28,8)	28,1	18,2	(35,2)
GO	230,1	229,2	(0,4)	3.500	3.150	(10,0)	805,4	722,0	(10,4)
DF	7,0	7,2	2,9	4.500	4.300	(4,4)	31,5	31,0	(1,6)
SUDESTE	193,6	220,7	14,0	3.581	3.436	(4,0)	693,2	758,2	9,4
MG	183,1	210,4	14,9	3.588	3.483	(2,9)	657,0	732,8	11,5
SP	10,5	10,3	(1,9)	3.452	2.470	(28,4)	36,2	25,4	(29,8)
SUL	9,0	9,0	-	3.000	2.777	(7,4)	27,0	25,0	(7,4)
RS	9,0	9,0	-	3.000	2.777	(7,4)	27,0	25,0	(7,4)
NORTE/NORDESTE	142,6	256,4	79,8	1.326	1.819	37,2	189,0	466,2	146,7
CENTRO-SUL	485,9	505,1	4,0	3.449	3.231	(6,3)	1.675,8	1.632,2	(2,6)
BRASIL	628,5	761,5	21,2	2.967	2.756	(7,1)	1.864,8	2.098,4	12,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



9.2. CULTURAS DE INVERNO

9.2.1. AVEIA BRANCA

Em Mato Grosso do Sul, as condições climáticas têm sido desfavoráveis para o desenvolvimento da cultura, principalmente pela ausência de chuvas. Isso pode acarretar eventuais prejuízos à produtividade e à qualidade do cereal, caso persista tal estiagem. A cultura é de origem temperada, mas pode ser cultivada em diferentes condições. Contudo, a estiagem que dura mais de 45 dias, segue preocupando os produtores no estado.

Com os cachos da planta praticamente formados, a geada também preocupa, pois nos dez primeiros dias de granação, os grãos apresentam muita sensibilidade por estarem na fase leitosa.

A escolha da cultivar é preponderante para um bom desenvolvimento da aveia, sobretudo no controle de plantas daninhas, pragas e doenças. Uma ação preventiva se baseia, em especial, na qualidade da semente e na época de plantio, proporcionando, assim, maior teor de massa verde e incremento de produtividade.

Estima-se que o cereal ocupe uma área de aproximadamente 30 mil hectares nesta safra, sendo 3,4% maior do que à anterior, atingindo uma produtividade de 1.500 kg/ha.

No Paraná, o plantio está finalizado, com área plantada de 70,3 mil hectares, ou seja, 11,4% maior do que a safra passada. Esse aumento de área é devido ao baixo custo da semente e da possibilidade de o produtor decidir ao longo da safra se fará a colheita do grão ou se fará a incorporação para cobertura, caso o preço do grão não seja compensatório, e ainda por conta da perda da janela ideal para o plantio do milho segunda safra. A colheita no estado tem início em setembro, e a produtividade estimada é de 2.262 kg/ha.

Figura 30 - Cultivo de aveia em Mamborê - PR



Fonte: Conab.

No Rio Grande do Sul, a semeadura está praticamente encerrada, com boa parte das lavouras já em floração (36% da área) e o restante em fase vegetativa. Restam apenas 20% a ser semeado na região da Serra Gaúcha. As lavouras apresentam bom desenvolvimento até o momento, com pouca incidência de doenças, havendo apenas alguns relatos de pequenos focos de ferrugem, em locais cujas plantas já se encontram em floração. Entretanto, tudo está dentro do aceitável e controlado pelos produtores.

Embora a aveia branca possa ser uma boa alternativa como cultura de inverno, as dificuldades encontradas na comercialização do produto e a falta de alternativas têm travado sua expansão no estado. Assim, a área para a safra atual está em 253,4 mil hectares, muito semelhante à safra anterior e igual ao levantamento anterior.

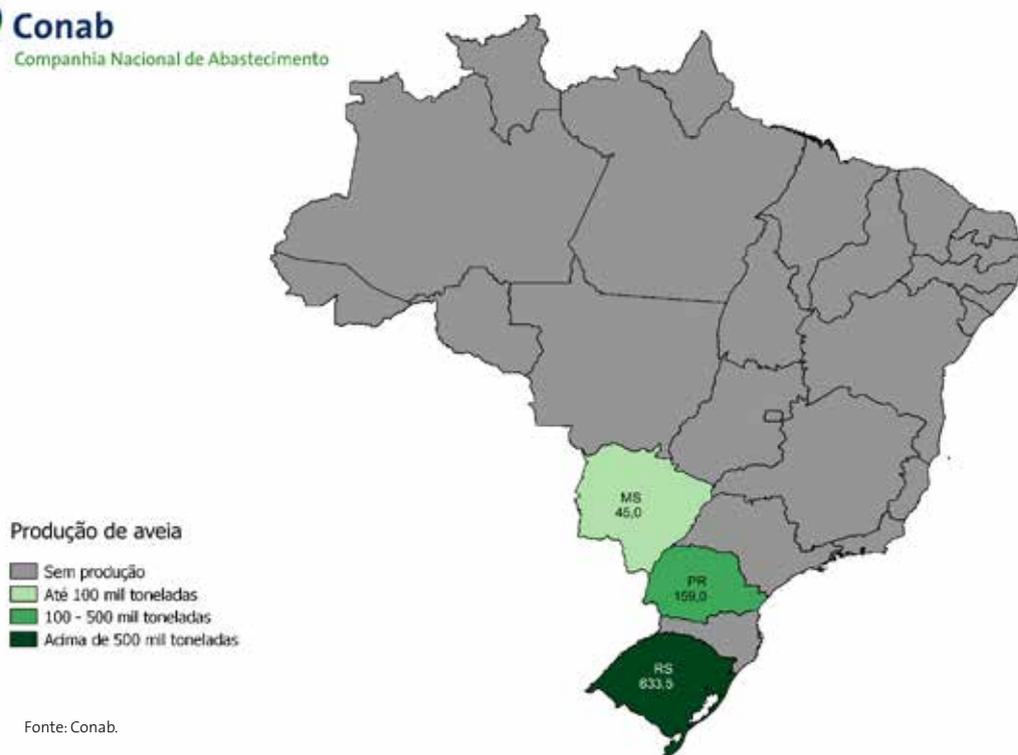
Figura 31 – Aveia em floração no município de Tapejara/RS



Fonte: Conab.



Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Quadro 12 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
RS	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
- Favorável
- Média restrição - falta de chuva
- Baixa restrição - excesso de chuva
- Restrição por falta de chuva e geadas

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	29,0	30,0	3,4	1.552	1.500	(3,4)	45,0	45,0	-
MS	29,0	30,0	3,4	1.550	1.500	(3,2)	45,0	45,0	-
SUL	311,3	323,7	4,0	1.891	2.605	37,8	588,8	843,2	43,2
PR	63,1	70,3	11,4	2.058	2.262	9,9	129,9	159,0	22,4
RS	248,2	253,4	2,1	1.849	2.700	46,0	458,9	684,2	49,1
CENTRO-SUL	340,3	353,7	3,9	1.862	2.511	34,9	633,8	888,2	40,1
BRASIL	340,3	353,7	3,9	1.862	2.511	34,9	633,8	888,2	40,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

9.2.2. CANOLA

No Paraná houve redução de área de 83,1% em relação à safra anterior, principalmente em razão da ausência de plantio em municípios que até então eram produtores da cultura, como Jacarezinho e Ponta Grossa. Existia um desestímulo por parte dos envolvidos em virtude das produtividades apresentadas pela cultura na última safra ficarem aquém do esperado, além do preço pouco atrativo da oleaginosa, que demonstrou queda na demanda de seu óleo, fazendo com que a indústria não garantisse mais a compra da produção.

No Rio Grande do Sul, a canola é a cultura de inverno que se encontra em estágio mais avançado de desenvolvimento. Do total, cerca de 67% da produção está em florescimento, 23% em enchimento de grãos e 10% em desenvolvimento vegetativo. As lavouras apresentam ótima evolução visual, com plantas altas, população de plantas adequada e inflorescências grandes, o que indica um alto potencial produtivo. Em comparação à safra anterior, a atual apresenta condições muito melhores, visto que no ano anterior tivemos vários contratemplos na implantação da cultura. Apenas problemas pontuais de germinação causaram lavouras desuniformes, mas são praticamente insignificantes.

A área total do estado ainda não está consolidada, visto que alguns informantes ainda estão contabilizando

áreas na região produtora, devendo ser concluída até o próximo levantamento. Assim, a área até o momento apurada é de 40,8 mil hectares, redução de 5,8% em relação ao ano anterior. A redução pode ser explicada justamente pelos inconvenientes ocorridos na safra anterior, cuja produtividade foi severamente afetada por intempéries desde a semeadura até a colheita.

Figura 33 – Canola em florescimento no município de Bom Progresso/RS



Fonte: Conab.



Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Canola

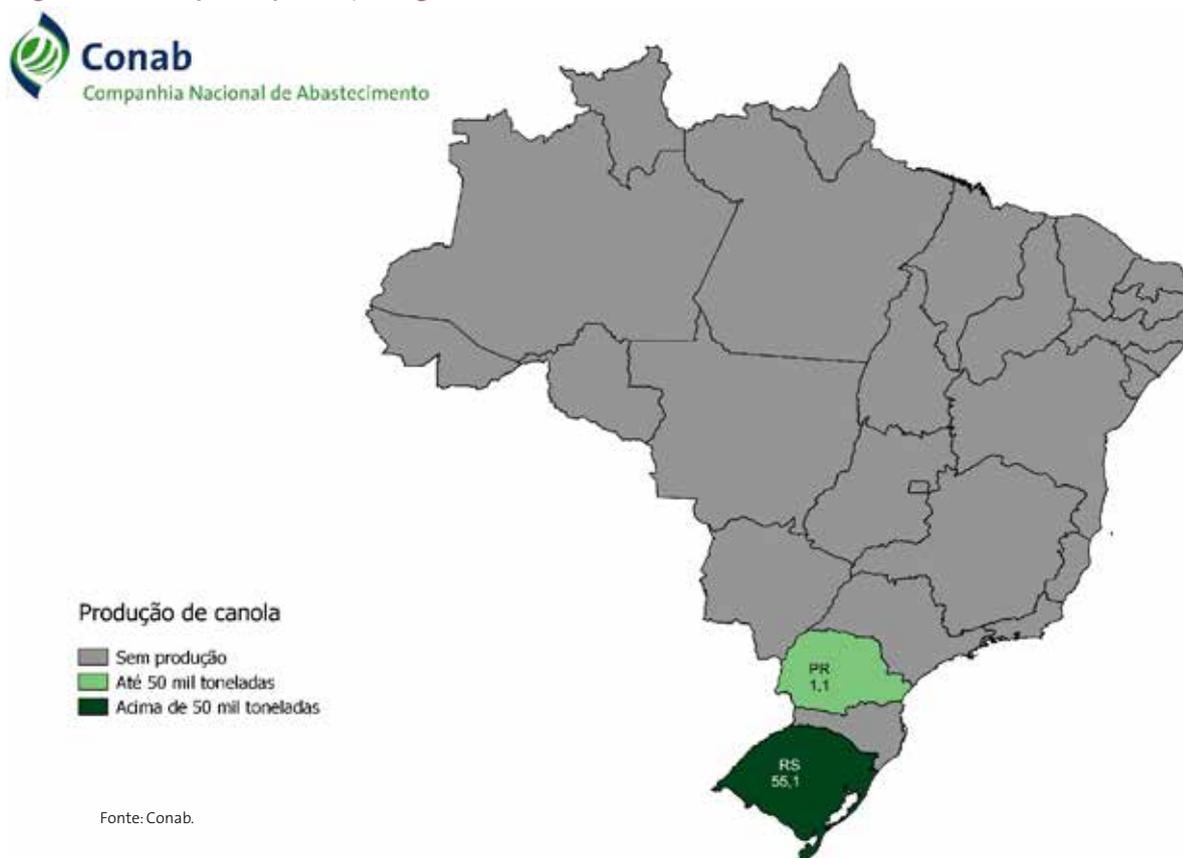


Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	48,1	41,6	(13,5)	848	1.351	59,3	40,8	56,2	37,7
PR	4,8	0,8	(83,1)	1.286	1.400	8,9	6,2	1,1	(82,3)
RS	43,3	40,8	(5,8)	799	1.350	69,0	34,6	55,1	59,2
CENTRO-SUL	48,1	41,6	(13,5)	848	1.351	59,3	40,8	56,2	37,7
BRASIL	48,1	41,6	(13,5)	848	1.351	59,3	40,8	56,2	37,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

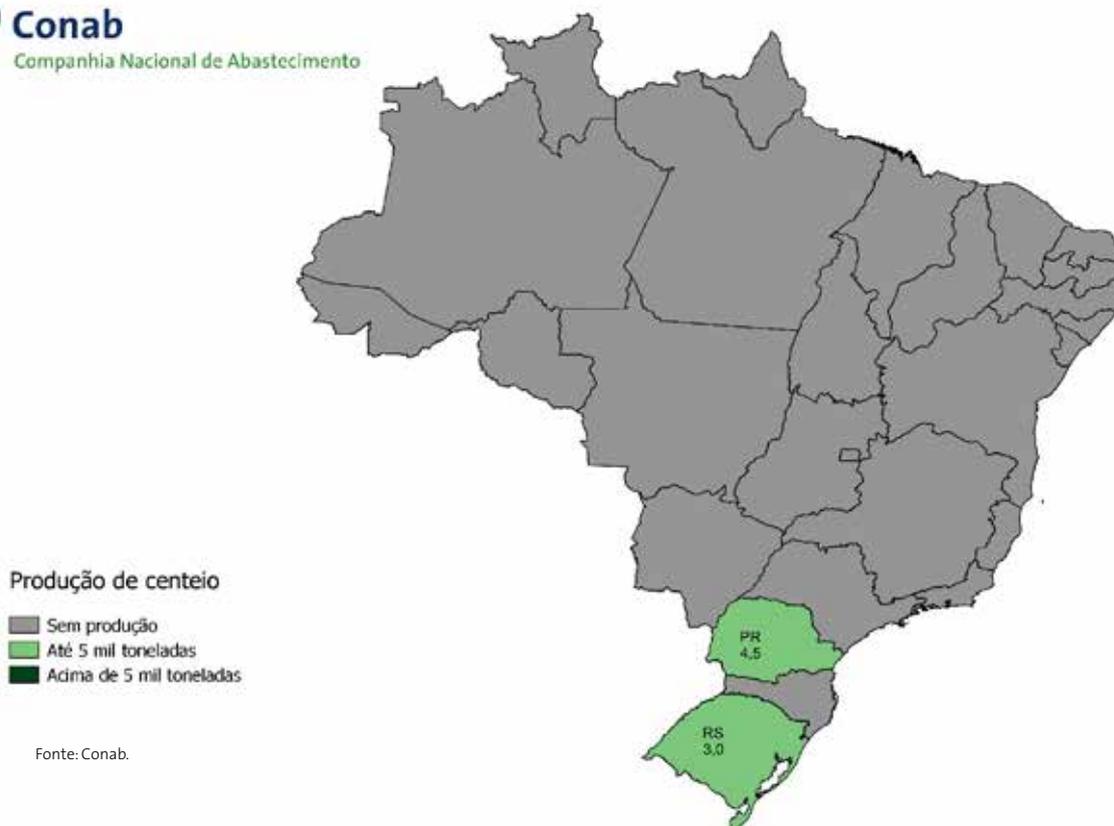
9.2.3. CENTEIO

No Paraná, mesmo com pouca expressão econômica, o plantio do centeio foi concluído em julho e manteve a sua área plantada, em comparação à safra anterior, com 2,1 mil hectares. Essa manutenção de área destinada ao centeio se deve, principalmente, ao incentivo que as cooperativas, que utilizam o produto para fabricação

de farinha, dão aos cooperados com o pagamento de bonificação. Mesmo sendo de ciclo mais longo, muitos produtores optam pelo plantio por conta das vantagens da sua palhada farta, e que se decompõe lentamente no plantio direto, trazendo economia na aplicação de herbicidas nas lavouras seguintes (soja e milho).



Figura 35 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab.

Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	3,6	3,6	-	1.722	2.083	21,0	6,2	7,5	21,0
PR	2,1	2,1	-	1.678	2.150	28,1	3,5	4,5	28,6
RS	1,5	1,5	-	1.826	2.000	9,5	2,7	3,0	11,1
CENTRO-SUL	3,6	3,6	-	1.722	2.083	21,0	6,2	7,5	21,0
BRASIL	3,6	3,6	-	1.722	2.083	21,0	6,2	7,5	21,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

9.2.4. CEVADA

No Paraná, o plantio de cevada encontra-se encerrado, com área plantada de 53,7 mil hectares, o que representa um incremento de quase 7% em relação à safra anterior. As maltarias instaladas no Paraná fomentam a produção do cereal, garantindo a compra de 100% da produção, desde que atinja qualidade para malte.

As lavouras estão atualmente em perfilhamento e, até então, as condições são favoráveis para o pleno desenvolvimento da cultura. A expectativa de produtividade é de 3.806 kg/ha, atingindo uma produção

de 204,4 mil toneladas.

Em Santa Catarina, os 600 hectares de área previstos para a cultura da cevada, nesta safra, encontram-se semeados. A redução da área foi de 50% em relação ao observado na safra passada.

A produtividade estimada atualmente gira em torno de 3.700 kg/ha, o que representa um incremento de 117,6% em comparação à safra passada, quando as condições climáticas não foram favoráveis ao cultivo.



A cultura se encontra na fase de perfilhamento, e as condições climáticas, até agora, têm sido favoráveis, sem restrição hídrica, e temperaturas dentro do normal para a estação. Até o momento não há registro de ataques de doença ou pragas importantes, e os produtores têm efetuado os tratamentos culturais de modo adequado. Ante as condições atuais, estima-se uma produção de 2,2 mil toneladas, sendo 10% maior que a safra anterior. O produto deve ser totalmente destinado à produção de malte cervejeiro, dependendo da qualidade dos grãos.

No Rio Grande do Sul, a semeadura está praticamente finalizada. A grande maioria das lavouras (mais de 97%) estão em perfilhamento. Restam 30% da área a ser plantada na região de Caxias do Sul onde encontram plantas em germinação e no início do estágio vegetativo, devendo o plantio ser concluído na semana que vêm, dentro do período recomendado. Em regiões com semeadura mais cedo, as primeiras lavouras iniciam o florescimento, mas ainda é inexpressivo como um todo.

A área plantada com o cereal foi reduzida em decorrência dos problemas de qualidade ocorridos na safra passada em boa parte do estado, em especial nas regiões que já são secundárias para o cultivo de cevada, tendo sido substituídas essas áreas por plantas de co-

bertura ou pastagens. Outro fator de redução da área é a diminuição do incentivo por parte da indústria cervejeira, que detém um monopólio no estado. Assim, a área desta safra foi estimada em 55,6 mil hectares, redução de 2,5% em relação ao levantamento anterior.

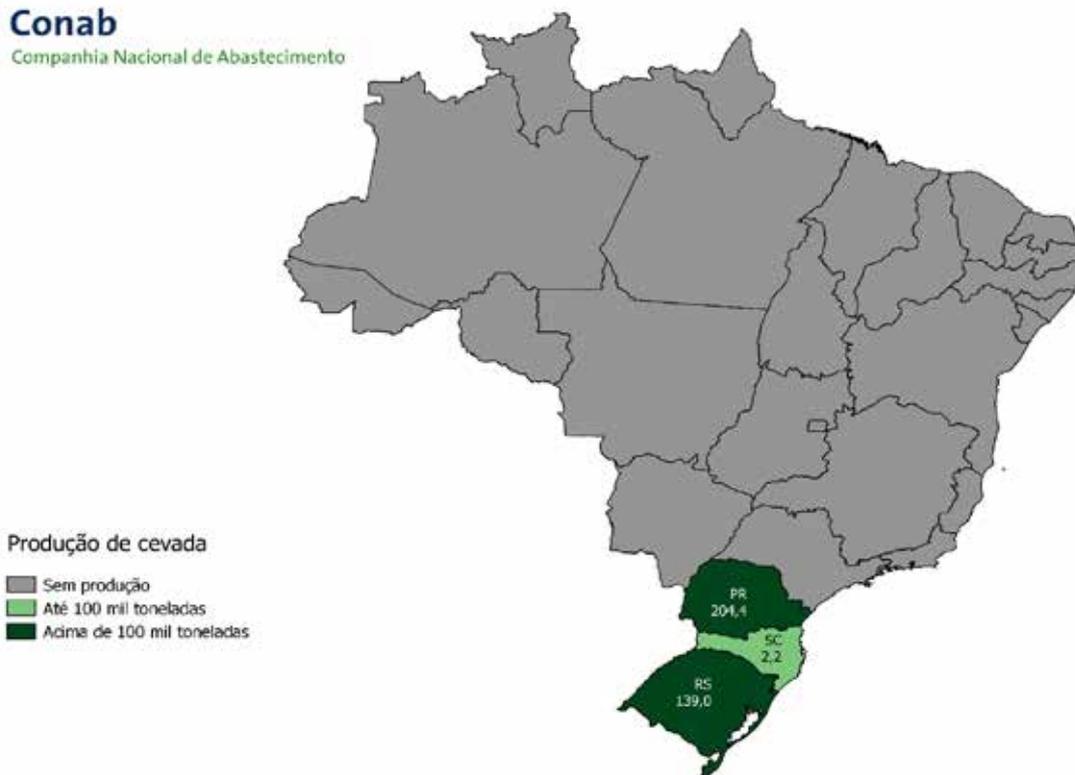
Até o momento foi observado a ocorrência de oídio, manchas foliares e mosaico em algumas lavouras na região de Tapejara e Passo Fundo, mas que já estão sendo tratadas com aplicação de fungicidas ou controle de vetor.

Figura 36 - Cevada em floração no município de Passo Fundo - RS



Fonte: Conab.

Figura 37- Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab.



Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	108,4	109,9	1,4	2.602	3.145	20,9	282,1	345,6	22,5
PR	50,2	53,7	7,0	3.301	3.806	15,3	165,7	204,4	23,3
SC	1,2	0,6	(50,0)	1.700	3.700	117,6	2,0	2,2	10,0
RS	57,0	55,6	(2,5)	2.006	2.500	24,6	114,3	139,0	21,6
CENTRO-SUL	108,4	109,9	1,4	2.602	3.145	20,9	282,1	345,6	22,5
BRASIL	108,4	109,9	1,4	2.602	3.145	20,9	282,1	345,6	22,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.

9.2.5. TRIGO

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 5 mil hectares de trigo, nesta safra. As lavouras estão distribuídas nos municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Riachão das Neves, São Desidério e Formosa do Rio Preto. A triticultura nessas regiões representou benefícios gerais, principalmente na diminuição de incidência de fusariose e esclerotinia nas culturas subsequentes, visto que o trigo não é um hospedeiro dos patógenos causadores dessas doenças. Além disso, o cereal trouxe a redução na ocorrência de nematoides e plantas daninhas, diversificação de produção e boa cobertura de solo.

O cultivo é irrigado e deve ser realizado em meados de maio, quando a temperatura noturna atinge 17 °C, e a colheita em agosto e setembro. As plantas estão em fase de desenvolvimento vegetativo e florescimento, esperando-se a colheita para início outubro.

As principais dificuldades para o crescimento da cultura no estado é a falta de unidades de processamento, sendo necessário enviar a produção para ser processada no Distrito Federal.

Figura 38 - Cultivo de trigo em fase de florescimento, sob regime de irrigação em Ribeirão das Neves - BA



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, a área plantada é de aproximadamente de 28 mil hectares, um aumento de 40% em relação à safra passada, com uma produtividade média estimada de 2.300 kg/ha.

Com cotações e demandas altas no estado e clima desfavorável no período de enchimento de grãos, os produtores estão apreensivos com a cultura. Sem chuvas há mais de 45 dias nas principais regiões produtoras, os tratos culturais foram suspensos por falta de umidade, e algumas áreas apresentam espiguetas menores com tendência de produção de triguilho. No início do plantio houveram chuvas espaçadas, favorecendo a cultura, porém com a baixa umidade neste final de ciclo, ocasionaram danos às lavouras.

Por outro lado, tais condições do clima têm favorecido o controle de pragas e doenças. No início do desenvolvimento da cultura foram relatados alguns ataques provocados pelo pulgão das folhas e recentemente a lagarta dos cereais, porém os controles corretivos realizados demonstraram êxito na proteção da cultura, impedindo a proliferação dessas pragas.

Para as lavouras que ainda estão na fase de desenvolvimento vegetativo, as pancadas de chuvas tendem a recuperar a maior parte das áreas que têm sofrido com a estiagem.

Atualmente 100% da área de trigo já foi plantada no estado, visto que aproximadamente 5% está em desenvolvimento vegetativo, 30% em frutificação e o restante em maturação. A expectativa é de início da colheita em meados de agosto.

Até o momento, praticamente nada foi comercializado e as projeções do mercado têm variado bastante. Os produtores têm levantado uma preocupação quanto à entrada do produto de outros estados, condicionando redução da expectativa da área de plantio, muitos deles conservaram as pastagem ao invés de investirem no



trigo. Para os que optaram em plantar, a justificativa foi a melhora do mercado dada à menor oferta mundial do cereal e à disponibilidade de crédito tanto das cooperativas quanto dos bancos.

Em Goiás, o trigo é cultivado sobre duas condições de produção, o irrigado – através de pivô central – e em sequeiro. As regiões altas, tais como Cristalina, Luziânia e Água Fria de Goiás, são as que se destacam na triticultura do estado, e dispõem de um período de safra coincidente com a entressafra de outros países produtores, justamente mediante a irrigação. A produtividade esperada para o trigo irrigado em Cristalina, por exemplo, é de 100 scs/ha (6.000 quilos), valor esse maior do que a média do estado, que é de 5.446 kg/ha.

O trigo plantado, na região leste de Goiás, na condição de sequeiro, foi semeado em março, tendo as primeiras áreas sendo colhidas no final de junho, com produtividade média entre 1.500 e 1.700 kg/ha. Áreas menores estão situadas no sul do estado, tanto em sequeiro como irrigado. Áreas destinadas primeiramente para plantio de feijão foram substituídas por trigo principalmente na região leste do estado, onde a altitude supera 800 metros, fator importante para a implantação da cultura. Ainda não se iniciou a colheita do trigo irrigado. A previsão é para final de agosto e setembro.

No Distrito Federal, a área semeada na safra atual foi de 1,3 mil hectares, considerando as áreas de sequeiro (400 hectares) e irrigado (900 hectares). A produtividade do trigo de sequeiro está estimada em 2.400 kg/ha, enquanto que a do trigo irrigado será de 6.600 kg/ha, estimando assim uma produtividade média de 5.308 kg/ha para a região, considerando as duas modalidades de cultivo.

Assim, a produção foi acrescida em 27,8%, saindo das 5,4 mil toneladas produzidas na safra anterior, para as atuais 6,9 mil toneladas.

As lavouras se encontram predominantemente em fase de floração, e o bom desenvolvimento da cultura indica que as expectativas da produtividade serão alcançadas.

Observa-se elevado interesse dos produtores no plantio da gramínea como segunda safra em área de sequeiro, visto que as novas variedades lançadas são menos susceptíveis às doenças e alcançaram uma produtividade de 2.400 kg/ha, nesta safra, utilizando apenas a adubação residual da safra anterior.

Vale ressaltar que o cultivo de trigo de sequeiro é de alto risco, em especial com a ocorrência de doenças como a brusone, no entanto, o potencial de rendimento está associado à disponibilidade hídrica durante o

ciclo de desenvolvimento da cultura.

Em Minas Gerais, houve uma pequena redução da área plantada, tanto no cultivo de sequeiro como no irrigado, em comparação à safra anterior. A produtividade do trigo irrigado não sofreu redução significativa, em virtude da maior disponibilidade hídrica decorrente do sistema de plantio. Já o cultivo de sequeiro apresentou queda de produtividade de 9,6% em relação à safra passada. Os principais motivos dessa redução dizem respeito a escassez de chuva e as altas temperaturas registradas no período, o que prejudicou a germinação e o desenvolvimento das lavouras, acarretando menores estandes de plantio e baixa estatura das plantas.

As condições fitossanitárias das lavouras são consideradas boas, apresentando um desenvolvimento fenológico satisfatório. A maior parte da produção já está em fase de maturação.

Em São Paulo, a maioria das lavouras se encontra em estágio de desenvolvimento, extremamente atrasado para o período em questão. Os produtores já trabalham com a possibilidade de frustração de produção, assim como a redução de produtividade. Mesmo as ressalvas positivas feitas pelas áreas ocupadas de última hora, não tendem a apresentar retorno positivo no resultado de colheita. Conforme foi observado, 90% das lavouras estão aquém do seu desenvolvimento fenológico. Além disso, os produtores têm encontrado restrição na disponibilidade de água para irrigação, constringindo a abertura de seus pivôs para suas lavouras de trigo e usando a reserva dos açudes com bastante cautela, visando a economia dos recursos hídricos. A prioridade está na manutenção de água para o plantio das culturas subsequentes, como feijão primeira safra e soja. Outro fator mais específico que contribuiu para o atraso do plantio do trigo foi a greve dos caminhoneiros. A paralisação atrasou o recebimento de fertilizantes pelos produtores.

As áreas de maiores produção do estado estão na região sudoeste, em especial no município de Itapeva. Porém, em decorrência das poucas chuvas, apresentou redução significativa da área semeada.

Em outras regiões que são tradicionalmente grandes produtoras de trigo, bem ao final do período de plantio, ou até mesmo com certo atraso, os produtores realizaram subitamente o plantio do trigo, mostrando boa ocupação das áreas e amenizando uma constrição que já era prevista, inclusive no levantamento anterior.

A motivação para o plantio de última hora do cereal seria o aproveitamento das terras, evitando deixá-las desocupadas. Dessa forma, o produtor garante o controle de pragas e ervas daninhas, com o aproveitamento da



palhada do trigo, conservando o solo e evitando custos adicionais para o preparo da área no eventual plantio de soja subsequente.

Entretanto, de maneira geral, há expectativa de redução de área plantada em relação à safra passada, principalmente em decorrência das poucas chuvas e do consequente atraso de plantio, que culminou em retardo no aproveitamento do seguro agrícola, mediante o comprometimento do calendário recomendável para semeadura.

Figura 39 - Lavoura de trigo de sequeiro em Avaré – SP.



Fonte: Conab.

No Paraná, o plantio de trigo está concluído, já que o total da área plantada foi de 1.083,6 mil hectares, o que representa um aumento de 12,7% em relação à safra anterior. Esse fato se deve à substituição das áreas de milho, que ocorreu devido à estiagem, a qual inviabilizou a semeadura no período ideal, e também pelos preços atrativos do trigo no momento do plantio.

A expectativa é de um incremento na produtividade de 17,8%, com relação à safra anterior, esperando-se um rendimento de 2.718 kg/ha. Porém, também em virtude da estiagem prolongada, muitas lavouras estão sendo consideradas regulares e a produtividade pode diminuir. Até o momento, a maioria delas ainda é considerada boa.

Em Santa Catarina, a semeadura do trigo está concluída, após a implantação das últimas lavouras no Planalto Serrano, no final de julho. A maioria se encontra em perfilhamento (68%), sendo o restante dividido entre emergência e alongamento, com 27% e 5%, respectivamente. As lavouras em perfilhamento já estão recebendo a primeira aplicação de adubação nitrogenada em cobertura, principalmente na região oeste (extremo e meio-oeste), onde as condições climáticas estão mais favoráveis. As lavouras localizadas no Planalto Norte vêm sendo afetadas com a falta de chuva que já dura algumas semanas, atrapalhando este trato cultural. As chuvas que ocorreram na última semana de julho foram irregulares ao longo do estado, visto que os maiores volumes foram registrados no litoral, região sul e na região oeste, e baixos índices pluviométricos na região norte. Essa condição não foi suficiente para que todos

os produtores pudessem realizar a adubação nitrogenada normalmente, o que pode afetar negativamente a produtividade caso essa condição persista por mais tempo.

Em termos de sanidade, com exceção do ataque de oídio em algumas lavouras no meio-oeste, as condições são satisfatórias, haja vista que a cultura se encontra em estágio inicial de desenvolvimento, tendo potencial para recuperação ao longo do ciclo.

Exceto pela baixa precipitação nos últimos dias, o clima está dentro da normalidade em relação às temperaturas, o que beneficia o desenvolvimento dessa espécie quando ocorrem períodos de frio durante o estágio vegetativo.

Motivados principalmente pelos bons preços do produto nos últimos meses, os produtores mostraram maior interesse em investir na cultura nesta safra, resultando no aumento da área em comparação ao observado na safra passada. Em alguns municípios, a área não cresceu mais em consequência da menor oferta de semente em algumas empresas.

A produtividade esperada para a safra atual ainda é muito dependente das condições climáticas e sanitárias pelas quais as lavouras devem passar, já que seu desenvolvimento está em fase inicial. Contudo, o potencial produtivo dos materiais, em conjunto com o pacote tecnológico a ser adotado pelos produtores, permite inferir que a produtividade deve ser de 3.000 kg/ha.

No Rio Grande do Sul, a semeadura do trigo está praticamente finalizada, com 99% da área semeada. Entre aquelas já implantadas, 96% estão no estágio de perfilhamento, 2% em alongamento e 2% em germinação. As lavouras, de maneira geral, apresentam boas condições de desenvolvimento. Com relação à safra anterior, a implantação e o estabelecimento inicial da cultura se deram de maneira muito mais adequada, visto que nesta, não ocorreu excesso de chuva na semeadura e estiagem no estabelecimento, enquanto que naquela esses dois elementos prejudicaram muito. Assim, o potencial produtivo das lavouras continua muito alto.

As condições meteorológicas de julho, em especial do decêndio final, foram um pouco adversas, no tocante à radiação solar. O ingresso de várias frentes frias ocasionou grandes volumes de chuvas em alguns lugares e, além disso, propiciou a ocorrência de uma alta frequência de dias nebulosos, o que reduziu a incidência de luz e consequentemente a fotossíntese das plantas. Além disso, os tratos culturais foram prejudicados.

O excesso de umidade, tanto no solo quanto no ar, fi-



zeram com que várias regiões registrassem incidências de oídio e manchas foliares, mesmo que de forma incipiente. A sucessão trigo-trigo e o uso de cultivares suscetíveis são elementos que favorecem o surgimento de tais doenças. Além disso, os altos índices pluviométricos dos últimos dias impediu a entrada na lavoura para a aplicação de ureia em cobertura e de fungicidas protetores. Isso, porém, deve ser normalizado à medida que as condições climáticas voltem a ser favoráveis

Embora apresente semeadura praticamente encerrada, ainda não está totalmente definida a área destinada a triticultura no estado. Antes do plantio, havia um grande pessimismo quanto à intenção de cultivo em virtude da frustração dos produtores nos últimos anos, com relação ao preço e à quebra de qualidade. Porém, no momento de semear, muitos que estavam indecisos acabaram optando pela manutenção da produção, fazendo com que a área estimada seja de 695,7 mil hec-

tares, representando uma pequena redução de 0,5% em relação à safra anterior.

Figura 40 - Cultivo de trigo em perfilhamento no município de Erechim - RS.



Fonte: Conab.

Figura 41 - Mapa da produção agrícola - Trigo

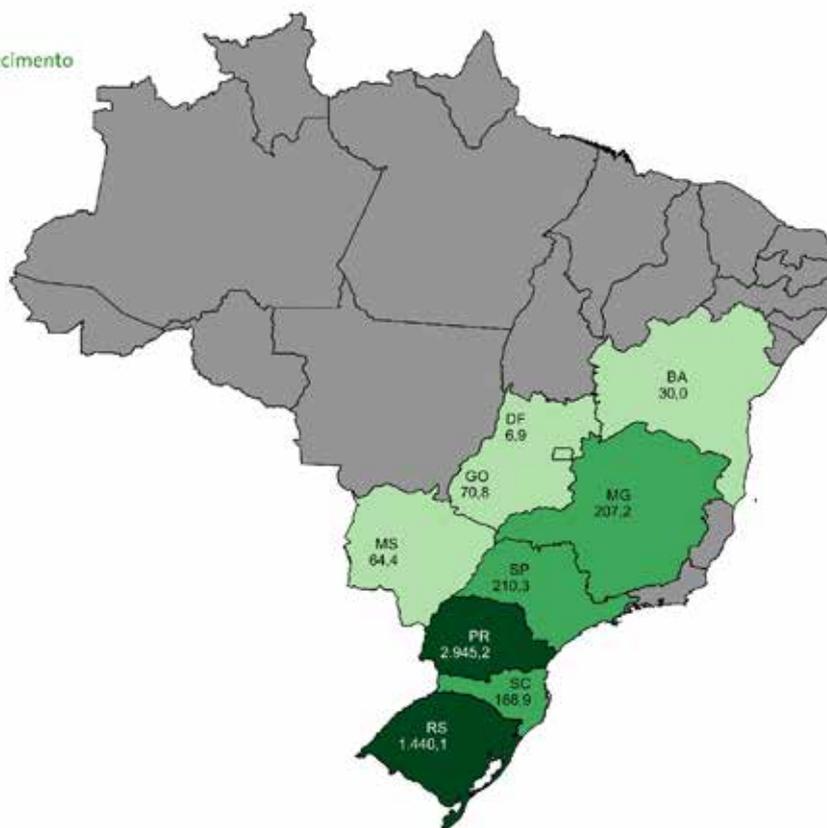


Conab

Companhia Nacional de Abastecimento

Produção de trigo

- Sem produção
- Até 100 mil toneladas
- 100 - 500 mil toneladas
- Acima de 500 mil toneladas



Fonte: Conab.



Quadro 13 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safrá 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Catarinense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Serrana					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Restrição por falta de chuva e geadas			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
BA	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-OESTE	31,9	42,3	32,6	3.229	3.359	4,0	103,0	142,1	38,0
MS	20,0	28,0	40,0	1.950	2.300	17,9	39,0	64,4	65,1
GO	11,0	13,0	18,2	5.330	5.446	2,2	58,6	70,8	20,8
DF	0,9	1,3	44,4	6.000	5.308	(11,5)	5,4	6,9	27,8
SUDESTE	164,5	151,3	(8,0)	2.996	2.759	(7,9)	492,9	417,5	(15,3)
MG	84,6	83,7	(1,1)	2.662	2.475	(7,0)	226,6	207,2	(8,6)
SP	79,9	67,6	(15,4)	3.333	3.111	(6,7)	266,3	210,3	(21,0)
SUL	1.714,6	1.835,6	7,1	2.122	2.481	16,9	3.637,6	4.554,2	25,2
PR	961,5	1.083,6	12,7	2.308	2.718	17,8	2.219,1	2.945,2	32,7
SC	53,9	56,3	4,5	2.630	3.000	14,1	141,8	168,9	19,1
RS	699,2	695,7	(0,5)	1.826	2.070	13,4	1.276,7	1.440,1	12,8
NORTE/NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-SUL	1.911,0	2.029,2	6,2	2.215	2.520	13,8	4.233,5	5.113,8	20,8
BRASIL	1.916,0	2.034,2	6,2	2.225	2.529	13,7	4.263,5	5.143,8	20,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.



9.2.6. TRITICALE

Em São Paulo, o produto, derivado do trigo, é cultivado predominantemente na região sudoeste do estado, assim como a triticultura. Tem como destaque os municípios de Itapeva, Avaré, Itaí, Itararé e Itaberá.

Em relação à área plantada, cerca de 5,1 mil hectares foram cultivados com o triticale no estado, representando uma redução de 32%, se comparado à safra anterior. Além disso, a produtividade também apresentou recuo de 2,3%, passando a ser de 2.714 kg/ha.

No Paraná quase toda a semeadura de triticale já foi

finalizada, apresentando uma área plantada de 9,5 mil hectares, o que significa uma redução de 2,9% em comparação com a safra anterior.

A expectativa de rendimento médio no estado é de 2.733 kg/ha, 20% superior à safra anterior. Isso ocorreu porque, com a redução da área plantada, a maior concentração da produção está na região de Guarapuava, onde as lavouras são conduzidas com maior tecnologia, uma vez que a destinação do produto final é a indústria de panificação. As lavouras são consideradas boas e estão, em sua maioria, em desenvolvimento vegetativo.

Figura 42 – Mapa da produção agrícola – Triticale

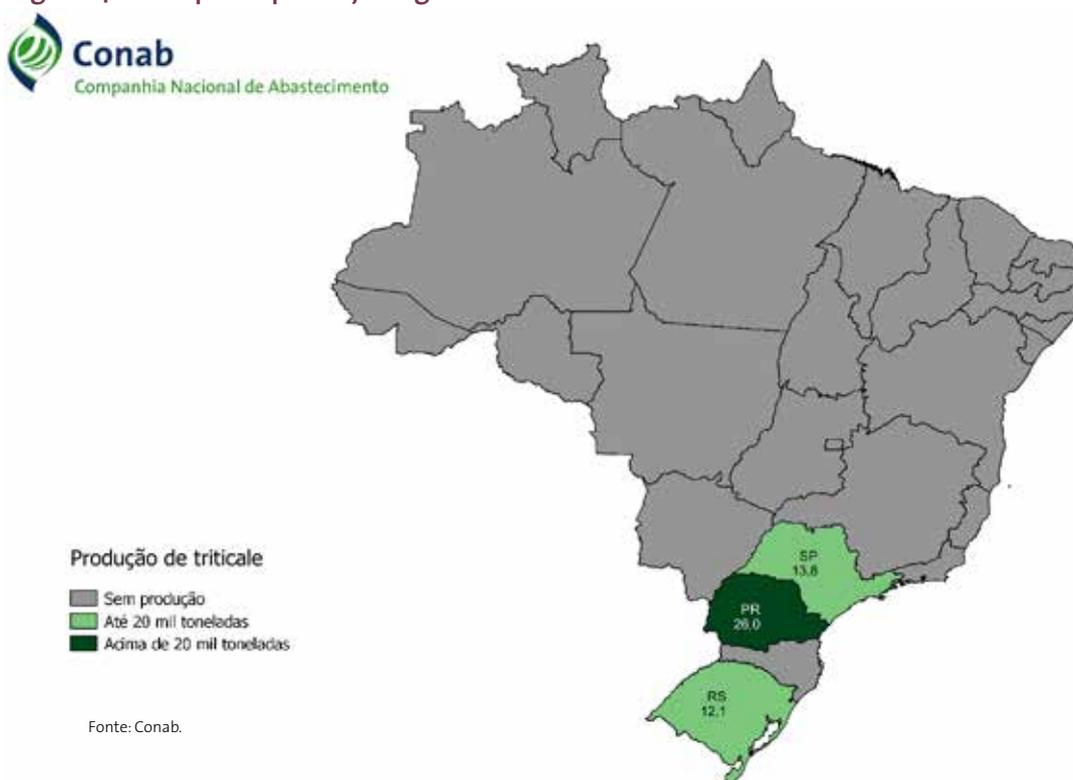


Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	5,1	(32,0)	2.773	2.706	(2,4)	20,8	13,8	(33,7)
SP	7,5	5,1	(32,0)	2.779	2.714	(2,3)	20,8	13,8	(33,7)
SUL	15,5	15,2	(1,9)	2.110	2.507	18,8	32,7	38,1	16,5
PR	9,8	9,5	(2,9)	2.277	2.733	20,0	22,3	26,0	16,6
RS	5,7	5,7	-	1.826	2.123	16,3	10,4	12,1	16,3
CENTRO-SUL	23,0	20,3	(11,7)	2.326	2.557	9,9	53,5	51,9	(3,0)
BRASIL	23,0	20,3	(11,7)	2.326	2.557	9,9	53,5	51,9	(3,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2018.





10. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja da safra 2017/18, estimada com base nos dados do décimo primeiro levantamento e nos preços recebidos pelos produtores em julho de 2018, atinge o total de R\$ 208,93 bilhões. Esse número é 25,5% superior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 166,52 bilhões. O percentual de acréscimo supracitado pode ser explicado pela alta do valor da produção da soja, com crescimento na produção e principalmente nos preços praticados, pela maior produção do algodão e sua valorização no mercado e, por fim, a cultura do milho que apresenta queda na produção, mas elevada valorização do produto.

Tabela 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados

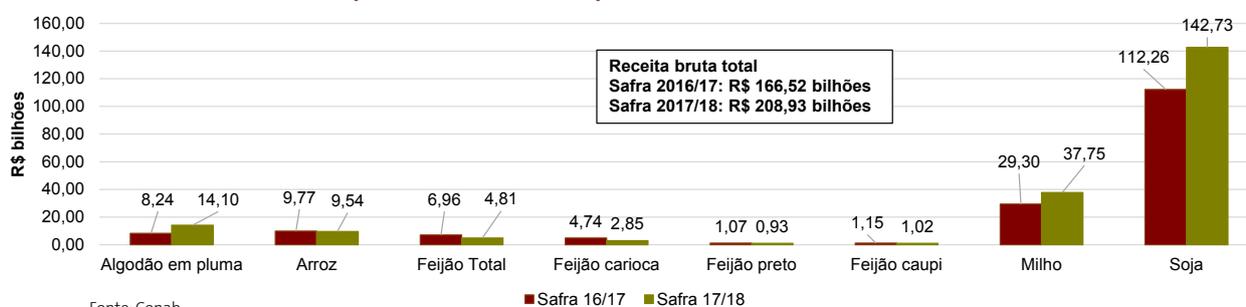
PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões		
	Safra 16/17	Safra 17/18	Variação	Unid.	07/2017	07/2018	Variação	07/2017	07/2018	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	1,53	1,98	29,4%	15	80,78	106,88	32,3%	8,24	14,10	71,2%
Arroz	12,33	12,03	-2,5%	60	47,53	47,58	0,1%	9,77	9,54	-2,4%
Feijão Total	3,40	3,18	-6,3%	60	122,80	90,56	-26,3%	6,96	4,81	-30,9%
Feijão carioca	2,18	1,85	-15,3%	60	130,62	92,71	-29,0%	4,74	2,85	-39,9%
Feijão preto	0,51	0,49	-3,5%	60	126,37	113,98	-9,8%	1,07	0,93	-13,0%
Feijão caupi	0,71	0,85	18,9%	60	96,37	72,36	-24,9%	1,15	1,02	-10,7%
Milho	97,84	82,18	-16,0%	60	17,97	27,56	53,4%	29,30	37,75	28,8%
Soja	114,08	118,99	4,3%	60	59,04	71,97	21,9%	112,26	142,73	27,1%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	166,52	208,93	25,5%

Fonte: Conab.

Nota 1: Estimativa de produção em julho/2018 e preços de junho de 2017 e 2018.

Nota 2: Devido à inexistência dos preços em junho/2017 - entressafra- para o feijão caupi, a receita bruta relacionada à esse produto não foi calculada.

Gráfico 1 – Receita bruta dos produtores rurais– produtos selecionados – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

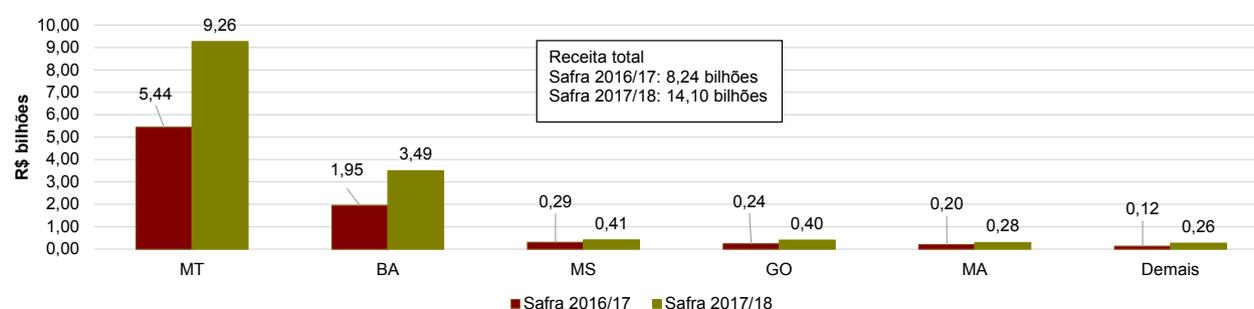
Nota: preços de julho/2017 e julho/2018. Produtos: algodão em pluma, arroz, feijão, milho e soja

10.1. ALGODÃO

A produção do algodão apresenta incremento de 29,4%, no escopo nacional. Paralelamente, o preço médio nacional para a fibra apresenta valorização de 32,3%. Esses dois movimentos culminaram no aumento do valor da receita bruta dos produtores, que

apresenta um valor de R\$ 14,10 bilhões para a safra em questão, um aumento de 71,2% em relação à safra anterior, ou seja, tanto o aumento da produção como o incremento do preço médio impactaram na receita bruta.

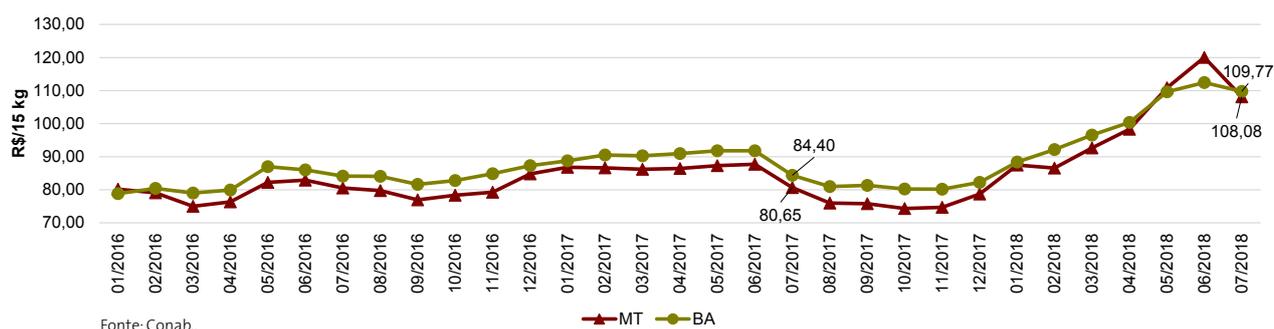
Gráfico 2 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – julho/2017 a julho/2018



Fonte: Conab.



Gráfico 3 – Algodão em pluma – Preços nominais recebidos pelos produtores



As Unidades da Federação com maior produção do algodão são o Mato Grosso e a Bahia. O valor da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foi de R\$ 9,26 bilhões e para a Bahia R\$ 3,50 bilhões, aumentos de 70,4% e 79,3%, respectivamente. É im-

portante ressaltar os grandes avanços na produção na Bahia, a qual passou de 346 mil toneladas para 477 mil, e no Mato Grosso, a qual passou de 1.011 mil toneladas para 1.285 mil, aumentos de 37,8% e 27,1%, respectivamente.

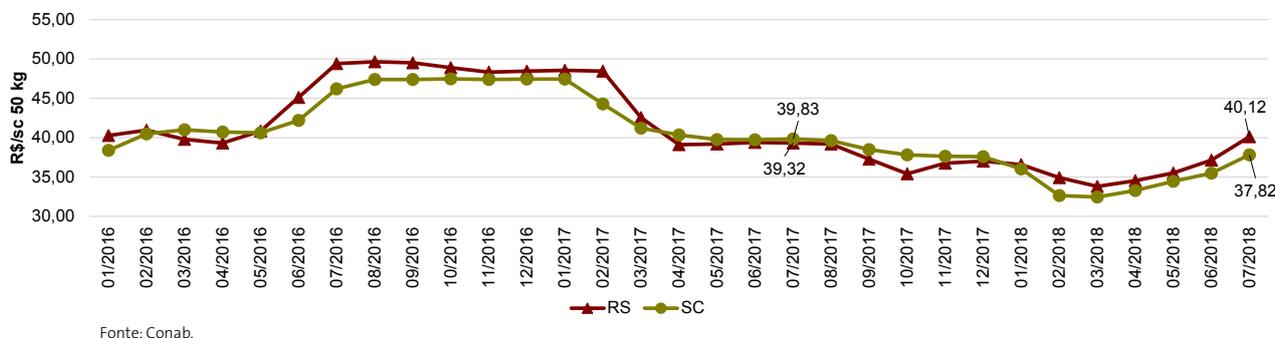
10.2. ARROZ

O arroz tem a produção concentrada na Região Sul do Brasil, fator que indica forte participação dos estados produtores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. O maior estado produtor, Rio

Grande do Sul, apresenta decréscimo na produção de 3,1% e para Santa Catarina aumento de 2,3%.

Além disso, quando comparados os valores de Julho de 2017 a julho de 2018, verifica-se estabilização no valor médio nacional.

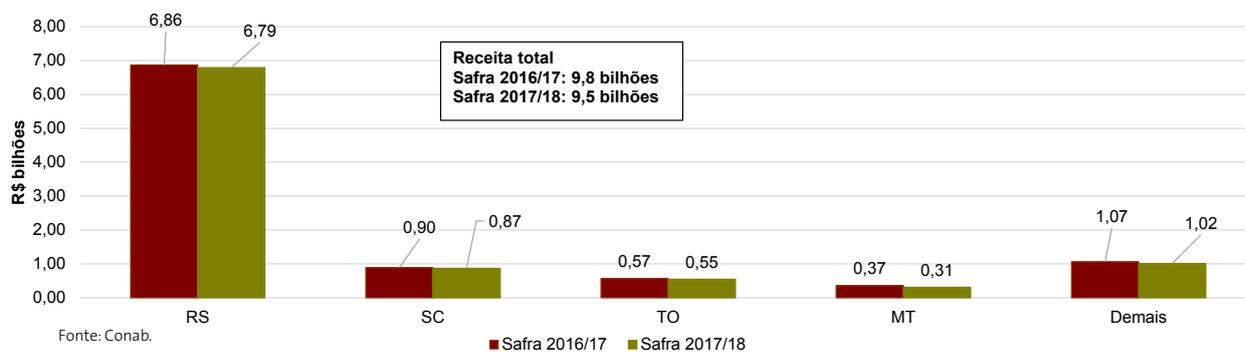
Gráfico 4 – Arroz em casca – preços nominais recebidos pelos produtores



Esses dois fenômenos culminaram na diminuição da estimativa da receita bruta para os produtores de ar-

roz. Ao ser comparado com o mesmo período do ano anterior, o decréscimo foi de 2,4%.

Gráfico 5 – Receita bruta dos produtores rurais – Arroz – Safras 2016/17 e 2017/18

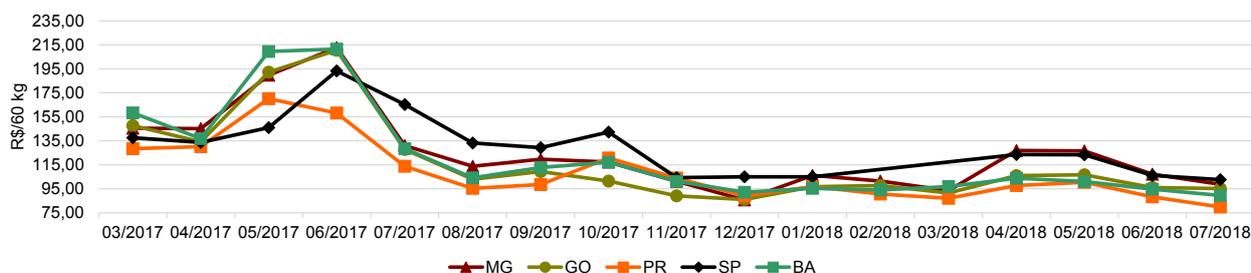


10.3. FEIJÃO-CARIOCA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras, que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-carioca, observa-se decréscimo na produção em distintos estados produtores, na safra em

análise, inclusive para o Paraná, com queda de 26,9%. O maior estado produtor - Minas Gerais - também apresenta queda, de 4,1%. Além disso, há queda nos preços praticados com o produtor ao compararmos os valores de julho de 2017 e julho de 2018.

Gráfico 6 – Feijão carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores

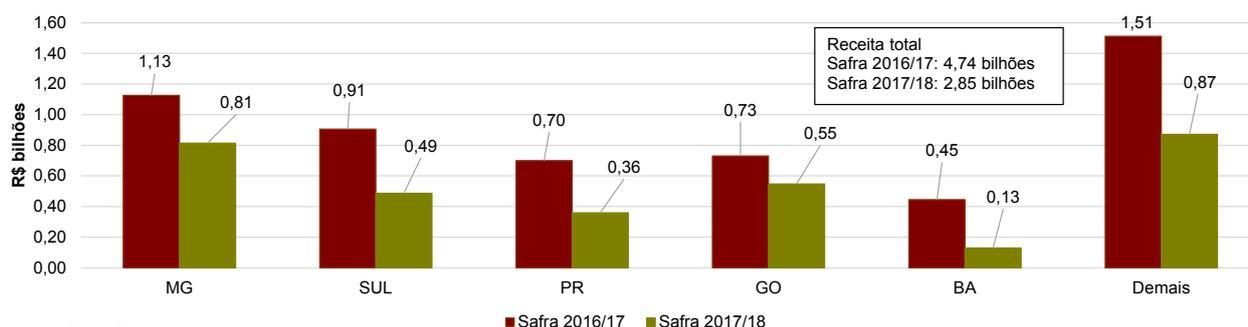


Fonte: Conab.

Essa diminuição nos preços acarretou em queda na estimativa da receita bruta total para o feijão-carioca,

apresentando valor de 2,85 bilhões para 2017/18, 40% menor do que o observado na safra anterior, de 4,74 bilhões em 2016/17.

Gráfico 7 – Receita bruta dos produtores rurais– Feijão-carioca – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de julho/2017 a julho/2018

10.4. FEIJÃO-COMUM PRETO

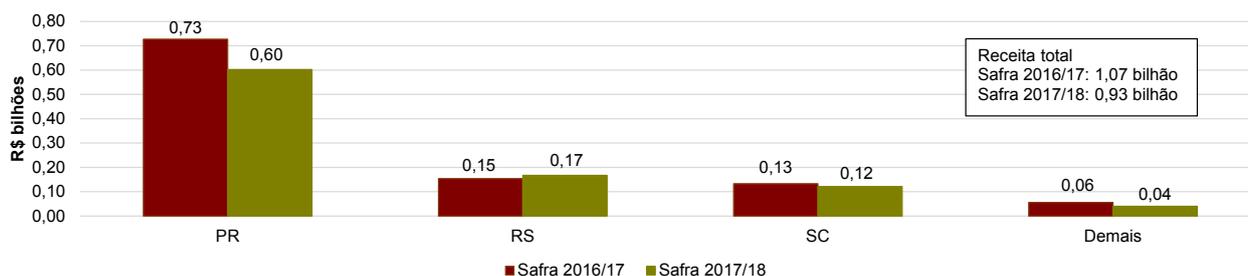
A cultura de feijão-comum preto, fortemente concentrada nas Regiões Sul e Sudeste do Brasil, apresenta comportamento semelhante ao feijão-carioca. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 94% da produção do feijão-comum preto. O Paraná apresenta queda na produção e decréscimo de 10,8% nos preços recebidos pelos produtores, situação semelhante ocorre com Santa Catari-

na. Já para o Rio Grande do Sul, observa-se incremento na produção – 12,7%- e decréscimo médio no preço de 3,8%.

A partir desse cenário de queda nos preços praticados e na produção, a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2017/2018, foi de R\$ 0,93 bilhão, esse valor é 13% menor que o observado na safra 2016/17 de R\$ 1,07 bilhão.



Gráfico 8 – Receita bruta dos produtores rurais– Feijão-comum preto – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de julho/2017 a julho/2018

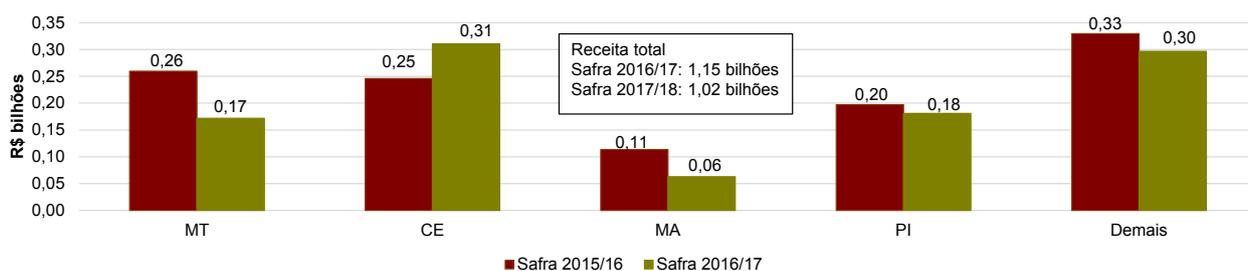
10.5. FEIJÃO-CAUPI

O feijão-caupi está concentrado nas Regiões Nordeste e Centro-Oeste. Para as regiões supracitadas, observa-se as seguintes situações: no Nordeste a produção experimenta aumento de 34,1% e a Região centro-Oeste, o incremento está na casa de 14,5%.

Por outro lado, quando comparados os preços pratica-

dos junto aos produtores de feijão-caupi em julho de 2017 com os preços de julho de 2018, para as duas regiões, observa-se decréscimo nos valores pesquisados. Para o Mato Grosso, maior produtor dessa variedade, a queda no preço encontrado é de 37,1%. Já para o Ceará, maior produtor da variedade no Nordeste, o preço apresenta queda de 8,3%.

Gráfico 9 – Receita bruta dos produtores rurais– feijão-caupi – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de julho/2017 a julho/2018

Com base nas informações acima, percebe-se que a aumento na produção nacional (18,9%), juntamente com a queda no preço médio nacional (24,9%), culminaram no decréscimo da receita bruta dos produto-

res de feijão-caupi. A estimativa nesse levantamento, para a safra 2017/18, revela um valor de 1,02 bilhão. Já para a safra 2016/17 o valor é de R\$ 1,15 bilhão, ou seja, uma diminuição de 10,7%.

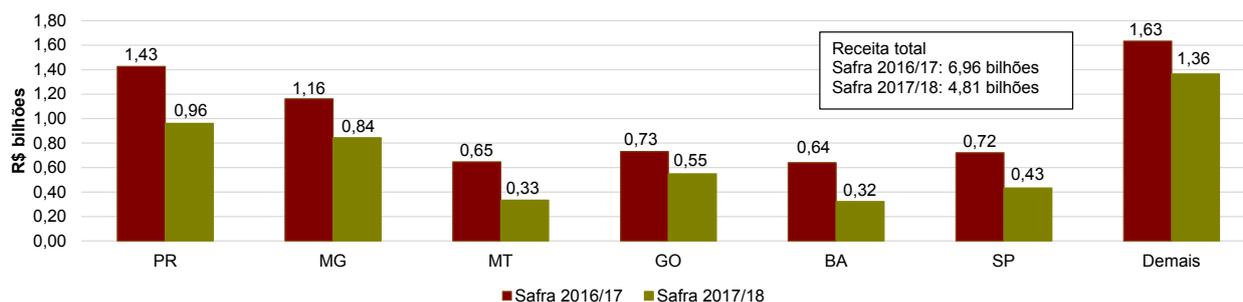
10.6. FEIJÃO (CAUPI, CARIOCA E PRETO)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-carioca, caupi e do preto, obteve-se a

receita bruta do total de feijão de R\$ 6,96 bilhões na temporada 2016/17 e R\$ 4,81 bilhões em 2017/18, queda de 30,9%.



Gráfico 10 – Receita bruta dos produtores rurais– feijão total – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

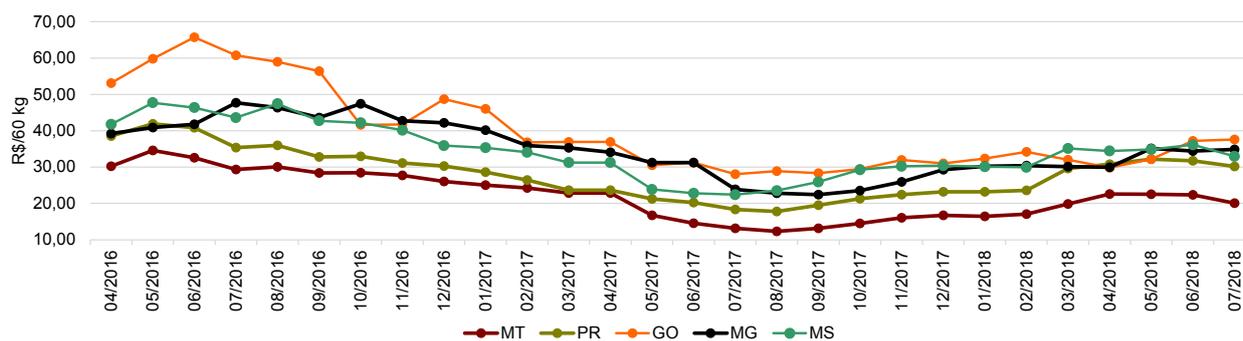
Nota: preços de julho/2017 a julho/2018

10.7. MILHO

O milho apresenta duas safras no Brasil e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todas as Unidades da Federação. Os dois maiores estados produtores são o Mato Grosso e o Paraná.

Os preços internos apresentam tendência de queda no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e no Paraná ao compararmos junho de 2018 e julho de 2018. Todavia, na comparação de julho de 2017 e julho de 2018, os preços recebidos pelos produtores apresentam incremento médio de 53,4%.

Gráfico 11 – Milho – Preços nominais recebidos pelos produtores

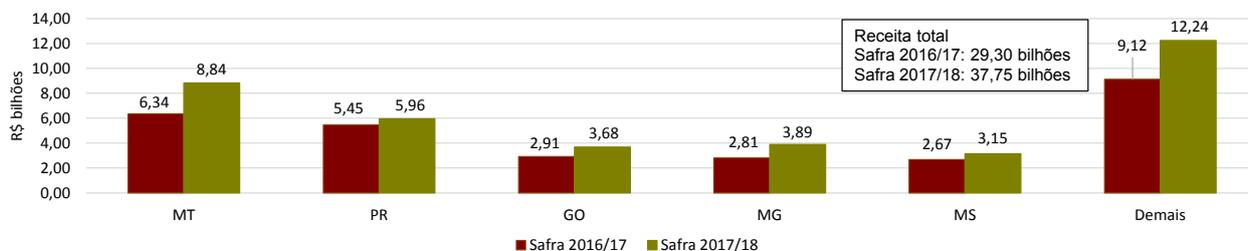


Fonte: Conab.

Os preços praticados apresentaram incremento no âmbito nacional e a produção nacional apresentou diminuição, inclusive nos maiores estados produtores.

A estimativa da receita bruta total para o milho foi de R\$ 37,75 bilhões para a safra 2017/18, já para a safra de 2016/17 observa-se a estimativa de 29,30 bilhões, ou seja, um incremento no valor da receita de 28,8%.

Gráfico 12– Receita bruta dos produtores rurais– Milho – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de julho/2017 a julho/2018



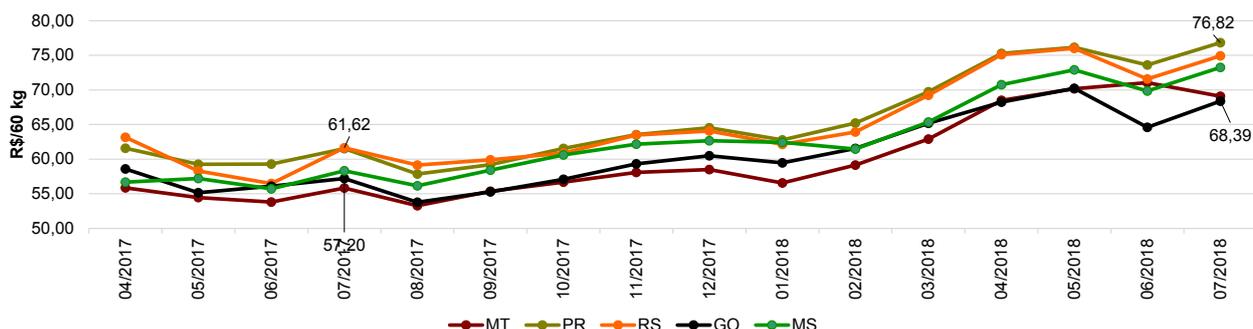
10.8. SOJA

A produção da safra 2016/17 foi calculada em 114 milhões de toneladas, já para a safra 2017/18, a produção pode alcançar 119 milhões de toneladas, um incremento de 4,3%. Todavia, as Unidades da Federação, caracterizadas como grandes produtores, como Paraná e Rio Grande do Sul, experimentam quedas de 2,1% e 8,4%, respectivamente. Por outro lado, o

maior estado produtor – Mato Grosso – apresenta estimativa de incremento de 6%.

Além disso, os preços da oleaginosa apresentam aumento em todos 16 estados produtores, com incremento médio de 22% nos preços recebidos pelos produtores.

Gráfico 13 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



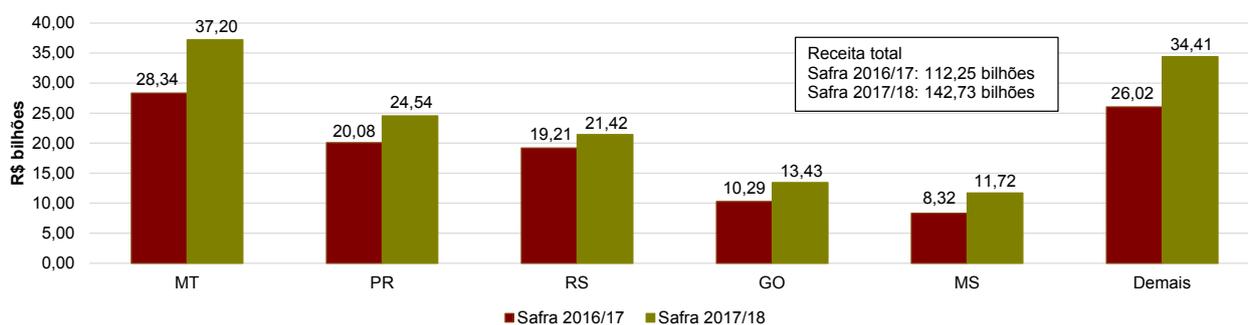
Fonte: Conab.

O movimento de aumento na produção e o incremento nos preços recebidos pelo produtor culminaram na majoração da estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2017/2018. De forma particular, o estado o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de 37,20 bilhões de reais para a temporada 2017/2018. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em 28,34 bilhões de reais, com acréscimo relativo de 31,3%. A unidade da federação produtora que apresentou maior incremento per-

centual na receita bruta estimada para a soja foi Roraima, com 63,1% de aumento, resultado de 30,6% de aumento na produção e 24,9% no valor recebido pelo produtor para a saca de 60kg. Esse fenômeno ratifica a expansão da fronteira agrícola da soja no território brasileiro.

Isso posto, a estimativa total para a receita bruta da soja na safra 2017/18 foi de R\$ 142,73 bilhão, frente à estimativa de R\$ 112,26 bilhões da safra anterior, um aumento de 27,1%.

Gráfico 14 – Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de julho/2017 a julho/2018





11. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

11.1. ALGODÃO

11.1.1. PANORAMA MUDIAL

De acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), em seu relatório de julho, a produção mundial de pluma, na safra 2017/18, deverá fechar em 26,93 milhões de toneladas, já a projeção para a safra 2018/19 é de uma produção de 26,15 milhões de toneladas. Esse resultado significaria uma queda de 2,89% na produção. As primeiras estimativas eram que a produção novamente cresceria e ficaria acima do consumo, porém, devido, principalmente, a problemas climáticos vividos pelos Estados Unidos e China, hoje o mercado trabalha com um déficit para próxima safra.

Ainda de acordo com o Usda, para essa safra 2017/18, teremos, depois de dois anos, uma produção maior que o consumo. Este fator este deverá fazer crescer em 0,72% os estoques de passagem. Já para a safra 2018, como já foi dito, o cenário deve se inverter novamente, pois de acordo com a estimativa atual do departamento, o consumo é 5,69% maior que a produção.

Para a safra 2018/19, as informações disponíveis apontam para uma sustentação nos preços da pluma. Segundo o relatório de oferta e demanda do Usda de julho, o déficit projetado hoje para a próxima safra é de 1,49 milhão de toneladas. Ao se analisar os três principais produtores, projeta-se quedas de 1% na produ-

ção da Índia, 3,62% na da China e 2,68% na dos Estados Unidos. Já quanto aos principais consumidores, projeta-se aumentos de 3,65% no consumo chinês, 4,14% no indiano e 0,95% no do Paquistão. Diante de um cenário

11.1.1. PANORAMA NACIONAL

De acordo com o décimo primeiro levantamento de safra, a produção brasileira de algodão, estimada para a safra 2017/18, é de 1.979,4 mil toneladas de pluma, esse volume é 29,4% superior ao produzido na safra anterior, que foi de 1.529,5 mil toneladas. Apesar do aumento estimado para a produtividade ser de apenas 3,3%, a companhia estima um aumento de 25,2% na área.

11.2. ARROZ

Em junho, o Brasil exportou 95,7 mil toneladas de arroz base casca e importou 67,1 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 469,88 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, mantiveram-se em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em novembro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 57,5 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 326,47 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do sudeste brasileiro, com destaque para São Paulo e Minas Gerais. Para o final da comercialização da Safra 2016/17, já consolidada, a importação identificada foi de 1.042 mil toneladas e exportação de 1.064,7 mil toneladas.

Acerca do consumo, esse foi consolidado nesta atual publicação em 12 milhões de toneladas para a safra 2016/17. Esse dado é estimado por meio do fechamento do quadro de suprimento, com a publicação do levantamento dos estoques privados de 689,25 mil toneladas, somados aos estoques públicos de 22,36

global de deficit, o produtor brasileiro pôde diminuir suas preocupações diante da boa safra que está sendo colhida. E também poderá continuar otimista para ainda aumentar a área para a safra 2018/19.

Os preços chegaram a patamares elevados tanto no atacado quanto ao produtor, diante do tripé baixa disponibilidade de pluma no mercado no final da entressafra, pois a quase totalidade já havia sido comercializada, real desvalorizado e preços internacionais em alta. Como a grande maioria da pluma produzida já havia sido vendida, o produtor não comercializou seu produto nesse preço de pico, mas, mesmo assim, ele conseguiu fazer negócios a bons preços no período anterior.

mil toneladas, no dia 28 de fevereiro de 2018. Para safra 2017/18, projeta-se uma manutenção do consumo interno por volta de 12 milhões de toneladas, volume semelhante à média identificada nos últimos dez períodos comerciais.

Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2017/18 deverá ser 2,5% inferior à safra 2016/17, atingindo 12 milhões de toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão do atraso de parte das áreas no Rio Grande do Sul, do frio intenso em fevereiro, que prejudicou a formação dos grãos e da menor capitalização dos produtores, que reduziram a quantidade de insumos nas lavouras. Sobre a balança comercial, a expectativa é de superavit de aproximadamente 150 mil toneladas, na atual safra, com uma possível valorização do arroz brasileiro no segundo semestre e, conseqüentemente, uma desaceleração das exportações.

Com base no cenário descrito no quadro de suprimento, espera-se uma redução dos estoques de passagem ao longo de 2018, sendo estimado um estoque final de 711,6 mil toneladas para a safra 2016/17 (fevereiro de 2018) e de 586,8 mil toneladas para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019).



Tabela 1 – Suprimento de Arroz em Casca em mil Toneladas

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2006/07	2.259,5	11.315,9	1.069,6	14.645,0	12.305,5	313,1	2.026,4
2007/08	2.026,4	12.074,0	589,9	14.690,3	11.866,7	789,9	2.033,7
2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
2016/17 (*)	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
2017/18 (**)	711,6	12.025,2	1.050,0	13.786,8	12.000,0	1.200,0	586,8

Fonte: Conab.

11.3. FEIJÃO

11.3.1. FEIJÃO-COMUM CORES

No atacado em São Paulo, em razão da boa entrada de mercadorias e menor demanda, os preços apresentaram pequenas reduções para as mercadorias extras e foram mantidos para os tipos comerciais.

A segunda safra, ou safra da seca está concluída. No Paraná, estima-se que cerca de 97% da produção já foi comercializada pelos produtores.

A Região Nordeste do Brasil não é autossuficiente na sua produção e, com a confirmação da boa safra nordestina, haverá, nesta segunda safra, um volume de 174,3 mil toneladas a mais do que o registrado em 2017, contribuindo para uma menor demanda pelo feijão produzido em outras regiões do país.

Quanto a terceira e última safra, desta temporada, estima-se redução de 103,6 mil toneladas na produção em relação à safra anterior, sendo: 23,2 mil toneladas na Região Norte/Nordeste e 80,4 mil toneladas na Região Centro-Sul.

A safra baiana, cultivada no nordeste do estado, foi bastante prejudicada pela insuficiência hídrica em junho e julho. A colheita mal começou, mas provavelmente ocorrerá redução na produção e na qualidade do produto a ser colhido. A situação é crítica, e a pesquisa de campo, realizada pela Conab, trabalha com

11.3.2. FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado em São Paulo, as cotações apresentaram uma pequena desvalorização em função da fraca demanda. Já nas zonas de produção os preços seguem estáveis.

uma expressiva redução no potencial produtivo das lavouras.

Caso a safra de inverno apresente problemas de maiores proporções, a transferência de produção da Região Centro-Sul para o abastecimento do Nordeste deverá ser bem mais intensa, podendo, inclusive, provocar elevações de preços.

O atual quadro de baixa oferta, cada vez mais enxuto, poderá influir positivamente nas cotações até meados de dezembro, quando começa a entrar no mercado, com maior intensidade, mercadoria da safra 2018/2019, procedente dos de São Paulo e do Paraná.

Cabe esclarecer que a terceira safra de feijão na Região Sul do país é cultivada apenas no Paraná, onde a produção é inexpressiva quando comparada com a dos demais estados. Estima-se que 26% dessa safra já foi colhida.

Doravante, para uma melhor avaliação quanto à formação do preço, a atenção estará voltada para o clima na região nordeste da Bahia, e do volume a ser colhido nas áreas irrigadas. Essas lavouras estão em estágios bastante diversificados, desde início de floração à colheita.

A 2ª safra está concluída, e a temporada dessa variedade se encerra nesse segundo plantio. Doravante, o país passará a depender de importações, majoritariamente da Argentina, que encerrou o seu cultivo em março. Do vo-



lume a ser produzido naquele país, cerca de 70% da produção de feijão comum preto são destinados ao Brasil.

Nas redes de supermercados, as diversas promoções a preços realmente baixos não estão sendo suficientes para atrair os consumidores. Diante desta situação,

11.3.3. SUPRIMENTO

Para a temporada em curso - 2017/2018 prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, o trabalho de campo realizado por técnicos da Conab em julho, chega em um volume médio de produção, estimado em 3,18 milhões de toneladas, 6,3% inferior a colheita anterior.

muitos empacotadores estão com dificuldades em negociar sua mercadoria junto ao setor varejista, já que muitas vezes a oferta fica aquém de suas “pedidas” que, segundo eles, já está no limite, inviabilizando, em muitos casos, a operação.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 302,6 mil toneladas, o consumo em 3,3 milhões de toneladas, as importações em 120,0 mil toneladas e as exportações de 120,0 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem da ordem de 186,7 mil toneladas, ou seja, menos de 1 (um) mês de consumo.

Tabela 2 – Suprimento feijão

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO NACIONAL	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO APARENTE	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE DE PASSAGEM
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18(*)	302,6	3.184,1	120,0	3.606,7	3.300,0	120,0	186,7

Legenda: (*) Estimativa em julho/2018.

Fonte: Conab.

11.4. MILHO

Tabela 3 – Suprimento milho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.972,4	18.883,2	6.617,2
2016/17	6.617,2	97.842,8	953,6	105.413,6	57.330,5	30.836,7	17.246,4
2017/18	17.246,4	82.181,3	400,0	99.827,7	59.844,8	27.000,0	12.982,8

Legenda: (*) Estimativa em fevereiro/2018.

Fonte: Conab.

Julho foi marcado pelo impacto do tabelamento dos fretes rodoviários na dinâmica de comercialização de milho. Os principais estados produtores já começaram a apresentar um bom volume de colheita e, apesar do significativo montante negociado, sobretudo no Mato Grosso, o mercado, para novas negociações, praticamente não andou.

A principal razão para esse cenário é o tabelamento dos fretes, que permitiu que o mercado se movimentasse apenas para as curtas distâncias, onde o impacto não é tão alto.

Assim, a movimentação das cargas em direção aos portos brasileiros foi muito aquém do que se imaginava. Os line ups para julho indicavam um volume de mais de 2 milhões de toneladas e, no entanto, o realizado foi de 1,1 milhão, bem abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior, ou seja, mesmo para os negócios já fechados, o custo mais elevado dos fretes têm afetado a dinâmica das tradings.

Para agosto, a expectativa é que sejam embarcada pouco mais de 3 milhões de toneladas, montante ainda abaixo do que foi realizado no ano anterior, onde



as exportações fecharam em quase 31 milhões de toneladas.

Diante do impasse em relação aos fretes, diversos agentes do mercado como corretores, tradings e analistas, já reajustaram sua expectativa de exportação. Isso pode ser referendado pela pouca negociação, assim, a expectativa está sendo reajustada para 27 milhões de toneladas.

A demanda interna deve permanecer a estimada, uma vez que não há indicativos de diminuição de plantel animal e nem da demanda por etanol.

Portanto, diante da estimativa da produção de 82,2 milhões de toneladas, o volume de estoque de

passagem pode chegar a 12,9 milhões de toneladas, um montante ainda confortável para atendimento do mercado demandante de milho.

Em relação ao mês anterior, os preços médios de julho caíram devido ao cenário de fraca comercialização e início de colheita, bem como ao impacto dos preços do milho na Bolsa de Chicago, que chegaram a US\$ 3,30 bushel (US\$ 129,91 a tonelada), a menor cotação desde agosto de 2017.

Em Lucas do Rio Verde-MT, a cotação média mensal foi de R\$ 18,90 a saca de 60 quilos e em Campo Mourão – PR foi de R\$ 29,76 a saca de 60 quilos.

11.5. SOJA

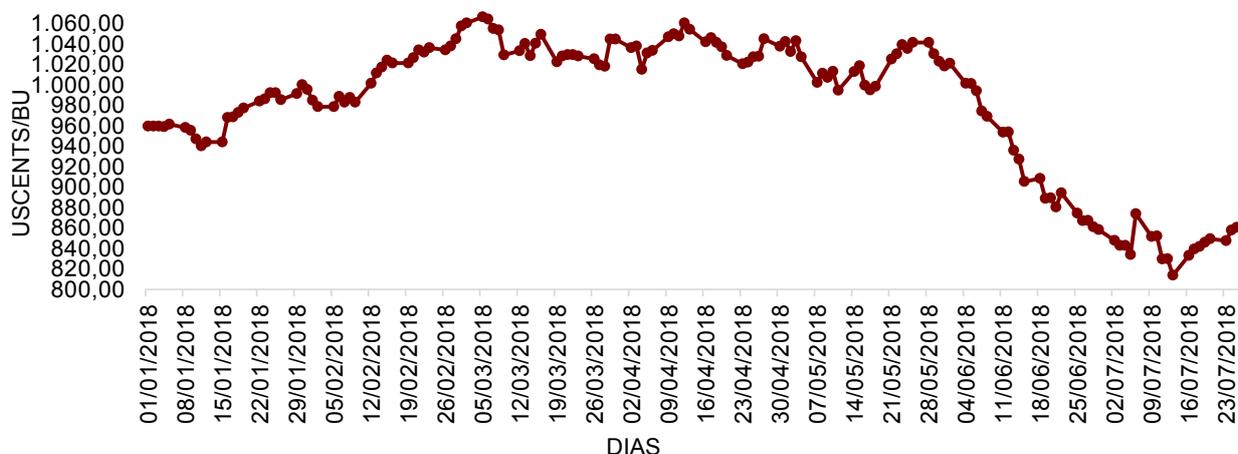
11.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

Os preços internacionais continuam ainda sob forte pressão baixista da guerra comercial entre China e Estado Unidos, no mês de julho de 2018 os preços na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) ficaram 8,51% menores que os praticado em junho de 2018, a média mensal do mês de julho foi de US\$ 846,38/bu, chegando ao valor de US\$ 817,00/bu, a pior cotação interna-

cional desde dezembro de 2008.

Com receio de que os Estados Unidos não consigam escoar a safra 2018/19, o governo americano, visa o mercado europeu para exportação e mais de US\$ 12 bilhões, em compras diretas de grãos e incentivos a esmagamentos.

Gráfico 1 - Comportamento dos preços (SPOT) na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) - 2018



Fonte: CBOT

11.5.2. MERCADO NACIONAL

Apesar da baixa ocorrida nos preços internacionais, os preços nacionais continuam encontrando suporte principalmente no dólar e na alta demanda internacional. Os preços nacionais continuam descolado dos de paridade e alta dos fretes ainda prejudicam a comercialização interna.

No mês de julho/2018, o dólar foi cotado em média no valor de R\$ 3,84, chegando a ser cotado no valor de R\$ 3,93. Os prêmios de porto continuam positivos e tam-

bém deram suporte aos preços nacionais com média de UScents 215/bu.

A Secretaria de Comercio Exterior (Sexec) informou que as exportações do mês de julho de 2018 ficaram em 10,20 milhões de toneladas, este valor é 40% maior que o exportado no mesmo período de 2018, isto ocorre devido a guerra comercial entre China e Estados Unidos onde os chineses estão taxando a soja americana em 25%, o que diminui as exportações america-



nas e incentivam as exportações brasileiras, além disso, o dólar e o prêmio de portos altos foram fatores preponderantes para maior exportação do período.

As altas exportações brasileiras de grãos, incentivada pelo dólar e prêmio de portos altos, mas principalmente pela guerra comercial entre China e Estados Unidos, devem reduzir a estimativa de esmagamento brasileiro. Mesmo com os preços de farelo e óleo de soja no mercado internacional em alta, o Brasil deve continuar a exportar soja em grão para poder suprir o consumo dos chineses, agora, sem o quantitativo total de importação americana.

11.6. TRIGO

O mercado tritícola nacional encerra julho observando as condições das lavouras na Região Sul do país, com atenção especial àquelas situadas ao norte do Paraná, bastante prejudicadas pela seca que atinge o estado. Além do atraso de pelo menos 30 dias no plantio, a produção pode ser comprometida em valores acima de 30% do total inicialmente esperado. Diante das condições das lavouras e da dificuldade na mensuração e contratação de fretes, os preços do grão valorizaram-se ao longo do mês, com maior intensidade durante a primeira quinzena do período. Em julho, a saca do trigo pão, PH 78, produzido no Paraná, valorizou-se 6,01%, sendo comercializada a um valor médio de R\$ 50,80.

O cultivo do trigo no Paraná foi finalizado, de acordo com a Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab). Até o dia 30 de julho, 50% das lavouras encontravam-se em desenvolvimento vegetativo, 36% em floração e 14% em frutificação. Segundo o órgão, até a referida data, 56% do que foi plantado estava em boas condições, enquanto 26% apresentavam condições medianas e 18% do total semeado encontrava-se em condições ruins.

O Rio Grande do Sul vivenciou situação contrária à do Paraná, visto que o período foi caracterizado por alto índice pluviométrico, elevada umidade relativa do ar, redução da luminosidade e consequente queda na atividade fotossintética das plantas. De acordo com a Emater/RS, essas adversidades climáticas fizeram com que os produtores retardassem o plantio do cereal de inverno em algumas áreas e envidassem esforços para aplicação de fungicidas nas lavouras existentes. Para o órgão, o plantio foi finalizado e, até o final da primeira semana de agosto, estimava-se que 3% da

O consumo interno é estimado em 47 milhões de toneladas. Devido aumento está relacionado ao crescimento do uso do biodiesel proveniente da soja e também do possível aumento de exportação de farelo de soja e de óleo de soja oriundos de uma redução das exportações destas commodities na Argentina.

Finalmente, a produção de soja no Brasil foi estimada pela Conab em, aproximadamente, 118,99 milhões de toneladas. Já as exportações em 74 milhões, gerando um estoque de passagem de 638,3 mil toneladas.

área plantada estivesse em floração, sendo esta fase bastante suscetível ao excesso de umidade e chuvas constantes.

Ao longo de julho, o Brasil internalizou 757,6 mil toneladas de trigo, sendo a Argentina responsável pelo fornecimento de 71,3% do total, seguida pelos Estados Unidos com 13,3%, Canadá 6,7% e Paraguai 4,7%. Apesar dos elevados preços internacionais e os altos patamares do câmbio, esse é o maior volume mensal importado desde setembro de 2016, momento em que o Brasil adquiriu pouco mais de 880 mil toneladas. Por outro lado, o volume de trigo exportado pelo Brasil mostrou-se insignificante em julho, justificado pela baixa disponibilidade de trigo no mercado interno.

Uma vez que o ano-safra para o trigo compreende o período situado entre agosto e julho, os valores referentes à safra 2017/18 foram finalizados a partir da consolidação dos volumes importados e exportados e da atualização do volume processado no período, estimado em 10.700 mil toneladas, em consonância com os números da Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo).

Da mesma forma, a Conab realizou uma revisão acerca dos números relativos à safra 2018/19, resultando num aumento da estimativa de área plantada, produtividade e produção nacional. A safra brasileira deverá atingir um total de 5.143,8 mil toneladas, na safra 2018/19, volume 20,6% superior ao registrado na temporada 2017/18. Para fazer frente ao consumo nacional, que deverá manter-se estável durante o período, espera-se que o Brasil importe um volume na ordem de 6,3 milhões de toneladas, mantendo um estoque final de pouco mais de 2,1 milhões de toneladas do grão.



Tabela 4 – Suprimento trigo

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01/08)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO GRÃOS	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31/07)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2017/18	2.530,1	4.263,5	6.387,0	13.180,6	206,2	10.700,0	287,4	10.987,4	1.987,0
2018/19 (1)	1.987,0	5.143,8	6.300,0	13.430,8	300,0	10.700,0	305,1	11.005,1	2.125,7

Legenda: (1) Estimativa

Fonte: Conab.



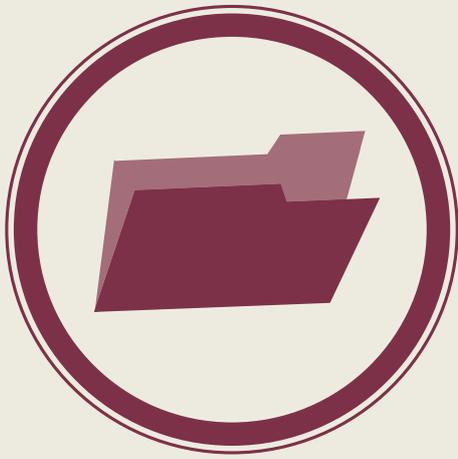
Tabela 5 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	33,6	1.764,4	685,0	834,1	245,3
	2017/18	245,3	1.979,4	15,0	2.239,7	720,0	1.010,0	509,7
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	711,6	12.025,2	1.050,0	13.786,8	12.000,0	1.200,0	586,8
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	302,6	3.184,2	120,0	3.606,8	3.300,0	120,0	186,8
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.972,4	18.883,2	6.617,3
	2016/17	6.617,3	97.842,8	953,6	105.413,7	57.330,5	30.836,7	17.246,5
	2017/18	17.246,5	82.181,3	400,0	99.827,8	59.844,8	27.000,0	12.983,0
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.800,0	54.324,2	979,4
	2015/16	979,4	95.434,6	400,0	96.814,0	43.600,0	51.581,9	1.632,1
	2016/17	1.632,1	114.075,3	300,0	116.007,4	45.600,0	68.154,6	2.252,8
	2017/18	2.252,8	118.985,5	400,0	121.638,3	47.000,0	74.000,0	638,3
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	32.186,0	1,0	34.031,8	17.000,0	14.177,1	2.854,7
	2017/18	2.854,7	33.110,0	1,0	35.965,7	17.500,0	16.500,0	1.965,7
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.151,0	40,0	8.760,0	6.800,0	1.342,5	617,5
	2017/18	617,5	8.385,0	40,0	9.042,5	7.100,0	1.450,0	492,5
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.263,5	6.387,0	13.180,6	10.987,4	206,2	1.987,0
2018	1.987,0	5.143,8	6.300,0	13.430,8	11.005,1	300,0	2.125,7	

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em agosto 2018/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



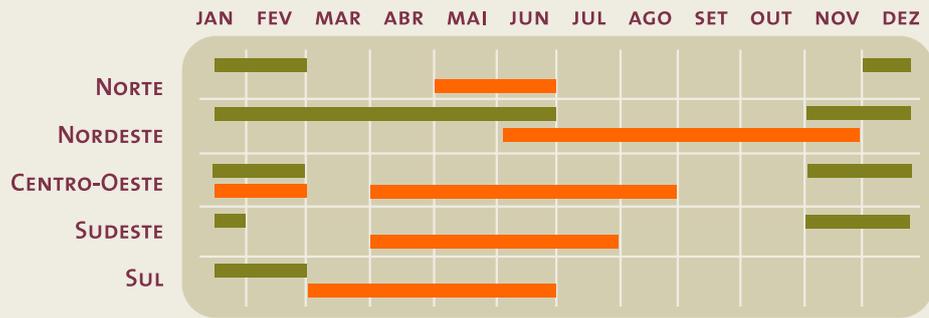


12. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

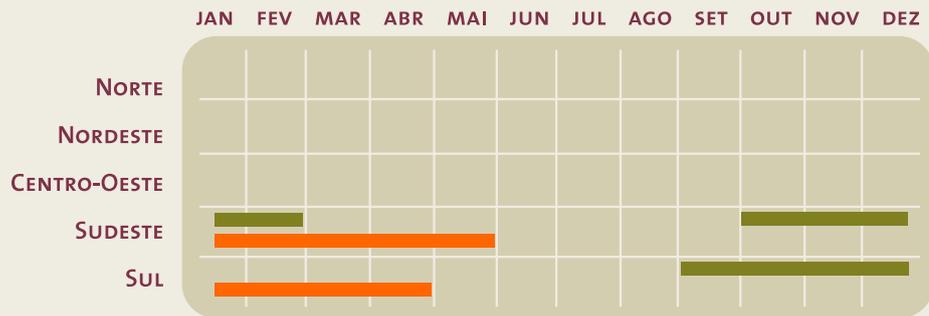
Plantio Colheita



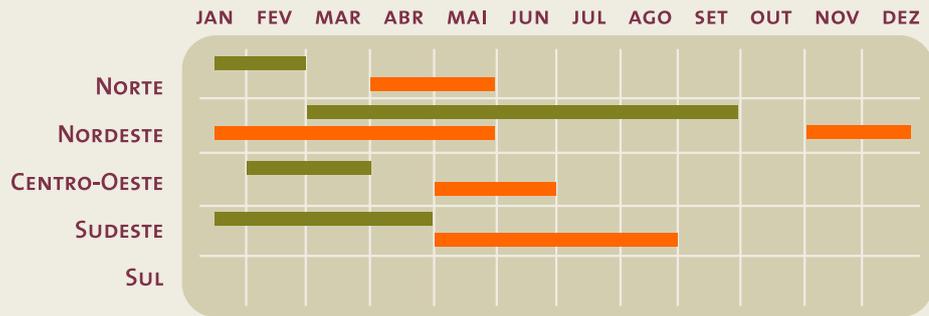
Algodão



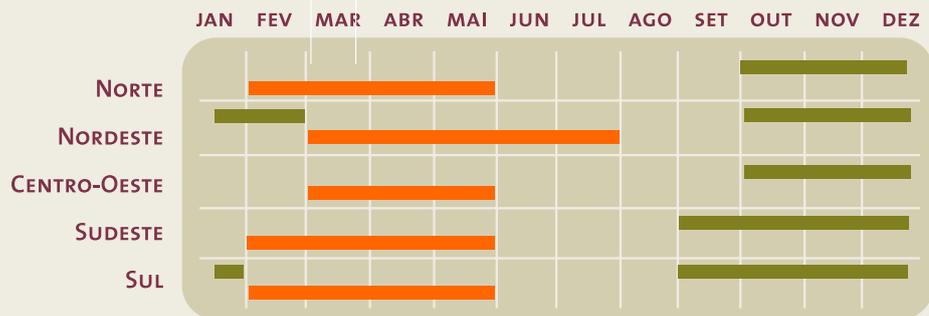
Amendoim 1ª safra



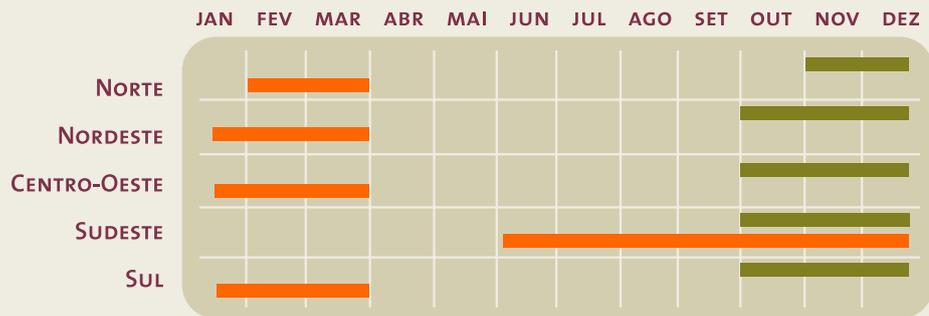
Amendoim 2ª safra



Arroz

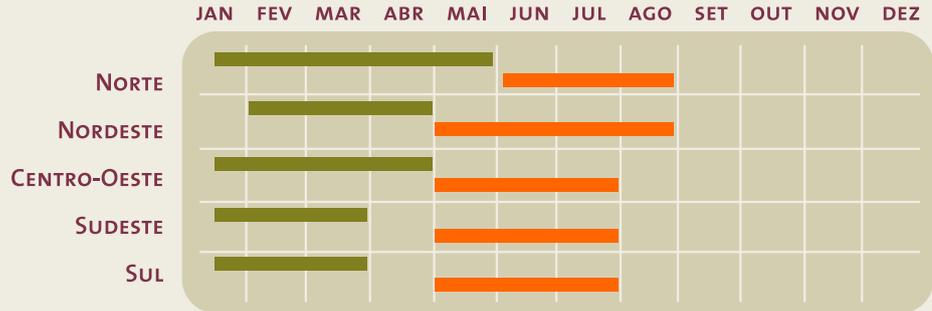


Feijão 1ª safra

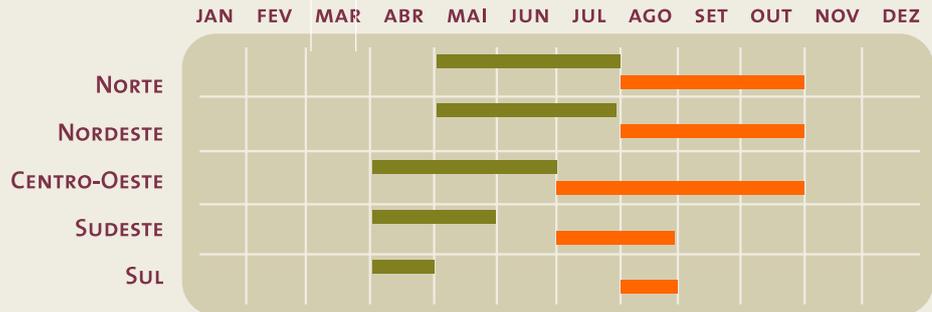




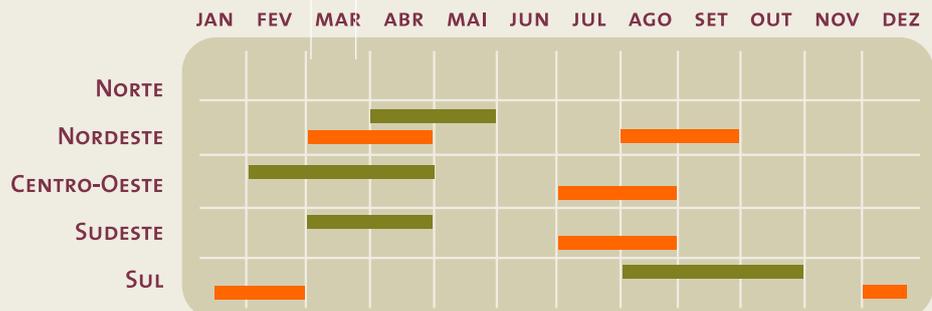
Feijão 2ª safra



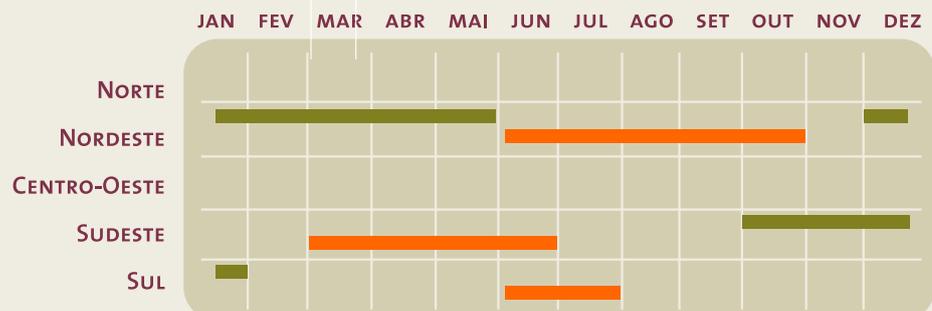
Feijão 3ª safra



Girassol



Mamona

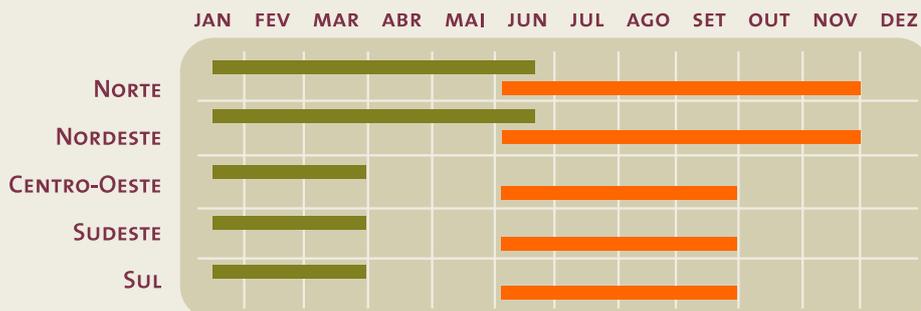


Milho 1ª safra





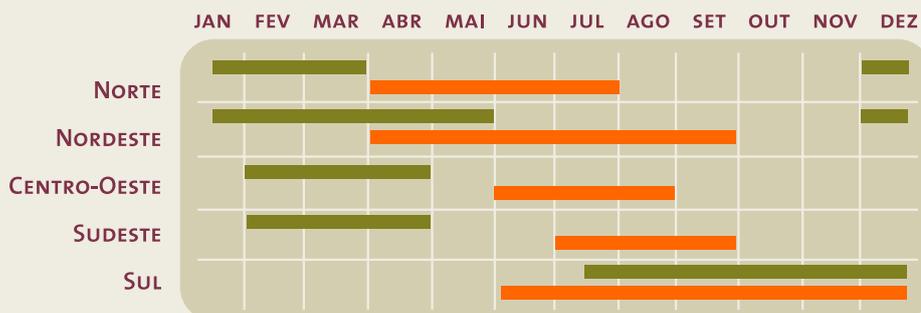
Milho 2ª safra



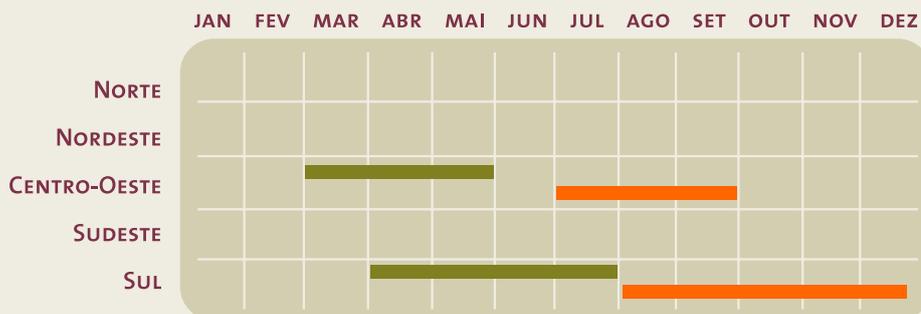
Soja



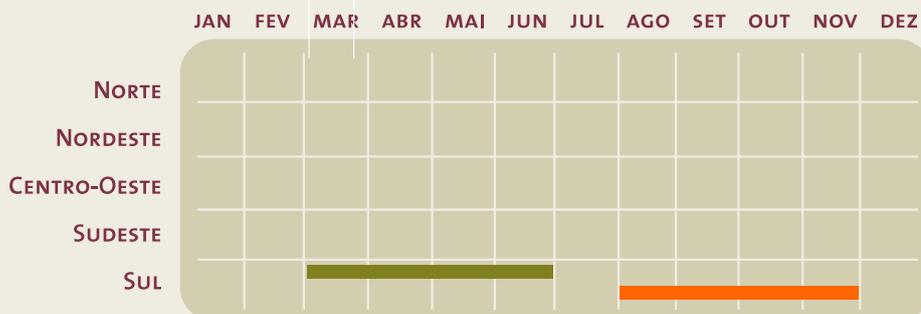
Sorgo

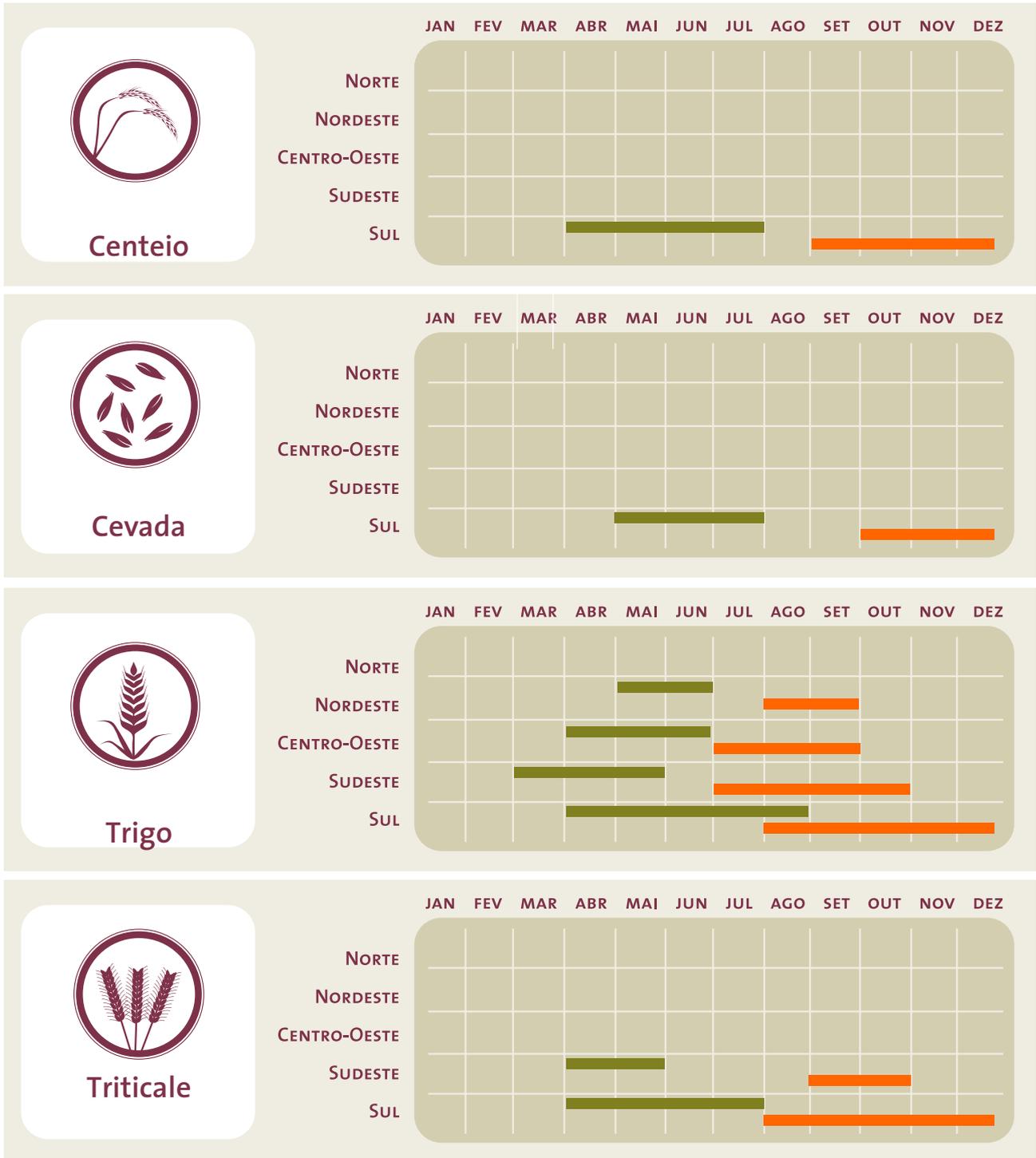


Aveia



Canola







Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Conab

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA,
PECUÁRIA E
ABASTECIMENTO

GOVERNO
FEDERAL

